

Aprendendo a Viver

TODAS AS BARREIRAS SERÃO QUEBRADAS



ILLANA LESSA



APRENDENDO

A

VIVER

APRENDENDO

A

VIVER

Illana Lessa

Copyright © Aprendendo a viver 2014 por Illana Lessa

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, empresas, organizações, eventos ou lugares é mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL

APRENDENDO A VIVER

CAPA

Natyelle Pinho

Diagramação

Revisão

Adriana Melo

Valéria Avelar

Sonia Carvalho

[2014]

Todos os direitos dessa edição reservados à

Autora Illana Lessa.

illanalessa@gmail.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

permissão por escrito da autora.

Agradecimentos

Às mulheres maravilha da minha vida, mãe e irmãs que choram e riem comigo, juntas somos eternas. Agradeço também a minha amiga Lua por ter lido meus primeiros escritos, após eu ter derrubado a barreira da vergonha, trazendo-me para o mundo da escrita. Agradeço à Nanda por ter dado em mim aquele empurrãozinho para que *Aprendendo a Viver* fosse para o mundo e à Becs pelas minhas primeiras capas na plataforma Wattpad. E também agradeço a todas as minhas leitoras queridas que sempre me apoiam.

“Um sonho é sempre um passo, mais próximo do concreto!”

Índice

Índice

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)

[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)

[CAPÍTULO QUARENTA](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)

[CAPÍTULO CINQUENTA](#)

[EPÍLOGO](#)

Um dia difícil

Eu corria desesperada, o suor descendo por meu rosto, em meus braços um peso pequenino já conhecido. Eu rezava em um sussurro, *por favor, Deus, não deixe que ela morra*. Olhava para ela de tempos em tempos enquanto corria, mas ela não respirava. Seus lábios começaram a adquirir uma coloração arroxeada. Meu coração batia terrivelmente contra meu peito, eu sentia que não aguentaria muito mais, mas tinha que aguentar, afinal, a distância não era tão grande. Eram só algumas ruas da minha Kitnet até o hospital. O suor molhava meu rosto, esfriando-o quase que imediatamente. Eu respirava pela boca, arfante. *Por favor, Deus, por favor, se me ouve, por favor...*

De repente, sinto que estou deitada, os lençóis embaixo de mim estão ensopados. Suor. Abro os olhos e percebo que estou em minha cama, em casa, meu lar há três meses. Respiro fundo três vezes para me acalmar. Sento-me e ainda sinto o pequeno peso em meus braços. Faz mais de cinco anos e ainda tenho esses sonhos na mesma data. Olho no relógio, quase meia-noite. Levanto-me, lavo o rosto e o enxugo. Não vou tomar banho, não quero, estou cansada, e meu coração parece que já não bate. O telefone toca, me resgatando do mundo em que esse tipo de sonho nos coloca. Eu atendo, uma voz estridente e familiar cantarola do outro lado da linha:

— Ei, eremita, como está?

— Oi, Meg, você sabe como estou — minha voz sai cansada.

— Sim, suada e triste. Ah, Mamá, são três meses aí já, por que não começa a contar-me histórias sobre seus vizinhos? Quem sabe um gostosão,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tarado... — a voz dela é uma clara tentativa de animar-me.

— Margaret, não tem gostoso algum, nem vizinho, já disse que é uma cabana à beira de um lago. Sou escritora, lembra? Isolamento e calma... — tento parecer divertida.

— Não acredito que não tem nenhum um vizinho aí perto — ela faz uma pausa. — Se chamar-me de Margaret de novo, chego aí antes do dia combinado e penduro você em uma dessas árvores idiotas — Meg tenta parecer zangada, mas sei que está preocupada.

— Eu vou ficar bem, quem sabe não acho um elfo? — escuto-a sorrir, do outro lado da linha.

— Aguenta firme, anjo, eu chego logo, tá? É só o tempo de me livrar do Nate do RH — ela espera que eu diga algo, mas apenas expiro ar entre os dentes. — Lembra-se do Nate não é?

— O amor da sua vida — entro na dela, porque não quero que pense que estou pior do que o normal. É uma noite difícil e sempre a passei com a Meg.

— Não seja boba, eu dancei com ele uma noite em uma festa da empresa. Ele é maluco se acha que vou sair com um nerd quatro olhos e sem músculos — fala ela, muito convicta.

— Sei, claro que não, garota popular, mas, lembre-se que beleza não dura para sempre — Meg é linda, tem formas esculturais, cabelos ruivos, num corte moderno, tingidos, mas perfeitos; incríveis olhos azuis e se veste para matar qualquer homem que a olhe. Sempre maquiada, perfumada e pronta.

— Sério que não tem vizinhos? Estou preocupada agora, Amanda, você não me falou que era uma terra de ninguém — sinto o temor em sua voz.

— Fique calma, eu estou bem — faço uma pausa, enquanto bebo um gole de água de um copo na minha cabeceira. Minha garganta ainda está seca da corrida no sonho. — Tenho um vizinho, acho. Parece que trabalha em turnos. Foi o que disse Alice, a senhora que me alugou a casa. Acho que é bombeiro,

não sei...

— Hum, que delícia. Ótimo, paquere-o — diz ela, como se acreditasse que eu era capaz fazer algo assim.

— Claro, eu serei o Nate do RH, e ele, a Meg, secretária gostosona — nós duas rimos alto agora.

— Querida, não se subestime — ficamos em silêncio por longos minutos. — Ainda está aí, Mamá? — a voz da Meg é ansiosa.

— Estou, Meg, mas estou cansada. Vou tentar dormir agora, amiga. Obrigada por ligar — falo, me esforçando para que não perceba que essa noite eu me sinto mais vazia do que em todas as outras.

— Ok, baby, vou deixar você descansar e lembre-se: são só pesadelos, não podem machucá-la. Eu te amo — a voz é carinhosa, mas nem isso preenche o buraco em meu interior.

— Eu sei — o click encerra nossa ligação, e eu vou até a geladeira.

Pego uma garrafa de vinho e abro. Assim que a esvazio, pego outra e faço o mesmo. Não tem mais vinho. A lembrança daquele rostinho delicado, com os lábios desoxigenados vem à mente de novo, e eu abro uma garrafa de whisky. Quando já estou na metade do copo, sinto-me ficar dormente. Caminho com passos vacilantes até a varanda que tem vista para o lago. Do outro lado, na casa do estranho, há luzes acesas por toda parte. Sinto todo o meu corpo formigar e, apesar do vento que bate em meu rosto, estou com calor. Lembro-me do suor, dos lençóis encharcados lá em cima, do desespero, da impotência, e resolvo nadar. Como toda pessoa embriagada não penso direito e, ao invés de descer pelo deck, resolvo pular a proteção da varanda. Não calculo muito bem e caio direto na água com um baque surdo. Afundo, não nado e não boio. Pela primeira vez, sinto-me realmente em paz. Fecho os olhos e deixo-me levar, está escuro, a água envolve-me de forma que me sinto abraçada. Sinto cada vez menos meus membros. Deixo-me ir. Pela

primeira vez sinto-me em paz, não me sinto...

— Calma, garota, peguei você. Agora respire, vamos, apenas respire — a voz parece longe, lenta, como seu visse a cena de fora de meu corpo inerte, estático, deitado no chão de pedrinhas que contornam o lago. Um homem fala comigo. — Reaja garota, você consegue, vamos, você é uma guerreira, não me deixe perdê-la — fala ele, como se acreditasse mesmo nisso, mas eu não quero acreditar, quero que me deixe ir. Sinto meu peito ser comprimido, tenho ânsia e então retorno a meu corpo. Toda a desolação vem comigo, enquanto ponho para fora golfadas de água. Agora estou encharcada, com frio e um estranho olha para mim com um sorriso de quem acaba de ganhar na loteria. — Olá guerreira, que bom que voltou para mim. Está tudo bem agora, vou levar você para se aquecer — ele me pega no colo e me levanta, como se eu não pesasse mais que um chinelo. Apenas deixo-me levar, não há muito o que fazer agora.

Entramos em minha casa, que eu deixei aberta — sempre deixo, como um desafio mudo. Ele entra comigo nos braços e me olha novamente.

— Onde é o banheiro? — A voz é grossa, mas de um jeito macio. Não sei explicar.

— Terceira porta à sua direita — falo no automático e ele me leva. Enche a banheira de água quente, o vapor toma o lugar. Ele me olha sério e põe-me na água com roupa e tudo.

— Consegue ficar aí sem se afogar? — brinca ele, mas sua voz é tensa. Talvez ele pense que eu me joguei no lago de propósito. Eu me joguei, é verdade, mas o plano não era morrer, só que a sensação foi tão reconfortante que não lutei contra.

— Consigo — forço as palavras, e ele ainda me olha com dúvida antes de sair do banheiro, mas deixa a porta encostada. Tiro o pijama que estou vestindo, um short e uma blusa de alças, ambos de malha, pretos. Fico na

banheira até sentir que posso me levantar. Então chego à beirada, apoio-me, pego o roupão pendurado e quando vou sair escorrego. Um barulho alto é provocado por meu corpo que se choca com o chão, de barriga. Hoje, definitivamente, é o dia de cair. Vejo o estranho vindo em minha direção de novo. Em meu socorro... Estou bêbada, admito para mim mesma.

— Ei, lutadora, não se salvou do lago para morrer de queda no banheiro, não é mesmo? — ele me ajuda a levantar e aperta o nó do meu roupão. Percebo que todos os movimentos dele são calculados, de forma que sempre saberei o que irá fazer. Em uma indicação muda, mostra que não vai fazer nada além de me ajudar, não vai me molestar. — O que foi? — ele me olha confuso e dou-me conta de que estou rindo, lembrando da Meg e da história do gostosão.

— Nada, eu não quero dar trabalho, só bebi um pouco demais — tento parecer normal e não a maluca que caiu no lago. De qualquer forma, ele já pensa que sou suicida. — Eu estou bem...

— Sei, mas vamos precisar de um café — ele me ajuda a sair do banheiro e leva-me para a sala, me colocando no sofá

— Não quero café. Vou ficar bem, pode ir — quero que ele saia, estou começando a ficar sóbria demais e não o quero aqui. Fecho os olhos como se o fato de não o encarar pudesse fazê-lo desaparecer.

— Não, eu vou ficar até ter certeza de que não vai querer fazer uma fogueira — ele me olha apreensivo.

— Por que eu faria isso? — Não entendo a ideia dele.

— Não sei. Você bebeu e foi nadar no lago à meia-noite, na época mais fria do ano — olho para ele e então noto que está sem camisa, tem uma toalha embolada na mesinha de centro, que provavelmente ele usou para se secar, e sua calça está encharcada.

— Você também quis nadar? — pergunto, meio boba.

— Não, eu tive que nadar — sorriu divertido para mim; um sorriso leve de quem não se preocupa muito com nada.

— Claro, eu entendi. Eu só... Não é um bom dia — não sei muito bem o que dizer, não vou compartilhar meus sentimentos com um estranho.

— Ou boa madrugada — fala ele, em uma tentativa frustrada de me fazer rir.

— Eu vou ficar bem, juro — forço um sorriso fraco. — E se eu atear fogo em algo, poderá ver de sua casa.

— Posso não ver a tempo — fala ele, agora muito sério.

— Duvido, mas prometo não pôr fogo em nada — minha voz agora sai firme e consigo articular melhor as ideias. — Se quiser pode levar tudo que considera inflamável — fico olhando, séria também, e tento passar a imagem clara de “saia daqui”, sem o ofender.

— Muito bem, mas eu estou logo ali — ele entende e vai embora.

Fico só de novo. Minha cabeça dói, tenho náuseas e percebo que nesse momento em que o estranho esteve aqui, a sensação de vazio não me perturbou. Sei que estava lá, em algum lugar, porque agora ela me consome por completo, mas, enquanto ele ficou aqui, não consegui percebê-la. Estranho é a palavra que define a situação, mas eu não quero analisar nada agora. Deixo isso para meus personagens. Doutor Bo deve adorar essas investigações.

Uma série que faz sucesso. Eu estou no décimo primeiro livro, e as vendas só crescem. Quem diria que um psiquiatra metido a detetive iria fazer sucesso com os adolescentes. Enfim, estou bem economicamente, como jamais meu pai achou que eu estaria. Engula isso, pai, eu não quero seus diamantes. Volto para o quarto, tiro o lençol suado, ponho outro na cama. Troco de roupa e me deito, talvez consiga dormir por algumas horas antes de perder o sono novamente, mas, dessa vez, sei que não haverá sonhos. Adormeço.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Meg está em casa

São quase três da tarde e Meg ainda não chegou. Não sei como ela vem, mas sei que virá. Já se passaram duas semanas desde aquele dia difícil. É assim que o chamo, em pensamento, claro. Não falo dele com ninguém, embora toda a minha família, a Meg e o Hique saibam. São meus amigos desde a infância, Margarete e Henrique, mas ninguém os chama assim. O Hique de vez em quando, mas Meg, se ouvir chamarem-na pelo nome completo é briga por um ano. Exceto comigo, pois ela sempre releva, mas insisto em irritá-la assim mesmo.

Só não queria que sentisse pena de mim. Sei que não faz por mal, mas...

Olho o relógio de novo e nada. Ouço risadas masculinas. Olho pela janela e percebo uma grande festa do outro lado do lago. A casa do vizinho, o meu salvador, está cheia de gente. Não voltei a falar com ele depois daquele dia terrível e não sinto falta. Nem o conheço mesmo. Se a Meg soubesse, mandaria pedir desculpas. Um barulho de carro freando forte chama a minha atenção para a porta da frente. Eu corro porque sei que só pode ser a Meg e estaco na porta ao ver a cena. Um homem alto, talvez 1,86 ou mais, forte, de farda e óculos escuros, tira as malas de um carro de polícia. Meg está de pé e parece falar algo que não deixa o policial muito feliz. Percebo isso pela forma como o maxilar dele se contrai, embora pareça ignorá-la.

— Eu estou falando com você, ogro — Meg encara o sujeito, pondo-se entre ele e o caminho. Ele joga as malas no chão, enquanto a encara de volta —, você não fez isso. Sabe o que é uma bolsa LOUIS VUITTON? Claro que

não, é só um caipira — ela parece no limite, como se fosse estrangulá-lo. Eu abro a porta e desço os degraus de madeira da entrada da cabana.

— Meg? Tudo bem? — pergunto meio indecisa, não sei se a vítima é Meg ou o policial.

— Oh, querida, que saudade — ela abandona o homem irritado e me abraça apertado. — Sabia que essa cidade não tem um táxi? Cheguei à rodoviária e adivinha? Sem táxi, sem informações e um velho tarado quis me pagar para me levar aonde eu quisesse, imagine! — Seguro a risada, o velho Armando deve ter se apaixonado pela milésima vez. Ele se apaixona por toda mulher que chega à rodoviária.

— Já expliquei que ele é doente, moça — ouço a voz do policial pela primeira vez, é dura, mas não sinto medo, apenas uma vontade incontrollável de comportar-me.

— Moça? Olha aqui, soldadinho, se ele é doente é da mente... Então, prenda-o — Meg vai para cima do homem, parando a centímetros, mas ele não recua.

Eu não me mexo, não sei o que dizer. É uma cena escatológica.

— Fique feliz por não ter te prendido por desacato, *moça* — frisa ele, essa última palavra parece fazer com que Meg queira arrancar os cabelos. — Agora que está entregue, espero que não cause mais problemas, essa é uma cidade pacata. — Ele dá as costas, mas não antes de cumprimentar-me com um gesto de cabeça. Não respondo, não consigo. Quero rir, mas a gargalhada está presa na garganta. O policial entra no carro e vai embora. Meg está ao meu lado, boquiaberta.

— Viu isso? Que ogro. E me chama de moça, que idiota — ela pega a mala no chão, sacode a poeira e em dez segundos a suavidade volta ao seu rosto. É a Meg de sempre. Feliz, pronta para outra e nem se lembra do policial. Sorrio.

Entramos em casa e conversamos por horas. Detalhes dos encontros amorosos de Meg, histórias do trabalho, moda, festas que ela foi e etc. Ela conta que seu carro quebrou e por isso veio de ônibus. Como a operadora dela não tem sinal aqui não conseguiu me ligar, além do celular ter descarregado. Por isso eu não soube de nada e não pude socorrê-la.

Já passa das seis quando nos damos conta de que estamos com fome. Preparo uma massa e vamos comer na mesa da varanda. De lá vemos que o churrasco no vizinho ainda acontece.

— Animado o seu vizinho — fala ela, me olhando marota.

— Não o conheço — corto o assunto, não quero que ela tenha a ideia absurda de ir até lá.

— Sei, mas poderia conhecer — insiste ela.

— Não, Meg, só você e eu — me mantenho firme.

— Querida, seu bloqueio criativo não vai sarar se não conhecermos pessoas — Meg me olha, falando em um tom doce.

— Já conheço pessoas — não vou ceder.

— Pessoas novas — ela me encara, séria. Não respondo e desvio o olhar.

— Ok, muito bem, nada de pessoas novas. Vou pegar mais vinho.

— Tá — respondo e lembro da minha última bebedeira. Se Meg soubesse que quase nadei para o além...

Ela volta com o vinho e percebo outra coisa em sua mão. Droga, a camisa que o estranho esqueceu aqui naquele dia. Eu lavei e sequei em forma de agradecimento, mas esperei que ele viesse buscar. Ele não veio.

— Isso é de quem? — Meg olha para mim. Sei que não posso mentir para ela. Droga! Maldita amizade de milênios!

— Do vizinho — falo sem jeito, levanto e recolho os pratos sujos.

— Nem pense nisso, mocinha — ela segura meus pulsos. — Sente aí e conte-me. Vamos, abra o bico.

— Meg, não foi nada, tá bom? — tento uma última escapada, mas sou ridícula e sei que não dará certo.

— Diga-me, e eu decido — Meg solta meus pulsos e senta, servindo mais vinho.

— Foi no dia... Você sabe — não quero falar. Foi estranho e nem eu entendi.

— Então vocês... — ela me olha, maliciosa.

— Não! — Minha voz sai mais alto do que pretendia. — Você sabe que eu não... Ah, droga — encho minha taça também e bebo quase tudo de um gole só.

— Ei, vai com calma, esponja — diz ela, tomando minha taça de mim, de algumas gotas caem sobre a mesa. — Agora pare de me enrolar e cante, passarinho — ela me encara, séria.

— Tá — expiro forte e começo: — Depois que falei com você, eu bebi muito.

— Droga, Amanda, por que não me disse que estava tão mal? — ela me encara, mas é mais preocupação do que uma reprimenda.

— Porque não havia nada que você pudesse fazer.

— Então ele apareceu na sua porta e lhe deu a camisa dele? — ela queria todos os detalhes.

— Não, Margarete — provoco-a e ela estreita o olhar. Ignoro e continuo. — Eu caí no lago.

— Oh, meu Deus! — Meg leva as mãos à boca.

— Eu estou bem, ok? Ele me tirou da água e foi só isso. Trouxe-me para casa, tirou a camisa para se secar e a esqueceu — encerro, não vou falar mais nada. Isso tudo é uma bobagem.

— Ele a salvou?

— Sim — respondo, monossilábica, à pergunta tola, sei que outras

seguirão a essa.

— E tirou a camisa aqui?

— Sim.

— E deixou aqui?

— Sim.

— E por que diabos você não devolveu e agradeceu? Ele é feio, gordo, fede? — ela me olha como se eu tivesse cometido um crime.

— Não devolvi porque não — quanta bobagem, eu penso.

— Seu único vizinho, que quase nunca está em casa, a salva e você nem diz olá? — ela ergue as sobrancelhas enquanto me olha.

— Eu disse olá e nem sei o nome dele — essa conversa está sendo ridícula.

— Mas você lavou, secou e passou a camisa.

— Eu sei.

— Não vai devolver?

— Ele não sentiu falta dela. Agora chega dessa conversa boba — levanto, pego os pratos, os talheres sujos e vou até a pia lavá-los. Demoro bastante, não quero aqueles olhos enormes em mim. Meg consegue me decifrar, sem que eu nem ao menos fale. Malditos olhos de amiga.

Ela continua lá fora, acho que acabando com o vinho. O dia não deve ter sido fácil para ela também. A viagem de ônibus, Armando, o policial, e agora essa de que quase morri afogada. Sempre pensaram que cometeria suicídio, mas depois de mais de cinco anos... Coisas emocionais, meu psicólogo dizia que eu deveria libertar-me disso, mesmo que fosse através de um livro. *Oi?* Eu escrevo aventuras policiais e não autoajuda. Termino de enxugar tudo e volto para ver dois olhos azuis expressivos pousados em cima de mim. *Droga*, estou perdida. Meg ainda tem a taça na mão, mas está quase vazia, na outra, segura a blusa. Ela bebe o restinho do líquido rubi e põe a taça na

mesa.

— Eu espero você lavar essa enquanto cria coragem — olha-me com expectativa.

— Meg, eu não vou — ela não diz nada. — Além do mais, está cheio de gente lá.

— Adoro pessoas — responde cínica.

— Então vá você — devolvo.

— Pois vou mesmo, vou agradecer ao homem que salvou a vida da minha melhor amiga — Meg me olha e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Não faz isso, é covardia — viro o rosto e começo a lavar a taça dela.

— Covardia? Você não me contaria nada sobre isso, não é? — ela espera, mas eu não olho. Uma lágrima escorre pela minha face. Droga, maldita amizade! — Só tenho você, Mamá. Eu sei que você se isola, mas tem pai, mãe e um irmão maravilhoso — lembro de sua paixão adolescente pelo meu irmão Ben e sorrio. Meu coração fica mais leve.

— Pode levar o irmão maravilha, eu posso doá-lo para você — volto para olhá-la e vejo que uma lágrima também corre por seu rosto, mas, como eu, ela também sorri.

— Claro, eu seria o Nate do RH, e ele, a Meg — ficamos nos olhando por alguns segundos e então caímos juntas em uma gargalhada sonora.

— Eu não quero ir — falo assim que paramos de rir. — Não socializo, lembra? Sou escritora, amarga, solitária...

— Iremos rápido, entregamos a camisa, você agradece e voltamos — Meg me olha com esperança.

— Ele está com visitas — encaro-a em um pedido mudo de clemência. — E o que vou dizer? Oi, sou a bêbada maluca que você salvou no lago?

— Não, você diz: Oi, sou a vizinha sexy que escreve contos eróticos — sorri da forma como só a Meg faz, onde todo seu rosto ilumina-se.

— Não mesmo — falo, negando com a cabeça.

— Ok — Meg respira fundo. — Você apenas diz olá, agradece pela ajuda do outro dia, diz que teve um momento ruim e devolve a camisa.

— Simples assim? — isso não vai dar certo.

— Simples assim — ela espera, e como não falo mais nada, vem em minha direção, arruma meu cabelo e desamarra o avental de cozinha. — Vamos?

— E tenho outro remédio? — sei que não.

— Não — ela sorri e saímos de mãos dadas, como duas adolescentes.

Dizendo oi...

Caminho tensa pela estradinha de terra e cascalho que circunda o lago. Não acho uma boa ideia ir até lá, não sou boa em conversar com estranhos. Na verdade, só converso com as mesmas pessoas há anos. Depois daquele dia marcante, eu fiz o curso de letras na faculdade, mas foi um curso à distância, falei apenas o essencial com as pessoas que precisei para me formar e conseguir o diploma. Então, todos os outros contatos após isso são com o meu editor, com André, meu irmão, que me liga esporadicamente, minha mãe, que me liga uma vez por semana, de Meg, que me liga todo dia e do Hique. Meu pai e eu não nos falamos depois que saí de casa. Não quero lembrar disso agora. Estamos quase chegando. Meg não solta minha mão por todo o caminho. Agora, em frente à porta, podemos ouvir o barulho lá dentro: talheres, copos, risadas masculinas, música... Uma festa, pessoas, socialização. Eu olho para ela.

— Você consegue, Mamá, só respire fundo e bata na porta — Meg solta a minha mão e gesticula encenando o que está dizendo. Dou um sorriso torto e bato na porta. — Viu não foi... Uau — eu tinha voltado para olhá-la, mas ao ouvir seu espanto, retorno meus olhos para a porta e ela está aberta. Em pé, diante de nós, tem um cara alto, muito sarado, sem camisa, loiro, com incríveis olhos verdes. Ele parece um daqueles caras de filmes de comédia romântica, aquele que a mocinha acha que nunca vai conseguir. Realmente ele é: uau! Eu não sei o que dizer, mas nem preciso, é ele quem fala.

— Oi, garotas — o homem dá um sorriso amigável e olha para Meg. — Oi, ruiva — o sorriso dele se alarga e adquire um ar de interesse genuíno.

— Oi, gato — Meg responde, em seu melhor tom de voz. — Você é o dono da festa? — sorri, pondo uma mão na cintura e mexendo no cabelo com a outra mão.

— Não, mas posso ser, se você quiser — imagino que acabei de ficar invisível. — Eu sou o Marcus, e você?

— Meg — ela é direta e não para de encará-lo. Penso em sair correndo, ninguém vai notar mesmo.

— Em que posso ser útil, Meg? — pergunta ele, olhando-a de cima a baixo. Ela é uma mulher incrível, sei disso porque é do tipo popular, daquelas que nunca envelhecem, sabe? Cruzo os braços, estou desconfortável aqui.

— Pode chamar o dono da casa para mim, gato? — ronrona ela.

— Não estamos fazendo barulho demais, estamos? — ele se move e encosta o ombro no contramarco da porta, em uma postura relaxada. Eu suspiro e reviro os olhos porque sei que eles vão prolongar isso ao máximo.

— Não, querido, apenas precisamos falar com ele — diz ela, então, ele parece finalmente perceber que ainda estou ali. Encara-me com aquele ar gentil de novo, e eu penso: *idiota*. Não me leve a mal, ele é um gato e tudo mais, mas prefiro que volte para as páginas de onde saiu. Só quero que isso acabe logo.

— Oi, sou Marcus — fala ele, oferecendo a mão. Quem eu sou, a mãe da Meg?

— Oi — eu não retribuo o gesto, e ele recolhe a mão franzindo o cenho. Sei que Meg me dá um daqueles olhares de reprimenda, mas eu não ligo. Ignoro. Ele olha para a camisa em minha mão, que agora está toda amassada.

— Ok, eu vou chamar, fiquem à vontade — ele dá um suspiro de rendição e sai, mas não sem antes dar uma última olhada em Meg.

Nós continuamos na porta olhando para dentro. Parece confortável e arrumada para uma casa de homem frequentada por homens. Lembra um

pouco a minha, na qual estou morando, mas é mais rústica. Tem algumas latas de cerveja numa bancada e, de onde estamos, vemos a porta que leva para os fundos. É de vidro, posso ver algumas pessoas. Anseio não ter que ir até lá.

— Desmancha essa cara de cativa — fala Meg, me olhando chateada.

— Você pode flertar depois? — encaro-a, erguendo as sobrancelhas.

— Querida, eu só estava...

— Flertando — corto as explicações inúteis.

— Muito bem, que seja. Vou me comportar — ela faz biquinho.

— Que bom, já está sendo desagradável o suficiente aqui — falo séria. Não quero ser chata, mas também não quero estar aqui.

— Ai, que ciumenta, sabe que só amo você no mundo todo — fala ela, sorrindo e me abraça. — Vem cá que vou te dar um pouco de amor — Meg finge que vai beijar-me na boca. Ela é maluca, nada contra lésbicas, mas não somos, e ela sabe que detesto quando faz isso. — Sei que você adora — sorri claramente tentando me irritar, mas eu sei que o que quer é desviar minha atenção para que eu relaxe.

— Droga, Margarete, estamos em público — falo, empurrando-a, mas estou quase rindo agora. De todos no mundo fui arranjar logo uma amiga maluca e tarada.

— Não me chame assim — diz ela, séria, mas me dá um beijo estalado na bochecha enquanto aperta o resto do meu rosto, de forma que nem posso abrir os olhos. Quando finalmente faço, vejo dois exemplares perfeitos do sexo masculino nos olhando com um ar de riso.

Um, nós já conhecemos, é o Marcus, que parece bem empolgado agora. O outro é meu salvador. Ele é moreno, alguns centímetros mais alto do que Marcus, incrivelmente musculoso, não é exagerado, mas na medida certa, os cabelos ondulados caem um pouco sobre o rosto em um penteado desigual,

ou melhor, bagunçado, e ele tem a barba por fazer. Eu o olho direto nos olhos, que são de um incrível azul acinzentado. *Desculpe, Marcus*, mas você não é mais tão bonito assim. Engulo em seco, não tinha reparado nesses detalhes quando ele me salvou. Talvez porque estivesse bêbada demais.

— Oi, lutadora — fala ele, olhando em meus olhos e erguendo as sobrancelhas.

— Droga — falo sem querer.

— O quê? — pergunta ele, inclinando um pouco a cabeça. Também está sem camisa, usa uma bermuda e está descalço.

— Desculpe, eu... — olho para Meg, que já me soltou há algum tempo e tem um ar divertido no olhar.

— Oi, eu sou Meg — estende a mão para ele.

— Liam — responde ele, pegando a mão dela. — Marcus disse que estavam me procurando — ele volta a olhar para mim. — Você está bem?

Eu sei com o que pareço agora: uma idiota gaga parada bem à sua porta.

— Sim, ela está — é Meg quem fala. — Viemos agradecer.

— Agradecer? — Liam franze o cenho. — Pelo quê?

— Por você ter salvado a minha amiga — diz ela, como se fosse óbvio. Ficamos os três parados, nos olhando. Marcus sai e retorna com algumas cervejas.

— Para quebrar a tensão — oferece uma, e Meg aceita, mas eu recuso. — Tudo bem, temos outras bebidas, você...

— Não, obrigada — corto-o. Não quero beber. Se eles soubessem que essa é minha primeira socialização depois de anos. Se bem que falei com a dona da casa, mas, na verdade, ela falou mais do que eu. E tem o rapaz do mercado, mas só faço compras à noite, quando já está quase fechando e não tem ninguém. Respiro fundo e exalo. — Só viemos dizer obrigada e devolver sua camisa — estendo-a em direção a ele, completamente amassada.

— Você lavou — é uma constatação. Ele me olha com um sorriso de gratidão. — Não precisava.

Liam pega a camisa.

— Passou também, mas acho que amassou no transporte — diz Meg, que sorri e então bebe um gole de sua cerveja.

— Querem entrar? — pergunta ele. Acho estranha a forma como ele me olha, como se soubesse exatamente o que estou sentindo. Ele fala de uma forma que me deixa confortável, embora eu não esteja. É maluquice, eu sei, mas até agora ele não perguntou meu nome, não estendeu a mão para mim e nem fez perguntas constrangedoras.

— Sim — responde Meg e Marcus a puxa pela mão.

— Não — eu falo, ao mesmo tempo em que ela me lança um olhar feio.
— Estamos indo embora, temos trabalho a fazer.

— Mamá? — faz cara de cachorro pedinte.

— Meg, não. Viemos agradecer. Agradei, agora vamos. Ele está com visitas — falo sem nem mesmo olhar para o Liam e para o Marcus.

— Visitas? — Marcus solta uma gargalhada e eu me sinto idiota, sei que estou roxa de vergonha.

— Não são visitas, são os rapazes da corporação. Bem mal-educados, você sabe, muitos músculos e pouco cérebro — Liam sorri, de um jeito relaxado para mim. — Acabamos de voltar de um trabalho, então, estão cheios de adrenalina e fome. Se soubesse que vocês viriam os teria expulsado antes.

— Nós não vamos ficar — insisto, mas Meg já desapareceu para dentro da casa. O que ela está fazendo? Me pressionando até que eu surte? *Que droga.* Fico tensa e esfrego as mãos nas calças, depois as coloco nos bolsos. — Ela vai ficar.

— E você? — olha-me, mas não parece me pressionar.

— Eu vou para casa, pode avisá-la para mim, por favor? — pergunto meio

sem jeito. Nesse momento, escuto assovios e vozes alteradas. Parece uma discussão, e uma das vozes é a de Meg. — Droga!

— É melhor vermos isso — diz ele e segue em direção à confusão deixando a porta aberta. Eu ainda fico alguns segundos na soleira da entrada e só então crio coragem para ir atrás de Liam.

Quando chego ao quintal, a cena é bizarra. Meg grita e aponta para um homem que, visivelmente, tem quase o dobro do tamanho dela. Ele ri de forma sarcástica, e ela provoca.

— Uma cidade de caipiras que não sabem o que é um táxi — ela está muito próxima dele.

— Meg, o que você... — eu paro de falar quando percebo que aquele é o policial que a levou em casa. Ele não está fardado, mas exala o mesmo poder autoritário.

— Sim, somos caipiras, moça. A verdade é que não estamos habituados a receber moças como você — a voz dele é calma, calculada, mas sei que, no fundo, está irritado. Percebo isso pela forma como seu maxilar se contrai.

— O que você quer dizer com isso? Quer dizer que um louco tarado ficar solto na rodoviária, passando a mão nas pessoas, é comum? Mas uma mulher independente e bonita parece estranho para você? Claro, isso aqui é o fim do mundo.

— Há mulheres bonitas e independentes aqui, mas o trabalho que elas fazem para ter independência é bem diferente do seu — olha Meg de cima a baixo. Já é noite, mas ela veste uma saia jeans curta e uma camiseta que mostra bastante seu corpo. Embora faça frio ela parece não sentir.

— Seu... — Meg ergue a mão num gesto claro e eu tenho apenas tempo de escutar o estalo da bofetada, que atinge o rosto do policial. Nesse momento ele pega o braço de Meg e torce fazendo-a virar de costas para ele, imobilizando-a.

— Você está presa por desacato à autoridade — ele fala, entre dentes.

— Não vejo nenhuma autoridade aqui — ela provoca.

— Droga, Meg — eu falo e todos os olhos do ambiente se voltam para mim.

Eu não queria nada disso, não queria nem socializar, nem conhecer, quem dirá uma cena dessas. O policial me encara, enquanto leva Meg para fora. Eu não me lembro de ter visto uma viatura na porta da casa. Liam segue os dois, e eu vou logo atrás. Não quero ficar aqui com todos esses olhos em cima de mim. Quando chegamos à porta é Liam quem fala.

— Calma, Ed, solta a moça — a voz do Liam é tranquila.

— Ela desacatou um policial, temos testemunhas suficientes — o policial é duro.

— Eu sei, amigo, mas por que não releva? Estamos comemorando, lembra? Vamos esfriar a cabeça, você está de folga — insiste Liam, tentando amenizar as coisas.

— Ela me agrediu, Liam, mas não se preocupe, uma noite na cela e ela aprenderá bons modos — eu não sei o que fazer, não consigo pensar.

— Sei bem o que você quer me ensinar, guardinha — Meg fala em um tom que usa quando só quer piorar coisas que já estão terríveis.

— Meg, colabore — olho dele para ela. — Senhor, será que não há outra forma de...

— Senhor? — Meg me interrompe. — Ele está a fim de passar a mão em mim como o maluco do amigo dele, Amanda! Não acredito nisso! — Ela tenta se soltar, mas ele aperta mais o braço dela.

— O que está insinuando, moça? — pergunta ele, olhando para ela de cima.

— O que você ouviu. Acha que não percebo como me olha? Insinuou que eu sou uma prostituta, e isso só leva a duas opções: ou não entende de moda

urbana, o que é um fato evidente, ou estava pensando bobagens enquanto olhava para mim — agora ele a solta e ela volta a encará-lo.

Eu e Liam assistimos à cena, estáticos. Isso sim é um incrível episódio de “*Além da Imaginação*”. Não sei nem o que dizer. Era para ser apenas um pedido de desculpas, mas virou uma bela cena de novela mexicana, protagonizada pela Meg.

— Eu nunca pensaria qualquer coisa desse tipo com você, moça. Nem que fosse a última mulher na face da Terra — ele agora está claramente irritado.

— Gay — Meg provoca.

— Meg, ficou louca? — enquanto falo, ele parte para cima dela de novo. Agora ela vai ficar presa por anos, eu penso. Liam o segura no meio do caminho.

— Calma, grandão — Liam fala, enquanto se coloca entre eles dois, bem na linha de fogo. — Por que você não leva Meg para esfriar a cabeça, Amanda? — diz ele para mim, mas seus olhos estão no amigo. Sua voz é puro autocontrole e lembro-me de quando me tirou do lago...

Faço um gesto afirmativo com a cabeça enquanto arrasto Meg sob protestos. Apesar de toda a confusão, só consigo pensar em Liam dizendo meu nome. *Não seja idiota, Amanda*, é claro que ele sabe seu nome, *Meg falou, não foi?! Tudo isso é uma loucura. Consigo afastar Meg e de longe vejo os dois ainda do lado de fora da casa, conversando.*

— Você enlouqueceu, Margarete? — pergunto, agora que estamos entrando em casa.

— O que você acha? Aquele idiota insinuou que sou uma vagabunda e eu vou ficar calada? Policial uma ova, ele é um brucutu, brutamontes, ignóbil, descerebrado, a...

— Ok, já chega, eu entendi. Você não gosta dele — falo, muito séria.

— Gostar? Está doida? Quero que ele morra. De preferência de uma forma

que doa bastante — olho minha amiga sempre tão relaxada e brincalhona e não consigo pensar que agora ela parece mais doida do que eu. Então começo a rir. Meg me olha ofendida. — O quê?

— Muita tensão sexual aqui — e uma piada da Meg, mas eu a roubo e falo entre risos. Afinal, o que mais posso dizer?

— Quer saber, acho que vou tomar uns comprimidos daqueles que você esconde. Tarja preta — diz ela, séria, mas em questão de segundos está rindo comigo.

— Você ia ser presa, sua doida! — Falo, mas não é uma reprimenda.

— Ia mesmo — diz ela e suspira. — Será que ainda tenho chance com o Marcus? — encara-me maliciosa.

— Se fizer um preço camarada — brinco e ela me dá um soco de leve no ombro.

— Olha só você?! Engraçadinha.

Entramos e vamos dormir, foi um dia longo e uma noite pior ainda.

CAPÍTULO QUATRO

Procura-se Meg desesperadamente

Acordei cedo, mas ainda estou de pijamas, então, Meg não sabe do meu despertar criativo. Eram seis da matina e eu estava lá como nos velhos tempos, escrevendo para o Doutor Bo, algo para adolescentes mais novos. Quero dizer menores porque hoje há um montão deles com mais de trinta anos. O ponto é que Doutor Bo, apesar do nome bobo, caiu no gosto das pessoas. É uma febre lida em diversos lugares que nem pensei que existiam. Um psiquiatra que investiga crimes e situações inusitadas e hilárias que ocorrem no desenrolar dos textos. Há mais de cinco meses, aproximadamente, que não envio nada para André, meu editor. Ele estava quase surtando, mas depois do episódio com o policial ontem, acho que meu bloqueio foi quebrado.

Quando dou conta, já são quase oito horas. Levanto da cama me sentindo perdida. Amo meu computador e estava morrendo de saudades dos segredos que ele e eu compartilhamos em meu mundo imaginário. Quem escreve entende, sabe como é criar algo, deixar as ideias fluírem. Enfim, tenho que fazer o café e quero guardar segredo disso para Meg até o almoço. Espreguiço-me e fecho a porta do escritório. Embora ela nunca entre sem permissão, tranco-a como um hábito infantil. Se não faço isso com a porta da rua, por que faço com a do escritório? Respiro fundo e vou para a cozinha.

Não demoro muito para pôr a mesa com suco de laranja, café quentinho, pães, frutas, geleia e queijo, até que Meg aparece. Mesmo de manhã e com a cara amassada ela é muito bonita. Olho e sorrio, mas ela faz uma careta, parece cansada. Nos sentamos e comemos por um tempo longo, em silêncio.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Acho que ela está entediada. Mal acabou de chegar e já vai surtar. Pensei que a agitação de ontem a deixaria feliz. Dou risada por dentro. Penso em contar que voltei a escrever, mas penso melhor. No almoço, com uma bela refeição, sobremesa...

— Então, quanto tempo vai ficar? — falo mais para começar uma conversa e também irritá-la para que saia dessa letargia. Meg ainda está calada desde que levantou.

— Minha companhia é tão ruim que quer me colocar para fora? — ela me olha fingindo mágoa.

— Ai que drama!!! — Faço um gesto teatral, ao menos ela voltou a falar.

— Muito bem, pois só por isso irá me aturar por um mês — ela diz como quem fala a coisa mais banal.

— Um mês! — Grito. — Você me enganou — acuso, com olhar de traída. E eu pensando que tinha um segredo bombástico. Ótimo, teremos duas comemorações.

— Consegui minhas férias — ela sorri, prepotente.

— Mas como? Você disse que não conseguiria nem uma semana, no máximo quatro dias — eu a olho curiosa.

— O Nate — ela ri e pisca como se me contasse um segredo.

— Do RH? — ela afirma com a cabeça, enquanto bebe um gole de café.
— Você é tão cruel.

— Ah, nem vem, você é o outro par dessa dupla de bruxas que somos — ela ri, divertida.

— Não, você tá mais para madrasta malvada — caímos em uma gostosa gargalhada. Fico séria de repente. — Já parei de ser má faz algum tempo... — nós duas desviamos o olhar. Meg inspira fundo e depois continua com um brilho arteiro nos olhos.

— Sabe, estive pensando — ela umedece os lábios e eu penso: Aí!

Encrenca à vista.

— Não pense, você já é a bonita da dupla — digo, retornando ao bom humor, e ela me mostra a língua.

— Sim, engraçadinha. Desde ontem está cheia de piadinhas, senhora “*eu não socializo*”... — Meg apoia a mão no queixo e olha-me com aqueles olhos terríveis. Azuis e escrutinadores. Por que as cores são tão determinantes? Meus olhos são castanhos, sem graça, sem nada, sem expressão. Não tenho inveja da beleza de minha amiga, mas talvez, se tivesse esses olhos, não seria tão acuada por ela.

— Ok, pare de ler a minha mente. Apenas fale — não, não são os olhos. São anos de convivência, conhecimento e cumplicidade. Quem tem uma amiga-irmã sabe, e eu sei. Sei, porque naquele dia difícil éramos Meg e eu lá.

— E se... Só se... Por acaso — ela faz longas pausas entre as palavras, e eu enceno um bocejo. — Muito bem, já vou dizer. E se a gente convidasse o Marcus e o Liam para almoçarem com a gente? — Ela acaba a frase com um arquear típico de sobrancelha de quem diz: “*Viu, era uma ideia brilhante.*”

— O quê? Acho que você precisa mesmo dos meus remédios — eu me levanto e vou até a pia para deixar a louça que sujei tomando café. — Não mesmo, você quer que seu policial venha aqui te prender? — viro-me, encostando o quadril na bancada e a encarando. Ela faz aquela cara. Droga, ela fixou no loirão.

— Primeiro, eu não preciso de drogas, já sou “*noiada*” de berço. Segundo, ele não é “*meu*” em nada, e terceiro, é por isso que a ideia é perfeita. Não os conhecemos, não os convidamos, não os veremos por aqui — ela abre um sorriso cinematográfico. — Então?

— Olha, eu não quero isso e você sabe — falo muito séria. — Se quer pegar o seu monte de testosterona, convide-o para ir com você à cidade. Pode levar o carro — faço pouco caso e volto para a pia.

— Ótimo — ela bate a xícara com força na mesa. — Vamos ficar em casa sem olhar nem pela janela, mesmo porque não veremos nada além de mosquitos até morrermos de tédio. — Eu não dou atenção, é uma birra.

Ouçõ a porta bater depois de alguns minutos. A Meg foi correr, só pode. Isso a faz esfriar a cabeça. Em outro momento eu iria com ela, mas há um conflito de interesses aqui. De qualquer forma, não quero ir a lugar algum, então, não vou correr atrás dela. Quem sabe não escrevo mais algumas páginas? É isso, vou escrever, depois dou sorvete à minha amiga, isso sempre a acalma.

Já escrevi montes e montes de páginas, já bebi água até meu estômago quase querer explodir e nada da Meg voltar. São quase uma da tarde, ela não costuma correr mais de quinze minutos quando é por birra, então, onde aquela maluca está? Olho pela janela, provavelmente pela milésima vez. Meu vizinho está lá fora e me dá um sorriso estranho. Eu o acho estranho, lindo, mas... O que estou fazendo? Esqueça o vizinho, Amanda, foque na Meg! Ele me parece estranho porque eu sou a estranha e fico olhando pela janela a cada segundo. Levo as mãos à boca como se tomasse um susto. Será que ele pensa que o estou vigiando? Chega, não vou ficar mais aqui. Abro a porta da rua e vou para a varanda. Olho em volta e só vejo floresta, além da estrada e do lago. Droga, o que vou fazer? Não sei andar no mato.

Eu não sei mais o que fazer e então olho de novo na direção da casa do vizinho, ele está na varanda. Sei que é ridículo, mas não falo com ele desde a confusão da Meg, mesmo porque não tenho o que falar. Isso foi ontem, e é melhor que fique assim. Não quero fazer amizades, muito menos masculinas. Só que agora, eu não tenho como ignorá-lo. Desço as escadas e caminho na

direção dele, que parece ficar surpreso, mas foge. Ótimo, não pareço tão doida. Eu sei que vai parecer que sou uma oportunista, mas a quem mais posso pedir ajuda? E, afinal, ele é bombeiro, deve saber o que fazer no caso de uma pessoa estar desaparecida. Ai, Deus não, não esteja desaparecida, Meg, esteja apenas chateada. Vou matar você, mas depois vou ficar feliz por estar bem. Sacudo a cabeça, já estou pensando bobagens. Tanto tempo com o Doutor Bo, e as fantasias impregnaram minha mente.

Ergo o olhar e percebo que agora ele assumiu uma postura mais séria; antes estava apoiado na sacada e agora está em pé, com os braços cruzados na frente do peito, parecendo preocupado. Vamos, Amanda, você consegue, é só um homem, melhor ainda, é um bombeiro, meu vizinho, que me ajudou algumas vezes, então é um cara legal, certo? Deus me ajude...

— Oi — minha voz soa tensa.

— Algum problema? — a dele soa preocupada.

— Por que acha que tenho problemas? — indago franzindo a testa. Na verdade, eu tenho, mas como ele adivinhou?

— Porque você está de pijamas, descalça e com um semblante assustado? — é uma pergunta, mas soa claramente como uma afirmação. Droga, eu ainda estou de pijamas e descalça. Acabei de assinar meu atestado de louca irreversível. Ótimo, e eu pensando que o estranho era ele.

— Eu... Droga — fecho os olhos e inspiro exalando com força. Relaxe, Amanda, eu digo a mim mesma e então sinto duas mãos incrivelmente quentes sobre meus braços, num gesto que parece um afago, subindo em direção ao meu pescoço.

— Calma, lutadora, seja o que for ... — abro os olhos exasperada.

— Fique longe de mim! — A voz sai mais alta do que deveria, e ele parece assustar-se tanto quanto eu. Ergue as mãos no ar em um gesto de rendição e, então, dá dois passos para trás. Estou com meus braços em volta

do meu próprio corpo, tentando aplacar a sensação de formigamento que percorre minha pele nos lugares em que ele tocou. Já me tocou antes, mas eu estava embriagada, e agora é diferente... Apenas não gosto que estranhos toquem em mim. Será só isso mesmo, Amanda?

— Muito bem — ele dá mais um passo, em sentido contrário ao meu. — Apenas respire, não vou me aproximar — ele me olha muito sério, controlado, parecendo falar com um animal acuado, mas não vejo aquele ar de *“eu sei que você é louca”* em seus olhos. Merda! Eu exagerei? Não gosto que me toquem... — Respire e me conte o que aconteceu.

— Eu... — solto a respiração que não tinha percebido que estava presa. — Desculpe — olho para ele e tenho certeza que estou mais vermelha que o cabelo de Meg.

— Tudo bem? — ele me olha com a pergunta clara nos olhos de: O que aconteceu?

— Eu... — Meg! Droga, é por isso que estou aqui. — Meg — falo, feito uma idiota demente.

— Meg? — ele pergunta de novo com aquele ar de afirmação, fazendo um gesto com a cabeça. — Algum problema com a Meg? — agora ele está tenso, parece que assumiu o modo socorrista. Droga, Amanda, funcione como um ser normal ao menos uma vez. Se pode escrever também pode falar.

— Sim... Quer dizer... Não sei — aperto os lábios e então volto a encará-lo. — Nós discutimos por uma bobagem, então ela saiu para correr há horas e não retornou — solto as palavras apressadamente, tudo embolado.

— Muito bem, entendi. Agora vamos nos acalmar e acharemos a Meg — oi? Nós? Achei que a nervosa fosse eu... — Lembra o que ela vestia?

— Pijamas — pelo menos era isso quando saiu da cozinha. — Não como os meus — olho para minha roupa naquele momento: calças, camisa de alça, duas sobrepostas... Fecho os olhos e lembro da de Meg. — Short e uma

camisa baby look, brancos.

— Muito bem — Liam fala e parece que vai vir em minha direção de novo, mas dou um passo atrás e ele não se move. — Amanda, temos duas opções. Primeira: você vai até sua casa e aguarda a Meg lá enquanto dou uma busca nas proximidades, caso ela retorne antes de mim você me liga; ou segunda: você troca de roupa, calça algo e vem comigo, mas, antes, deixaremos um bilhete em sua casa para o caso de ela chegar. Assim poderá ligar para nós — ele espera, olhando pra mim.

— Opção dois — eu falo sem piscar.

— Certo, então você troca de roupa enquanto eu pego o material que precisaremos e faço alguns telefonemas — ele faz menção de entrar em casa, mas retorna olhando para mim. Seus olhos azuis acinzentados estão incrivelmente sérios e controlados. Ele sabe o que está fazendo e sobre o que está falando. Essa segurança dele incomoda-me. Pessoas e seus olhos incríveis... — Ela tem algum problema de saúde?

— Oi? — Terra fazendo contato! Esqueça os olhos azuis dos outros. Os dele nem são como os de Meg. Não, são mais... Não sei explicar, desvio o olhar.

— A Meg tem algum problema de saúde? — ele repete.

— Não, saudável, perfeita — respondo, como uma boba que não sabe usar conectivos. Muito bem, escritora, você até que consegue estabelecer comunicação.

— Certo — ele me olha entre a dúvida de me deixar só e a certeza de que precisa agir rápido. Sinto medo, talvez Meg... Não, ela está bem. — Não demore — ele entra em casa e eu corro para a minha.

Visto-me apressada e calço meu tênis que está perto da porta. Pego um casaco para mim e um para Meg. Também pego água e quando vou saindo lembro do bilhete. Escrevo um com letras enormes e colo na porta, também

deixo um na estante da sala bem à vista. Saio e vejo Liam em pé do lado de fora. Ele está de calça, algo tipo uma bota de trilha, camisa de malha e uma mochila pequena. Não sei o que tem dentro, mas quem se importa? Ele é o bombeiro...

— Pronta? — ele me olha e novamente sinto aquele olhar que não sei explicar. Agora é como se perguntasse algo que eu com certeza não responderia...

— Sim — começamos a andar juntos, lado a lado. Sem nos tocarmos, óbvio. Depois da cena que fiz, quando Liam pareceu querer tranquilizar-me, eu acho que ele tem mais medo de se aproximar do que eu. De qualquer forma, está respeitando meu espaço. Entre nós cabem pelo menos umas duas pessoas.

Andamos alguns metros e estamos na entrada da floresta. Algo como uma trilha está à nossa frente. Ele olha em volta e depois para mim.

— Trouxe água — um comentário retórico. — Muito bem.

— É para Meg — falo, séria. Ele sorri de lado sem me olhar e eu sinto um frio no estômago. Será que estou nervosa? Por causa dele? Porque ele sorriu? Droga, nem foi para mim.

— Entendo, eu também trouxe e algumas barras de proteína também. Se sentir fome é só me avisar — eu o olho de relance, ele não está me encarando. Dou uma analisada em seu perfil. Tem aquele ar relaxado, confortável. Aquela pessoa confiante de que é bonita, inteligente, capaz, enfim, que tem o controle de tudo. Merda, ele é bonito mesmo, e eu estou parecendo a nerd diante do cara popular. Olá, eu sou o Nate do RH. Idiota.

— Não estou com fome — eu tenho que mudar meu foco. Meg, Meg, Meg... Repito como um mantra.

— Eu avisei aos rapazes e logo eles estarão aqui. Espero que ela não tenha vindo descalça — ele fala e fica sério. Olho diretamente para ele.

— Por quê? Você acha que...

— Não acho nada, apenas diminuímos a chance de que esteja com os pés machucados — droga, pés machucados. Paro de andar e ele continua dando mais alguns passos.

— Meg! Meg! Meg! — Grito. Ele se vira e me olha surpreso. — Seria melhor se a chamássemos, não? — olho para ele e me sinto meio idiota.

— Essa é uma área grande e se pelo que você disse ela saiu chateada e não conhece a área pode ter se perdido — eu engulo em seco, fazendo com que ele perceba que estou muito nervosa, então, volta em minha direção, mas não se aproxima muito. — De qualquer forma, conheço isso como a minha casa, cresci aqui, não se preocupe, vamos achá-la — ele está bem perto agora, mas não me toca, apenas olha direto nos olhos e eu me sinto... Segura?

Meneio a cabeça em um gesto afirmativo e continuamos andando. Já faz alguns minutos que saímos, acho que meia hora. Já estou cansada. A tensão, a falta de notícias, tudo. Paro para respirar um pouco e percebo que estou com fome. São o quê? Quase duas e meia da tarde. Liam para um pouco à minha frente e bebe água. Fico assistindo a garganta dele deglutir. Então escuto um barulho que se assemelha ao de um celular e franzo a testa. Não me lembro de ter trazido o meu, mesmo porque acho que nem pega aqui. Nesse momento, vejo uma luz que pisca na cintura de Liam. Ele pega algo que parece mais um tijolo. A minha ficha cai, é um celular via satélite. Ele atende.

— Encontraram? Onde? Muito bem, estamos indo para aí — ele desliga e olha para mim que, com certeza, tenho dois olhos enormes colados nele.

Apenas um susto

Eu escuto as perguntas de Liam e meu coração para de bater. Como assim encontraram? O corpo? Ai, Deus! Começo a hiperventilar, estou ficando tonta, o ar entra, mas sai tão rápido que o oxigênio não alcança os devidos lugares. Estou andando em círculos, ficando cada vez mais tonta. Merda, droga, Meg! Por favor, Deus, ela não. Caiu numa ribanceira? Foi uma armadilha de urso? Começo a pensar em todos os sorte de bobagens... Liam vem em minha direção; parece calmo, mas tem aquele olhar estranho.

— Amanda, olha para mim. — Eu não posso, ao invés disso, fecho os olhos. — Amanda — ele insiste. Eu paro de ver tudo rodando e apoio a mãos nos joelhos, jogando a garrafa de água no chão.

— Ela... morreu? — falo, sem olhar para ele, meu peito cada vez mais apertado e minha respiração ainda irregular. Droga de ataque de pânico.

— Amanda, sente-se no chão — ele fala e está perto de mim agora. A voz é firme, mas não ríspida. Eu me sento porque não aguento mais ficar em pé. — Muito bem — ele fala de forma calma, lá está aquele jeito de domador de cavalos. — Sei que você não gosta, mas vou me aproximar de você, saiba que não vou machucá-la — ele fala e sua voz parece mais perto. Não abro os olhos, começo a ofegar como se estivesse com asma. Não esteja morta, Meg. — Amanda, agora eu vou pegar a sua mão, fique calma, está tudo bem, só vou tocar sua mão. — E ele toca e segura, lá está de novo aquele formigamento estranho. Eletricidade estática? Quero me retrair e me e soltar, mas nessa situação só o que consigo é ficar rígida. Ele apoia minha mão em

seu peito, e seu coração parece bater num compasso perfeito. Abro os olhos e o encaro.

— Oi, lutadora, olhe para mim, nos meus olhos. — São quase completamente cinza. Como alguém pode ter olhos assim? Como se já tivessem visto de tudo no mundo e nada mais os assustasse. — Agora sinta a minha respiração. — O quê? Eu abro mais os olhos. — Isso, sinta e respire comigo — ele respira pausadamente, de forma calma e controlada, e eu pareço mais uma bateria de banda de rock de garagem.

Os olhos dele estão nos meus e minha mão sobre seu peito. Parece que o coração dele bate em minha cabeça, e isso parece me hipnotizar. Sinto um calor que vem na direção da minha mão, que ele segura e empurra até o meu peito. A sensação se espalha.

— Isso, lutadora, você consegue. Inspire e expire, você tem o controle. — Tenho? Não parece. Quer dizer... Não estou mais tonta e, embora ofegante, não pareço um gato com asma. — Muito bem, isso. — Minha respiração vai se normalizando e quando atinjo um nível aceitável, eu falo.

— Meg? — É uma palavra apenas, mas diz muito. Ele me olha sério.

— Ela está bem. — Solto meu corpo de vez e caio deitada. Ele fica de joelhos à minha frente e senta sobre os calcanhares. — Ela está no hospital, Ed a achou, mas não foi nada sério, acho que uma torção no tornozelo direito — ele fala tranquilo e eu ponho o antebraço sobre o rosto, começando a chorar. Não contenho os soluços.

— Vou matá-la assim que chegar lá — eu falo, num desabafo, depois de toda a tensão.

— Pensei que a queria viva — ele fala num tom suave. Tiro o antebraço do rosto e o vejo. Ele está sorrindo, e aquele gelo no estômago me toma. Ele tem um rosto perfeito.

— Queria, quando achei que um urso a tinha comido — falo e sei que soa

idiota, mas ele já tem certeza de que não tenho um neurônio no lugar, então...

— Certo, mas não me conte detalhes, não serei seu cúmplice — Liam alarga o sorriso e se levanta — Vamos? — ele me oferece uma mão para que me levante. Eu a rejeito e levanto sozinha, fazendo com que seu sorriso desapareça. — Sente-se melhor? — sua voz é suave e atenciosa.

— Sim — respondo seca e sigo na frente. Caminhamos por alguns minutos e logo estamos de volta ao lago.

— Quer que eu vá com você ao hospital? — ele me pergunta, mas não parece ser só por educação. Apesar disso, ainda tenho a sensação de que tudo é tão estranho. Não consigo agir naturalmente. Droga, sou mesmo muito antissocial.

— Não, eu consigo ir sem ter uma crise no caminho — ele me olha de relance.

— Sabe que não sou seu inimigo, não é? — ele fala, erguendo as sobrancelhas.

— Inimigo? — Oi? Estamos num filme de guerra agora? Eu o olho, séria.

— Sim — ele inspira e, pela primeira vez, parece ter dúvida sobre algo. Eu o encaro fixamente. — Não quero e não vou machucá-la — afirma e me olha esperando uma resposta.

— Desculpe, não é pessoal — sinto-me corado. Droga, ele deve achar que penso que é um tarado, maníaco...

— Muito bem, então. Vou estar em casa esta noite, se precisar de algo...
— Oi? Em casa à noite. Não, esta noite não vou me jogar no lago. Fico calada e ele então segue para casa, enquanto eu o observo afastar-se alguns metros.

— Liam! — grito. Droga, por que fiz isso? Ele volta e me olha. — Obrigada e desculpa. — Ele franze o cenho e logo depois abre aquele sorriso. Deus, vou ficar maluca. Anos sem falar com estranhos e em pouco tempo

conheço um cara em um fim de mundo, que mexe comigo de uma forma completamente doida. Quais as chances? *"Acorde, Amanda, isso não é um romance idiota"*.

Entro em casa, tomo um banho rápido, pego umas roupas para Meg e as chaves do carro. Já estou na porta quando dou de cara com Liam. Ele está na entrada da minha casa vestindo uma calça jeans escura, camisa de malha cinza e uma jaqueta de couro num tom grafite. Como tomou banho tão rápido? Deus, ele parece um vampiro. *"Para de bobagem, Amanda, já falei que isso não é um livro de romance fantasioso"*.

— O que faz aqui? — indago, num tom mais rude do que pretendia.

— Lembrei que não falei onde fica o hospital — ele sorri de canto. — Quer o endereço?

— Não. — Olho para ele e sei que vou me arrepender disso, mas depois de me salvar no lago, me ajudar com Meg duas vezes, uma quando o Ed ia prendê-la e agora que ela quase me matou de susto, acho que ele sai da classificação de estranho para conhecido. — Você dirige — jogo a chave para ele e saio em direção ao meu carro, Liam me segue sem dizer nada.

O caminho não é longo e logo estamos na entrada do hospital. Desço apressada, e ele faz o mesmo. Na recepção há duas moças, não sei se são enfermeiras. Cumprimento-as e pergunto por Meg, dando as características dela. O hospital não é grande e posso ouvir alguém discutindo dentro de uma sala que fica próxima à recepção. Uma das moças ergue a sobrancelha em direção à porta.

— Você é um ogro! A Mamá deve tá surtando agora, e eu não posso falar com ela porque saí sem telefone. — Ei, é a Meg.

— Se não fosse dada a esses impulsos infantis, não teria saído quase nua para correr por um lugar que nem conhece. — Eu conheço essa voz também.

— Pode seguir por ali, senhorita — a outra moça fala. Vou andando e

escuto a confusão cada vez mais alto. Liam não vai comigo e fica conversando com uma das moças no balcão.

— Você é um idiota, eu disse que poderia voltar para casa e você me arrasta que nem um homem das cavernas — Meg está muito irritada.

— Eu a coloquei no chão duas vezes e você mal ficou de pé — ele não parece muito contente também.

— Já chega vocês dois, senão vou sedá-los. — Epa, essa voz eu não conheço. Entro no quarto e vejo um homem incrivelmente forte e alto, é o policial que agora está com roupa de corrida. Do outro lado, um homem quase tão alto quanto ele. Na verdade eles se parecem, algo no porte, no olhar, mas o primeiro usa óculos e está de jaleco. É o médico, claro. No canto, sobre a maca, está a Meg, ainda de pijamas e com um pé dentro de uma bota ortopédica. — Ninguém morreu, então, parem de gritar e de acusarem um ao outro.

— Mamá! — Meg me olha surpresa e seus olhos se enchem de lágrimas. — Perdoe-me, perdoe-me, eu não queria que fosse assim, esse monstro que me arrastou e...

— Eu a ajudei, *moça* — o policial corta e frisa a palavra *moça*, acho que ele sabe que a irrita.

— Obrigada — eu falo pela primeira vez nessa confusão toda e olho pra ele. — Ed, não é?

— Prats, Edward — ele estende a mão para mim.

— Xerife. — A voz de Liam vem da porta. — Muitas atribulações em poucos dias, não? — ele sorri relaxado e olha para Meg — Está tudo bem com você?

— Ela está falando pelos cotovelos, com certeza não perdeu a língua — o policial fala e sai do quarto sem esperar qualquer comentário. Meg bate os punhos na maca e bufá de raiva.

— Idiota! — ela grita e depois olha para mim de novo. Vou até ela e a abraço.

— Não me assuste mais, ouviu? — peço com a voz embargada.

— Me perdoa? — ela se afasta e me olha nos olhos.

— Mas você não ganha sorvete hoje — rimos que nem duas bobas.

— Muito bem, mas ainda quero almoçar — ela abre aquele sorriso magnífico.

— Eu também. — É o médico quem fala. — Eric — ele diz, estendendo a mão para mim. Eu hesito, mas aceito o cumprimento. — Ela teve apenas uma torção.

— Amanda — apresento-me, soltando a mão dele depressa. Não senti o formigamento que sinto com Liam. Estranho. — Fiz muita comida para nossa comemoração — mudo o foco do meu raciocínio.

— Ótimo, então podemos convidar o Eric — ela sorri para o médico. Perfeito, agora vai flertar com ele? E o Marcus?

— Eu adoraria — ele responde, e eu sei que não vou escapar dessa. — Adoro comemorar.

— Viu, tudo perfeito — ela diz, porque no final vai conseguir levar uma pessoa para almoçar com a gente — Ah, e você também né, Liam? Afinal, você ajudou a Mamá a me achar — diz, sorrindo para ele, e agora mesmo é que quero esganá-la. Depois de todo esse show, ela ainda consegue o que quer.

— Por que não? — ele sorri, e eu penso que ele e a Meg fariam um casal lindo. O quê? Ele e a Meg? Não... Não? Por que não? Droga, não estou gostando disso.

— Muito bem, agora podemos ir? — minha voz soa irritada e todos me olham. — Acho que devíamos chamar o Edward, foi ele que te salvou — falo, sarcástica.

— Amanda Stone! — ela me olha como se fosse me enforcar e percebo que Liam lança um olhar de soslaio para o Eric que sorri de canto. Hum...

— Muito bem, vamos — Eric que fala e começa a tirar o jaleco. — Vocês estão de carro? — ele olha para mim e para o Liam.

— Estamos no carro da Amanda — Liam responde e a Meg me olha com um sorrisinho irritante.

— Eu vim no ombro do ogro — Meg ironiza.

— Ótimo, quer uma carona de volta? Eu o chamo — rebato.

— Claro, por que não? Mas prefiro que o doutor aqui me carregue, parece tão forte quanto o brucutu — ela ri, maliciosa, e o médico sorri divertido.

— Não preciso te carregar, posso emprestar as muletas. — O sorriso de Meg vai sumindo. — Mas seria um prazer levá-la no colo até o carro — Eric emenda, e ela pisca para ele. Ótimo!

E não é que ele carrega mesmo? E vamos assim até o carro. O médico põe a Meg no banco traseiro com o maior cuidado e de longe vejo o xerife, que está encostado num carro que não é o de polícia. Parece sisudo. Olho dele para Meg, e ela ergue as sobrancelhas numa indagação muda. Faço acenos com a cabeça. Ela não vai convidá-lo ele para esse almoço “*festivo*”? Afinal, foi ele quem a salvou. Minha amiga desvia o olhar, e então, sei que a resposta é não. Entramos todos no carro e deixo que o Liam dirija de volta.

Um almoço, algumas histórias

Havia muita comida para apenas nós duas, não foi má ideia chamar os rapazes. Três tipos de salada, um lombo de forno incrível, modéstia à parte, uma travessa de grão de bico, arroz, purê de batata doce... Fiz um banquete e até agora não contei que voltei a escrever, mas também com os dois aqui fica difícil. Enquanto aqueço tudo, Meg segue para tomar um banho e se trocar. Quando ela falou do banho quase engasguei pensando que convidaria o doutor, mas ela estava só provocando como sempre. Liam parece bem confortável na minha cozinha e ajuda a arrumar as coisas enquanto o médico está na sala vendo televisão. A semelhança dele com o policial é incrível. A fome está se fazendo presente agora, mas esperamos a Meg.

— Então, vocês sempre cozinham assim? — Liam fala, quebrando o silêncio, e percebo que tem uma voz incrível, que atinge diferentes modulações. Parece que ele a controla para cada situação e necessidade.

— Não — respondo, sucinta.

— Então o motivo é ... — insiste, mas não parece chato.

— Comemorar — torno a restringir a resposta.

— Sei, se é um segredo de vocês — ele parece... decepcionado? — Não queria atrapalhar — fico desconfortável por ele se sentir um incômodo. Ai, Jesus, vou começar a pensar bobagens.

— Não atrapalha — respondo, cometendo o erro de olhar para ele, e dou de cara com os perfeitos olhos vampirescos.

— Fico feliz por não atrapalhar — ele me dá o sorriso “*parada cardíaca*”,

e eu sei que estou da cor do inferno agora. Desvio o olhar.

— Quer beber algo? — mudo de assunto.

— Não, depois de tanto tempo em jejum não é uma boa ideia — ele fala sincero e penso se é por mim ou por si mesmo. Acho que pensa que sou alcoólatra.

— Tem problemas com a bebida? — pergunto, sem olhá-lo. Não sou uma alcoólatra...

— Não, você tem? — ele pergunta direto e para o que está fazendo apoiando o quadril na mesa, de lado, me encarando. Merda, é agora que vai perguntar se eu sou viciada?

— Não. — Não o encaro, estou tensa. Não gosto dessas conversas sobre o que somos, o que queremos, o que gostamos. Isso traz intimidade, e eu não quero ficar íntima dele. Por quê? Óbvio, ele é homem.

— Amanda? — chama com uma voz suave, perfeita, daquelas que não conseguimos não seguir com os olhos em busca de quem fala. Olho para ele hesitante.

— Oi? — O que eu posso dizer? Lá estão aqueles olhos hipnotizantes.

— Não tem problema se você tem problema com a bebida. As pessoas sempre têm algum problema, não sou ninguém para julgar — ele fala, me olhando com um ar de *“fique confortável comigo”*. O que há com ele? E eu não sou alcoólatra, droga.

— Acho que há um grande problema aí, já que são muitos problemas em uma só sentença — falo como uma nerd. Eu realmente tenho *“problemas”*. O que é isso? Piada de escritor? Ele dá uma leve franzida na testa e logo retorna à expressão relaxada anterior.

— A escritora ataca novamente. — É Meg. Ela está acompanhada do médico que a ajuda a andar. — Liga não, homem do fogo, ela tem essas tiradas nerds. — Eu vou pôr você no fogo, Meg! Olho para ela e tenho

certeza que, embora meus olhos não sejam azuis, eles falam muito agora.

— Escritora? — Liam parece surpreso, e o doutor também mostra-se curioso.

— Não, eu sou apenas a maluca da casa do lago. — Droga, falei em voz alta. Todos estão me olhando agora.

— Não, você é só uma pessoa que está em dias difíceis. — Liam fala como se fosse a coisa mais natural e me sorri. Agora é tipo “*eu te apoio*”. Então, volta a arrumar as coisas como se encerrasse o assunto e ninguém fala mais nada. “*Dias difíceis...*” eu pensei que tinha sido “*o*” dia difícil apenas, mas ele tem razão, na verdade, não. São anos difíceis. E o que é isso? Agora ele é meu amigo?

— Então vamos comer antes que todos tenhamos hipoglicemia, inclusive eu. — Eric fala sorrindo, então, nos sentamos e comemos.

O almoço é tranquilo, muita comida, conversas bobas e Meg flertando o tempo inteiro com o médico. Olho de soslaio para o Liam algumas vezes. Por que ele é tão gentil comigo? O telefone toca e a Meg atende.

— Casa do lago, quem deseja? — ela se diverte — Ah... Oi, Benjamin, eu vou chamar... — Ela muda de postura instantaneamente e todo mundo percebe, mas eu sei o motivo. Meu irmão sempre deixa a Meg meio boba. — Mamá, seu irmão — ela fala séria, passando o telefone.

— Oi, Ben — atendo sem muita evasiva.

— Oi, estranha. Ainda viva e escrevendo? — Ele tenta brincar, mas sua voz tem aquele ar incômodo. Já se passaram mais de cinco anos, e ele ainda fala comigo fingindo naturalidade, mas sei que se sente desconfortável. Percebo isso toda vez que me olha.

— Algumas linhas —digo. Vejo meu reflexo no vidro da janela. Cabelos castanhos ondulados, olhos castanhos, nada demais. Eu me pareço com o Ben...

— Estou com saudades — ele fala, depois de ficar em silêncio por um tempo. — Posso te visitar algum dia? — sua voz é vacilante.

— Saudades? — sorrio, irônica. — Eu estou bem, não vou cortar os pulsos — viro-me e vejo que todos me olham. Saio da cozinha e levo o telefone comigo, é sem fio. Na sala, retorno a falar. — Não precisa vir — afirmo, séria.

— E se eu quiser? — ele insiste, agora com a voz firme.

— Se realmente quiser não terá tempo, tem que cuidar do tesouro de papai. Sua herança — corto.

— Amy, não faz isso — ele fala, chateado. — Eu...

— Eu vou te passar o endereço por mensagem de qualquer forma. Tudo bem assim para sua consciência? — não quero prolongar a conversa.

— Nunca vai me perdoar? — a voz tem uma nota de pesar.

— Não irei esquecer — sou taxativa.

— Entendo, eu entro em contato para dizer quando vou — ele parece perdido.

— Certo — eu queria perguntar o que é, falar com ele como fazíamos antes... Ainda não consigo, pelo menos estou dialogando com ele.

Nos despedimos e eu desligo. Retorno para a cozinha e encontro Meg pendurada no médico, com a desculpa de que ele vai ajudá-la a ir até a varanda. O Liam está de pé lavando os pratos. Eu me aproximo e começo a enxugar.

— Tudo bem? — ele me surpreende com a pergunta.

— Por que não estaria? — digo, ríspida.

— Porque família pode ser difícil às vezes. — Ele não devolve o tom e parece falar mais dele do que de mim. A família dele tem problemas? Sempre pareceu tão seguro de si, relaxado...

— Só às vezes? — recuo, ácida. Ele não é o culpado aqui.

— Tem razão, quase sempre — ele sorri, como só ele sabe. Merda de pessoas bonitas que deixam a gente deslocada.

— Não devia sorrir assim sempre. — Oi? O que eu disse?

— Oi? — Droga, falei alto? Tem que parar com isso, Amanda. Esse é o problema de só conversar com as mesmas pessoas, começa a falar tudo o que pensa.

— Desculpe, eu...

— Meu sorriso a incomoda? Então não gosta de mim porque sorrio demais? — ele me olha com um ar divertido, mas os lábios estão sérios.

— Não... Eu... — respiro fundo. — Por que acha que não gosto de você? — Droga, eu perguntei isso? — Esqueça. — Estou vermelha como larva e enxugo os pratos com força. — Não tenho nada contra você — não o encaro.

— Que bom, porque eu gostei de você. — Oi? Para o mundo que eu fiquei louca! Espera, isso já sou. Ele disse que gostou de mim? Percebo que estou esfregando o prato com tanta força que vou fazer um furo nele. Um longo silêncio constrangedor... Não vou dizer nada, afinal o que poderia dizer? Legal, eu te acho um Deus grego? Não, essa não sou eu, não me relaciono de forma alguma, em hipótese alguma, nem novos amigos eu... — Então você escreve — ele muda de assunto. Como alguém pode ser tão perceptivo?

— Escrevo — agora estou no automático.

— Profissionalmente? — ele acaba de lavar e para, observando enquanto termino de enxugar. Parece que pretende manter o diálogo.

— Sim. — Ei, estou desconfortável aqui, não gosto de ser escrutinada.

— Certo, não gosta de falar sobre isso também — ele diz desviando o olhar. Acho que ele lê mentes... — Nem sempre fui bombeiro. — Agora vai começar o “*mostra o seu que eu mostro o meu*”.

— Não? — Termino o que estou fazendo e dou atenção à conversa. Ele vai falar dele e não de mim, ótimo. Muito bem, pode falar o que quiser.

— Não, eu fui para a cidade grande como vocês dizem. Eu e o Edward somos amigos desde muito tempo, ele foi antes porque é alguns anos mais velho —sorri, como se lembrasse algo bom. — Fomos para a faculdade, mas coisas aconteceram e aqui estamos nós... —passa as mãos nos cabelos, e eu acompanho com os olhos. Um pigarrear chama nossa atenção.

— Oi, pessoas, podem dar atenção à doente aqui. O doutor vai embora — Meg fala fazendo beicinho.

— Já? — eu pergunto, num impulso. Agora estou curiosa sobre a história do Liam...

— Tenho que trabalhar, não sou um bombeiro desocupado e famoso — ele provoca o Liam.

— Famoso? — eu e Meg perguntamos em uníssono.

— Sei, é um bonachão. — Liam devolve, sorrindo. — Não tenho nada de famoso.

— Ei, Mackenzie, sabe que tenho influência, acho bom me respeitar — Eric brinca. — E Betsy, Susie e a Lucy o acham bastante famoso... — Eric provoca. E quem são essas mulheres? *"Não é da sua conta, Amanda, você não quer intimidade, lembra?"*

— Acho bom tomar cuidado, seu irmão está bem longe, doutor — Liam sorri, maroto, como se soubesse de um segredo. Ouvimos uma buzina — Não tão longe.

— Droga — Eric diz e sai apressado.

— Ei, doc, eu não posso correr — Meg sai mancando atrás dele; Liam e eu a seguimos. Quando chegamos à porta, encontramos o policial, agora fardado e com a viatura.

— Ei, Eric, ande logo, não sou ambulância e nem motorista seu — Edward fala.

— Mas que droga! Vou pedir uma ordem de restrição contra você. — Meg

dá início às hostilidades.

— Fique fora disso, moça — ele corta sem nem olhar para ela, pelo menos é o que eu acho já que ele está usando óculos, daqueles tipo aviator. De qualquer forma, é o primeiro homem a quase ignorar Meg.

— Eu disse que ligava, Ed — Eric entra na conversa.

— Sou seu irmão, Eric, não seu lacaios. — Oi? Irmão? — Ande logo que o filho da Martha quebrou o braço.

— Droga, esses meninos são o quê? Cada dia quebram algo diferente — Eric diz, andando até o carro.

— Irmãos? Que ótimo — ela vocifera. — Então estava se divertindo às minhas custas, doutor Prats, para saber quanto eu cobraria para você ou se faria de graça?

— Meg! — Ai droga, de novo não.

— Amanda, esse idiota vem aqui, come da nossa comida e se finge de bonzinho...

— Eu não fingi nada, Meg. Gostei da sua companhia e você não pareceu se incomodar com a minha — ele devolve.

— Vai se ferrar, vão vocês dois — Meg grita. O que há com ela? Por que se irrita tanto com o policial? Ela sai mancando e entra em casa, mas antes volta para encarar Liam. — E você sabia de tudo, eu com certeza perdi meu faro, achei que era um dos mocinhos — ela diz isso com o dedo indicador apontado para ele e sai. Liam não responde.

— Droga, viu o que você fez? — Eric fala com o Edward.

— Eu? Ela é a maluca e não serve para você. — Eles entram no carro e saem, ficamos Liam e eu, parados que nem duas pilastras.

— Acho que ela definitivamente não gosta do Ed — Liam conclui, como se fosse algo divertido. — E eu sou o próximo da lista.

— Desde que ele não queira prendê-la de novo. E não se preocupe, o

“*doutor*” vem antes, terá tempo de fugir. — devolvo. Oi? Eu brinquei com ele? Isso foi socializar? Sorrio para mim mesma.

— Acho que devia fazer isso mais vezes — ele fala olhando para mim, rindo abertamente.

— O quê? — Não entendi, devia o quê?

— Sorrir — ele me olha direto nos olhos. — Seu sorriso é incrível, alcança os olhos como um sorriso de criança. — Fecho a boca e fico séria — Desculpe, não quis...

— Tudo bem — eu corto e desvio o olhar. Ficamos em silêncio por um tempo e começo a ouvir portas batendo. A Meg vai quebrar a casa toda. — Tenho que entrar antes que ela destrua tudo.

— Certo, se precisar de ajuda... — ele diz, solícito, e sai. Fico olhando-o de costas. Um homem lindo, perfeito eu poderia dizer, embora não conheça a índole dele, mas tudo dá dicas de que é gentil, educado, bom moço. É assim que se fala, não? Nossa, sou tão idiota. Para de pensar bobagem, Amanda, a vida já decidiu que não existe isso para você. Você não merece... Dou um sorriso triste e vou atrás do meu Taz Mania.

Uma semana só para nós

Depois da confusão e da perna torcida de Meg nós ficamos a sós e pusemos o papo em dia. Ela insistiu em detalhes da minha busca depois de seu desaparecimento e me fez contar essa história milhões de vezes. Claro que escondi muito detalhes, afinal, do jeito que ela é, iria esquadrihar cada olhar, cada reação e ver coisa onde não tinha. Fora o fato de que ficaria preocupada com o ataque de pânico... Nós decidimos permanecer em casa, o que não é novidade para mim. Vamos ver filmes velhos e comer bobagens. A Meg diz que estamos ensaiando para nos tornarmos duas tiazonas gordas e solteiras. Eu dou risada.

— O seu vizinho sumiu? — Meg pergunta, olhando pela janela. Sigo seu olhar e vejo que a casa dele está toda fechada e não há nem sombra de uma alma viva.

— Foi abduzido — eu brinco.

— Hum, seu humor melhorou faz alguns dias. — Eu me lembro que ainda não contei do livro.

— Voltei a escrever — digo como quem não quer nada, como se fosse a coisa mais boba.

— Sério? — ela começa a gritar e pular que nem uma maluca. — Eu sabia! Ah, temos que comemorar.

— Comemoramos, lembra? O almoço? — olho para ela erguendo as sobrancelhas.

— Não acredito que levou todo esse tempo para contar, achei que era por

minhas férias... — ela se faz de ofendida, mas ainda tem um sorriso enorme no rosto.

— Eu teria contado se você não tivesse feito toda aquela confusão — acuso.

— Mamá, não vai me perdoar nunca? — Meg me olha com aquele olhar de cachorro pidão.

— Perdoar já perdoei...

— Mas esquecer nunca — ela completa. — Você é terrível. Coitado do Benjamin.

— O que tem ele, Margarete? — Já sei que lá vem encheção de saco.

— Não me chame assim — ela fala, agora realmente chateada.

— Vamos esquecer esse assunto? — eu encaro Meg.

— Vamos, ok?! Já esqueci — ela bufa. — Mas ele é seu irmão.

— Mas que droga, Meg! Ele não foi tão meu irmão quando...

— Ok, tá bom. Já entendi, ele é um panaca. Lindo, que me ajudou várias vezes e a você também, mas panaca para sempre. E só por causa de um único erro. — Eu a encaro estreitando o olhar, e ela sorri, aquele sorriso devastador — Estamos de bem?

— Sua bocó — solto, mas já estou sorrindo de volta para ela. — Vamos fazer a pipoca.

— Querida, eu mal sei fritar ovos e assar panquecas. — Realmente, Meg é péssima cozinheira, mas quem não sabe fazer pipoca? Já vem pronto, praticamente. — Eu consigo queimar a comida mesmo no micro-ondas, então, você faz, e eu olho.

E assim é. Faço as pipocas, e ela serve o suco. Voltamos para sala e ficamos o resto do dia todo assistindo séries, trilogias e coisas afins. Tudo parece dentro do normal. Passamos alguns dias assim, e as coisas parecem voltar aos eixos. Eu acordo, escrevo, olho pela janela... Espera... Oi? Olho

pela janela? Droga, eu olho sim. Sou mesmo uma idiota por ficar esperando que ele volte, mas para quê? Não quero intimidade, não vou ser amiga dele. Amiga?

— Quem vai ser amiga de quem? — Meg entra na cozinha e me pega falando sozinha.

— É sobre o livro. Estou pensando alto — tento desconversar.

— Sei, e no seu livro tem algo sobre o homem do fogo que mora na casa ao lado? — ela me encara com seu olhar mortífero. Falhei.

— Talvez — ainda insisto.

— Deixa de ser boba e admita que ele mexe com você — ela cruza os braços.

— Meg, não tem nada a ver — desvio o olhar, estou sendo esquadrihada aqui.

— Amanda Stone! — ela fala, rígida, e eu olho para ela.

— Margarete Cobalsk! — também cruzo os braços, não vou ser pressionada.

Ficamos as duas assim, sem ceder. Eu sei que ela é a vivida aqui, mas não vou ser intimidada.

— Droga, Mamá, sou sua amiga — ela retrocede na postura agressiva.

— Eu sei, não precisa lembrar, é a única que tenho — também manei na artilharia.

— Então fale, ora. — Ela puxa um banquinho da cozinha e senta.

— Não tem o que dizer, Meg — eu expiro e me apoio na bancada. — É estranho, só isso.

— O que exatamente? — Os olhos dela faíscam de curiosidade — Detalhes por favor...

— Não tem detalhes. Ele me olha diferente — assumo, por fim.

— Diferente? Bingo, eu sabia. Ele gosta de você — ela abre um enorme

sorriso.

— Não seja bocó. Ele me acha maluca — desconverso. Claro que não gosta, deve sentir pena.

— Bocó é você que tem um gato desse, solteiro...

— Não sabemos se ele é solteiro — corto.

— E você quer saber? — Droga, fui pega.

— Não, não quero. — Viro-me de costas e finjo arrumar algo.

— Sei — ela levanta e anda até onde estou. — Mas, se só por acaso ele for solteiro? — Ai, droga, o que ela quer?

— Meg, faz milênios que eu não saio com ninguém, e quero que continue assim — continuo sem olhá-la.

— Sei disso, você já é virgem de novo — ela fala, como se fosse algo absurdo. — Não pode morrer assim.

— Ótimo, por que não fazemos um leilão na internet? — proponho, irônica.

— Se você preferir, mas saiba que pode vir um velho feioso e gordo, ou pior, fedorento — ela fala, se divertindo.

— Ótimo —finjo não ligar.

— Ah, Mamá, qual é? Se abre comigo, vai. Diz que não sente nem um formigamentozinho quando ele está perto... — Droga, ela foi em cima. Eu olho para ela, finalmente. — Sente não é?

— Sinto — falo chateada quase gritando. — Satisfeita? — eu a encaro irritada e saio da cozinha.

— Espera, sua doida, deixa de bobagem, isso é normal — ela me segue, e eu sei que isso vai durar muito.

— Não, Meg, não é. Não para mim. Eu não me relaciono, lembra? Não me dou bem com as pessoas e não quero nada disso — eu a encaro, e pela forma como ela me olha, sei que sabe que estou vivendo confusão enorme dentro de

mim.

— Eu sei, Mamá, é difícil, mas pense bem. Se depois de tanto tempo você veio para o fim do mundo para sentir isso e encontrá-lo... — Ela para de falar e fica me encarando.

— O quê? — devolvo o olhar.

— Não está na hora de esquecer aquela promessa e seguir em frente? Você já pagou bem caro por tudo. — Ela espera, com um ar de que as coisas vão mudar para melhor agora.

— Eu estou seguindo em frente, trabalho, sustento-me, como, bebo, durmo... — corto o contato visual e me sento no sofá.

— Viver, Amanda, você precisa viver — ela diz, enfática.

— Como você? — Ela agora sentou-se ao meu lado — Viver com um cara diferente a cada dia, semana ou mês? — Vejo mágoa passar por seus olhos. Droga! — Desculpe, eu não quis...

— Quis sim — Meg me corta. Eu não queria magoá-la, mas ela me pressiona tanto. — Não importa, cada um reage de um jeito, e pelo menos eu estou tentando — ela diz, chateada.

— Não, você está fugindo também. Essas relações que tem são todas superficiais. Quando foi a última vez que namorou de verdade? — Ela não responde, apenas suspira. Droga, somos duas idiotas. Eu a abraço e puxo a cabeça dela para o meu colo. — A diferença é que você faz teatro para o mundo, eu não consigo.

— Obrigada por me chamar de fingida — ela se aconchega em mim. — Mas eu namoraria fácil o Marcus — começa a rir. A Meg está de volta.

— Fariam um belo casal — eu me lembro de Liam dizendo que gostou de mim... — Bobona — ligo a TV. — Hoje tem filme de terror, vamos assistir? — mudo o assunto, chega desse clima de mulheres problemáticas.

— Vamos — ela diz, sucinta, e eu procuro o canal.

O filme já começou, mas a gente não liga. É um daqueles de terror pastelão. Meg pega logo no sono, mas eu fico até o final. Depois que acaba, já quase meia-noite, eu a acordo e vamos para nossos quartos. Pego no sono assim que caio na cama. De repente, sinto um frio terrível e escuto um barulho vindo do andar de baixo. Será que Meg acordou? É um som esquisito, de algo batendo. Sento-me na cama, são três da manhã. Droga, será que Meg acordou e está lá fora? Fazendo o quê? Levanto e vou verificar. No meio do corredor, antes de descer a escada, dou de cara com Meg. Ela segura o taco de beisebol que Ben me deu quando venceu um campeonato; eu tinha treze anos na época, mas ainda o guardo. Naquele tempo, éramos unha e carne...

— O que está fazendo? — sussurro.

— Eu ouvi um barulho, acho que tem alguém aqui. Liguei para polícia tem um tempo e nada — ela sussurra de volta e faz sinal de que vai descer.

Sigo atrás de Meg, acho que devíamos ligar para a polícia de novo, mas quem poderia vir até aqui? Nós damos mais alguns passos no escuro. Embora eu conheça a casa, é estranho ficar assim tateando às cegas. Já na sala, o barulho parece mais alto e, então, vemos uma sombra abaixada, próxima à mesa da cozinha. Acho que é uma pessoa e parece grande, deve ser um homem, só pode. Parece uma montanha. Meg não espera e parte para cima dando uma paulada na cabeça do estranho que desaba para o lado. Acendo a luz depressa para ver quem é.

— Droga! Será que você o matou? Estamos ferradas. — Ela me olha com uma cara de espanto. No chão, o homem parece completamente abatido.

CAPÍTULO OITO

Um intruso

Caído, o homem dá um gemido, e nós nos assustamos. Estamos muito encrencadas. O intruso é nada menos do que o policial. Meg larga o taco de beisebol e pega gelo no congelador. Eu pego algumas toalhas e faço um apoio para cabeça dele. Ela assume as rédeas da situação e coloca a cabeça dele no colo, depois de achar o local da pancada e começar a pôr gelo.

— Devemos chamar o médico — eu digo, tensa.

— Tá doida. Não foi nada, ele tem a cabeça dura e já está acordando — ela disfarça, mas também está nervosa.

— Meg, se ele tiver se machucado... — Ele abre os olhos nesse exato momento. Gente do céu, ele é bonito. Não havia reparado, mas é sim. De um jeito sisudo, talvez por seu humor, mas bonito. É um homem grande, muito forte, tem o cabelo loiro meio mel, liso. Me vem à mente o rapaz que faz o capitão américa no primeiro filme, logo quando ele sai da máquina. O que há com essa cidade que está cheia de homens bonitos? Isso é um teste para a minha promessa, teste de fogo? *“Não lembre de fogo, Amanda!”*

— Oi — Meg diz, suave. Eu acho estranho, já que ela diz que o odeia, talvez quisesse mesmo bater nele.

— Era uma emboscada? — ele fala com a voz grossa e autoritária de sempre.

— O quê? — ela diz, surpresa. Eu apenas assisto toda a cena surreal. Meg, com o policial montanha, seu arqui-inimigo, em seu colo. Seria cômico se não fosse trágico.

— Faz um chamado de socorro e quando chego aqui a porta está aberta — ele fala, se sentando, mas leva a mão à cabeça no lugar da pancada. — Devia ter batido mais forte se queria me matar — ele a encara sério e pela primeira vez Meg parece não saber o que dizer. Suas mãos parecem trêmulas, e ela abre a boca, mas não sai som algum...

— Achamos que era um ladrão — eu interrompo, e ela olha para baixo enquanto ele volta-se para mim.

— Um ladrão? Se têm tanto medo de ladrão por que deixam a porta aberta? — ele me encara.

— Sempre deixo — eu digo, séria.

— Ótimo — ele se levanta e realmente é enorme. Quanto será que tem de altura? Talvez os músculos o façam parecer maior...

— Olha, nós nos assustamos, tá bom? Eu liguei para polícia tem um tempo já porque escutei o barulho, o que queria que eu fizesse? — Meg o encara e lá está ela de volta, no modo ataque. Teremos mais uma briga. — O que você estava fazendo embaixo da mesa?

— Não demorei nem dez minutos para chegar aqui. Não ouviu o carro? — ele acusa.

— É um carro comum e não de polícia — ela se defende.

— Eu vim de outro lugar. Não estava de plantão hoje — ele fala, mais calmo.

— Ótimo, um xerife que não trabalha — ela provoca e prevejo confusão. Eu apenas assisto tudo em silêncio e só consigo pensar que se tivermos problema, o Liam não está aqui. Mas que droga, não posso pensar nele.

— Você devia ver um médico — eu interrompo.

— Estou bem, já estive pior e sobrevivi — ele fala, como se tivesse ido à uma guerra —, e eu trabalho, sim, mas não vinte quatro horas todos os dias e se você trabalhasse também teria menos tempo para pensar bobagem, moça

— afirma, olhando para Meg.

— Meu nome é Meg, e ainda não me disse o que fazia embaixo da mesa — ela cruza os braços e o encara.

— Tinha um rato... — Ao ouvir a palavra rato, Meg pula no policial e se pendura no pescoço dele.

— Um rato? Onde? — A imagem é hilária. A Meg tem pavor de rato, e eu não a culpo depois do que passou...

— Calma, moça, com a confusão que fez ele já fugiu — ele diz, sério, mas a está segurando apertado nos braços. Ela está de camisola, e a cena parece bem íntima.

— Você jura? — ela o encara ainda sem se dar conta do quanto a cena é absurda. Eles estão bem próximos e me sinto assistindo a uma comédia romântica...

— Juro — ele a olha sério; parece que a zanga de segundos atrás passou e eu tenho certeza que ele defenderia a Meg de qualquer coisa. Estranho... Acho que todos os homens da cidade além de bonitos são estranhos. Exceto o maluco da rodoviária, aquele é só maluco mesmo. — Mas, se ele voltar, é só você bater nele com seu taco — ele parece querer sorrir, mas não o faz.

— Muito engraçado, acho que não bati com força suficiente — ela diz, se desvencilhando do abraço dele e arrumando a camisola como se pudesse deixá-la mais comprida. Oi? A Meg está envergonhada? Essa é nova.

— Já vi que estão bem e que não há nenhum problema — ele puxa um rádio do cinto e informa a alguém que foi apenas um alarme falso. — Eu vou andando, e tranquem a porta — repreende a nós duas e sai.

Isso sim é uma confusão. Fico parada olhando para Meg, que não tira os olhos da porta por onde saiu o montanha. *"Ei, amiga, acho que você tem problemas"*. Penso e sorrio por dentro. Então não sou apenas eu que fui pega por um homem do lago. Ei, o que estou dizendo? Não fui pega por nada.

Amanda, você pensa muita besteira.

— Vamos dormir — Meg fala e sua voz parece esquisita. Ela fecha a porta e dessa vez a tranca. Eu podia dizer um monte de coisas agora, mas, não. Amanhã ela vai me ouvir.

— Vamos, pelo resto de noite que temos. — Subimos as duas e entregamo-nos aos braços de Morfeu.

O dia amanhece perfeito. Já faz algum tempo que não vejo um sol assim. De fora ouvimos barulho de pessoas que estão em volta do lago. O verão está próximo e muita gente vem ao lago para se divertir. Caminho até a varanda e vejo várias delas lá fora. O telefone toca, quebrando o encanto do momento. Eu atendo e é a dona da casa.

— Olá, Amanda, como está? — ela pergunta, gentil.

— Bem, senhora Ashworth. Algum problema? — Ela nunca liga.

— Não, querida, apenas queria saber como está. Cidade pequena, sabe como é. Disseram que teve um problema ontem e que chamou a polícia. — Droga, a cidade é pequena mesmo.

— Não foi nada, senhora Ashworth, apenas um mal-entendido. O xerife veio e ficou tudo bem. — Tento ser agradável, o meu psicólogo disse que socializar é dizer muitas vezes o que as pessoas querem ouvir só para sermos agradáveis. Eu acho isso bobagem, afinal, o que ela tem a ver com tudo isso? Mas...

— O xerife? — ela parece surpresa. — Normalmente é o Alvin que atende esses chamados, ainda mais ontem que ele foi visitar a esposa. De qualquer forma, o Edward mora aí perto, então...

— Eu não sei dizer. — Ficamos em silêncio por alguns segundos. Ele é

casado? A esposa não mora com ele? — Foi apenas um rato.

— Ah, claro. Nessa época eles estão se reproduzindo. — Sinto que ela sorri. — Ele deve ter ouvido o chamado no rádio quando voltava para casa. De qualquer forma, não vou mais atrapalhá-la. E me chame de Alice, querida. Tenha um bom dia — ela se despede, solícita. Sei que ela ligou só para sondar, mas o que eu podia fazer?

— Quem era? — Meg me pergunta com a voz ainda sonolenta, afinal, acabou de levantar.

— A dona da casa — eu sorrio, maneando a cabeça.

— Seu círculo de amizades está crescendo, hein?! — ela sorri para mim.

— Ela queria saber do seu xerife — provoco.

— Ai, Amanda, logo cedo, não. Ele não é meu — ela faz uma cara emburrada.

— Você pareceu bastante preocupada com ele ontem —sigo para cozinha, preciso de café.

— Claro, quase rachei a cabeça do homem. Ou pensei que tinha feito isso, porque ele tem uma cabeça de pedra — ela diz, parecendo lógica.

— Pensei que tinha gostado da cabeça dele, você a estava segurando com o maior cuidado em seu colo — insisto, se ela pode fazer comigo, posso fazer o mesmo com ela.

— Engraçadinha você, acordou de bom humor? — Ela pega a xícara que servi para mim.

— Ei?

— Primeiro as visitas — ela sorri, divertida.

— Admita que ele mexe com você — eu a encaro.

— O que é isso? Vingança? — Meg para com a xícara na metade do caminho até a boca.

— Não, compartilhamento.

— Você não compartilha muito sobre o Liam. — Ela me dá um arquear de uma sobrancelha. Touché.

— Muito bem, eu me rendo — ergo as mãos no ar.

— Ele me irrita, só isso — diz ela, depois de beber alguns goles.

— Por quê? — eu insisto.

— Sei lá, porque ele é chato, cheio de si, parece aquelas velhas de igreja e fica me olhando como se eu fosse um demônio pecador — diz ela e não consigo conter o riso. Meg nunca se importou com o que achavam dela.

— Ele é casado — solto a bomba. O que mais posso dizer? Ela tem que saber.

— O quê? — ela me olha estupefata. Acho que isso a incomodou. É, Meg Cobalsk, você foi fígada — Quem se importa com isso? Você está parecendo aquelas velhas fofoqueiras. Por que não vê se o Liam já voltou para casa? A janela é logo ali. — Edward definitivamente mexe com ela.

— Muito bem, “*demônia*”, está fazendo um dia incrível lá fora. Vamos respirar ar puro? — eu pergunto, espantada com minha própria sugestão. De qualquer forma, acho que precisamos. Além do que, vamos mudar esse assunto sobre homens, está muito complicado.

— Engraçadinha, nós bichos da escuridão não curtimos sol — ela sorri para mim, relaxada pela mudança de pauta.

— Sério? Acho que mudamos de corpos. Eu querendo sair e você querendo ficar em casa? — eu sorrio de volta.

— Não trouxe roupa de banho, achei que era um lago gelado — diz ela, desanimada.

— E é, mas começou o verão, tem gente lá fora, você gosta de gente — aumento meu sorriso.

— Sabe que adoro ver você assim, sorrindo. Devia fazer mais isso — ela diz, pegando um pedaço de pão. — Seus olhos se iluminam que nem os de

criança. — Fecho o sorriso de repente. — O que foi?

— Nada — desvio o olhar e vou pôr a xícara que usei na pia.

— Sério, o que foi? — ela insiste.

— O Liam disse a mesma coisa — paro, olho para ela e vejo aqueles olhos terríveis crescerem quase ao tamanho de pratos. — Bem, não dessa forma.

— O que ele disse exatamente? — ela faísca de curiosidade.

— Que meu sorriso alcança os olhos que nem os de uma criança e que...

— Quê? — Ai, que droga, eu e essa minha incapacidade e fingir. Agora serei analisada pelo raio x Meg.

— Que é incrível — eu falo de uma vez; ela ia acabar extraíndo mesmo.

— Não sabia que tinham evoluído tanto — sorri, maliciosa.

— Não evoluímos em nada — retruco, zangada.

— Ok, calma. Pelo menos você conversa com ele — olha para mim, divertida — Lembro que ignorou o Fred por semanas até ele desistir.

— Liam estava me ajudando com seu “*sumiço*” — eu digo, séria.

— Então, enquanto eu morria de dor e era sequestrada pelo brutamontes, vocês riam na floresta? — ela finge irritação.

— Acho que você adorou o sequestro — devolvo a provocação.

— Chega dessa conversa. — O quê? Meg não quer conversar? Esse policial mexe mesmo com ela. — Vamos até a cidade comprar uns maiôs bem cafonas do interior e pegaremos sol, como você sugeriu.

— Perdi o interesse. — Viro-me de costas e sorrio porque sei que ela não pode ver.

— Ah, não, Mamá, por favor, eu prometo me comportar e não falar do Liam, juro — ela diz, mimada.

— Muito bem, mas sem conversas sobre homens, sair com homens, conversar com homens e ...

— E homens. Entendi — ela brinca, batendo continência.

Saímos para o centro em busca das roupas de banho de velho, como diz Meg. Ela tem certeza que em um interior como esse, só acharemos maiôs enormes e cor de rosa com bolinhas. Eu me sinto feliz, porque depois de tanto tempo vou sair para comprar bobagens e passear com minha amiga, como duas mulheres normais. Sei que parece besteira, mas vir para cá, passar esse tempo, ser forçada a conhecer essas pessoas e todas as pequenas confusões até agora, estão mudando algo em mim. Sinto isso, embora não queira admitir e esteja um pouco assustada também. Mais tarde vou ligar para meu psicólogo pelo Skype, sei que é antecipado, mas preciso tirar umas dúvidas. Eu, socializando, quem diria? Se bem que sou bastante desajeitada, mas acho que me saí bem com a dona da casa ao telefone...

Biquínis e palmadas

Fomos às compras apenas à tarde, pois eu tinha uns capítulos para escrever, e Meg ficou fazendo qualquer coisa na internet. O sinal na casa do lago é péssimo. Por fim, almoçamos algo rápido e saímos. Rodamos todas as lojas existentes, até finalmente acharmos dois biquínis que, segundo Meg, eram perfeitos. Na verdade, eram dois pedaços minúsculos de pano, e eu não fiquei confortável com isso. O dela era na cor vermelha. Por que será, né? O meu, ela insistiu em branco, disse que fica bem com meu tom de cabelo e olhos. Quem combina biquíni com os olhos? E os meus são sem graça. Enfim, não vou usar e, se vestir, ficará por baixo de short e camiseta eternamente. Tentei comprar um maiô, mas ela me proibiu. Tenho uma amiga maluca, e olha que sou eu que tomo os remédios.

Saímos sorrindo que nem duas bobas e andando, já que o carro não estava estacionado muito longe. Enquanto caminhamos vejo um grupo de rapazes que conversam animados. Todos fardados, são bombeiros. Meu coração quase para com a possibilidade de Liam estar lá. Paro de sorrir, e a Meg percebe. Quando nos aproximamos mais, vemos que um dos homens não é bombeiro, mas o xerife. Eles são cinco, e o Liam não é um deles, eu relaxo.

— Olá, ruiva! — Marcus. Ótimo, não iremos embora tão cedo. — Pensei que nunca iria te ver de novo.

— Por quê, gato? Eu não sou do tipo que foge, e você sabe perfeitamente onde me encontrar. — Ótimo, Meg no modo ataque. Marcus alarga o sorriso, e os rapazes olham dele para Meg. Apenas o policial faz cara de poucos

amigos.

— Não sabia se podia aparecer de surpresa, você não deixou seu número.

— Ele se aproxima, e eu noto o maxilar do xerife trincar. Hum...

— Não seja por isso, *dou* agora — ela enfatiza a palavra *dou*. Meg vai para inferno, eu sei. Os rapazes estão bastante animados, e Marcus está bem próximo agora. — Tem uma caneta?

— Ed, me consegue uma? — ele sorri e vira para xerife.

— Compre as suas próprias canetas, Petri — o montanha fala, sisudo. Eu sabia que vinha encrenca por aí...

— Não seja ranzinza, amigo — Marcus brinca.

— Ranzinza é um eufemismo, gato. Ele é ...

— Por que não vão miar em outro lugar, arranjem um quarto. — Quando o montanha diz isso, Meg fica roxa. Ai, Deus, lá vem barraco.

— Qual o seu problema? — Ela vai para cima dele, que devolve o olhar irritado.

— Meu? Nenhum, quem tem problemas é você. Não consegue achar roupas do seu tamanho e age como se estivesse no cio o tempo todo. — Merda, isso não vai prestar.

— Vamos embora Meg —seguro o braço dela.

— Embora? Surtou? Esse imbecil não pode falar comigo assim. — Ela se solta do meu aperto.

— Qual é, xerife, não precisava exagerar. — É Marcus quem assume a discussão.

— Se você se distrai com esse tipo, o problema é seu, Marcus, mas arranje um quarto, o motel nem é tão caro. — Droga, ele pegou pesado.

— Qual é o seu problema Ed, é assexuado? — Marcus fala, e os dois homens estão cara a cara agora. Briga de homens? Pelo menos não é com a Meg.

— Não, mas acho que a mulher dele não trabalha direito — Meg solta, e eu vejo o xerife olhar para ela com ódio queimando no olhar. Eu me encolho com medo, sei o que acontece quando um homem fica assim. Ao mesmo tempo todos olham estranho para Meg, parece que ela falou o maior absurdo. O montanha se aproxima de Meg, ficando cara a cara com ela; e ele parece enorme.

— Minha esposa não é assunto para uma mulherzinha que nem você — ele fala por entre dentes.

— Mulherzinha, eu? Quer saber? Tenho pena dela, você deve ser um gay enrustido, e ela deve sofrer horrores. — Meg, qual o seu problema? Não tem medo de morrer?

— Meg, por favor — eu insisto.

— Eu sou gay por não querer uma mulher qualquer como você? Moça, eu não como restos. — Ai... Meg estala a palma da mão bem no rosto dele, em cheio. Segunda vez, “*vamos morrer agora*”. O montanha, então, a segura pelo braço e a algema.

Em questão de segundos, uma tarde feliz torna-se para uma loucura e lá estamos nós de novo, além da imaginação. Não sei o que fazer e não sei a quem pedir ajuda. Agora ela com certeza vai presa, e eu não posso impedir. A delegacia fica apenas algumas casas à frente, e ele começa a caminhar empurrando Meg.

— Me solta, seu maluco, tarado, louco — Meg grita e se sacode, e num desses impulsos choca a cabeça contra o nariz dele. Vejo o sangue escorrer. Ele a põe sobre o ombro, e eu sigo atrás, desesperada. Marcus vem comigo.

— Calma, Ed, ela só...

— Fique fora disso, Petri, se não quiser ser preso e perder sua licença de bombeiro. — O xerife vocifera, e Marcus parece obedecer. E quem não obedeceria? Droga, estamos encrocadas. — E você fique bem aí — ele diz

para mim quando chegamos a um corredor da delegacia.

Ele se senta num banco de madeira em frente ao balcão de entrada. Estou em pé feito uma estátua sem crer no que vejo. O que ele vai fazer? Eu escuto o estalar de algo, são tapas. Logo em seguida vejo a cena mais absurda. O xerife pôs a Meg sobre seus joelhos e está dando palmadas nela. Sério? Começo a sentir que não estou mais lá; minha respiração se torna algo quase impossível e tudo parece acontecer em uma fração de segundos. Saio do estado de letargia para o de pânico total e, então, grito.

— Solta ela, seu ogro, monstro, monstro... O que acha que está fazendo? — Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e nesse instante sinto uma presença ao meu lado. Alguém me erguendo do chão. Eu estava sentada? Não lembro de ter caído de bunda... Achei que estava reagindo bem, de pé, enfrentando o monstro.

— Merda, Ed, o que tá fazendo? — Eu escuto uma voz conhecida. É Liam, e ele também está fardado, veio acompanhado de Marcus e dos rapazes da rua. Foi ele quem me levantou do chão. — Calma, Amanda. — Ele olha para um dos policiais atrás do balcão que também assiste à cena, boquiaberto. — Antony, traz água para ela. — Então, volta a olhar para mim. — Apenas respire — ele diz, próximo ao meu ouvido e é como se o comando que me dá ligasse algum botão antes defeituoso em minha cabeça. Começo a pensar melhor. Ele me olha nos olhos e põe alguns fios de cabelo soltos atrás da minha orelha.

Ao mesmo tempo em que eu, assim que ouve a voz de Liam o xerife parece cair em si e solta Meg, que cambaleia sem apoio, porque ainda está algemada. Mesmo assim ela não cai. Seu rosto está pegando fogo, e eu vejo seus olhos faiscarem com ira. O xerife se levanta e passa a mão pelos cabelos num gesto de nervoso e então leva as costas da mão ao nariz que ainda sangra.

— Você ficou doido, cara? Não precisava...

— De quê? Dar uma boa lição que os pais dessa garota mimada não deram a ela? — Ed corta, ele ainda está irritado. — Olha a cena que ela fez, olhe para o meu nariz!

— Meg, você está bem? — Corro em direção a ela e olho de volta para o montanha. — Monstro — sai sem querer, mas fico satisfeita, ao menos reagi de alguma forma. Ele parece constrangido agora ao me ver olhá-lo assim. Meg tem lágrimas molhando sua face, e eu começo a enxugá-las. — Tá tudo bem agora, Meg, o Liam tá aqui. — Eu disse isso? Como posso ter segurança nesse cara? O Liam faz um gesto negativo com a cabeça olhando para o amigo policial.

— Sério que você apanhou dela? — Liam o encara rígido. — Acho que está contribuindo para cena tanto quanto ela, Ed —repreende.

— Não foi nada demais, apenas uma lição, Liam. O que os pais não ensinam em casa, se aprende na rua —tenta se justificar, mas acho que nem ele acredita nisso.

— Imbecil, meus pais morreram quando eu tinha cinco anos! — Meg grita e sai da sala que nem o diabo foge da cruz. Eu ainda fico alguns segundos, a tempo de ver a expressão do xerife assumir um ar de culpa.

Sigo atrás da minha amiga e estaco na porta. Eu poderia ter feito mais, gritado, batido nele enquanto ele a arrastava, mas bloqueei. Aquele dia terrível veio à minha mente na hora, e eu...

— Amanda? — Meg está parada à minha frente, me chamando como se quisesse acordar-me. Pisco algumas vezes e olho nos olhos dela. — Você está bem?

— Eu? Foi você que acabou de... — começo a chorar em soluços — Desculpa, Meg, eu travei... Eu devia...

— Ei? — Eu a abraço e só então noto que ela ainda está algemada. — Não

seja tola, ele é um ogro gigante, e eu não culpo você por nada. Conheço homens assim e não devia tê-lo provocado.

— Isso não justifica ele te bater. — Olho para minha amiga. Ela que foi agredida e ainda me consola.

— Ah, Mamá, foram só algumas palmadas, ele nem bateu forte, sabia? — ela sorri, mesmo com o rosto molhado de lágrimas. — Se ele quiser me machucar tem que fazer mais do que isso. Você sabe, eu aguento bem mais. — Eu sei tudo que ela passou, mas não quero que ela pense assim, ninguém deve ser tratado dessa forma.

— Não, não aguenta não, e se ele tentar tocar em você de novo, eu que vou bater nele com o taco do Ben —digo, abraçando minha amiga.

— Quero só ver a cena — ela sorri — Ei? — ela me força a olhá-la — Ele só queria me humilhar, Mamá, juro que não me machucou. De verdade, foi mais uma cena.

— Você está bem? —pergunto a observando.

— Sim, sério, foi mais o susto da audácia daquele brutamontes. Imagine só, me tratar que nem uma garotinha — ela aumenta o sorriso. — Eu sou forte, pode relaxar, sou eu quem protege nós duas, lembra?

— Você ainda está algemada — eu falo isso e olho na direção da delegacia para ver Liam, que vem em nossa direção.

— Aí vem seu príncipe — ela brinca, e eu coro. Sério que ela ainda tem cabeça para isso?

— Esperem, Meg, Amanda... — É Liam quem fala. Ele se aproxima e solta a algema. Meg massageia os pulsos. — Você está bem? — ele diz, olhando para Meg. — Ele não é assim ...

— Poupe as desculpas, príncipe, eu sei bem o que ele é — Meg responde, ativa. — Mas eu sou forte, ele precisa de mais do que isso para me machucar de verdade.

— Não precisa, não — eu falo, rígida. — Se ele tocar de novo em você eu juro por Deus que ele vai perder as mãos. E eu cumpro minhas promessas. — Não sei de onde vem essa força toda dentro de mim, sempre fui de correr. Meg e Liam me olham surpresos.

Ela é forte, eu sei. Naquele dia difícil, se não fosse a Meg eu não estaria aqui para contar a história. E pensar que depois de tudo que ela passou, perder os pais, ficar de lar adotivo em lar adotivo, sofrendo abusos e crescer em um abrigo de menores, ainda é forte, mas no fundo também tem um coração. Só de pensar em tudo isso sinto algo crescer dentro de mim. Ela sempre esteve aqui para mim, e vou estar aqui por ela. Eu que sempre tive família e sempre precisei ser protegida. Meg sempre encarou tudo, mas hoje, ao ver minha amiga assim, percebo que a minha família de verdade sempre foi ela e sou capaz de dar minha vida para que a Meg nunca mais sofra. Não vou deixar um idiota qualquer machucá-la. Nem que isso custe a minha vida, porque com o tamanho que ele tem... *“Estou aqui, Meg”*, penso enquanto seguro a mão dela firme e a puxo, caminhando até o carro. *“Essa foi a última vez que alguém abusou de você”*.

Internet minha de cada dia

Já se passaram alguns dias desde que o monstro — é, eu o chamo assim em pensamento, não mais de montanha, enfim — fez aquilo com Meg. Desde que chegamos em casa não falamos mais do assunto. Acredite ou não. Meg ainda pôs o biquíni no fim da tarde e foi para o lago, e eu, claro, fui junto. Devia isso a ela. Não tinha muita gente, porque ainda não é período de férias escolares, então, as poucas pessoas que vieram pela manhã foram embora cedo.

É final de tarde, e eu estou brigando com a internet que é péssima. Meg disse que ia tirar o cochilo de beleza, mas sei que está cansada porque resolvemos limpar a casa. Ela fez mais bagunça que tudo, por isso a coloquei para pôr tudo de volta no lugar. Meg mal lava um prato.

Insisto na internet, e nada. Meu telefone toca e eu atendo.

— Oi, André — meu editor. Deve estar uma fera.

— Oi, minha cabeça de ouro, sei que não devo te pressionar, mas precisamos do livro, não se vive de brisa, sabe disso. — Ele é um senhor de cinquenta e poucos anos, grisalho, bem apessoado, mas nos vemos pouco. Normalmente pelo Skype e mantemos contato por e-mail e telefone.

— Claro que sei, senhor, mas a inspiração não tem hora...

— Chega disso, Amanda, o que você precisa para voltar a escrever? — ele fala, enfático.

— Que tal paciência? — Dou risada, e antes que ele tenha um enfarte eu prossigo. — Apenas acalme-se ou a Bertha vai achar que eu matei você do

coração. Saiba que estou tentando mandar os primeiros capítulos do novo livro do Doutor Bo.

— Sério? Quantos? — ele diz, esperançoso.

— Alguns, agora pare de me pressionar, tenho que terminar aqui para enviar o arquivo — eu digo, séria.

— Muito bem, minha pérola, fique tranquila que eu não ligarei de novo, desde que mande o e-mail hoje — ele frisa bem o “*hoje*”.

— Ok, senhor. — Ele desliga e eu torço os lábios. Já sei, o Hique entende de net. Disco o número dele, que atende depois de duas chamadas.

— Alô, bruxa dois — ele é ridículo, eu sei. — Cadê a bruxa um?

— Muito engraçado, haha. Agora deixa de bobagem e me diz o que faço pra net funcionar — corto as bobagens.

— Oi pra você também, eu também estou bem — ele se chateia. — Só porque não sou seu amigo gay, não quer dizer que pode ser grossa comigo. — Hoje ele está terrível e, sim, ele é gay.

— Eu não tenho amigos, muito menos gays. Agora, por favor, ajude-me com isso que depois eu pergunto tudo do seu dia. — Estou implorando aqui!!!

— Claro, bruxa... — ele me diz várias coisas e nada resolve. — Já pensou em verificar os cabos?

— Os cabos? — Como não pensei nisso?

— Sim, você mora no meio do mato, vai que algum bicho comeu, sei lá — ele diz, todo seguro de si.

— Claro, de qualquer forma, obrigada — agradeço, chateada pelo meu problema. Se tiver que mexer nos cabos... André vai me matar.

— De nada, é bom saber que ainda conserva um pouco de educação — Hique diz, sarcástico.

— Quem é? — Meg aparece com a cara amassada e de pijamas. Short e

camiseta, azuis.

— O Hique — movo os lábios apenas.

— A bruxa mor está aí? – Ele ri do outro lado da linha. Nós somos amigos desde sempre, Meg teve um rolo com ele, mas não foi adiante. Ele se definiu, e eu o admiro por isso. Num mundo tão intolerante, aceitar-se mesmo sendo diferente da “*ordem*” mundial é uma prova de coragem. Enfim, desde então eles trocam “*gentilezas*”, mas, apesar disso, quando o outro não está por perto falam bem um do outro e até se defendem. Sei que se amam, e ele é a segunda pessoa do mundo para Meg. Eu sou a primeira, claro.

— Está, eu te ligo para dizer se funcionou — sorrio, relaxada.

— Copiado, bruxa dois, dá um beijo na um por mim. — Desligamos e eu vou para meu intento. Encaro Meg.

— Que foi? — ela ergue as sobrancelhas.

— Preciso de ajuda — aumento meu sorriso.

— Nem inventa — ela ergue as mãos e vai afastando-se.

— Não é para cozinhar e nem limpar, é uma coisa que você sabe fazer — aproximo-me mais.

— O quê? — ela me olha estranho.

— Eu vou mexer nos cabos no telhado, e você fica com o note dizendo se o sinal melhora — olho para Meg como se o que eu disse fosse óbvio.

— Isso não vai prestar — ela faz uma careta.

— Vai sim, deixa de ser chata — devolvo, dando língua.

— Vê se não me quebra esse pescoço, ou pior, o telhado. — Ela ri e eu que faço uma careta agora.

Ela senta na varanda, e eu saio por uma janela pequena do andar de cima. Estou de vestido e descalça, o telhado é meio escorregadio. Penso que deveria ter trocado de roupa, mas já estou aqui, então vai assim mesmo. Vejo o fio, e ele está embolado. Aproximo-me e percebo que está folgado na

conexão. Bingo! Achei o problema. Encaixo-o e dou uma olhada aqui de cima e então eu vejo o Liam. Ele está na frente de casa, com o peito nu, aqueles tênis de trilha e tem uma camisa amarrada na cabeça. Engulo em seco e ouço Meg gritar.

— Pegou! Perfeito! — eu me desequilibro e lá estou eu pendurada de cabeça para baixo com a perna presa nos fios. — Meu Deus, Amanda, segura. Segura que eu vou te ajudar.

Claro que Meg não vai conseguir me soltar. Eu sei que estou roxa de vergonha agora porque esse maldito vestido desceu e minha calcinha está toda de fora.

— Anda logo, Meg! — grito.

— Vou pegar uma escada! — ela grita em resposta, de algum lugar da casa.

Ela sobe e tenta me tirar, mas não consegue. Pensamos dela vir pelo mesmo lugar que eu, mas da escada ela vê muitas telhas fora de lugar, vai ser um desastre, Meg não sabe fazer essas coisas. Começo a me desesperar e prendo o vestido no elástico da calcinha, não poso ficar assim.

— E se cortarmos o fio? — indago.

— Tá doida? Sua perna solta de vez e você cai de cabeça.

— Precisam de ajuda? — Eu escuto a voz e gelo. Droga.

— Arruma o meu vestido — sussurro, e Meg ajeita o melhor que dá, mas ele não cobre muita coisa. Apesar disso, Liam parece olhar apenas para o meu rosto. Fecho os olhos, vou morrer, mas de vergonha.

— Precisamos, sim. Amanda prendeu a perna nos cabos de cima da casa — Meg fala, com um riso estranho no rosto. Assim que eu descer daqui vou matá-la.

— Tudo bem. Pode descer da escada para que eu suba, Meg? — ela obedece. Ele sobe e está sem camisa ainda. Deus, vou morrer hoje. Ele exala

um cheiro de suor, óleo, madeira e grama aparada. Eu sei, é loucura, mas é uma mistura perfeita nele. — Muito bem, Amanda, a notícia boa é que você vai viver. — Ele está rindo de mim? Idiota.

— E qual é a má? — indago sem abrir os olhos.

— Vai perder alguns desses cabos aqui — ele diz, sorrindo. Sei disso porque estou de frente para o peitoral dele e sinto-o trepidar. Idiota, idiota.

— Não importa — finjo indiferença.

— Muito bem, vou dizer o que vai fazer. Você vai abraçar meu tronco...

— Eu não vou tocar em você — enfatizo.

— Qual o seu problema com toque? — ele diz e abaixa para olhar para meu rosto. — Abra os olhos, não seja infantil! — Oi? Por que está falando assim comigo? Abro os olhos num reflexo. — Viu? Não doeu.

— Não importa, ainda não vou tocar em você — eu afirmo.

— Então espero que tenha uma noite agradável aí no telhado — ele diz e faz menção de descer. Ele vai me deixar aqui? Eu seguro a única coisa que consigo nesse momento, os cabelos dele. São macios. Droga, são muito macios. — Ai!

— Não me deixa aqui, eu pego em você, eu o toco. — Agora eu sou a idiota, voltamos aos papéis reais.

— Tudo bem, mas não precisa me deixar careca — ele diz, rindo, e segura minhas mãos. Estão geladas em contraste com as dele, incrivelmente quentes. — Viu, estou tocando em você e não dói.

— Tá, não precisa narrar — eu corto, e Meg está rindo, posso ouvir daqui.

— Então... você vai me segurar pelo tronco e quando eu soltar os fios você inclina suas pernas sobre meu ombro. — O quê? Com meu bumbum para cima? Pode preparar o caixão. — Entendeu?

— Não sou burra! — Claro que entendi: vou me atracar com você e expor minha bunda para os céus.

— Não, só emburrada — ele ri de mim de novo. — Agora segura. — Eu seguro e sinto quando minha perna se solta. Na agonia, passo as pernas, mas não no ombro e, sim, nos ombros. Uma de cada lado, estou com as pernas arreganhadas e ele com a cara bem no meio. A Meg solta uma sonora gargalhada. Você assinou sua sentença de morte, Margarete. — Calma, lutadora, vou arrumar você. — Ele me ajuda a passar a perna de modo que fiquem as duas de um lado só. Estou quase que totalmente sobre seu ombro — Agora vamos descer. — Eu me aperto com mais força ao tronco dele. — Calma, não vou deixar você cair. — Espero que não.

Assim que chegamos ao chão, ele me põe de pé. Sinto-me meio tonta, e ele me segura pela cintura. Abro meus olhos, que só agora percebi que mantive fechados, até chegar no chão. Meu estômago gela quando dou de cara com aqueles incríveis olhos cinza. Engulo em seco.

— Muito bem, lutadora, venceu mais essa. — Por que ele me chama tanto assim?

— Obrigada — Meg entra na conversa e fala em meio ao riso. — Esse esquilo cismou de ficar no meu telhado.

— Muito engraçado, quero ver você rir quando eu te der razão para jantar hoje — falo e saio muito irritada, vermelha como um tomate de vergonha da cena na qual atuei agora há pouco.

— Ela realmente não gosta de contato. — Escuto a voz do Liam. Não vou muito longe, eles estão conversando e quero ouvir, porque sei que é sobre mim. Me condene quem quiser.

— Ela gosta, sim — Meg fala. Traidora. Posso vê-los pela fresta da cortina. — Só vá com calma, homem do fogo!

— Vai me contar por que ela reage assim? — Ele olha para ela, sério, e eu percebo que o cheiro dele está impregnado em mim. Inferno!

— Não, mas pode perguntar a ela quando quiser — Meg põe a mão na

cintura.

— Ela nunca me diria — ele fala. É isso mesmo, senhor vampiro, nem tente hipnotizar Meg, ela pode ter todos os defeitos, mas é leal.

— Então nunca vai saber... se não tentar — ela pisca para ele. — Vou entrar para tentar reverter essa história de razão.

— Ok — ele sorri e acena para mim. Merda, ele me viu? Viu, sua bocó! Eu quase caio sentada.

Perdoar e esquecer?

Tomo um banho a contragosto. O cheiro dele em mim tem um misto de prazer e tortura. Lembro que fiz uma promessa, mas não estou me envolvendo. Tá, estou. Mas é platônico, então, não conta. Desço, e Meg está muito séria comendo algo que parece um chiclete de macarrão. Sinto pena, mas ela deveria proteger-me e não me jogar para Liam. Vou para a sala e abro o notebook; é então que percebo que o cabo cortado foi o da porcaria da net. Agora não sei o que fazer. Levanto os olhos, e Meg está com aquelas esferas escrutinadoras miradas em mim.

— Sem internet? — ironiza ela.

— Estou, Meg — digo, seca. — E preciso mandar isso ainda hoje para o André.

— Seu vizinho tem — ela fala e senta-se no sofá ligando a TV. Vou até o escritório, pego um pen drive e copio o arquivo.

— Você iria até lá para enviar para mim? — pergunto. Não custa tentar; sei que ela está chateada, mas somos amigas.

— Não, seu vizinho, seu trabalho, seu problema. — O quê?

— Você sabe que eu não posso. Não depois da cena de hoje — olho para ela, suplicante.

— Aí é que pode, eu que não posso depois de me envenenar com aquele grude. — Ela nem me olha. Vingativa!

— Sério? Não vai me ajudar? — fico parada, olhando para ela.

— Eu fiz meu jantar — ela fala, como se fosse a pior coisa do mundo.

Pelo menos parecia mesmo. Droga, ela está me desafiando.

— Vai fazer seu almoço amanhã também — ela me olha, surpresa, e então sorri.

— Eu vou sobreviver. — Ela não vai ceder. Quer saber? Dane-se. Não posso parecer mais idiota do que hoje cedo.

— Muito bem — levanto e vou em direção à porta.

— Vá pelo chão, Batman. — Ótimo, ainda faz piada.

— Não se preocupe comigo, mulher aranha. — Bato a porta.

Agora estou de calça e camiseta com um casaco de linha por cima. Nada exposto, estou segura. Paro no caminho para confirmar que estou calçada. Sim, tênis de tecido, tipo sapatilha. Caminho com o pen drive apertado na mão. Bato à porta, e a visão que tenho me dá vontade de gritar. Liam atende à porta apenas com uma toalha enrolada na cintura e com outra menor que ele esfrega nos cabelos para secá-los. Morri de verdade agora. Paro como uma estátua e de boca aberta.

— Pensei que era a pizza — ele me olha, surpreso.

— Não. Sem pizza — falo, tal qual um robô.

— Percebi — ele ri. Droga, não ria. — Entra. — Ele deixa a porta aberta e vai para o interior da casa. Como assim, entra?

Fico parada na porta um por tempo e lembro de Meg rindo de mim. Você consegue, Amanda. Dou um passo vacilante para dentro e depois outro até que estou em pé no meio da sala. Ele não demora, retorna de calça jeans clara, camisa de malha preta e descalço. Ele deve ter uma coleção dessas. Os cabelos ainda estão úmidos e tem aqueles olhos incríveis. E tem pés bonitos. Oi? Eu estou olhando os pés dele? E o cheiro que ele exala é incrível, algo como terra molhada depois de chuva, com algo amadeirado e cítrico. Inferno! Você não pensa em homens assim há séculos, Amanda, qual o seu problema? O problema é que não vejo homens assim há séculos...

— Quer vinho? — ele oferece, indo até bancada da cozinha onde tem uma taça pela metade. Liam pega outra e então eu volto a raciocinar, quase que normalmente.

— Eu não vim aqui para beber com você. — Sai mais ríspido do que eu pretendia.

— Estou apenas sendo educado — ele me olha, mas não parece chateado. — Por que não fazemos assim: você diz o que veio fazer e decidimos se o vinho entra ou não na história? — ele sorri de lado, e meus joelhos tremem. Sério que ele ainda tem mais sorrisos diferentes para me enlouquecer? Será que está flertando comigo? *“Não faça isso”*.

— Ah... Eu... — Fecho os olhos com força para me obrigar a pensar. Então, abro-os e falo. — O cabo que cortou era o da internet — falei, ponto para mim.

— Desculpe, mas eu avisei. — Ele bebe um gole do vinho de forma relaxada e apoia o quadril na bancada.

— Eu não vim reclamar — digo, séria, e sinto que o pen drive já quase entrou em minha mão e logo vai sair do outro lado.

— Não? — ele bebe outro gole.

— Não. — Droga, ele podia oferecer a internet dele logo, não? — Vim pedir o seu cabo emprestado. Preciso do seu cabo. — Oi? Cabo? Ficou doida? Ele ri e quase engasga com o vinho. — Quero dizer, sua internet. Eu preciso de sua internet.

— Entendi — ele me olha com um ar divertido. — Vou pegar o computador, pode sentar, se quiser — ele faz um gesto, indicando o sofá no canto da sala. É um sofá incrível, parece bem confortável. Homens sabem escolher sofá? E isso importa, sua bocó?

Ele não demora e retorna com um notebook. Estende-o para mim, e eu o abro na mesa de centro, sentando-me na ponta do sofá. Uma imagem pisca na

tela, um senhor que tem os mesmos olhos dele, uma senhora bastante bonita, uma mulher mais jovem, eu acho, e dois dele. Espera? Dois? Ele tem um irmão gêmeo? Ótimo, inferno em dobro. Olho para ele, surpresa.

— Desculpe, tem senha. — Ele se aproxima de lado e fica entre mim e o computador. Tento me afastar o máximo que posso, mas o cheiro dele invade minhas narinas. Longa noite... — Pronto.

Acesso o meu e-mail, e é bem rápido. Anexo o arquivo e quando clico em enviar ouço alguém à porta. A pizza chegou, então, ele sai para receber e leva até a cozinha. Termino de enviar o arquivo, ejeto o pen drive e vou até ele agradecer e me despedir. Então, vejo que a mesa está posta para dois.

— Obrigada — falo, sem jeito. Ele deve estar esperando alguém.

— Acompanha-me? — ele ergue as sobrancelhas, me encarando.

— Eu? — Não, anta, tem mais dez pessoas na sala.

— Sim, você — ele ri. De mim, é claro.

— Não acho uma boa ideia. — Não? Por quê?

— Prometo não tocar em você, a não ser que esteja em perigo — ele diz, com um olhar divertido, mas seus lábios parecem sérios.

— Eu...

— Vamos lá, Amanda, não somos mais tão estranhos assim e é chato comer só. O Ed viria, mas ...

— O monstro. — Opa, saiu sem querer.

— Ele não é tão mau. Amargurado, mas não malvado — ele fala, com pesar.

— Sério? — eu o olho, sarcástica.

— Sabe, a mulher dele morreu, e ele não superou — ele diz, sentando e se servindo.

— E por isso ele sai espancando outras mulheres — cruzo os braços.

— Não foi assim... — ele inspira e larga os talheres. — Muito bem, ele

exagerou, mas se quisesse mesmo espancar Meg...

— Eu sei — corto a desculpa esfarrapada. — O que não justifica toda a cena. Ele é preconceituoso, grosseiro, rude...

— Entendi — ele ergue as mãos no ar em sinal de rendição. — A gente pode conversar de outra coisa, então? — Ele espera, e eu fico apenas olhando aquelas duas esferas cinza. — Não me deixe comer só.

— Achei que fazia isso sempre — falo, ainda em dúvida.

— Mas hoje é pior — ele diz, com uma nota de tristeza no olhar.

— Por quê? — a curiosidade me mata.

— É meu aniversário. — Sério? Eu me sento na hora, e ele sorri. — Obrigado.

— O que tem de ruim em ser seu aniversário? — Maldita curiosidade de escritora.

— Então você é curiosa. — Uma afirmação bem observada, feita enquanto ele come um pedaço da pizza. — Aniversários são sempre ruins quando ficamos mais velhos — ele sorri relaxado, e seus olhos parecem escurecer. Ai, Deus, ele não vai contar?

— Você não é tão velho — disfarço.

— Nem você... — Ele serve vinho para mim, mas eu não vou beber.

— Por que eu entrei na história? O aniversário é seu.

— Porque você vive tal qual um eremita, não gosta de ter contato com as pessoas, pelo menos não as estranhas, está aqui há três meses e ninguém sabe nada a seu respeito, a não ser que fica em casa e faz compras minutos antes do mercado fechar — ele me olha bem sério.

— Achei que só mulheres gostassem de fofoca. — Começo a me levantar. Quem está curioso agora?

— Calma aí, lutadora, não precisa correr, eu só queri...

— Queria o quê? Saber da minha vida para divulgar na cidade? — Eu vou

em direção à porta enquanto falo. — Não serei uma boa companhia para você, nem hoje, nem em hora nenhuma, já devia ter percebido. De qualquer forma, obrigada pela internet. — Ele não diz nada. Já estou com a mão na maçaneta e aquela sensação estranha de estar sendo observada me invade, então, viro-me para olhar para trás.

— Do que tem tanto medo? — ele questiona sério, me encarando, a poucos centímetros de distância e com os braços cruzados. Eu sabia, vampiro. Não faz barulho enquanto anda.

— Por que você se importa tanto? — devolvo.

— Algo em seu olhar. — Oi? Meu olhar? Sério? Ah, faça-me o favor.

— Então não olhe — ponho a mão na porta novamente.

— Não foi uma cantada — ele soa sincero.

— Claro que não — falo, de costas pra ele.

— Claro que não? — Droga. Eu podia ir simplesmente sem olhar para trás, não? Não, ele salvou você duas vezes, seja apenas educada.

— É, claro que não. Meg é quem recebe as cantadas — eu o encaro e cruzo os braços. Ao contrário dele, que está completamente relaxado, eu estou super desconfortável. Um misto de desejo de fugir e de dizer tudo que ele quer saber, aos gritos.

— Ela é muito bonita — ele diz, e eu sei disso, mas não gostei de ouvi-lo dizer. — Mas você também é. Sabe disso, não? — ele elogia, me olhando fixo, e eu corro. Ótimo, sou a virgem imaculada? — Vamos lá, lutadora, prometo que não pergunto nada sobre você, vamos apenas comer? Sem fofoca e sem toques.

— Eu... — Ele me olha com aquele mesmo olhar de Meg, olhos enormes e suplicantes. Tenho que resistir. — Só uma fatia e eu vou embora. — Oi? Eu disse que ia resistir. Ele abre um sorriso estonteante. — E pare de me chamar de lutadora. — Vou para o inferno de foguete.

— É o que você é. — Nós voltamos para mesa e começamos a comer.

— Não, eu não luto nada — como um pedaço generoso, quanto mais mastigar, menos falo.

— É uma expressão, você tá sempre travando uma batalha... — ele me olha, erguendo as sobrancelhas como se fosse óbvio. — Sabe? Você não fala muito, mas seus olhos falam por você. Tem sempre aquela expressão no olhar de quem tá esperando uma guerra. — Ele percebeu isso? Quando? Enquanto eu morria afogada ou quando estava com minhas roupas íntimas expostas?

— Não, não sei, mas não importa. Não íamos falar de mim, lembra? — Ele anui com a cabeça. Ficamos em silêncio e comemos sem conversar nada, o que é estranho. Algum tempo depois, ele já está abrindo a segunda garrafa de vinho. Eu me levanto com a indicação clara de que vou embora.

— Já vai? — ele me olha triste e noto seu olhar letárgico. O vinho, só pode.

— Já, eu disse uma fatia — faço com que ele se lembre. Liam bebeu mais vinho do que comeu. O que tem de ruim no aniversário dele?

— Vamos terminar essa garrafa? — ele bebeu o vinho sozinho, eu nem toquei na minha taça.

— Eu acho melhor não — ele fica me olhando, meio perdido. Qual o problema?

— Desculpe, eu não quis ser chato — ele vai até a pia e apoia as mãos na bancada. Acho que algo mexeu muito com ele, mas o quê? Me sinto mal, por isso, aproximo-me, mas não o toco.

— O que pode ser tão ruim assim...?

— Quer mesmo saber? — ele interrompe, antes que eu termine a frase, e se vira me encarando, fazendo com que eu veja seus olhos cheios de dor. Parece mágoa, eu acho.

— Se quiser contar... — Olha para mim, sou psicóloga agora. Eu estou é

muito doida. “*Não quero intimidade*”, disse a mim mesma...

— Meu irmão... — ele fecha os olhos e passa as mãos nos cabelos. — Hoje faz dez anos que ele morreu. Muito tempo, eu sei, mas eu estava lá e não pude fazer nada... Não consigo esquecer o olhar dele — ele respira fundo e fecha os olhos novamente. E como vai esquecer? Eram gêmeos, basta se olhar no espelho que vai lembrar. — Às vezes a forma como você me olha me lembra ele...

— Eu? Desculpe. — Como eu olho? Como é isso? Ouvir isso dele, que sempre pareceu-me tão relaxado, tão despreocupado, afetou-me. É, todo mundo tem um esqueleto no armário. Meg mesmo, que parece sempre tão feliz e relaxada... se soubessem tudo pelo que já passou...

Liam perdeu o irmão gêmeo no mesmo dia que nasceram. E estava lá, assim como eu no meu dia difícil... Sua dor parece invadir-me. Por que me sinto tão ligada assim a ele? Num impulso atípico da minha parte, afago sua mão. Ele abre os olhos e me olha confuso. Seus os olhos estão fixos nos meus, e eu me deixo hipnotizar por aquelas esferas acinzentadas, inebriantes. A outra mão ergue-se lentamente e é colocada na minha nuca. Eu sei que deveria virar o rosto, soltar a mão dele, mas não consigo. Quero estar aqui, quero olhar nos olhos dele, sentir a eletricidade percorrer pelo meu corpo. Parece que ele precisa de mim; só uma pessoa precisou de mim e eu não pude... Ele se aproxima, e eu não fecho os olhos. Ele vai me beijar. Vai? Não, ele apenas encosta a testa na minha e ficamos assim por um momento, que parece longo e curto ao mesmo tempo. Meu coração bate ao galope. Ele separa nossos rostos, faz um carinho no meu e me enxuga uma lágrima. Eu chorei? Ele se afasta.

— Desculpe, acho que exagerei no vinho. Não devia ter dito essas coisas — sua voz soa extremamente controlada. Já eu, não posso articular nenhuma palavra. — Não vou mais retê-la — ele fala, saindo da cozinha. Agora tá me

expulsando? Sério?

Fico alguns segundos tentando entender o que houve, tantas lacunas... A morte do irmão, sei que é dolorosa, mas por que isso ainda o afeta assim, dez anos depois? “*Da mesma forma que o seu passado a persegue, só não tem dez anos*”. Ele sempre me pareceu seguro, confiante, relaxado, mas agora há pouco, mostrou-se tão vulnerável... Vou embora cheia de pensamentos fervilhando em minha cabeça. Lembro-me de Benjamin. Perdoar e esquecer? Ainda não consigo, não tenho mais raiva dele, não há muito tempo. Já esquecer... Não posso, ainda não.

Esclarecendo algumas dúvidas...

Vou andando pela estrada meio em transe. São mais de cinco anos depois de tudo, e eu achava que já havia morrido como mulher. Depois de tudo que passei, que perdi e das palavras tão duras de meus pais... eu tinha certeza que não podia sentir mais nada além do afeto e da fraternidade que já existia pelas pessoas que conhecia. Hoje, por mais que lutasse contra, tive certeza de que o destino não obedece às nossas vontades.

Senti desejo. Desejo por um homem que nem conheço, o que causou um conflito grande dentro de mim. O pior é que não me preocupei mais com isso e sim com o fato de que eu queria aplacar a dor dele. A forma como me olhou e como falou do irmão me fez sentir forte. Logo eu que sempre me abati, que escolhi o caminho mais seguro: fugir.

Sinto que as lágrimas descem por meu rosto e chego em casa com a garganta seca. Um travo amargo em minha boca, sinto que rompi minha promessa. Abro a porta no mesmo instante em que Meg estende a mão para a fechadura.

— Eu já ia te buscar... — ela para a sentença no meio ao olhar pra mim.
— Mamá? O que aconteceu? — ela me abraça apertado e me leva para dentro, me guiando para o sofá. — Ele...

— Não — eu a interrompo. Não posso deixar que ela pense que Liam fez algo comigo, que pense que machucou-me. — Ele não fez nada, Meg — digo, enxugando minhas lágrimas.

— Então por que você está assim? Por favor diga logo, está me assustando

— ela procura meu olhar, e eu sei que preciso dizer tudo a ela. Sobre o que sinto, o que está acontecendo comigo.

— Você tinha razão.

— Sobre? — a voz da Meg é suave.

— Sobre eu sentir algo por ele — inspiro com força. — Tentei fingir que não, mas depois de tanto tempo me escondendo, fugindo... Depois de tanto tempo, Meg, logo o primeiro homem que encontro faz essa confusão dentro de mim.

— Calma, amiga, eu imagino como deve ser difícil para você, mas isso aconteceria uma hora ou outra. Entendo sua promessa, mas você é jovem...

— Eu devo a ela, Meg — corto. — Não posso dar-me ao luxo de ...

— De ser feliz? De viver? — ela diz, segurando minha mão. — Onde quer que seu anjinho esteja, Mamá, ela quer que você seja feliz. Você sofreu demais com o Fabricio, não é justo que se condene assim.

— Ele também sofreu, Meg. Eu destruí nossas vidas — falo, amargurada.

— Não, não foi sua culpa. Ele era um idiota mimado e fraco. O que ele fez não se justifica. Agrediu você e, por culpa dele, sua filha... — ela começa a chorar, e eu também.

— Mas se eu não...

— Não diga isso, não repita as palavras de seu pai. Sei que é seu pai, mas ele é um velho esnobe e preconceituoso — ela enxuga as lágrimas dela e depois as minhas. — Você merece mais, merece um homem que goste de você de verdade e não um garoto em busca de uma aventura. Você merece uma família.

— Você fala como se eu fosse me casar com o Liam — sorrio, sem achar graça.

— Casar, não casar, com ele, com outro... O que importa? O fato é que a única experiência que teve foi com um imbecil. Isso é azar, não destino.

— Eu me sinto traindo a Liz. — Lembro-me daquele ser pequeno e delicado em meus braços, aquele que eu devia proteger, mas não o fiz.

— Não está — Meg puxa meu rosto para que fique de frente para ela. — Olha para mim. Por sua filha, você tem a obrigação de ser feliz, de viver.

— Não consigo — eu respiro fundo, derrotada.

Meg não fala nada por um longo tempo. Ficamos de mãos dadas, em silêncio, apenas absorvendo as emoções do momento. Eu quero ser forte, quero enfrentar e, pela primeira vez em anos, quero sentir. Apesar disso, sinto que não devo. O meu psicólogo fala que isso é força do hábito, que eu me deixei amortecer por muitos anos. Agora, em apenas três meses, mudei de casa, conheci e conversei com vários estranhos e estou atraída por um deles.

— O que aconteceu lá? — ela pergunta calmamente.

— Eu pedi para usar a internet — mais calma agora, começo a contar tudo. — Ele deixou e depois me chamou para comer pizza com ele.

— Um encontro? — ela me olha, sorrindo suavemente. — Ele é rápido.

— Não seja boba, Meg, ele não queria ficar só — desconverso.

— Como, em todo o universo, um homem como ele fica só? — minha amiga me encara, com os olhos abertos ao máximo, e nisso ela tem razão.

— O aniversário dele é hoje, o... monstro não pôde vir — falo e, ao ouvir a menção ao xerife, Meg fica tensa.

— Ainda não entendi como isso a abalou tanto — ela continua me olhando, mas agora está séria.

— Ele me contou que a forma como olho para ele às vezes faz com que se lembre de seu irmão.

— Então ele tinha um irmão? — ela parece surpresa.

— Gêmeo — eu digo. — Nós conversamos, e ele me contou que seu irmão morreu nesta data — falo por fim.

— Jesus, quantos homens bonitos essa cidade é capaz de produzir? — ela

fala isso sorrindo. Meg, sempre tem que tirar graça de algo.

— Ele tem uma irmã também, que parece mais nova ou da mesma idade — aos poucos a conversa assume um tom mais leve.

— Então essa é uma data triste e ele não quis ficar só — conclui.

— É. — Todos temos nossos dias difíceis.

— E? — ela espera mais algum detalhe.

— E mais nada — não sei se conto que quase nos beijamos.

— Como não? Você chegou muito abalada, pensei até que ele tinha te agarrado — ela me fita, com aquelas esferas leitoras de mente.

— Não... Quase me beijou, mas acho que mudou de ideia — digo e percebo que soei triste. Eu queria ser beijada? Claro que queria. Minha consciência responde segura. É, Amanda, você arranhou um problemão.

— Como assim mudou de ideia? — Meg se levanta de repente e me puxa pela mão. — Quer saber? Ele é um bocó. Vem, vamos tomar sorvete para afogar nossas mágoas. — Oi? Nossas? Olho para ela, franzindo a testa. — Sim, nossas, porque eu perdi meu encontro com o Marcus com a confusão do policial maluco.

— Confusão? — Sério que ela não se incomodou de verdade com o fato de ele ter lhe dado palmadas na frente de meia cidade?

— Sim, confusão. Ele tem alma de velho, se comporta como velho e tem cérebro de velho. Agora chega. Vamos, sorvete. — Deixo passar, porque chega de emoções complicadas por hoje. E se Meg não quer falar, é porque ainda não está pronta, afinal, ela sempre fala tudo.

Seguimos para a cozinha, pegamos um pote de sorvete de chocolate com pedaços crocantes e duas colheres. Dia da engorda, lá vamos nós, amigas unidas até na hora de enfiar o pé na jaca. Sempre que isso acontece entre mim e Meg, eu sorrio internamente. No final das contas, entre mortos e feridos, todos estão respirando ainda.

Acordo cansada. Parece que corri uma maratona. Pulo da cama num impulso para me forçar a reagir. Vou para o banheiro, tomo um banho demorado e restaurador. Visto short de malha, camiseta e calço chinelos. Desço para fazer o café e esperar Meg, porque vou ter que ir até a cidade para resolver o problema do cabo da internet. Já são quase nove, mas eu me dei um desconto devido às emoções de ontem, e hoje só vou escrever de tarde ou de noite. Termino de fazer o café, e nada de Meg. Pego uma xícara e vou para a varanda para tomar um pouco de ar puro. Abro a porta e tomo um susto. Tem uma escada dando acesso ao meu telhado, uma caixa com ferramentas espalhadas no chão e um carro parado bem na frente da minha casa. Ergo meus olhos e dou de cara com um par de sapatos, calças jeans, blusa branca e... merda! É o monstro. Num impulso, jogo o café nele.

— Você ficou louca? Isso está quente — ele grita e alguém desce pela escada. Liam.

— O que foi? — então, ele para olhando para mim. — Bom dia, Amanda — ele sorri e não nem há sombra do homem carente de ontem. Voltei a ser o Nate do RH.

— Bom dia nada. O que esse idiota faz aqui? — pergunto, e minha voz sai firme. Acho que depois de ontem meu cérebro virou do avesso. Ponto para mim que consegui não gaguejar.

— Pedi ajuda para consertar seu cabo de internet — Liam explica, calmo.

— Não lembro de ter pedido nada a você. — Oi? Estou com raiva? Liam me olha e franze o cenho.

— Não, não pedi, mas achei que devia agradecer por ontem. — Ao ouvir a palavra ontem eu coro. Droga! Não vou fraquejar agora. Olho para o

montanha, monstro, sei lá... Ele está com o rosto vermelho, acho que o queimei. Dane-se, ele mereceu.

— Mamá, o que você... — Meg para na porta assim que seus olhos encaram os do “*policia*l”.

Meg ainda veste pijamas. Um conjunto de renda preta de short e camiseta. Parece mais uma roupa íntima. Sinto-me corar por ela, Liam desvia o olhar, mas o xerife continua a olhá-la, só que nos olhos. Ela caminha em nossa direção.

— Veio me prender de novo e dessa vez de verdade? — ela provoca. Acho que Meg está com algum problema na cabeça. O que ela quer? Ficar de castigo agora?

— Não, moça, eu vim ajudar o Liam com a internet de vocês — ele diz, sério, e parece desconfortável. Ele também deve ter problema na cabeça.

— Tá tudo bem, Meg, eu já disse que ele não é bem-vindo. — Olho para ela e depois para ele. — Pode ir embora agora.

— Ainda não acabamos, Amanda, vai ser rápido e... — Liam começa a falar, mas Meg corta.

— Deixe que acabem o serviço, Mamá. Ele não me incomoda. Homens assim existe aos montes no mundo. Resolvem tudo com os músculos porque falta cérebro — ela olha para ele com um ar de indiferença, mas eu conheço esse olhar...

— Mas, Meg...

— Tudo bem, amiga. Ele tinha que servir para algo, não? Que seja trabalho braçal — ela sorri para Liam usando seu melhor sorriso. — Obrigada, príncipe, se precisar de papel para desenhar as diretrizes para seu ajudante é só avisar. — Ela se vira e sai andando tal qual uma rainha. Com certeza tá doida. E o mais estranho é que o pivô disso tudo não revidou em momento algum. Eu sigo Meg até em casa e a encontro tomando café como

disse que ia tomar. Fico olhando para ela, que finge não me ver. Cruzo os braços e começo a bater o pé.

— Sério? — ela levanta o olhar em minha direção.

— Eu aprendi uma coisa há muito tempo, Mamá: quanto mais eu me mostro ferida, machucada, mais eles agridem — ela parece se lembrar de algo do passado. — Se ele pensou que eu ia olhá-lo com medo por causa de umas palmadas, vai morrer esperando.

Arrependido

Olho para Meg surpresa. Ela realmente não se importou com as palmadas como se incomodava antes. Falo antes porque Meg já sofreu muito na vida. Nos conhecemos quando ela tinha oito anos, frequentávamos a mesma escola. Na época, a família que a adotou tinha grana e logo nos tornamos amigas. Eu não fazia amizade fácil, mas com Meg foi instantâneo, e o meu irmão contribuiu muito aceitando-a como se fosse da família. Ele sempre nos livrava das encrencas, porque Meg era uma criança problema. Nós duas demos muitos problemas juntas. A nossa adolescência que o diga... Eu não a julgo, por ter passado por tudo que passou era para ser assim, não é? Agora ela está aqui diante de mim, forte, segura de si.

— Ok, supergirl, eu não vou questionar você. — Nós sorrimos juntas. — Eu vou escrever, já que não vou precisar ir à cidade — dizendo isso, vou para o escritório.

— Muito bem, alguém tem que trabalhar — ela brinca nas minhas costas. Boboca.

Escrevo por um longo tempo, ao menos é o que parece, então, escuto a voz de Liam.

— Olá, estou entrando. — Oi? Entrando? — Amanda? Meg? — ele chama. Sinto um impulso de ir lá...

— Já vou — escuto Meg. — Oi, príncipe! — Meg atende. — Algum

problema?

— Na verdade tem, sim, o problema parece que é na rede. Fizemos os testes padrões, mas ao que tudo indica toda a instalação foi mal feita — continuo escutando.

— Sério? — Meg de novo.

— Sério. Alice não entende muito disso, e acho que a casa nunca teve internet antes, então, provavelmente ela pediu para o Carl fazer o serviço — Liam explica.

— Carl?

— O marido dela.

— E o que fazemos, príncipe? — Meg pergunta, curiosa. Estou me sentindo uma boboca escutando atrás da porta.

— Bom... — ele faz uma pausa. — Na verdade, preciso ver o computador onde está conectado tudo, onde foi instalado, na verdade. — Meu computador? Não gosto que mexam nele.

— Isso é com a Mamá, fica no escritório dela — Meg fala, e meu coração dá um salto. O que estou fazendo? Me escondendo? Sou uma idiota mesmo.

— Antes eu queria falar com você.

— Por quê? — É, por quê?

— Porque essa é a área do Ed — Liam explica, devagar.

— Ah, ele quer permissão para entrar na casa? — Meg ri, e eu saio do escritório.

— Não! — ênfase, séria. Meg e Liam olham para mim. — Aquele monstro não entra aqui. — Assim que falo dou de cara com o “*monstro*” parado na porta olhando para mim. *Droga!* Engulo em seco. Desvio o olhar e noto que Meg mudou de roupa, graças a Deus. Agora veste um short jeans e uma camiseta. Já os rapazes estão os dois sem camisa e suados. Jesus, lá

vamos nós.

— Amanda, o Ed é formado nessa área. Eu entendo um pouco das coisas, mas já atingi meu limite — Liam me olha. “*Não me olhe*”.

— Não importa no que ele é formado, um homem que bate em mulher é um monstro. — Olho para Edward com ira. Ele desvia o olhar e encara Meg. Vejo algo passar pelos olhos dele. Mágoa? Arrependimento?

— Tudo bem, Liam, John deve saber fazer isso. Eu vou até a Lan House buscá-lo — ele diz, com um pesar na voz, e vai saindo.

Liam inspira com força; acho que não gostou. Problema dele, eu também não gostei quando Edward deu palmadas na minha amiga. Ele passa a mão no rosto, me encara com aqueles olhos e eu tenho certeza que ele pode ver através da minha pele.

— Eu sei que não deveria dizer, mas Ed nunca vai falar, então...

— Não se desculpe por ele — interrompo.

— Calma, Mamá, porque não esquecemos isso? — Meg fala, tentando me tranquilizar. Eu acho que estou muito chateada, talvez até me excedendo. Olho para Edward e lembro do que ele fez a Meg e de tudo pelo que ela passou... Tudo pelo que passei me vem à mente. Espera, tudo pelo que eu passei? Droga, estou transferindo, é isso. Depois de tanto tempo amortecida vou voltar a sentir tudo de vez? Raiva, angústia, medo... Medo? Estou com medo do que estou sentindo...

— Ao menos pode me escutar? — Liam pede, pondo as mãos na cintura.

— Mamá? — Meg fala, como um pedido.

— Ok, ok — cruzo os braços. Enfrente, Amanda, chega de bater e correr. No seu caso é apanhar e correr. — Fale.

— A esposa de Ed morreu tem um ano.

— Isso não...

— Eu ainda não terminei — ele diz e também cruza os braços. Nossa,

esses olhos têm várias nuances que nem os sorrisos dele.

— Desculpa, continue — desvio o olhar.

— Eu saí daqui quando meu irmão morreu — ele suspira. — Fui para a capital fazer faculdade e encontrei o Ed, como contei para você. Morávamos na “*cidade grande*” juntos — ele fala isso e sorri de lado, mas vejo tristeza em seus olhos. — Ele tinha a vida toda estruturada: esposa, casa, emprego... Depois de um tempo eu voltei, e Ed continuou lá, claro. — Por que voltar para ser bombeiro se fez faculdade? A curiosidade me corrói. — Então, há um ano, Melissa, a esposa dele, descobriu que estava grávida e com câncer, em estágio avançado. Tudo ao mesmo tempo. — Ao ouvir isso, Meg sentou-se, praticamente caiu na cadeira, e eu descruzei os braços. — Enfim, não havia tratamento, e Melissa não queria as medicações para poder levar a gravidez adiante — ele passa as mãos pelos cabelos, nervoso. — O que eu quero dizer é que ele perdeu os dois, e acho que quando você disse para ele aquelas coisas sobre a esposa, ele perdeu a razão. Por isso os rapazes foram me chamar — ele olhou para Meg nesse instante. — Eu sei que não justifica a cena que ele fez, mas quando os rapazes falaram o que você disse, e tão pouco tempo depois do aniversário de morte de Melissa e do bebê...

Eu e Meg estamos agora com os rostos molhados de lágrimas. Mas que merda de vida é essa? Imagino como Ed deve ter se sentido. Se eu que tinha uma vida toda torta sofri, imagina ele que vivia feliz com sua esposa! O Liam fica nos olhando por um tempo.

— Eu preciso de um... — Meg levanta, vai até a geladeira e volta com três cervejas — Toma — ela entrega uma para ele, depois entrega outra para mim.

— Estão chorando pela internet? — É o Edward, e está nos olhando como se fôssemos de outro mundo. Eu e Meg com os rostos cheios de lágrimas, e Liam com uma cara estranha. Ele olha de soslaio para Liam.

Não sei o que dizer. O que posso falar? Logo eu que não sei ter uma conversa normal, nessas horas é que não tenho ideia do que dizer. Ed continua nos olhando estranho...

— Onde está o John? — É Liam quem corta a situação constrangedora.

— Ele está na casa dos Brown arrumando o computador de Anne — Ed fala, me olhando estranho. Mais um que tem certeza de que sou doida. Ele olha para Meg e dá a impressão de que quer pegá-la no colo. Acho que ele é o doido, ou ficou depois que perdeu a família.

— Então você mesmo pode olhar o nosso — Meg fala, e sua voz tem um ar de súplica.

— Posso? — ele franze a testa, olhando para mim.

— Pode — eu consigo dizer. — Por aqui — indico o escritório, e ele me segue.

Eu o deixo com o computador, e Liam volta para os cabos lá fora. Vou para cozinha, enquanto Meg pega outra cerveja na geladeira. Ficamos sem falar nada enquanto eu termino de pôr a mesa e de aprontar o almoço. Só então ela fala:

— Devíamos chamá-los para almoçar? — ela pergunta, com aquele olhar estranho.

— Eu acho essa situação toda estranha, Meg, mas se você disser que devemos... — Estamos com pena dele, fazer o quê? Acho que Meg deve estar pensando em todas as vezes que o chamou de gay...

— Devemos — ela afirma, bebendo outro gole.

— Eu ou você? — Duas bobocas, eu penso.

— A casa é sua. — Covarde. Vamos lá, Amanda, se você não surtou até agora, não surta mais.

Vou até a entrada do escritório e fico para olhando para eles. Eles param o

que estão fazendo e me olham.

— Algum problema? — Liam pergunta.

— Ah... Eu... — Droga. É uma pergunta simples, você consegue fazer isso.

— Vocês têm planos para o almoço? — Meg me salva. “*Eu te amo, Meg*”. Olho para ela e sorrio.

— Na verdade, não — Liam diz.

— Então, vamos almoçar — ela fala, dando um de seus sorrisos de estrela.

— Acho melhor não, moça. — Edward se levanta. Ele é enorme. — Eu vou almoçar e retorno para terminar aqui. De qualquer forma, vou precisar de um cd de instalação e de uns programas.

— Por que melhor não? — Meg retruca, e eu vejo que essa já deve ser a terceira garrafa. Ela tá bebendo de virote?

— Eu não acho que seria bom, só isso — ele olha para Meg de um jeito estranho.

— Ah, entendi. Você não pode comer com alguém como eu — ela acusa. Lá vamos nós outra vez. Por que ela se irrita tanto com ele?

— Eu não disse isso — ele se defende. E, ao contrário das outras vezes, não parece querer devolver as provocações.

— Não, mas eu percebo como me olha — ela põe a garrafa sobre a mesa do meu escritório e cruza os braços.

— E como eu a olho? — ele parece surpreso.

— Como se eu fosse uma qualquer — acusa novamente. — Você não sabe nada de mim, não sabe nada da minha vida.

— Não sei mesmo, mas sei que você deveria dar mais valor à sua vida, a você mesma — ele diz, sério, como se a repreendesse.

— O quê? Quem você acha que é? — agora Meg está apontando para ele. Eu e Liam estamos que nem plateia.

— Você é jovem, tem uma vida inteira pela frente, pode fazer um monte de coisas da sua vida e vive como se... — Como? Ele quer adotar Meg? Eu hein!

— Como se o quê? Você acha que eu não faço nada da vida? — Meg põe as mãos na cintura e olha para o teto, depois fecha os olhos e inspira fundo. Está controlando, mas o que será que vai dizer? — Você é um idiota, um grosso — ela diz isso e sai batendo a porta.

— Inferno — ele ruge, batendo a mão na perna. — Eu falei que não ia dar certo, Liam. — Ele agora encara Liam e depois sai também, então, escuto pneus cantando. Ótimo, vou ficar sem internet e com uma amiga emburrada.

— Foi ideia sua? — olho para Liam, chateada, e nem aquela beleza toda vai adiantar.

— Foi, mas ele é formado mesmo, e eu pensei que em uma situação normal eles poderiam ver além das aparências — ele diz, coçando a cabeça e bagunçando os cabelos completamente. Tenho vontade de fazer a mesma coisa.

— Você é um gênio! — cruzo os braços.

— Ah, por favor, ele disse que estava arrependido e que sabia que tinha pegado pesado. Eu só achei que...

— Que ele é velho demais para se candidatar a educar Meg? — eu o encaro e só então dou-me conta que estamos muito perto. Dou um passo atrás.

— Sei — ele olha para meus pés e depois para mim, com uma interrogação nos olhos. — Na hora pareceu uma boa ideia.

— Pois não foi. Só espero que ela não quebre o pé dessa vez — vou andando até a cozinha, e ele me segue. Oi? Vai me seguir por quê?

— Você acha que ela vai sair pelo mato de novo? — ele para perto da bancada e cruza os braços. Ao olhar para ele vejo os músculos do peitoral

ficarem mais evidentes. Droga!

— Ela sempre corre quando se chateia, faz com que sua cabeça esfrie. — Eu não vou contar que ela adquiriu esse hábito toda vez que corria até minha casa para fugir de maus tratos. Começou a fazer isso depois que meu pai conseguiu uma bolsa para ela na escola, após os “*pais*” ricos de Meg a devolverem. Então, sempre que tinha problemas na casa de custódia ou com os outros “*pais*”, ela corria para lá. Às vezes corria por quilômetros.

— Eu sinto muito, Amanda, só quis vir aqui e agradecer por você ter me aturado ontem. Também achei que seria uma boa ideia se Ed e Meg se entendessem, ou pelo menos parassem de brigar toda vez que se encontram — ele olha para mim, parecendo bastante sincero. “*Amanda, você está amolecendo*”.

— Tudo bem, vamos esquecer essa história por ora. Logo eles brigam de novo e a gente volta a pensar nisso — proponho, olhando para ele, que sorri. Desvio o olhar.

— Desculpe — ele fala e parece constrangido.

— Pelo quê? — eu o encaro, surpresa.

— Você não gosta quando eu sorrio. — *Pelo contrário*, eu penso.

— Eu não me importo — digo sem olhar para ele, então, volto para o fogão. Toda essa comida e ninguém para comê-la. — Vamos comer — mudo o tema.

— Ainda quer que eu almoce aqui? — ele se aproxima de mim.

— Mas vista uma camisa — olho para seu peito e desvio o olhar depressa. — Isso se estiver com fome — vou andando na direção contrária e tenho certeza que ele está sorrindo de novo.

Nos sentamos e comemos em silêncio. Ele me olha de relance algumas vezes, mas não diz nada, embora eu ache que está se divertindo com meu desconforto. Assim que acabamos de comer, Meg retorna. Suada e

descabelada, mas viva e inteira. Passa direto pela gente e vai para o quarto. Nesse momento Liam se despede, diz que vai tomar um banho e procurar alguém para consertar a internet. Vou atrás de Meg, embora eu ache que ela não está muito a fim de conversar.

CAPÍTULO QUATORZE

Meg tem que ir

O tempo voa mesmo e logo o mês foi embora. A Meg vai partir e me deixar só, mas isso ia acontecer uma hora ou outra. Fico triste que ela tenha que ir... Depois de toda a confusão com Ed, ela ainda conseguiu encontrar o Marcus e saíram duas vezes em sua última semana aqui. Ela pareceu encantada por ele e ele por ela. Cheguei a pensar que daria namoro, mas ficou parecendo mais um rolo.

— Então, você e o Marcus? — pergunto, fingindo pouco interesse.

— O que tem? — ela devolve, disfarçando enquanto pega uma maçã na fruteira.

— Vocês... — eu faço um gesto com as sobrancelhas.

— Pervertida! — ela estreita os olhos para mim, e eu coro, sorrindo. — Querendo os detalhes sórdidos.

— Não seja boba —repreendo, mas meu sorriso está maior agora. — Vocês vão manter contato?

— Ele tem meu número, e eu deixei claro que não vou me importar se ele quiser me visitar na capital — ela sorri, maliciosa.

— Você é terrível, se o Nate descobrir, você será demitida —rio e logo estamos gargalhando.

— Ele nunca vai saber, amor, ele não sai daquela salinha minúscula — ela está feliz, e eu fico feliz também. Imagino se eles vão namorar.

— Pode parar de me olhar assim, não é um filme romântico, apenas uns pegos num cara quente — ela pisca para mim.

— Você é tão... — meneio a cabeça, e o celular dela toca.

— Alô? — ela atende e sua voz mudou completamente. Sei que é o Marcus. — Eu adoraria, gato, mas é minha última noite e queria passar com a Amanda. — Ela o está dispensando para ficar comigo? Faço gestos com os lábios indicando que está tudo bem. — Certo, eu vou tentar — ela desliga.

— Vai tentar o quê? — pergunto, curiosa.

— Ele quer fazer um ménage à trois — ela me olha, maliciosa. Imagino que meus olhos tomaram todo o meu rosto agora.

— Não seja boba — repreendo.

— Sério, ele falou para eu chamar a minha amiga morena, linda, gostosa e com esses enormes olhos castanhos. — Ela não segura e começa a rir que nem louca. Jogo uma almofada nela.

— Sua bocó, tarada — rio junto.

— Falando sério — ela para de ri e enxuga uma lágrima —, ele nos chamou para ver um filme.

— Sério? Um filme? — franzo a testa. — Deve ser algum que já passou na capital há séculos. — Cidades pequenas assim só passam filmes no cinema depois que já saíram em DVD...

— Ele disse que estão passando clássicos. Algo como um especial do cinema — ela me olha esperançosa. — Vamos?

— Nem morta que serei uma vela. — Não mesmo.

— Vamos, depois podemos comer uma pizza — ela se senta de frente para mim. — Ele disse que os rapazes do trabalho vão com suas mulheres.

— Mais um motivo para eu não ir — encaro-a, erguendo a sobrancelha.

— Alguns deles não têm mulher — ela me olha, cheia de si.

— Agora que não vou mesmo. — Nem drogada. Rapazes sem mulheres! Era só o que me faltava.

— Por favor, por favor? — ela suplica. Malditos olhos pidões de gato.

— Meg, não pede isso.

— Eu estou indo embora. — E lá estão aquelas esferas escrutinadoras.

— Parece até que vai morrer — torço a boca.

— Se você não gostar, nós voltamos. — Olho para ela e sei que estou com expressão de dúvida. — Eu juro, no meio do filme, no início, na hora que você disser.

— Ou eu volto só — eu a encaro e ela me dá aquele sorriso de Hollywood.

— Eu te amo. — Ganho um abraço à lá Felícia.

Nós nos arrumamos para sair. Na verdade, Meg se produz toda e, quando me vê, insiste em me maquiar. Claro que eu não quero, mas ela enche tanto a minha paciência que deixo que ponha um pouco de sombra e rímel em mim. Resultado, ela faz um olho perfeito de balada. Ótimo, mas o que eu podia esperar de Meg? Enfim, decidimos ir logo. Ela veste seu jeans de matar qualquer ser vivo, e eu escolho meu vestido simples. Pegamos as bolsas e vamos encontrar o Marcus, e seja lá quem mais, para o meu calvário.

A sessão não está muito cheia. Além de Marcus, há mais dois casais e um amigo dele. Ótimo, um encontro às escuras? Lá se vai minha noite. Sou a penúltima da fila, e o amigo de Marcus senta-se ao meu lado.

— Olá, sou Antony — ele estende a mão para mim. Está muito perto, e Meg me dá um cutucão. Dou a mão a ele de forma mecânica, mas não sorrio.

— Oi. Amanda. — Sua face parece se contorcer. Ele me acha estranha, e daí? Meia cidade acha isso. Meia, não, toda ela.

— Você que está morando na casa de Alice, não? — Oi? Vai querer conversar comigo? Perfeito.

— Sim — respondo, sem olhar para ele.

— Está gostando? — ele pergunta, apoiando-se na cadeira que eu mantinha o meu braço...

— Sim — tiro o braço, e ele parece não se importar. Sinto que ele se

alarga mais na cadeira, enquanto eu logo me encolho.

— Tem uns quatro meses, não? — Ele vira para mim, e eu sou forçada a olhá-lo. Será que vai querer sentar no meu colo?

— Sim. — Ele está muito perto, e, não me levem a mal; ele cheira bem e para variar é bonito, um pouco acima do peso, mas bonito. O que não importa, eu estou meio acuada aqui...

— A gente podia...

— Antony! — Tomo um susto ao ouvir a voz. Liam? Droga.

— Oi, chefe. Achei que não viria para o passeio — Antony diz a ele com um sorriso de bem-vindo no rosto, e agora que está olhando para Liam, está também quase em cima de mim. Inferno.

— Mudei de ideia — ele olha direto nos meus olhos. — Oi, Amanda.

— Oi — eu cumprimento, e ele me dirige um olhar estranho.

— Antony, se importa de me ajudar com as pipocas? — ele fala com o senhor espaçoso.

— Claro que não, chefe — Antony se levanta, e eu suspiro aliviada. Eles saem. Ótimo, acho que é uma boa hora para eu fugir agora.

— Meg, eu... — viro-me para ela e, perfeito, ela e o Marcus estão um pouco ocupados no momento. Ah! O amor. Faço uma careta e cruzo os braços. Não posso sair fugida e nem devo estragar a noite de Meg, ela parece tão relaxada, de verdade. Eu me concentro na tela, não serão mais que duas horas de filme, então...

— Oi. — Liam voltou e sentou ao meu lado. — Não se importa que eu tome o lugar do seu amigo, não é? — Olho em volta e vejo que o Antony se sentou em outra fileira com umas garotas que parecem as do hospital. — Não está com ciúme dele não, né? — Olho para ele como a melhor expressão de “*você está drogado?*”.

— Ele não é meu amigo — corto e volto meus olhos para tela. Ao menos

o Liam não está tentando sentar em mim.

— Não? — ele me olha erguendo a sobrancelha, algo que noto pela visão periférica. — Pensei que estavam bem à vontade. — Eu o encaro. À vontade? O que você bebeu? Ele quase me esmagou.

— Não — só respondo isso.

— Sei — ele olha para tela e dá um suspiro. — Eu trouxe pipoca e refrigerante para você. — Só então noto sua mão. Ele trouxe mesmo. — Trouxe mista, doce e salgada, não sabia sua preferência. — Por que você está agindo assim? Não seja legal comigo! Torna tudo mais difícil.

— Obrigada — pego no automático.

— Oba! — Meg se volta para mim e enfia a mão nas pipocas. — Adoramos todas, príncipe — ela pisca para Liam.

— Ei, ruiva! — Marcus faz uma careta.

— Não seja ciumento — ela dá um selinho nele.

— Prefiro que você não ponha apelidos no meu chefe — ele diz isso, mas ri.

— Hum, então agora você é meu dono? — ela o encara com um ar divertido.

— Ei, vocês dois, parem — Liam fala, sorrindo. — Sem cenas de dramalhão, eu e a Amanda queremos entender o filme. — Oi? Nós? Não existe nós...

— Ok, chefe. Só não quero pensar em príncipes toda vez que olhar para você — Marcus encerra a brincadeira sorrindo e abraça Meg, que se aconchega nos braços dele. Que romântico! Olho para a tela, e o filme começa. Algo como um drama, de guerra. Meg vai acabar dormindo. Olho para ela. Não, ela não vai dormir. Sorrio sozinha.

— Então gosta de filmes de guerra? — Liam sussurra, e eu paro de rir.

— Gosto de filmes — sussurro de volta e então volto-me para tela,

assumindo uma postura que deixa claro que não quero bater papo.

Assistimos ao filme concentrados, pelo menos eu e Liam, ao que parece. Acho que já se passaram mais de quarenta minutos quando eu me envolvo com a história de guerra. Volto a apoiar minha mão no braço da cadeira e, segundos depois, Liam põe a mão dele também, ficando lado a lado com a minha. Eu me retraio e tiro a mão. Ele faz o mesmo. Minutos depois esqueço e ponho a mão de novo, e ele faz o mesmo. Tiro e cruzo os braços. Ele faz o mesmo e agora nossos ombros se tocam. Sério? O que ele pensa que está fazendo? Olho de soslaio, e ele parece estar concentrado no filme. Será só um reflexo? Faço um teste e ponho a mão no braço da cadeira, e ele faz o mesmo. Olho para ele séria.

— O que foi? — ele sussurra, ao perceber meu olhar.

— Nada — eu digo, estreitando o olhar e ficamos assim por alguns segundos. Nenhum dos dois mexe o braço. Ele sorri de forma gentil e volta a olhar para a tela como se tudo estivesse normal. E está, não é? Deus, esse homem com certeza vai me deixar surtada de vez.

Volto a concentrar-me no filme, já que ele parece não querer se mexer. O final vai chegando perto, e uma manteiga derretida que sou já estou chorando com a morte do rapazinho na guerra. As lágrimas descem facilmente, e eu sinto minha mão formigar. O Liam pôs a dele sobre a minha. Sinto minha respiração dar uma falhada. Sério? Não percebi quando ele pôs a mão na minha. É um gesto bobo, ele não está massageando, nem apertando, nada. Apenas apoiou a mão na minha. Eu a puxo e saio. O filme não acabou, mas preciso de espaço...

CAPÍTULO QUINZE

Um conflito básico

Continuo andando sem olhar para trás. Não estou indo a nenhum lugar em especial, mas preciso só de um pouco de ar.

— Amanda? — Escuto Liam me chamar. Ele me seguiu? Droga. Aperto o passo — Amanda, espere — ele insiste, e eu começo a correr. — Sério? — ele corre também e claro que me alcança e segura meu braço.

— Não — eu digo, livrando-me da mão dele.

— Ok, desculpa — ergue as mãos no ar. — Não precisa correr de mim — ele me olha muito sério.

— Eu sei o que você estava fazendo — eu o encaro de volta.

— E o que eu estava fazendo? — ele me olha com um ar de quem está jogando.

— Não se faça de idiota. — Oi? Eu o xinguei? Sim, eu fiz isso.

— Eu realmente não sei qual o problema — ele cruza os braços diante do peito e me fita como se eu tivesse que dar alguma explicação. Perfeito.

— Não mesmo? — eu também cruzo meus braços. — Pois eu vou te dizer: você estava me tocando — olho para aquelas incríveis esferas cinza. Aqui na rua, à noite, parecem ainda mais intensas. Sinto um arrepio.

— Estava? — Ele me dá um sorriso meia boca. Será que está brincando comigo? Continuo andando e de braços cruzados. Ele me segue ao meu lado. — Para onde você vai? — Oi? Sério que você vai conversar comigo normalmente? Não respondo. — Ei, lutadora, não precisa se irritar tanto. Não foi nada de mais, hein?! — ele me dá um encontrão com o ombro, e eu paro e

o encaro irritada. Ele me empurra com o ombro de novo. Sério?

— Para — digo, séria.

— Não — Eu ouvi isso? Ele faz o mesmo movimento outra vez.

— Qual o seu problema? — dou um passo atrás, e ele me segue e me dá outro encontrão. Dou outro passo para longe, e ele faz o mesmo. Não aguento mais e estouro. — Eu disse não — falo, gritando e socando o peito dele. Um ar de surpresa e diversão passa por aqueles olhos magníficos. E então eu dou outro soco nele que recua um passo. — Não — e outro. — Não — e outro. Fazemos isso até voltarmos para o local onde comecei a recuar dele. Ele não revida, apenas me olha sorrindo, como se tudo não passasse de um jogo. Paro, com os punhos cerrados ao lado do meu corpo. Minha respiração está alterada.

— Viu?! Eu disse que você era uma lutadora — ele agora ri abertamente.

— E você um idiota! — digo e saio andando. Não acredito nessa situação.

— Se você fugir de mim, vamos ter que começar tudo de novo, e eu confesso que seria ruim porque você bate forte. — Ele está me provocando? Sério?

— Qual o seu problema? — paro e olho para ele. Viramos crianças agora?

— Nenhum, eu apenas quero conversar com você — ele diz, como se fosse óbvio.

— Não precisa me tocar para isso — devolvo.

— Não, mas não dói, não é? — ele ergue as sobrancelhas. Ótimo, é claro que não dói. É pior que isso, eu gosto. Eu não pensei isso, droga!

— Não, mas eu não gosto — sinto que minha voz soa triste.

— Eu sei — ele fala, consternado. — Por isso que troquei de lugar com o Antony, antes que ele sentasse em você. — Então ele ri. Acho que não sou a única com problemas psicológicos.

— Não tem graça. E se fez isso, por que ficou me tocando? — pergunto,

mas não olho para ele.

— Mas não dói — ele diz, categórico.

— Acha que não gosto porque sinto dor? — Agora eu o encaro.

— Por que você não gosta? — ele não me responde.

— Por que você quer saber? — Dois podem fazer isso, espertinho.

— Porque eu acho você legal e quero ser seu amigo. — Oi? Conta outra.

— Eu não sou legal. E você não quer ser meu amigo. — Você nem sabe o quanto eu não sou legal.

— Eu acho que é. E você não pode dizer o que eu quero — ele diz, muito seguro de si. Inspiro com força. Já andamos até à frente da pizzeria. Nem sei porque vim para cá, eu queria ir para casa. Queria? — Ah, qual é? Pelo menos converse comigo primeiro, depois você me julga.

— Não estou julgando você — eu o olho, séria. Por que ele acha isso?

— Está sim, julga que não posso ser seu amigo — ele ergue uma sobrancelha como se tivesse dito a coisa mais óbvia.

— Não — eu falo e reforço a negativa com um gesto de cabeça. — Eu disse que não sou legal e que por isso você não quer ser meu amigo.

— Deixe que eu decida. Façamos assim, você conversa comigo de verdade. Nada disso de “sim” e “não”. Se ainda assim me odiar, eu prometo te ignorar eternamente. — Eu não quero que ele me ignore. Droga, o que você quer não importa, Amanda. E o que é isso? Vamos fazer um pacto infantil agora?

— Eu não o odeio — falo isso olhando em seus olhos, e ele me dá aquele sorriso de cinema. Meu coração para de bater e depois acelera.

— Perfeito — ele pega o celular. O que vai fazer? — Vou avisar ao Marcus e à Meg que já estamos na pizzeria. — Oi? Você lê mentes? Vampiro!

— E se eu não quiser conversar? — E quem disse que eu vou entrar aí?

Ele abre a porta e fica me esperando.

— Você quer — ele diz, muito seguro de si.

— Quem está dizendo o que o outro quer agora? — eu o olho nos olhos. Se salve dessa, senhor engraçadinho.

— Eu sei que quer, porque seus olhos dizem isso — Ótimo! Agora eu falo com os olhos... — Só uma conversa, prometo não tocá-la. — E não me olhar e nem sorrir? Ele ainda segura a porta. Eu me dou por vencida, afinal, prometi que não me relacionaria com um homem, mas conversar não é quebrar a promessa, é? Eu entro. “*Amanda, você vai para o inferno*”.

Nós entramos, e eu estou bastante desconfortável, mas já cheguei até aqui, não?! Sentamos em uma mesa de canto, enquanto Liam conversa com Marcus. Depois que desliga, chama uma garçonete e pede água. Ele vai beber água?

— E você? — Uma garrafa de tequila, para ficar amortecida. Ei! Acho que estou virando alcoólatra. Álcool não é solução, sua idiota.

— Suco. De Laranja. — Lá está o meu eu robô.

— Então, você escreve — ele diz e me olha divertido. Ótimo, eu não vou falar sobre isso.

— Sim — dou um sorriso falso.

— Essa não é a resposta — ele bebe um gole da água.

— Não lembro de ter ouvido uma pergunta — viro o rosto.

— Você é bem marrenta. Devia ser uma brigona na escola. — Ele bebe um gole de água. — Sei que tem mais palavras em seu vocabulário, afinal, você escreve, não? — ele diz isso e meneia a cabeça com um sorriso bobo colado na boca. — Sabe, eu comecei o treinamento de bombeiro com dezessete. Eu e Jordan. — Ergo as sobrancelhas. Ele vai falar dele? Ótimo, quem é Jordan? — Meu irmão. Fazíamos quase tudo juntos. — Ele com certeza lê mentes. Ou meus olhos falam? — Você pode fazer perguntas se

quiser, com palavras, sabe?

— Como ele morreu? — Sério que eu perguntei isso? Eu devo ser mórbida! Ele me dirige um olhar entre surpreso e algo mais. Droga, ele vai me fazer uma pergunta pessoal também, não?! Eu e minha boca grande.

— Num incêndio — ele diz, direto.

— Por isso você desistiu? — O que acontece comigo? Todas as minhas perguntas são exatamente as que eu odiaria que me fizessem. Mas foi ele que me mandou fazer perguntas, não?

— Eu queria fazer faculdade. Um trabalho diferente. Na verdade, isso aqui era uma diversão para mim — ele respira fundo e bebe outro gole de água. — Algo que eu e Jordan fazíamos juntos.

— Entendo — bebo um gole do meu suco. Queria perguntar por que ele voltou então... Não, essas perguntas não são legais. Mas eu não sou legal. Abaixo o olhar.

— Você tem um irmão, não é? — Estamos em uma daquelas mesas que é rodeada por um sofá em u. Apesar disso, estamos um de frente para o outro. Ele perguntou de Benjamin. Amanda, chega de birra, quanto mais cedo você falar, mais cedo ele a esquece.

— Tenho. Benjamin — olho para minhas mãos.

— Por que você escreve? — ele muda completamente o assunto.

— Eu gosto e consigo me manter assim. — É isso. Falei uma frase inteira.

— Ela escreve contos... — Meg chegou, e eu nem vi. Marcus está agarrado à sua cintura — eróticos — ela sorri e os olhos de Liam quase saltam para fora do rosto. Meg, eu vou te matar. Sei que corei dos meus dedos do pé até meu cérebro. — Brincadeirinha, príncipe, a minha Mamá escreve histórias para crianças.

— Adolescentes — corrijo. Ele me olha com um ar divertido. — Você demorou — acuso, olhando para ela.

— Desculpe — ela se senta ao meu lado e beija minha bochecha. — Mas Meg chegou e a festa vai começar. — Marcus a imita, sentando-se ao lado dela, e os outros dois casais também se sentam ao lado de Liam. Logo estamos todos espremidos. Eu entre Meg e Liam. Claro que o braço dele esbarra no meu.

— Desculpe — ele sussurra.

— Tudo bem — respondo, sem jeito.

— Ainda não terminamos a conversa — ele insiste, e eu o olho com uma carranca.

— Ah, parem de segredos, é falta de educação — Meg brinca. — Fico curiosa. — Nesse momento, a garçonete retorna e fazemos os pedidos.

Ficamos lá comendo e conversando por um bom tempo. Na verdade, eles conversam, eu me limito a um sim ou não às vezes e a tentar impedir Meg de contar nossas peripécias de infância. Algumas horas depois, os casais de amigos de Marcus se despedem, um deles tem filhos e precisa ir. Ao ouvir sobre os filhos, sinto meu coração doer. Lembro de Liz... Ela poderia estar em casa me esperando, ou aqui comigo agora. Suspiro e sinto a mão de Liam na minha. O que ele está fazendo? Mas é um toque rápido, como se confortasse-me de algo, e logo a mão dele não está mais lá. Nem dá tempo de que eu reclame. Meg se levanta para ir ao banheiro, e Marcus sai para atender o celular. Porém não se afasta muito.

— Está tudo bem? — ele pergunta, voltando-se para mim.

— Está — eu faço a besteira de olhá-lo e percebo que ele está com aquele ar tão protetor e tão perto de mim. Sinto-me atraída, segura... Ficamos assim, nos olhando, até que eu ouço uma voz feminina chamar por ele.

— Liam, querido, não sabia que o encontraria aqui. — É uma das moças da recepção e está com a amiga e Antony.

— Oi, Betsy — Liam sorri para ela, encantador. Ótimo, ele sorri assim

para todo mundo. “*Viu, sua bocó, você não é especial!*”. Estava achando que era especial? Idiota.

— Então, querido, já que está aqui, pensei que poderia me levar em casa — ela diz, tocando o ombro dele.

— Betsy, essa é a Amanda, você lembra dela, não? — ele me apresenta.

— Claro, do hospital — ela faz uma cara de gentil, mas vejo que queria mesmo que eu sumisse. — Como está sua amiga?

— Ótima — É Meg quem responde — Cadê o Marcus?

— No celular — falo, para desviar o foco dos olhos de Betsy de mim.

— Então, querido — ela se volta para Liam —, não vai me deixar ir para casa só, não é? — Lá estava alguém pior do que Meg...

— Na verdade, não — ele fala e vejo o semblante dela se iluminar. — Antony, você leva a Betsy em casa? Eu vou levar a Amanda, ela precisa trabalhar, e a casa da Betsy fica próxima da sua. — Ele vai o quê? Eu não vou com ele.

— Claro, chefe, mesmo que fosse do outro lado do mundo — Antony diz cheio de galanteios, mas Betsy parece bastante enfezada e olha perplexa para Liam.

— Vamos, Amanda — ele levanta e me dá a mão. Eu a pego no automático. O que, em nome de Deus, estou fazendo? Meg me olha surpresa. — Marcus pode te levar depois, Meg, assim vocês se despedem com mais calma — Liam sorri cúmplice para o casal e saímos deixando uma Betsy furiosa. Coitado do Antony.

Entro no carro, ponho o cinto e não consigo parar de pensar nessa situação absurda. Aceitei conversar com ele, entrei na pizzaria, peguei na mão dele e o segui. Devo estar muito descompensada. Vou pedir ao Travis para mudar minhas medicações e irei intensificar minha terapia com a Jane. Deus!

— Obrigado por me salvar. — É ele quem fala, quebrando o silêncio. —

Pode respirar agora.

— De quê? — pergunto, ainda no modo robô. Eu estava prendendo a respiração?

— Da Betsy — ele ri. — Ela namorou o Jordan por um tempo.

— E agora quer o substituto. — Droga, cale a boca, Amanda. Ele me olha de relance.

— É. — Só isso. Diga algo mais...

Ele não fala e seguimos até minha casa em silêncio. Chegamos rápido, então eu desço do carro e Liam me acompanha. Estou tensa. Paro na frente da porta e volto para olhá-lo. Ele vai só dizer tchau, não é? Ele olha para mim, desvia o olhar e olha de novo. Sinto meu coração encolher. Ele vai continuar a conversa.

— Vai me contar por que não gosta de ser tocada? — Você está perdida, Amanda.

— Não — afirmo e dou um passo atrás. Ele acompanha meu movimento.

— E vai me contar por que você não é legal? — Recuo, e ele me segue. Sinto a porta colada atrás de mim. Ele está usando um tom de voz que me faz querer dizer qualquer coisa. Me olha fixo, lá está o domador de animais selvagens. Oi? Eu não sou um animal!

— Não — novamente afirmo, e minha respiração está suspensa. Minha voz soa estranha. Reaja, Amanda. Diga algo que o faça recuar.

— Sabe quando falei que meu irmão morreu em um incêndio? — ele começa devagar e apoia uma mão ao lado do meu rosto, na porta. Faço um gesto afirmativo com a cabeça. — Ele morreu arrumando a casa para minha chegada, íamos comemorar nosso aniversário depois de alguns anos separados, por causa da faculdade. — Por que ele está me contando isso? — Houve um vazamento de gás, a casa era antiga, e ele não percebeu por causa do cheiro do verniz que estava usando na janela da sala. Alguém acendeu o

fogão e tudo explodiu, derrubando uma viga em cima dele. — Seu olhar é o mesmo do dia do seu aniversário. Fecha os olhos e inspira, então, abre-os e me olha. Sinto como se socassem meu estômago. Engulo em seco. — Eu cheguei nesse exato momento. Corri para casa, mas só deu tempo de olhá-lo nos olhos... — ele ergue a mão e toca o meu rosto com a ponta dos dedos, tão delicado, sem pressão, é como o toque de uma pluma. — Ele arfou por alguns segundos e eu fui tirado de lá antes que fosse queimado também — aproxima seu rosto do meu lentamente enquanto fala. Eu não sei se me concentro na história, em sua mão, seu cheiro, nos olhos... Ele agora está bem perto e a minha respiração é superficial. — Você tinha razão. Não quero ser seu amigo — ele diz isso e toca meus lábios com os dele.

Promessa quebrada

Um beijo que começa casto e delicado logo torna-se a personificação da paixão. Esqueço completamente que não toco, não abraço, muito menos agarro estranhos. Minhas mãos vão direto para a nuca de Liam, enlaço seus cabelos em meus dedos e ele aprofunda o beijo pegando minha cintura e colando o corpo dele no meu. Estou completamente imprensada na porta pelo peso dele, e a sensação é sublime. O sentimento que nos envolve é algo vulcânico. Ele que sempre pareceu tão paciente, tão calmo e relaxado se revela intenso e apaixonado. Sinto como se uma represa dentro de mim fosse quebrada e toda a água explodisse pelo meu corpo invadindo cada órgão, nervo e vaso. Essas águas são todas as emoções que segurei durante todos esses anos. Somos apenas tato, olfato e audição. Nossos corpos parecem querer se tornar um. Nunca imaginei que pudesse sentir isso assim, de forma tão avassaladora. Posso afirmar com cada célula do meu corpo que esse é o melhor beijo da minha vida. Tantos anos me reprimindo, e eu não consigo mais conter, eu não...

De repente, como em um flash, a imagem de Liz em meus braços, com os lábios azuis, invade a minha mente com força. Como se eu tomasse um choque, sinto uma dor tão forte e, num reflexo, empurro-o pelos cabelos, para longe de mim. Ele me olha perplexo. Sua respiração é tão irregular quanto a minha. O olhar dele oscila entre desejo e confusão. Eu o solto e, num impulso, estalo uma bofetada nele. Ele me solta nesse exato momento e seus olhos buscam uma explicação nos meus, e eu não posso dizer nada. Liam parece perdido, atordoado... Eu não consigo, eu o quero, apesar de tudo, mas

não posso... Eu o empurro, porque embora ele tenha me soltado, ainda mantém seu corpo próximo ao meu. Ele resiste e ficamos numa batalha de olhares. Então começo a golpeá-lo no peito. Ele segura meus punhos. Eu o olho, ferida, magoada, sinto-me violada, não por ele, mas...

— Me perdoa — diz e, em segundos, um momento tão bonito e tão apaixonante, transformou-se em algo digno de desculpas? Ele me olha como se tivesse me agredido. Não foi você! Eu quero dizer, gritar... mas as palavras não saem — Me perdoa, Amanda... Por favor, diga algo — Liam suplica, e eu vejo a minha dor retratada nos olhos dele. Todo o meu corpo treme agora. Não posso ter uma crise de pânico, não agora. Desvio o olhar do dele.

— Vai embora — digo, finalmente, voltando a encará-lo. Ele me diz não com os olhos, mas solta meus pulsos e se afasta de mim. Vejo em sua expressão que quer explicações e aquele ar de quem pede desculpas. É como se ele sentisse repulsa de si mesmo, tamanha a dor que expressa no rosto. “*Você não errou*”, é o que quero dizer, mas minha expressão só diz que ele deve ir. Preciso ficar só. São tantas coisas para absorver, e eu acho que terei um colapso.

Todas as coisas que passei veem à minha mente em flashes. As peripécias de adolescência. Todos os meus namorados problema. O desprezo de meu pai. O Fabrício. A paixão avassaladora. A gravidez... Devagar, Liam desce a escada da entrada e a cada passo dele algo se parte dentro de mim.

— Eu disse que eu não era legal — sussurro. Acho que ele não ouviu, mas não importa. Eu não posso, não posso me envolver, não posso vivenciar isso... Prometi para Liz, jurei que não me envolveria de novo como me envolvi com o pai dela, que não me relacionaria... Prometi que morreria só.... Quebrei minha promessa quando o beijei, mas não mais... — Liz — gemo o nome do meu bebê, o bebê que não pude proteger...

Entro em casa enquanto ouço o carro dele sair. Meu coração parou de

bater de vez. Um vazio enorme ocupa meu peito agora. Arrasto-me até o sofá da sala e me jogo lá, me entregando às lágrimas. Não sei quanto tempo fico assim, parece uma eternidade e ao mesmo tempo é como se o tempo parasse. Meg entra pela porta, desesperada.

— Mamá! – ela me olha espantada.

— Eu... Pensei que fosse demorar — tento recobrar a compostura, mas é Meg, ela me conhece.

— Liam foi me buscar. — O quê? Ele saiu daqui faz tanto tempo assim? — Eu quase morri de susto quando o vi aparecer tão rápido, e ele estava completamente desfeito. — Ela vem até mim e se senta no chão, próximo à minha cabeça, e começa a afagar meus cabelos. — Ele disse que você passou mal. O que houve?

— Ele me beijou — falo, sem rodeios. A Meg faz uma cara de pânico, ela perdeu todo o raciocínio agora.

— Deus... eu...

— Eu... quebrei... a ... promessa... — digo em meio a soluços, e ela se debruça sobre mim e me abraça. Ficamos assim até que meus soluços cessam e se tornam apenas fungadas. Ela então se afasta e seca meu rosto com as mãos.

— Mamá, essa promessa... — ela começa.

— Eu prometi, Meg — digo como se tivesse cometido o maior crime da minha vida. Sinto Meg se retesar.

— Amanda, já chega — Meg fala, dura. Como assim, chega? — Você não pode prometer uma coisa dessas, e sua filha com certeza não aceitou isso.

— Meg? – eu falo exasperada.

— Chega — ela grita. — Chega dessa merda toda. — Não tenho reação — A minha vida foi um completo lixo por um longo tempo, e os únicos momentos em que fui feliz foi quando você esteve comigo. Você é uma

pessoa incrível, não há nada de maléfico em você. Sei que não fomos adolescentes modelo, mas seu pai é um imbecil... — Eu abro a boca — Deixe-me terminar — ela me repreende com um gesto da mão. — O Fabricio era outro imbecil, e sua filha pagou por isso, mas você não vai manter essa promessa idiota de ser infeliz. Porque foi isso que você prometeu, você entende?

— Meg, eu...

— Você o quê? Isso é loucura — ela me corta.

— É o que dizem os laudos médicos — falo, triste.

— Você não pode prometer martirizar-se. Isso não trará a Liz de volta — ela me olha cética. — Não importa o que eles dizem, são todos uns imbecis, miseráveis, e eu fui a pior de todas porque deixei que você fizesse isso a si mesma por tanto tempo — ela me olha exasperada e passa as mãos pelos cabelos. — Se existe alguma de nós que merece ser feliz é você. Chega, você vai começar a viver, e vai fazer isso pela Liz, é isso que deve a ela, por ela não ter podido continuar... — ela não consegue terminar e começa a chorar também. Eu levanto e a abraço.

— Você merece ser feliz, Meg — digo para minha amiga, tão ferida quanto eu. Não bastasse tudo que passou, eu ainda a arrasto para minha merda...

— Você também — diz, enquanto segura meu rosto nas mãos. — Por Deus, Amanda, foram quase cinco anos disso. Apesar de tudo ainda somos jovens, temos vinte e quatro anos... — ela inspira com força. — Pela Liz, você tem que entender isso. Ser feliz, viver o que ela não pôde viver... — Não há muito o que dizer. Estou exausta e em um conflito interno enorme. — Venha. — Meg me guia para a escada. Tenho certeza que ela vai me pôr para dormir. Se não estivesse tão desgastada agora, eu riria. Eu, a menina rica com pai e mãe em casa, que sempre foi cuidada pela menina órfã, abandonada

repetidas vezes pelos “*pais*” adotivos. É por isso que sei que não sou “*legal*”.

— Obrigada, Meg — digo sem olhá-la. Sempre tive tudo, me tornei uma sombra, e Meg, que sempre apanhou da vida, mostrou-se tão resistente... Talvez a prática... Eu me arrasto para meu quarto, e Meg me ajuda a trocar de roupa e me põe na cama de fato.

— Amanhã eu viajo às nove — ela fala, triste. — Eu queria muito poder ficar, mas preciso ir, Mamá — a voz dela é suave como um afago.

— Eu vou sobreviver, Meg, não sou suicida — afirmo, amarga.

— Eu sei que não, confio em você. — Não devia, porque sou uma covarde. — E pare de pensar que você é covarde — ela diz, e eu a olho surpresa. Olá, leitora de mentes! Ela está de volta.

— Vou ficar bem — digo, por fim, fechando os olhos, desejando que seja verdade.

— Não, você vai ficar ótima. Isso é o que vamos decidir amanhã quando a gente acordar, mas por hoje você irá só dormir. — Ela me dá um beijo e eu não dou ao trabalho de perguntar que decisão será essa.

Acordo com o Sol no meu rosto. Uma claridade enorme invade o quarto, embora eu pensasse que a janela estava completamente fechada. Ao abrir os olhos, as duas bolas azuis de Meg estão cravadas em mim.

— Meu Deus, Meg! Se queria me matar de susto, conseguiu — eu digo, cobrindo o rosto com a coberta.

— Não seja boba, levante. Já são sete horas. — O quê? Sete? Desde quando você levanta tão cedo?

— Por que tão cedo? — indago através da coberta, e ela logo a puxa.

— Porque temos muito o que falar, e eu quero olhar nos seus olhos enquanto fazemos isso. Além do que, estou de pé desde as seis. Levante,

preguiçosa — ela diz, não me dando a chance de protestar, e sai do quarto. — Ande logo, eu fiz o café — ela grita da escada. Deus! O que é agora...?

Levanto e vou até o banheiro lavar-me. Olho no espelho, em meus olhos cor de nada, e vejo a clara imagem do fracasso. Falhei em cumprir minha promessa, e não posso negar para mim mesma o quanto me sinto atraída por Liam... Fecho os olhos, suspiro, e na minha mente vem vívido o olhar dele. Eu o magoei, não era minha intenção causar essa dor. Lembro-me do meu pai dizendo que estrago tudo o que toco... Abro os olhos e esfrego meu rosto. Entro no chuveiro e tomo uma ducha fria, desejando que ela lave a minha alma também.

Quando eu desço, o cheiro que vem da cozinha é bom. Embora eu saiba que Meg não consegue nem fritar ovos, imagino que tenha sido ela quem fez, ou seja, deve estar comível. Paro na entrada e olho para minha amiga, entretida em seus afazeres. Ela levanta o rosto e sorri para mim. A cozinha está uma bagunça.

— Venha comer, princesa — ela ri, e eu me lembro de ela chamando Liam de príncipe. Isso alfineta meu coração. Não correspondo ao sorriso. — Desculpe, eu só... Ok, vamos começar de novo — ela puxa uma cadeira. — Aqui, madame — ela agora me dá um sorriso suave. Retribuo, mas sei que esse com certeza não alcançou os olhos.

— Obrigada — sento-me e vejo o que tem na mesa. Pão, queijo, presunto, frutas, achocolatado em caixa, algo que parece um chá e... isso é panqueca ou ovo frito? Ela se esforçou aqui, ao menos a mesa está bonita. Dessa vez eu rio mais relaxada.

— De nada, agora coma e rápido. Preciso que você assine um contrato. — Oi? Contrato? Eu a olho indagadora, mas ela apenas aponta para a comida. Sei que não vai falar antes que eu coma. E eu que pensei que iria acordar com uma DR daquelas, mas, não, é uma surpresa “*daquelas*”.

Por fim, assim que acabo de comer, ela começa pegando uma folha de papel. Tem algo como uma lista digitada. Franzo a testa. O que você aprontou, Meg?

— Bem, devido aos últimos acontecimentos, percebi que você só piorou. — Eu a olho surpresa — Isso mesmo, estou dando uma de profissional, já que os imbecis que você paga não fazem o trabalho deles. — Ela abre a lista e dá uma conferida — Então, você teve o pior dos dias quando reviveu pela milésima vez a morte da Liz. — Essas últimas palavras saem num fio de voz. — Coisa que você faz religiosamente todo ano. Aí, você resolveu que a bebida era um ótimo caminho e foi “*nadar...*”

— Meg, eu não queria me matar, juro — digo, séria. — Só que depois que eu caí na água...

— Não importa o que queria e sim o que fez — ela me olha com aqueles olhos azuis vivos. — Sua vida vai ser assim agora de atos e não de querer. Você quer muitas coisas que não podem ser ou ter. Seu pai é e sempre será um idiota. Esqueça ele. Sua mãe se deixa dominar, sempre foi assim. Esqueça o “*e se*”, aceite-a e dê apoio. Sei que você esperava que ela fosse a mãe protetora, mas é ela quem precisa de proteção. Seu irmão cometeu um erro, supere. Ele a ama. — Ao ouvir sobre bem, meu coração salta. É uma das coisas das quais mais senti falta esses anos... Meu irmão. — O Fabrício teve o fim que procurou, e Liz não voltará, não nessa vida. — Por que ela está sendo tão dura? Eu a olho desesperada. — Não me olhe assim. Acho que tenho o direito e o dever de te dizer essas coisas. — O tempo todo ela me diz coisas rígidas, mas a sua voz é doce, ela também está sentindo cada palavra. Ah, Meg... O que vamos fazer?

— Eu ainda não entendi onde quer chegar...

— No pacto — ela diz, cheia de si.

— Pacto? — eu a olho curiosa, e ela segura minhas mãos soltando a lista.

— Vamos fazer um pacto agora. Um pacto de felicidade. Chega de se arrastar pela vida. Devemos isso a Liz. — Nós? — Sim, nós duas. Afinal estamos aqui, não? E se Deus decidiu que nós iríamos viver, e ela, não, devemos fazer mais do que apenas nos arrastar pelo mundo numa máscara de felicidade superficial.

— O que esse pacto pretende? — Estou começando a me assustar. O que Meg está querendo?

— A felicidade, eu disse. Leia — ela me entrega. Lá está o pacto.

Pacto de Felicidade para Liz, por Meg Cobalsk:

- 1º) Receber o jornal pessoalmente quando estiver acordada;
- 2º) Fazer compras em horário normal;
- 3º) Cumprimentar as pessoas na rua;
- 4º) Frequentar o salão de beleza;
- 5º) Comprar, usar roupas novas e maquiagem;
- 6º) Ir à cidade assistir a um filme uma vez por semana ou duas no mês.
- 7º) Ir à cidade uma vez no mês, tomar café em uma lanchonete ou jantar na pizzeria. Proibido pedir em casa;
- 8º) Beber apenas se estiver feliz;
- 9º) Conversar com sua mãe, perguntando sobre ela.
- 10º) Fazer as pazes com seu irmão.
- 11º) Cumprimentar seus vizinhos.

Amanda Stone

— Meg... — eu termino de ler e olho para Meg. Sério? Isso é um monte de bobagens.

— Nem me olhe assim. Você vai socializar — ela faz um gesto negativo com a cabeça. — Não existem argumentos contrários. Sim, você pode, sim,

você vai fazer.

— Meg, eu entendo que você quer me ajudar, mas essas últimas cláusulas, eu... — suspiro e fecho os olhos, apertando-os, e depois os abro. Meg está me encarando séria, do jeito de quem diz que não vai ceder.

— Sim, você pode, eu pus no final para que você tenha tempo de ir se acostumando com a ideia. — Os olhos dela de repente adquirem um ar de mágoa. — Não vou perder você também, Amanda, nem que eu precise viver por isso, eu vou ver você feliz, de verdade. — Os olhos da Meg enchem-se de lágrimas.

— Meg... — eu olho para o papel.

— Você tem que decidir agora o que vale a vida de seu bebê. — Eu a encaro espantada. Ela está pegando pesado comigo. Que é isso? Terapia de choque? — Você tem que parar de viver ideias e viver a vida de verdade. Agir. Pela Liz, não é o que você diz? — Afirmo com a cabeça — Então, assine — ela me entrega uma caneta.

Sei que é uma bobagem e que eu não preciso assinar nada. Sei que mesmo que assine, nada pode me obrigar a cumprir. Então, eu olho para Meg e lá estão aqueles olhos que me acompanharam a vida toda. Que me fizeram sorrir, enfrentar medos, que me defenderam do meu pai, de Fabrício, que me acordaram e impediram que eu e meu bebê fôssemos queimadas vivas... Ela deposita tanta esperança em mim. Meu coração agora está apertado, eu sou a família de Meg, e ela é a minha, mesmo eu tendo pai, mãe, irmão... Sou tão egoísta... Ao menos posso tentar, não? “*Sim, sua idiota, você pode!*” Pela Liz... Pela Meg...

Pego a caneta e assino. Meg abre um sorriso enorme e pendura o contrato na porta da geladeira. Nos levantamos sem dizer nada, estamos em cima da hora. Levo Meg até a rodoviária. Assim que chegamos lá ela me olha iluminada. Sei que estou com uma expressão tensa, mas...

— Você consegue — Meg me abraça. — E qualquer coisa é só me ligar, qualquer hora, qualquer lugar — ela diz, sorrindo, cheia de esperança. Acredita tanto em mim... Sinto que uma nova fase começa agora. Uma vida nova, mas ainda não sei como vivê-la.

Solidão

Já faz alguns dias que a Meg foi embora. Sinto um vazio enorme, mas tenho que seguir em frente, ela não pode e nem deve ser minha babá. Ainda não cumpri nenhuma meta da lista, mas tento dizer a ela que quando acordo o rapaz do jornal já passou. Disse que vou seguir a ordem dos tópicos, o que não a deixou muito satisfeita, mas concordou. Hoje eu acordei cedo, não para cumprir o pacto, fiz isso porque já dormi demais todos esses dias. Está na hora de reagir. Meu livro está se arrastando um pouco e logo o André vai ligar surtado. Meg aqui e todos os acontecimentos me fizeram repensar muitas coisas.

Entrei em contato com a psicóloga, o psiquiatra, a turma toda. Eles pareceram achar interessante a ideia de Meg, e o Travis até riu. Ainda tenho contato com ele por causa das medicações para ansiedade, mas terapia mesmo eu faço com a psicóloga, a Jane. Apesar de tudo, conservo a ligação com o Travis, ele foi o primeiro a falar comigo quando cheguei ao hospital. Começo a me lembrar daquele dia difícil e de como Fabrício... Não, não quero lembrar.

Vou até a cozinha fazer o café e penso na internet que está boa e não deu mais problemas. Lembro de Liam e olho pela janela. Tem alguns dias que não o vejo, acho que ele deve estar na base. Com o verão a todo vapor, as queimadas pioram, principalmente nessas regiões com florestas. Meu coração se aperta com a ideia de que ele não esteja bem, que se machuque. Balanço a cabeça espantando esses pensamentos nefastos. Pego minha xícara de café e

vou para a varanda. “*Não seja covarde, Amanda*”. Digo para mim mesma porque tenho que começar a enfrentar. “*Pela Liz, pela Meg*.” Sento-me em um enorme banco de madeira que tem na varanda e espero o rapaz do jornal, porque vejo que ele ainda não o entregou.

Passam-se alguns minutos e, ao longe, avisto uma bicicleta. Levanto-me e ponho a mão sobre os olhos para conter a luz do Sol. Meu coração dispara, não porque vou falar com o rapazinho, mas porque vou dar meu primeiro passo de volta ao mundo. O meu medo não se direciona a garotos...

— Você pode, você consegue, você é jovem, tem apenas vinte e quatro anos e uma vida para viver de forma que valha a pena — repito as palavras de Meg, em um sussurro.

O rapazinho passa direto, como se fosse à casa de Liam primeiro, e, num reflexo, eu grito por ele, que parece se assustar e se atrapalhar com os pedais da bicicleta, então cai. Droga, comecei bem, hein?! Corro na sua direção e quando chego perto percebo que não deve ter mais do que doze anos. É franzino, usa óculos e cheio de espinhas. Ah, a pré-adolescência! Suspiro ao observá-lo, enquanto ele se levanta pegando a bolsa com os jornais e erguendo a bicicleta. Então, se volta para mim. Ele tem uma ferida feia e suja no joelho, já que caiu em uma estrada de cascalho e terra. Arrependo-me de tê-lo chamado, poderia ter esperado ele retornar.

— Desculpe, não era minha intenção assustar você — digo, consternada, e com o coração na mão. É só uma criança, Amanda, uma criança para o primeiro passo, você consegue.

— Tudo bem, senhora, eu... — ele parece ter medo de mim do que eu dele. Deve estar acostumado a sofrer bullying por sua aparência. Afinal, os caras “*legais*” não entregam o jornal.

— Me chame de Amanda. — Crio coragem e, dentro de mim, surge o sentimento de proteção. Estendo a mão para ele. Ele hesita, mas retribui e

vejo que tem raladuras nas mãos também. — Por que não entra para limpar esse ferimento? — digo, de forma suave, e ele me olha estranho, mas assente com a cabeça.

Nós entramos em silêncio. Levo-o ao banheiro e peço que se sente na borda da banheira. Ligo a água morna e lavo o ferimento; ele se retrai, mas não foge. Deve estar doendo bastante. Não sei como é a dor, porque esses machucados eram sempre do Benjamin. Eu evitava esportes de risco, já era desastrada demais para fazer algo do tipo. Lavo o ferimento com o máximo de cuidado, sou treinada. Fazia isso para meu irmão na tentativa de minimizar as broncas dos nossos pais. Seco o ferimento, passo remédio e faço um curativo. Não fica tão mal. O garoto não diz nada o tempo todo, e a sensação é constrangedora.

— Você não me disse seu nome — eu o encorajo.

— Kevin, senhora — ele diz e quase não escuto sua voz. Deus, ele consegue ser pior do que eu. Será que é assim que os estranho se sentem perto de mim?

— Amanda, me chame de Amanda. — Ele anui com um gesto de cabeça, e eu abro um sorriso tímido. Somos dois estranhos em todos os sentidos e estamos nos conhecendo.

O garoto faz um gesto de quem vai embora e vejo que ele manca. Sinto dó e imagino se ele tem amigos. Eu tenho Meg... Suspiro e então penso. Viver, Amanda, agir.

— Ei, Kevin — ele gira, surpreso. — Você já tomou café? — pergunto, na esperança de que não, e ele demora um pouco a responder. — Eu ainda não comi, é meio chato comer só.

— Não, senhora. Er... Amanda — ele se corrige, atropelando-se nas palavras. Sinto que ele diz que não, mas que já deve ter comido algo, sua mãe não o deixaria sair sem comer. Deixaria?

— Você me acompanha? — eu falo esperançosa, ele me dá aquele olhar de “*você quer minha companhia?*” Sim, eu quero! Eu penso. — Vou fazer panquecas e cozinhar muito bem — completo.

— Sim, senh... Amanda. — Vamos ter que trabalhar isso de senhora. Alargo o sorriso, e ele me retribui com uma contração tímida dos lábios.

Nós vamos para a cozinha, eu faço as panquecas e ponho uma mesa assombrosa. Os olhinhos dele brilham. São castanhos como os meus. Comemos bastante, e eu engato uma conversa sobre a cidade, a escola dele, sua família. Ele fala pouco, monossílabos basicamente. Estou me esforçando aqui! Agora entendo Liam e admiro sua paciência. Esqueça Liam, Amanda, ele é terreno proibido para você. Escuto a voz de Meg em minha cabeça. “*Eu coloquei no final, você terá tempo de se acostumar com a ideia*”. Sim, ideia de que terei que falar com ele...

— Por que veio para cá? — É uma pergunta tímida e sussurrada, mas me traz de volta a realidade.

— Eu sou escritora — vejo o rosto dele se iluminar. Ótimo, ele gosta de livros. — Precisava de um lugar calmo para escrever.

— Aqui é calmo — ele diz, como se isso fosse ruim.

— Então escolhi o lugar certo — digo, sorrindo. A expressão dele muda de repente.

— Eu tenho que ir. Ainda vou entregar o jornal do senhor Mackenzie. — Tão formal! — E volto para casa para me arrumar para o curso de verão.

— Você faz curso de verão? — pergunto, surpresa. Ele não deve ter muitos amigos.

— Estou aprendendo alemão — responde, como se fosse a melhor coisa do mundo. Ele é nerd. “*Olá, amiguinho.*” Eu sorrio porque me identifiquei com ele.

— Eu te levo — digo, levantando e pegando a chave do carro. Olho para

mim, estou de calça moletom e duas camisetas sobrepostas. Minhas roupas favoritas... Lembro de Meg. Estou progredindo aqui, mas vou deixar isso de roupas e maquiagem para depois.

— Não precisa, dona Amanda. — Dona?

— Eu insisto, e com essa perna machucada você vai se atrasar mais. De qualquer forma, Liam não está aqui, está trabalhando, então, pode deixar o jornal que eu entrego quando ele voltar. — Oi? Eu vou entregar o jornal? Não mesmo! Ele não irá querer ler um jornal velho quando voltar.

— Então tudo bem — ele diz e parece feliz que eu o leve.

Nós saímos e prendemos a bicicleta no fundo do carro. Ele entra no carona, e eu peço que coloque o cinto. Ponho o meu também e ligo o carro. Saímos em direção à cidade. No caminho, ele me aponta as casa e fala dos donos como se fosse um guia turístico. Umas das primeiras na estrada é a do xerife. Bem que a senhora Ashworth falou que ele morava perto. Kevin me mostra também um campo aberto onde os garotos jogam bola, um clube, a casa da bibliotecária e a do dono da pizzeria. Ele conhece todo mundo, claro, afinal, é quem entrega os jornais. De repente se tornou tagarela e fala detalhes de todos, das casas, conta histórias engraçadas da cidade...

Chegamos à casa dele, e eu desço, acompanhando-o. Tem uma mulher na porta que vem em nossa direção assim que saímos do carro. Ela é baixinha, rechonchuda, tem os cabelos loiros, os olhos castanhos e usa óculos também. Deve ser a mãe dele.

— Essa é minha tia, Judith — ele diz, tímido.

— Kevin, o que aconteceu com você? — ela fala entre preocupação e repreensão.

— Eu o assustei, e ele caiu da bicicleta — me sinto compelida a ajudá-lo. Ela me olha com estranheza e depois com seriedade.

— Obrigada por trazê-lo — ela se volta para o garoto. — Vá se arrumar

ou vai ficar encrencado, mocinho — diz, querendo parecer zangada, mas sua voz é suave.

— Sim, senhora — ele corre para dentro, mancando. Sinto uma tristeza por ele e ao mesmo tempo acho graça.

— Judith Hans — ela estende a mão para mim, se apresentando.

— Amanda Stone — retribuo. Me sinto mais à vontade em falar com mulheres, principalmente as mais velhas. Minha psicóloga disse que era compreensível.

— Desculpe se ele deu trabalho, normalmente é muito reservado e não incomoda as pessoas — ela se desculpa. Eu a observo de perto e percebo que ela já tem uma certa idade. Há alguns fios grisalhos em seus cabelos e algumas rugas...

— Não me deu trabalho algum. Ele é um menino muito educado — elogio, quero que ela não se chateie com ele. — Bom, eu já vou indo.

— Até mais, senhorita Stone — ela cumprimenta, e eu penso que em pouco tempo já fiz contato com duas pessoas. Oi? Contato? Não seja idiota, Amanda, você não é um E.T.

— Até, senhora Hans — sorrio, gentil. Sinto meu corpo mais leve. Falei com duas pessoas, fui sociável e não me senti mal. Apesar disso, não consigo tirar a imagem do garoto da cabeça. Ele me pareceu tão sozinho, tão eu...

Volto para o carro e penso que já que estou aqui vou até o mercado. Não deve ter muita gente, mesmo porque é uma cidade pequena, as pessoas não vivem indo às compras. Vou entrar, comprar algo e volto para casa. Estou empolgada com minhas ações e terei muito para contar à Meg quando chegar. Não me lembro em que local da lista está o mercado, mas quem se importa? Só tenho que fazer, certo? Certo.

No meio do caminho, vejo um salão. Está praticamente vazio, e eu penso por que não? Paro na frente dele e desço. As pessoas me olham estranho e

lembro de Liam falando que ninguém sabia nada sobre mim. O certo é que especulam sobre mim, isso me incomoda um pouco. Minhas mãos ficam frias, de repente sinto meu estômago contrair-se.

— Você pode, você consegue — sussurro para mim.

Entro no salão e uma moça negra bastante maquiada vem atender-me, com um enorme sorriso no rosto.

— Olá, meu anjo, seja bem-vinda ao Beleza Diária. O que faremos hoje?
— O que faremos? Não pensei nisso. Olho para trás dela e tem um enorme cartaz de uma modelo com franja. Não é uma má ideia, não?

— Um corte — falo, tímida.

— Hum, certo. Sente-se aqui — ela indica uma cadeira, e eu me sento. Ela mexe em meu cabelo analisando a textura. — O que tem em mente? — Nada. Vamos, Amanda, esforce-se.

— Uma franja — digo, olhando a foto na parede através do espelho à minha frente.

— Ah, ótimo, você ficará linda — ela sorri em aprovação. — A propósito meu nome é Donna.

— Amanda — ponto para mim. Conheci mais alguém.

— Posso sugerir uma hidratação? — ela fala, gentil. Eu não ligo para essas coisas, mas já que estou aqui, concordo.

Passo um bom tempo no salão, pois acabo decidindo por corte, hidratação, escova, manicure, pedicure... Ufa... Nunca que eu lembraria como isso é cansativo e ao mesmo tempo revigorante. Me sinto mais feminina. Saio do salão com um sorriso bobo no rosto e, então, do nada, uma chuva grossa começa a cair. Tenho tempo de chegar ao carro, mas essa chuva de verão está com cara de que vai ser daquelas.

Dirijo todo o caminho de volta concentrada e, sem aviso prévio, o carro dá um tranco e para. Droga, o que foi agora? Eu, parada no meio da estrada e

nessa chuva. Olho em volta e vejo que estou em frente à casa do xerife. Ótimo! Desço para olhar o carro e boa parte do dinheiro gasto no salão escorre com a chuva. Quem se importa? Ninguém ia me ver mesmo. Analiso o carro como posso e percebo que um pneu estourou. Droga! Não tenho estepe, e nessa chuva jamais conseguiria trocar sozinha. Volto para o carro, e meu celular não tem sinal. Se bem que não sei para quem ligar. Nunca pensei que precisaria. Olho para a porta da casa do montanha...

Conhecendo um “conhecido”

O destino é engraçado. Fiz um grande esforço até aqui, mas, ele não está satisfeito e me empurra mais. Agora entendo que o garoto foi apenas uma entrada, o prato principal vem agora. Desço na chuva novamente, vou até a porta dele e toco a campainha. Ele abre a porta e está de calça jeans, botas e sem camisa. Qual o problema desses homens e suas camisas?

— Amanda — ele diz, surpreso.

— Xerife, er... — eu engasgo um pouco. Tomo fôlego e prossigo. — Meu carro furou o pneu e meu celular não tem sinal — olho para ele, que parece enorme. *“Ele não vai machucar você, Amanda”*. Repito em minha mente umas três vezes.

— Entre, saia dessa chuva antes que fique doente — ele diz, sério, mas não zangado. Agradeço mentalmente porque embora seja verão, a chuva está gelada e forte.

— Eu só preciso de um número de uma oficina e seu telefone emprestado — digo, tentando aparentar estar no controle, porque dei-me conta de que estou sozinha com ele em sua casa, no meio do nada e me lembro de como ele tratou Meg. Sei que ele teve motivos, mas isso não quer dizer que não me assuste.

— Um momento — ele vai lá dentro e volta, vestindo uma camisa e segurando outra peça de roupa na mão. — Você devia tirar essas roupas primeiro ou ficará doente. — Oi? Não mesmo! — Pode usar aquela porta ali — ele me diz, indicando uma porta de madeira vermelha. — Lá dentro tem

uma lavadora e uma secadora, você pode pôr suas roupas, será o tempo que Carl levará para chegar aqui. — Ele fica parado com a roupa estendida para mim e me olha direto nos olhos. Parece seguro e agora vejo o olhar que Meg tanto criticava nele. Realmente parece um homem mais velho do que seu rosto demonstra. O que a dor não faz a uma pessoa? Engulo em seco.

— Eu estou bem assim — corto, cruzando os braços, e meu corpo me trai nesse momento, porque começo a espirrar. Inferno.

— Sério? — ele me olha, erguendo a sobrancelha. O olhar de vovô se intensifica. Pego a roupa que ele oferece e vou em direção à porta que ele indicou. — Vou ligar para o Carl — ele diz, às minhas costas, enquanto eu caminho em direção à porta vermelha.

Lá dentro vejo que há uma tranca. Eu a uso. Sinto-me mais segura assim. Tiro a roupa molhada e ponho na máquina. Continuo com minha lingerie por uns segundos e percebo que ele não me deu uma, mas duas peças. Um conjunto de moletom de calça e blusa, pretos. Tiro as roupas íntimas também e visto o que ele me deu. A blusa é enorme, quase chegando ao joelho, e a calça tem que ser dobrada várias vezes nas pernas e cócs. Apesar do tamanho, sinto-me melhor com roupas secas.

Sento-me em um banco e fico pensando em como a vida da gente tem caminhos estranhos. Há alguns anos eu era uma garota tola, tive meus namorados de adolescência, minhas experiências, fiz minhas burradas e numa delas me tornei uma estranha. Suspiro. Meg está certa, não posso desistir de viver, porque foi isso que fiz, embora não tenha cometido suicídio como esperavam. Não posso me dar a esse luxo. A Liz morreu, e eu vivi. Por quê, Deus? Fecho os olhos e uma lágrima rola em meu rosto. Ouço uma batida na porta e me assusto.

— Amanda? Tudo bem? — é o xerife.

— Sim... já vou sair — respondo, meio vacilante. A roupa ainda demorará um pouco, então, destranco a porta e saio meio insegura, agradecendo por ele não estar na porta. Ando aleatoriamente na direção um barulho de talheres. Vejo algumas fotos dele e de uma mulher que deduzo ser sua esposa pela forma como estão. Nossa, ela era bonita! A casa tem alguns pontos de cor que provavelmente ela decorou. Pensei que eles tivessem morado na cidade...

— Oi — ele diz, me olhando. Eu o encaro, constrangida, não quero especular.

— Oi, desculpe pelo trabalho — digo.

— Trabalho algum, somos vizinhos, podemos nos ajudar. Esse é o lema da nossa cidade — ele sorri, mas ainda parece triste. — Pequena, mas amiga.

— Entendo — eu sorrio, porque acho estranho ele falar assim. Você tem razão, Meg, ele parece um vovô. Edward parece surpreso, e eu fecho o sorriso. Vejo que ele está pondo a mesa do almoço. Não havia notado que o tempo passou tão rápido.

— Espero que não se importe de comer um macarrão ruim — ele diz e parece desconfortável.

— Não precisa se incomodar — respondo.

— Não é incomodo, é que o trator de Jackson quebrou e Carl vai demorar um pouco, pensei que você não se importaria de esperar até depois do almoço, assim, posso te deixar em casa antes de ir para a delegacia — ele me olha sério, e percebo que ele sempre se mantém distante de mim, em um espaço notável. Será que sabe que me assusta? Pareço assustada agora? Não. Isso é estranho, mas eu me sinto confortável...

Fico olhando para ele por um tempo e, então, me lembro que ele perdeu mulher e filho, ou filha. Eu me solidarizo por sua dor. Somos duas almas marcadas. Dois solitários em meio às pessoas. Quem perdeu um anjinho como nós sabe de que solidão estou falando. Olho para a mesa de novo e por

que não? Sorrio timidamente. Você já foi sociável, Amanda, não exatamente extrovertida, mas...

— Acho que não, se não for incomodá-lo — olho tensa para ele.

— Já disse que não me incomoda, Amanda — ele fala meu nome e percebo que não me chama de moça, como fazia com Meg. — Mel cozinhava, então, receio que tenha que comer meu experimento, já que ela não está mais aqui — ele fala, e eu sinto um vazio. Deve ser assim quando se ama alguém... A pessoa morre e você morre um pouco junto com ela a cada dia...

— Então tudo bem — digo, tentando mudar o rumo das coisas por aqui. O ar tá muito pesado, então, me aproximo do fogão e vejo que ele tinha razão. Esse macarrão é estranho. Ele se afasta de mim. Distância segura? Está funcionando, estou me sentindo “*confortável*”? Não sei se é essa a palavra, mas não quero sair correndo.

— É o melhor que sei fazer — ele me diz, como se pedisse desculpas pela comida.

— Acho que podemos ajeitar isso — digo e pego uma colher próxima, para dar uma conferida no molho. — Se importa? — pergunto, antes de mexer.

— Não, senhora — ele diz e tem um olhar entre interessado e apreensivo.

— Então, senhor, eu vou mexer na sua cozinha. — Ei, eu brinquei? Sim, eu fiz isso, estou em meu terreno. Amo cozinhar, e isso me deixou mais confiante ainda.

— Toda sua — ele diz e parece sorrir. Ao menos eu acho isso.

Edward não fala nada enquanto arrumo o molho. Escorro logo o macarrão e passo na água fria para evitar que prossiga com o cozimento. Estou me espalhando na cozinha, e ele parece não se importar. Em alguns minutos tudo está pronto. Sentamos para comer, e ele serve suco pra gente. De caixa...

— Então a sua amiga já foi? — Oi? Ele vai falar de Meg? Olho para ele de boca cheia e com as sobrancelhas erguidas.

— Sim — digo depois de engolir. — Ela estava tirando umas férias, mas já retornou ao trabalho. — Ponto para mim, que respondi uma pergunta com mais do que um sim. Se bem que não era sobre mim.

— Em quê ela trabalha? — Não sabia que era curioso, xerife.

— Secretária de uma empresa na capital — eu o encaro curiosa.

— Entendo. — Como assim, entende?

— Ela não é uma pessoa ruim — digo, séria.

— Eu não disse isso — ele se defende.

— Mas pensa — ponho os talheres no prato.

— Eu estava tendo dias ruins e me envergonho da forma como agi — diz e parece fazer um esforço para expor isso. — Peço desculpas pela forma como me portei — ele me encara esperando algo.

— Tudo bem, todos nós temos dias difíceis. Se quiser eu te passo o telefone do meu psiquiatra e da minha psicóloga para você fazer controle da raiva. — Oi? Eu agora sou piadista? Amanda, você está “*surtadinha*”.

— Acho que não é má ideia — ele diz, me olhando estranho, e depois uma sombra de curiosidade passa por seu rosto. — Por que você precisa de dois? — Droga. Engasgo com o suco. — Desculpe, não quero ser invasivo.

— Eu passei por um trauma. — E que trauma. Vou falar sobre isso com ele?

— Entendo, realmente entendo — ele diz, desviando o olhar.

— A moça da foto é sua esposa? — Eita boca nervosa, Amanda. Por que está fazendo isso? O Liam já contou a história, não? Fuga estratégica.

— Sim — ele diz, suspirando, e levanta, recolhendo a louça suja.

— Eu lavo — levanto-me e mudo o assunto de novo. Não quero fazer com ele o que fazem comigo, deixando-me desconfortável.

— Não, você salvou o almoço, então eu lavo — ele diz e sorri, mas é um sorriso triste. Todos os sorrisos dele são assim. Os meus também são? Não, Meg e Liam disseram que eles iluminam meus olhos...

— Muito bem, não vou brigar por isso — tento suavizar. Ele lava tudo bem rápido e pede licença para ir se arrumar para o trabalho.

Fico olhando a cozinha. Uma chaleira me chama a atenção e ponho água para aquecer para fazer café. Vou até a máquina e ponho a roupa para secar. Volto e faço o café. Cozinhar me acalma e, apesar de não estar com medo, estou tensa. Quando contar a Meg e Jane tudo o que aconteceu hoje, elas não irão acreditar. Vejo meu reflexo no vidro da janela e percebo que pareço um papel amassado. Olha, Amanda, da próxima vez que for ao salão, leve um guarda-chuva. Acho uma garrafa térmica pequena e coloco o conteúdo dentro. Viro-me para pôr na mesa e lá está ele, parado, me olhando.

— Eu... espero que não se importe, fiz café — digo, constrangida como uma criança pega em uma traquinagem.

— Não, claro que não — ele diz e me olha estranho. — Ainda tenho alguns minutos, então, podemos beber o café com calma. — Enchemos duas xícaras com o que não coube na térmica e seguimos para a sala.

Sentamos e ficamos como conhecidos estranhos. Não temos intimidade alguma, mas não me sinto querendo correr. Talvez ele não seja mesmo uma má pessoa. *“Você não é uma má pessoa, Amanda”*. Não, eu não sou...

— Liam não é uma má pessoa — ele fala, e eu engasgo com o café. Ah, droga, você também lê mentes?

— Eu não disse que era — digo e agora estou desconfortável.

— Eu sei, apenas queria que você soubesse — ele toma outro gole. — Ele é a melhor pessoa que eu conheço. — Por que você está fazendo propaganda dele? Droga, eu fiz aquela cena e depois não o vi mais. Ele, com certeza, deve achar que eu o vejo como um molestador. Inferno.

— Meg é a melhor pessoa que conheço — desvio o foco, ainda não estou preparada para Liam.

— Touché! — Oi? Isso é uma piada? — Somos amigos fiéis, não? — ele diz, me encara e então a coisa mais absurda acontece. Nós dois rimos juntos e relaxados, mas em seguida paramos, como se ficássemos assustados com nós mesmos. — Acho que sua roupa secou, está na hora de ir — ele diz, mas agora posso ver um ar de divertimento em seu olhar.

— Vou me trocar — eu saio e ele leva as xícaras para a cozinha.

Quando volto, ele está com a térmica na mão. Vai levá-la para o trabalho, e eu me sinto feliz por ter ajudado de algum jeito. Sei que foi só um café e um macarrão de improviso, mas isso deixou o meu dia mais leve e parece que o dele também. Ele me leva em casa e no caminho não falamos nada, mas é um silêncio confortável. Ao descer do carro eu dou uma olhada para ele, que acena com a cabeça em despedida. O ar de divertimento ainda está gravado em seus olhos. Afinal, o “*monstro*” não é tão assustador assim.

CAPÍTULO DEZENOVE

O passado bate à porta

As coisas estão mudando aos poucos, mais em mim do que em qualquer outro lugar. Eu sinto, ou melhor, me sinto mais leve. São pequenos detalhes, mas que fazem uma diferença enorme. contei para Jane sobre o encontro com Kevin, a tia dele e até da conversa com o xerife. Ela achou que foi um progresso importante para mim e disse que tudo só aconteceu porque eu quis. Disse: *“Você é a roteirista, diretora e atriz principal de sua vida, Amanda, só você decide como sua história irá ocorrer”*. Achei bonita a forma como ela colocou isso e pensei que está certíssima. Depois que decidi abraçar as ideias de Meg, as coisas realmente fluíram. Estou escrevendo bem, consigo dormir, comer, faço tudo bem. Travis até orientou que eu desse uma reduzida nos ansiolíticos; disse que pela primeira vez em anos eu pareço feliz, não de estar, como se momentaneamente, mas de ser.

Essas alterações todas dão-me muito o que pensar... Olho pela janela. Sim, janela... Virou um hábito observar a casa de Liam, e eu parei de me negar isso. Está quase fazendo uma semana que não o vejo. Os jornais dele estão todos sobre minha mesa de centro. Eu encontro o xerife às vezes, quando vou à cidade, e o cumprimento. Ele parece sorrir para mim, é meio estranho, mas é o jeito dele. De qualquer forma, não tenho mais medo.

O Kevin se tornou figura presente no meu café da manhã. Depois de anos, o primeiro amigo que faço tem doze anos. Sorrio por dentro... Ele parece tão frágil, mas por dentro é forte, determinado e cheio de sonhos. Encanta-me ver como enfrenta o mundo que parece querer pô-lo à margem. Sempre vem

entregar meu jornal por último e deixa os do “*vizinho*” comigo. Nós conversamos, comemos, rimos. Às vezes eu levo ele de volta e numa dessas idas fui impelida a aceitar um café com sua tia. Ela parece ser uma boa mulher. É bastante gentil e cuida sozinha de Kevin. A irmã dela, mãe do garoto, é modelo e viaja bastante. Teve o filho cedo e o deixou aos cuidados de Judith. Solidão... Todos no mundo têm esse momento em suas vidas, alguns mais, outros menos, e é assim que percebo as pessoas e seus problemas. Jane diz que passei tempo demais me fechando e com meus próprios pensamentos, o que favorece esse excesso de observação para com os outros. Enfim, eu estou vivendo.

Já fiz bastante coisa hoje e já são quase dez da noite nessa sexta-feira. O verão chegou, mas as noites no lago não são quentes como pensei que seriam; na verdade, são bem agradáveis. Tomei um banho, vesti meu velho amigo moletom: uma calça bem surrada, camiseta, e pego um casaco. Vou para a varanda para ver estrelas. Sento-me e me distraio olhando o mundo e sua magia. Um barulho de carro me liberta dos meus devaneios, e eu não reconheço o veículo. Não é o do xerife, nem de Liam. Levanto-me pronta para entrar em casa, quando o carro para à minha porta. Meu coração dá um salto. Um homem salta, de casaco preto comprido, um sobretudo. Parece usar sapatos caros e, quando volta o rosto para mim, identifico a mesma cor de cabelo que EUA minha e os mesmos olhos. Benjamin? O que faz aqui? Ele pega uma sacola de mão e caminha em minha direção.

— Oi — ele diz, sorrindo, mas meio inseguro. — Vim para o final de semana, espero que a casa não esteja cheia. — Oi? Como assim final de semana?

— O que faz aqui? — eu indago e sei que soei rude.

— Eu já disse, final de semana entre irmãos — ele diz, parecendo muito lógico.

— Ainda não entendi — corto. Ele disse que avisaria quando viesse, embora eu tivesse certeza de que não viria.

— Por que não me chama para entrar e eu explico? — ele propõe, com um sorriso vacilante. Será que acha que vou mandá-lo embora? Será que vou? Claro que não. — Foi uma viagem cansativa.

— Imagino — digo, séria. — Vem, vamos entrar — eu me rendo, por fim. Meu irmão e eu, em um final de semana. No fundo do meu coração algo palpita, não imaginava que queria tanto isso. Que queria tanto que ele viesse até mim.

— Desculpe não ter avisado antes — ele diz, já dentro de casa.

— Tudo bem, você disse que vinha. — Parecemos dois estranhos, olhando um para o outro. Ele parece querer dizer algo, mas... — Quer tomar um banho? Pode se acomodar no segundo quarto à esquerda, subindo a escada.

— Obrigado — ele dá o primeiro sorriso largo, e eu lembro dele quando éramos duas crianças. Sempre tão alegre, tão divertido.

— Não tem de quê — eu falo, e ele sobe. Vou para a cozinha preparar algo. Isso vai me relaxar e me distrair.

Faço chocolate quente; a noite está fresca, será uma boa pedida. Lembro que ele adorava quando eu fazia isso. Suspiro e escuto o chuveiro ligado. Em alguns minutos ele desce, não está mais em seus trajes requintados. Apenas uma bermuda e uma camisa de malha, embora sejam de marca. Dinheiro, a vida do meu pai. Só não achei que seria a de Benjamin também. Tenho bastante dinheiro, embora escreva sob um pseudônimo, pois a fama alcançou meus livros e rende-me bastante. Penso em como as coisas são estranhas no mundo. Ele entra na cozinha descalço e sorri para mim. Não lembrava do quanto seu sorriso é tão cativante.

— Então, ainda cozinha? — ele pergunta, tentando quebrar o clima esquisito.

— Bastante — falo, séria.

— O que vamos preparar hoje? — Nós? Sei lá, eu não fazia a mínima ideia de que você viria.

— Não sei — eu o encaro, concentrada.

— Qual era o seu plano para hoje? — ele pergunta e parece temeroso. Por quê, Ben?

— Eu ia olhar as estrelas até cansar — respondo por fim, dando uma trégua.

— Ótimo — ele sorri de novo, pega uma xícara e estende a outra mão. — Aceita companhia? — olho nos olhos dele, castanhos como os meus e os da mamãe. Doces, carinhosos. Como pude esquecer como é a minha família? Pego a outra xícara, e ele está quase abaixando a mão quando ponho a minha na dele.

— Por que não? — Essa pergunta tem me seguido ultimamente. Toda vez que tenho um novo desafio me faço essa pergunta e o encaro. Essa sou eu agora.

Vamos para fora e sentamos no banco de madeira. Ficamos em silêncio por um tempo. Contemplamos as estrelas, ouvimos os bichinhos da natureza e seus barulhos estranhos. O Benjamin ainda não soltou a minha mão. Após alguns goles em sua bebida, ele suspira com força e põe a caneca no chão. Aperta a minha mão como se fosse tomar coragem para algo. Parece que está em uma batalha consigo mesmo. Observo seu perfil e percebo que ele está fitando o nada.

— Desculpe, Amy — ele fala, com a voz pesada.

— Pelo quê? — pergunto e sinto um nó formar-se em minha garganta.

— Por não enfrentar nosso pai por você — ele diz e sinto que está magoado. Lembro-me de papai dizendo que eu era uma vergonha e que iria me deserdar pela gravidez. Lembro-me de sair de casa com a roupa do corpo

e do olhar atônito de Benjamin que não falou uma palavra sequer. — Achei que poderia fazê-lo mudar de ideia depois — ele expira, como se esvaziasse todo o pulmão, mas ainda não olha para mim.

— Eu odiei você por isso — digo, sincera.

— Eu sei...

— Odiei por muito tempo, o culpei por estar só, me senti traída. — Estou falando tudo que disse em terapias ao longo dos anos e que pensei que nunca diria a ele. Sinto que um peso é tirado do meu coração.

— Eu sei... Me sinto um traidor...

— Mas depois eu entendi — falo e sinto que tremores tomam conta de mim. É uma carga emocional muito grande.

— Entendeu? — ele diz, inseguro. — Entendeu o quê?

— Que ele é seu pai, seu herói, a relação de vocês sempre foi diferente da minha com ele. — Estou olhando-o, mas ele ainda não me encara. — Eu demorei, mas entendi você.

— Nem eu me entendo, Amy. — Sei como é isso, Benjamin. — Sei que não pode me perdoar, mas espero que um dia consiga — ele fala com dificuldade, e percebo uma lágrima descer por seu rosto. Benjamin chorando? Aquilo machuca mesmo seu coração. Eu não odeio meu irmão, não mais...

— Eu não o odeio — eu digo, quase em um sussurro, e ele finalmente me olha. Estamos bem próximos, olho no olho.

— Não? — ele diz, surpreso. — Eu devia tê-la protegido, eu devia ter...

— Eu não o odeio, e a minha mágoa não foi por isso — eu o interrompo, e ele olha para mim, confuso. — Como eu disse, a terapia ajudou-me. A minha mágoa real veio do fato de você fugir de mim depois.

— Fugir? — ele ainda não compreendeu.

— Sim. Eu sei que era você quem mandava o dinheiro pela Meg ou pela mamãe. — Ele aperta mais forte a minha mão. — E depois de tudo que

aconteceu, entendo que era sua forma de ajudar, já que eu não atendia às suas ligações, também mudei de cidade e não deixei endereço. Não dei espaço para você na minha vida...

— Se não me odiava por ter sido um covarde, por que, então? — ele me fita, curioso.

— Porque depois que o Fabrício fez... Você sabe — eu engulo tomando fôlego para continuar. — Você parecia ter vergonha de mim, não me olhava, não falava comigo. Só me visitou no hospital enquanto eu dormia. Eu queria que você tivesse lutado por mim, contra mim... Eu sei, é confuso.

— Eu estava envergonhado. — Olho para ele, ferida. Ele tem vergonha de mim. — Não de você, Amy, de mim. Porque não fui capaz de proteger minha irmãzinha — ele fala, e as lágrimas correm por sua face livremente. Levanto minha mão trêmula e enxugo algumas. Ele fecha os olhos e apoia o rosto em minha mão. — Olhar para você e pensar que eu poderia ter impedido, que eu...

— Não, Benjamin, eu fiz as escolhas erradas. — Ouço Jane dizendo: *“Não culpe os outros pelas escolhas que fez, dê a pena conforme o crime, Amanda, não mais. E também dê a chance de redenção, as pessoas erram.”*

— Mas era meu dever te proteger. Eu devia tê-lo... — ele diz, e sei que se refere ao Fabrício, mas não há o que fazer agora, não mais. Sinto que ele sofre.

— Era seu dever não me deixar só, me aconselhar, estar presente. — Ele olha arrependido para mim — Eu o empurrei para fora da minha vida, e você aceitou essa situação — falo taxativa.

— Eu entendo agora. Meg fez o que eu devia ter feito — ele fala, me surpreendendo. É verdade, Meg nunca foi embora, inclusive atrasou a faculdade para ficar comigo. — Tenho inveja e ciúme dela, sei que é idiota da minha parte, mas eu sou um fraco.

— Não, é um babaca — eu me lembro das palavras da minha amiga. — Um babaca que cometeu um erro — digo e sorrio. Ele está confuso, eu também, mas depois que ele chegou, que estou falando com meu irmão pessoalmente e com todos esses dias que fiquei lembrando dele e de nós. Não sinto mais aquela raiva destrutiva. Isso me surpreende, eu me sinto... Livre. Eu começo a sorrir e chorar ao mesmo tempo e, para minha surpresa, Benjamin me puxa para o seu colo.

— Sei que tem problemas com contato — ele vacila, mas não me solta, e cada célula do meu corpo está tremendo. — Meg me disse, mas eu preciso disso, preciso desse abraço, Amy. — Eu também, penso. — Um dia você vai me perdoar, vou esperar por isso e não vou mais afastar-me... Só me deixe ficar — ele fala agarrado a mim, como se eu pudesse fugir, tem o queixo apoiado em minha cabeça e massageia minhas costas numa tentativa de espantar meus tremores.

— Não prometo esquecer o quanto me senti só, Benjamin, mas eu já te perdooi. — Ele para por um segundo e então volta o rosto para me encarar.

— Já? — ele franze a testa.

— Já — não tenho muito o que dizer, acho que falei demais, e minhas emoções ainda são meio confusas para mim. Apesar disso, a certeza que tenho é que, mesmo magoada, não quero que ele vá.

Desejo muito ter meu irmão de volta. Eu o abraço apertado e ele se entrega aos soluços se rendendo ao turbilhão de emoções. Ficamos assim abraçados e chorando por um tempo. Ele beija minha cabeça diversas vezes e me aperta quase à exaustão. Então se afasta bruscamente.

— Desculpe, eu... Não tenho muito tato — ele diz, com a voz gasta de quem chora.

— Ei, eu sou a antissocial aqui — sorrio, sem jeito, e ele corresponde. Olho-o nos olhos, castanhos como os meus. — Não tenho medo de você. —

Essas palavras vêm da minha alma.

— E não precisa mesmo ter — ele diz, confiante. — Eu vou proteger você a partir de agora — ele fala, me pegando no colo, e meu coração dá um salto. — Primeiro de ficar resfriada aqui fora, já está tarde, vamos entrar.

— Não precisa me proteger, eu cresci, Ben, apenas não me deixe só — digo assim que atravessamos a porta de casa. Eu me aconcho em seus braços. As batidas do coração dele estão aceleradas, as minhas também.

— Não vou deixar, não mais. Qual o seu quarto, maninha? Vou pôr você pra nanar, como nos velhos tempos — ele me chama como fazia há tempos, e é tão gostoso ouvir de novo.

— O primeiro à direita, depois da escada — digo e sinto o cheiro dele. Cheiro de passado, cheiro de família, cheiro de lar, cheiro de vida nova... E feliz...

Meu irmão e eu...

Acordo me sentindo mais leve. Parece que virei uma página enorme da minha vida. Algumas pessoas podem não entender, mas as que têm um irmão como eu, que cresceram e viveram muitas histórias com ele, com certeza entendem. Esse distanciamento do Ben que eu causei, e ele permitiu, me fazia sentir como se tivesse arrancado um pedaço do meu coração. Agora ele está de volta, remendado, mas muito mais vivo. Desço a escada, dois degraus por vez, e encontro meu irmão lindo na cozinha. Ele não é tão ruim quanto a Meg, mas faz a mesma bagunça. Vejo que fez omelete, a mesa tá posta desencontrada, cada louça tem uma cor. Meu sorriso se alarga como o do gato de Alice no país das maravilhas. Ele parece notar minha presença e ergue os olhos.

— Oi, estranha — ele sorri pra mim sem jeito.

— Oi, intruso — sorrio de volta. — Se planejava destruir minha cozinha tá conseguindo.

— Você não tem ninguém para limpar? — ele me pergunta, incrivelmente surpreso.

— Não, príncipe dos diamantes, eu mesma limpo. — O rosto dele cai.

— Eu sinto muito, Amy, eu não queria... — ele inspira triste. — Não sabia.

— Ei, não seja bobo. Eu tenho dinheiro para isso, apenas não achei necessário. — Não quero que ele fique triste, já que parecia tão incrivelmente feliz. — Mas depois da sua visita e da Meg, estou mudando de ideia.

— Eu ajudo a arrumar, prometo — ele diz, voltando a sorrir. — Agora venha comer antes que esfrie.

— Você é um bobão — digo sentando-me. Isso fazia uma falta enorme pra mim...

— Ei, eu sou mais velho, acho bom me respeitar. — Eu olho para ele, faço uma careta e ele toma um gole do seu suco.

— Sabe que não tem nada combinando nessa mesa, não é? — pergunto divertida.

— Não tem mesmo, mas estou tão feliz que achei que colorido era mais bonito — ele fala tão seguro de si, que eu sinto meu coração se expandir no peito. Felicidade... Há quanto tempo não sou visitada por você dessa forma?

— Sei... — olho para a mesa, e as cores realmente combinam com nosso humor. Nós comemos em meio a risadas e conversas onde relembramos a infância e as peripécias cometidas. Parece que tudo aconteceu ontem. Ouço batidas na porta. — Vou ver quem é.

Chego à porta e abro quase sabendo quem é. Kevin. Ele está lá de pé, com um sorriso enorme. Eu o abraço e ele retribui. Já me acostumei ao Kevin, que foi meu primeiro passo de volta para o mundo do contato com estranhos. Pode parecer surreal, mas consigo apertar a mãos das pessoas mais facilmente.

— Oi, amiguinho, você demorou — ele me olha esquisito. O que será que foi?

— Você parece mais feliz hoje — ele fala constrangido. Acho que fui efusiva demais. Fui?

— Estou sim — sorrio.

— Quem é, Amy? — O Ben vem da cozinha todo sorrisos. Ele para quando dá de cara com o Kevin — Oi.

— Oi — o Kevin fala timidamente.

— Ah, espera, eu tenho uma coisa para você — digo ao Kevin e subo a escada o mais rápido que posso. Volto também no mesmo passo. — Aqui — entrego um livro para ele. — Sei que você já deve conhecer... Irmãos Grimm, em alemão. Ganhei do meu pai quando tinha sete anos. — Eu me lembro da cena, uma das poucas vezes em que meu pai pareceu me notar. Mas quem dá um livro em alemão a uma criança? Só um russo ranzinza. Espanto essas lembranças. — Achei que facilitaria sua leitura com uma história conhecida — digo olhando-o e esperando uma reação. O rostinho dele se ilumina.

— Eu adorei — ele responde e, pela primeira vez desde que entrou, parece relaxar.

— Você fala alemão? — o Benjamin pergunta.

— Estou aprendendo — ele fala sem sorrir pro Ben. — Eu vou indo.

— Não vai tomar café? — ele sempre toma. Fico um pouco tensa, sinto que algo de errado aconteceu.

— Não... eu... preciso ir. Já comi — ele fala, guardando o livro em sua bolsa. — Mas hoje você não está só. — Então é por causa do Benjamin? Será?

— Amanhã, então? — pergunto esperançosa.

— Sim — ele diz, depois de olhar do Benjamin para mim, e então vai embora.

Fico observando o menino franzino, que sobe na bicicleta e sai em direção à casa do Liam. Hoje ele não deixou o jornal comigo. Por quê? Contorço o rosto.

— Minha irmã tem problemas — Benjamin fala, com um sorriso irônico.

— Do que está falando? — viro-me para encará-lo.

— O menino está apaixonado por você — O quê? Ele enlouqueceu.

— Benjamin, você bateu com a cabeça? — eu o encaro com meus olhos do tamanho de pratos.

— Não, mas ele ficou bem incomodado com a minha presença — diz, cético.

— Ele é uma criança. — Será que ele não viu?

— Uma criança nerd, cheia de espinhas, que usa óculos e magricela. — O que isso tem a ver?

— Ok, senhor popular, nem todo mundo pode ser o rei do baile — digo, muito irritada.

— Ei, lutadora, calma! — O quê? Droga, não me chame assim. Só “*ele*” me chama assim. Meu coração gela, e ele parece perceber. Vejo que sua expressão muda de repente, indo de piadista pra preocupado.

— Ele é uma criança solitária, Benjamin — digo, controlando o nervosismo.

— Desculpe, Amy, eu só estou falando o que percebi. A primeira pergunta dele foi quando eu iria embora. Ele pode estar transferindo algum sentimento — ele me diz muito lógico. Então você agora é psicólogo?

— Benjamin, ele só... Talvez tenha se incomodado — falo, começando a concordar que ele ficou incomodado, mas por ser solitário. Meu Deus, é uma criança e não está apaixonado por mim. Transferência... Será?

— Encantado. Talvez ele esteja só encantado — ele diz. — Desculpe, eu não quero brigar com você — fala e sai pra varanda.

Fico pensando nessas implicações. Pode ser difícil lidar com isso, mas eu espero sinceramente que ele não esteja transferindo algo para mim. Mal sei tratar minhas próprias emoções... Fico olhando meu irmão, debruçado no parapeito da varanda. Caminho devagar até ele e, num impulso, o abraço por trás. Ele fica rígido por alguns segundos, então, relaxa e apoia as mãos dele nas minhas. Apoio minha cabeça em suas costas.

— A gente não vai brigar de novo, não é? — ele pergunta inseguro.

— Não — eu falo exasperada, e ele se vira, ficando de frente para mim. —

Por que brigávamos?

— Desculpe, eu ainda estou inseguro aqui — ele olha em meus olhos. — E saber que esse garoto que você conhece há tão pouco tempo me enfrentou com tanta facilidade por você.

— Isso não tem fundamento, Benjamin — eu falo séria. — Sério que você vai disputar com um garoto de doze anos? — Isso com certeza não tem fundamento.

— Eu estou meio no escuro aqui, Amanda — Amanda? Droga... — A Meg me falou sobre seu problema com tato, e eu não sei como fazer, como me comportar eu... — ele deixa no ar.

— Relembrar essas coisas não é o caminho, com certeza, e muito menos disputar com um garoto de doze anos. A maluca aqui sou eu. — Ao ouvir isso ele faz uma careta. Isso vai ser difícil. — Me diga o que você quer fazer exatamente — digo, sentindo meus batimentos acelerarem.

— Quero poder fazer com que tudo volte a ser como antes — ele suspira e fecha os olhos. — Eu daria minha vida para que nada tivesse acontecido com você. Que ele não tivesse te machucado, que a Liz estivesse aqui, que... — ele abre os olhos torturado.

— Ben — eu chamo, e ele me encara sofrido. — Eu sofreria tudo de novo para que você ficasse vivo — e eu me surpreendo por ter falado de coração.

— Você me ama tanto assim? — ele me olha surpreso. Como pode duvidar?

— Mais — eu digo, séria, mas sinto que as lágrimas inundam meus olhos. — Já te perdoei, mas você tem que parar de se martirizar e de pedir desculpa por tudo, já basta uma pessoa problemática em nossa família — tento suavizar as coisas. Ele põe uma mecha de cabelo atrás de minha orelha.

— Eu também te amo — ele sorri sem jeito, e eu o abraço apertado.

— E pode me abraçar quando quiser — falo com o rosto colado ao peito

dele. — Sempre vou retribuir. — ficamos alguns minutos assim, então, ele me suspende e me roda na sala. Começo a rir que nem uma criança em manhã de Natal. Ele ri também.

—Chega, seu bobo, eu vou ficar tonta. — Ben me põe no chão .— Agora vamos arrumar a bagunça que você fez — ele faz uma careta.

— Vou pagar uma empregada para você. — Não acredito nisso.

— Nem começa — sorrio de leve. É, isso não vai ser fácil. Não retornaremos ao que éramos antes, muito menos tão rápido, mas talvez nossa relação seja melhor e mais forte agora...

Voltamos para a cozinha e limpamos tudo. Arrumamos a bagunça do ataque de culinária do Benjamin e então vamos tomar banho. Depois de tudo no lugar, decido levá-lo para conhecer a cidade e almoçar na rua. Rodamos as pequenas lojinhas, ele compra um livro em um sebo da cidade. Estamos que nem duas crianças em um sábado, falta apenas o parque. Estamos o tempo todo de mãos dadas, e eu me sinto confortável com isso. Quando estamos indo em busca de um lugar para almoçar, passamos na frente da delegacia e meu coração para de vez.

Contraio minha mão, o que faz o Benjamin notar meu comportamento. Na porta da delegacia estão alguns homens, bombeiros. O destino não está aliviando mesmo. Acho que Deus pensa que minha folga já foi grande em todos esses anos e agora que estou querendo mudar ele está me dando tudo de vez. Continuo andando porque eles já me viram e não tenho para onde fugir, mas ainda não os identifiquei. Chegando mais perto reconheço Antony e mais três rapazes, dois são os do passeio ao cinema e pizzeria, o outro não reconheço. É o xerife que fala comigo.

— Amanda — ele diz entre surpresa e curiosidade, e seu olhar vai de mim até a mão do Benjamin entrelaçada na minha.

— Oi, xerife — digo, tímida.

— Oi, Edward Prats — ele diz, estendendo a mão para o Benjamin.

— Olá, Benjamin Rachmaninov. — Benjamin se apresenta solícito, o nome dele é diferente do meu, porque não uso mais o nome do nosso pai, o “rei” dos diamantes. Noto certa estranheza em sua voz. Eles ficam se olhando por uns segundos.

— Oi, Amanda. — É o Marcus que aparece por trás do xerife. — Faz tempo que não te vejo, hein? — ele sorri para mim, divertido. — Estou pensando em visitar a minha ruiva no meio da semana, acha que ela se importaria?

— Por que não liga antes? — Eu digo, um pouco incomodada com os olhares entre o xerife e meu irmão.

— Quero fazer surpresa — ele diz sorridente. — Oi, sou o Marcus — ele estende a mão pro Benjamin.

— Benjamin — meu irmão devolve, mas olha enviesado pro Marcus. Homens e seus problemas. Testosterona em excesso. Meu olhar circula o lugar, mas não vejo o Liam.

— O Liam foi direto pra casa. — Marcus fala e eu coro, ele percebeu meu olhar. O Ed dá uma cotovelada nele. — Ai, xerife, tá com espasmos, é? — ele olha atravessado. — Eu também vou embora que preciso de um banho, faz tempo desde o último — ele sorri e sai relaxado.

— Nós também já vamos — eu digo e puxo o Ben dali.

Andamos alguns passos, e eu entro em um restaurante que já tinha visto quando vim cortar o cabelo, mas que não entrei. Assim que nos sentamos, o Benjamin me bombardeia com perguntas.

— Você já conhece um monte de gente, não? — ele me olha sério.

— Algumas pessoas — eu sou sucinta.

— E aquele xerife? — O que tem o xerife?

— É o xerife — Não quer uma ficha completa, quer?

— E o outro, o tal de Marcus? E quem é Liam? — Ele está zangado?

— Marcus é uma paquera da Meg, e Liam é meu vizinho — eu olho para ele de soslaio.

— Paquera? Ela mal veio aqui e já... Mas que droga, e ele ainda a chama de minha ruiva. Não gostei disso. — Ele está zangado e com ciúme. Da Meg!

— A Meg vai ficar feliz em saber — me divirto.

— Não tem graça Amanda, — ele me corta. — Você sabe que ela é como você pra mim, uma irmã.

— Ela não pensa assim — eu digo séria.

— Ela está confusa, apenas transferiu os sentimentos, afinal, fui a primeira figura masculina que não a esculachou — ele diz, como se resolvesse um problema matemático muito antigo.

— Se você diz, doutor. — Eu ainda não sei se é só isso.

— Ah, Amanda, por favor, não piore as coisas — ele fala, pegando o cardápio e fazendo os pedidos. — A Meg vai ter que me explicar esse Marcus em detalhes. — Pronto, o modo irmão mais velho foi ativado. Sorrio relaxada. Ele esqueceu do Liam... — E esse Liam? — Droga, vai começar. — Só tem outra casa no lago. Seu único vizinho é um bombeiro cheio de amigos homens com a testosterona em alta.

— A sua testosterona é que está em alta aqui. — Tento desviar a conversa, não quero contar todos os problemas com o Liam; se ele sonhar que nos beijamos as coisas vão ficar estranhas. Mais estranhas.

— Não acho seguro para você — ele diz, me olhando sério, mas sua voz parece controlada agora.

— Eu estou segura, ok? Conheço o xerife, conheço os bombeiros, que são mais confiáveis que a polícia segundo estatísticas, tenho um amigo de doze anos e se nada der certo ainda tenho seu taco de beisebol — despejo tudo. Ben era um pouco ciumento na minha adolescência, mas nunca foi tão

superprotetor. Tudo bem que tenho uma história, mas... Ai, Deus, não preciso disso agora.

— Meu taco? O de quando eu tinha quinze anos? — Ele está falando do campeonato de sua vida. O nosso “incrível” pai comprou o melhor taco que seu dinheiro pôde pagar, o que não importava, porque o Ben era realmente bom.

— Sim, esse mesmo — digo aliviada — Agora, por favor, vamos apenas comer? — Para o meu alívio, a garçonete chega exatamente nesse momento. Dou uma última olhada para meu irmão, ele é grande, bonito e chama atenção. A moça não conseguiu parar de olhar para ele. Devia ter sobrado algo para mim... Eu sorrio.

— Que foi? — ele me olha curioso. — Por que está me olhando assim? Vamos comer? Você disse que queria comer. — Muito bem, senhor. Eu sorrio por dentro. Mandão.

Comemos em silêncio, mas é um silêncio confortável. Sei que ele não engoliu essa do taco e provavelmente vamos conversar sobre isso depois. Eu tinha esquecido a parte em que o irmão mais velho enche o saco do mais novo...

CAPÍTULO VINTE UM

Daí a César o que é de César

Chegamos em casa depois do almoço e estamos cansados de verdade. Benjamin ainda não falou nada sobre Marcus ou Liam, mas sei que ainda vou ouvir bastante. Por enquanto, ele não disse nada e eu vou deixar assim. Entramos em casa como duas crianças que brincaram horrores. Vejo os jornais na mesa e lembro-me de Liam, uma hora vou ter que devolver, não? Noto que Ben vai até a varanda com seu celular. Ligações de negócios? Talvez. Subo a escada para um banho e desço logo depois.

— Sei que não é educado, mas tenho que escrever um pouco, se não se importar — digo, enquanto desço, e encontro-o sentado no sofá, também de banho tomado.

— Entendo, seu trabalho é com a inspiração e não tem hora, não é? — ele me olha, sorrindo. — Mas ainda vai me dizer os detalhes de sua segurança.

— O quê? — eu o encaro, séria. — Já falei o necessário, aqui é seguro.

— Já liguei para Meg. — Ligou para Meg? Agora a coisa está ficando séria.

— Ótimo, tenho certeza que ela está muito contente — eu o encaro, incisiva.

— Não tinha que escrever? — Ah, agora está encerrando a conversa.

— Tenho — digo isso, mas não me dou por vencida. Muito estranha essa história com Meg, ela nunca me disse que ele controlava seus casos.

Vou até o meu escritório e encaro o computador. Não posso me queimar mais com o André e nem com os fãs. Já tenho muitos capítulos fechados; a

cada fim de uma ideia eu levanto e vou até a cozinha, bebo uma água, olho pela janela. Oi? Voltei com isso? Droga, mas tem movimento lá, eu posso ver.

— Se continuar olhando tanto por essa janela ela vai acabar caindo. — Inferno, esqueci que Benjamin estava aqui.

— O que está fazendo? — pergunto, me sentando ao seu lado no sofá.

— Lendo o livro que comprei hoje e tentando não te incomodar. — Sério?

— Você não me incomoda. — Não mesmo. Quer dizer, às vezes. Mas é isso que os irmãos fazem, não?

— Vou comprar um taser para você e um spray de pimenta. — Ah, ótimo! Agora ele vai virar um maluco superprotetor?

— Não vai, não. Faz cinco anos, Benjamin, eu sobrevivi, agora para com essa conversa. — Sou taxativa. Nada dessa baboseira de viver como um soldado em plena guerra.

— Amanda... — ele insiste.

— Não — corto e olho para os jornais. — E agora vou devolver os jornais do meu vizinho que não é nenhum maníaco psicótico. — Vou? Você não podia pensar em algo melhor?

Pego todos os jornais e saio, deixando o Benjamin boquiaberto. Ao menos pareço segura do que estou fazendo. Do lado de fora da casa dou uma conferida. Roupa, calçado, tudo no lugar. Abraço firme os jornais e lá vou eu. A meio caminho da casa de Liam, acho que não foi uma boa ideia. Meu coração bate quase na minha garganta, e minhas mãos suam. Deus me ajude, estou me exaurindo aqui. Olho para o céu nesse fim de tarde. Alguém lá em cima tem que estar olhando por mim.

Faço todo o caminho tensa, chego à porta e bato. Liam abre depois de alguns segundos e lá está meu coração parando de bater, congelando. Olho para aqueles olhos cinza que faz algum tempo que não vejo. São exatamente

como me lembrava e estão tristes. Eu suspiro e ficamos um tempo mudos. Ele está com medo de mim? Acho que estraguei tudo mesmo. Mas quem ia querer algo com uma maluca desequilibrada? Ei? Eu que não quero nada com ninguém. “*Mentirosa*”. Tiro forças não sei de onde.

— Seus jornais — digo, em um fio de voz — Kevin deixou comigo porque você não estava em casa. — Fico olhando para ele, apertando meus lábios entre os dentes.

— Obrigado — ele diz, estendendo a mão, e eu vejo que ela está toda enfaixada.

— Você está machucado? — E está sangrando. O que será que...

— Não foi nada — ele corta meus devaneios.

— Como não? Você está sangrando — eu o encaro, séria. Ele suspira.

— Quer entrar? — ele parece falar a contragosto. Oi? Não quer falar comigo? Essa é nova. Sinto em seu hálito um leve odor de álcool.

Eu meneio a cabeça com um sim, e ele abre passagem, então, entro e vejo materiais médicos em cima da mesa. Ele estava provavelmente fazendo um curativo ou tentando. Olho para as ataduras, medicações e depois para ele. Acho que Liam não sabe fazer isso muito bem. Além de ter uma garrafa de whisky em cima da mesa com os remédios. Isso explica o cheiro, ele deve estar tendo um dia de cão.

— Quer ajuda? — Sério? Eu realmente devo ter problemas na cabeça. Quando ele queria que eu ficasse, eu corri, e agora que ele claramente não me quer aqui eu quero ficar?

— Não precisa, tenho treinamento para isso — ele me corta.

— E onde aprendeu ensinavam a fazer isso alcoolizado? — Eu o encaro com as mãos na cintura. “*Quem é você e o que fez com a Amanda covarde?*”

— Amanda... — ele fecha os olhos e expira com força. — Eu só...

— Não, primeiro eu vou fazer esse curativo, depois a gente conversa. —

Ele me olha, erguendo a sobrancelha com um ar irônico, como se duvidasse que eu fosse conversar com ele. O álcool deixa transparecer as emoções que normalmente ele controlaria. — Senta — eu continuo e gosto de mim nesse modo comando. Olho para ele, que parece arrasado. — Se quiser pode beber — libero, mas ele não responde e apenas senta. Se quer beber, não me importo, desde que deixe que eu faça o curativo.

Eu me aproximo escutando meu coração bater na minha cabeça. Minhas mãos ainda suam, “*Vamos lá, Amanda, você deu a ideia*”. Sento-me ao lado dele, insegura, e tomo sua mão na minha com todo cuidado. Parece engolir em seco, e eu começo a desenrolar a atadura, mas ele não diz nada, embora faça caretas de dor. Depois de desenfaixar tudo, vejo que tem uma queimadura feia aqui. Agora entendo por que ele quis beber. Faço uma careta como se o machucado fosse em mim. Então, começo a limpar. Não é difícil e nos acampamentos aprendíamos primeiros socorros, e eu sempre tive uma mão boa para isso. Limpo com bastante cuidado e vejo que ele bebe um gole direto da garrafa. Olho de soslaio, e ele abandona a garrafa. Faço o melhor que posso e depois cubro o ferimento; do jeito que está não tem condições de ficar exposto ou será infecção na certa.

— Desculpa — falo, voltando a olhá-lo.

— Pelo quê? — ele diz, me encarando, e seus olhos são incríveis mesmo assim, tristes, cobertos por uma sombra.

— Se eu machuquei mais você — digo e percebo o sentido ambíguo da frase.

— Você foi perfeita — ele fala desviando o olhar. — Eu é que devo desculpas. — Droga, ele vai começar.

— Não, não deve. — Não posso deixá-lo pensar que é um abusador.

— Devo sim, eu tive que ir para a base no dia seguinte e não tive tempo de te procurar — ele me olha e passa a mão boa pelos cabelos. — Olha,

Amanda, eu nunca fui tão impulsivo, mas hoje não é um bom dia — ele esfrega o rosto. — Não estou bem para uma conversa.

— Eu também quis. — O quê? Fiquei louca de vez. Fecho meus olhos quando percebo que ele está me olhando e inspiro com força. — Você não me forçou a nada — eu digo, abrindo os olhos, e esvazio todo o meu pulmão ao ver aquelas esferas tão límpidas quanto possível, como se uma nuvem fosse tirada de cima delas.

— Eu a pressionei — ele fala, ainda magoado. — Não deveria ter seguido os sinais... — Sinais? “*Sinais de que você também queria, sua idiota*”. — Comportei-me como um adolescente, Amanda, eu...

— Esqueça — interrompo, e ele me olha surpreso. — Você mesmo disse que não é um bom dia. E, afinal, somos adultos e se você tivesse mesmo me machucado eu não estaria aqui, não é? — encaro-o constrangida. Ele franze a sobrancelha.

— Eu que bebo e você que fica loquaz? — Oi? Sério? Agora você tem um vocabulário rico? Sorrio sem querer. — O quê? Só você que pode ter um vocabulário diferente?

— Sério que quer falar disso? — falo olhando-o de lado. Realmente nunca falamos tanto...

— Não, quero pedir desculpa e... — Ele não está bem, não vou deixá-lo fazer isso assim... Não é digno.

— Já tomou banho? — Ele me encara torcendo o rosto.

— Estou fedendo? — Não, com certeza não.

— Não, mas pode querer tomar um banho para relaxar. — Ele me olha como se eu estivesse planejando dominar o mundo.

— Vou tomar um banho — ele diz, concordando, e se levanta, saindo da sala.

Penso em quanto tempo tenho e então dou continuidade às minhas ideias.

Sei que parece maluquice, mas, se vou ser diferente, tenho que SER diferente. Eu me levanto, arrumo o melhor que posso as coisas na mesinha e vou para a cozinha. Minha área. Vasculho as coisas e acho alguns enlatados, macarrão... Homens! Faço o melhor que posso, e ele parece demorar no banho. Tudo bem, há tempo para um café. Arrumo a mesa e quando estou pondo o molho no macarrão dou de cara com as esferas escrutinadoras em cima de mim. Ele parece bem lúcido agora.

— O que está fazendo? — ele fala, mas não parece rude. O modo controlado está de volta. Voltei a ser o Nate do RH.

— Seu jantar — eu falo, como quem diz o óbvio. — Sente-se — ele caminha devagar até a mesa e senta. Está de banho tomado, com os cabelos úmidos e vestido com bermuda e camisa de malha. E o cheiro que ele exala é inebriante. *“Pense, Amanda!”*

— Não precisava — ele fala, constrangido.

— Precisava, sim, você precisa comer para se recuperar. — Ele me olha de lado.

— Está cuidando de mim? — Estou? Estou. Sabe que essa posição é mais confortável. A de acuada me deixava bastante vulnerável. Estou gostando de assumir as rédeas e tomar decisões.

— Estou pedindo desculpas pela cena do outro dia — falo, tensa e sem olhá-lo. — Não quero que pense que me agrediu, me... Violou — falo num fio de voz.

— Eu fui insensível — ele diz, triste.

— Vamos comer antes que esfrie — proponho, encarando a travessa de macarrão.

— Muito bem — ele diz e comemos em silêncio. Não o olho, mas sei que me encara na maior parte do tempo.

Acabamos de comer, e eu lavo a louça, já que com a mão machucada ele

não pode. Liam não gosta da ideia e diz que não precisa de uma empregada. Ele está chateado e sei que é por causa do que aconteceu e que deixou sua mão machucada. Ele vai até a varanda, me deixando só com a louça. Termino a tarefa, e meu primeiro impulso é ir embora, mas algo me prende a ele, me atrai, então, vou até a varanda.

— Quer que eu vá embora? — pergunto sem querer ir.

— Desculpe — ele fala, de costas para mim, e eu me aproximo ficando ao seu lado. — Dia ruim.

— Eu sei — inspiro, sem olhá-lo. — Quer falar sobre isso?

— Muitos anos sem nenhum acidente e em segundos quase perco minha equipe. — Eu o olho de soslaio.

— Sua equipe está bem? — falo e volto minha visão para o lago.

— Sim — ele se volta para mim. — Só eu me feri. — Sei que ele está me analisando. Estou segurando o parapeito e sei que os nós dos meus dedos estão sem cor, devido à força que faço. — Do que você tem medo? — Dessa conversa. Conduzo meus olhos para o lado contrário de Liam. — Olha para mim, Amanda. — A voz de comando dele está de volta, como não olhar? Eu o encaro. — Não tem medo de mim, tem?

— Não. — Ele faz menção de tocar minha mão, e eu solto o parapeito.

— Então por que reage assim? — ele busca meus olhos com um ar de súplica.

— Eu tenho um... — O que eu digo? A verdade? — Problema.

— Um trauma — é uma afirmação.

— Sim — engulo em seco. Ele apoia sua mão no parapeito, e eu olho para ela. Eu queria esse toque, quero, mas ainda não posso...

— Podemos começar de novo? — Como assim? — E talvez sermos amigos — ele fala, vacilante.

— Achei que não queria ser meu amigo. — O que estou fazendo agora?

Eu o encaro, usando todas as minhas forças para olhá-lo agora, e minha respiração fica contida. Ele dá alguns passos, ficando mais próximo, e eu me sinto presa por seus olhos. Parece que vai dizer algo... Batidas na porta me salvam desse diálogo constrangedor. Quem será? Ele vai atender, e eu fico em pé na varanda, sentindo meu coração gelar. Não quero que ele seja meu amigo... O que quero? Não posso querer isso. Deus me ajude! Liam abre a porta e escuto vozes.

— Boa noite, a Amanda está? — Benjamin está aqui? O que ele está fazendo?

— Boa noite, e quem é você? — Liam pergunta protetor.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Demarcando território

Eu me deparo com os dois encarando-se, muito sérios. O que é isso, uma disputa de território? Ótimo! Agora realmente tenho problemas.

— Sou o irmão dela — Benjamin rebate, e eu vou até eles antes que aconteça mais uma confusão. — Desculpe, mas você demorou — Ben diz, me olhando.

— Eu estava ajudando Liam com o curativo dele. — Ele olha de mim para a mão de Liam.

— Muito bem. Já pode ir? — ele me oferece a mão, que eu aceito num reflexo e vejo a forma como Liam olha para nossos dedos entrelaçados.

— Não precisa ir se não quiser — Liam fala, sério. E por que eu não iria querer?

— E por que ela não iria querer? — Benjamin revida. Agora vão brigar por mim?

— Ok, já chega — corto. Essa superproteção toda de repente deixa-me nervosa. — Eu estou bem, Benjamin, não tenho nenhum pedaço arrancado — digo e saio irritada.

Ele ainda fica lá por um tempo, chegando em casa minutos depois de mim. Eu estou na sala arrumando alguns livros e pensando em como os homens podem ser bobos. Posso estar enferrujada, mas as histórias de Meg deixaram-me atualizada, ao menos nas ideias. Estou com uma cara emburrada e sei disso. Anos depois ele resolve que vai me proteger que nem uma galinha. Sério? Ele nunca foi assim.

— Vai ficar com essa carranca o tempo todo? — ele diz, indo à cozinha e voltando com uma taça de vinho para ele e outra para mim.

— Não sei — soo evasiva.

— Não vai beber — ele diz, olhando para a taça.

— Não, não estou feliz agora — lembro do pacto.

— Como? — ele me encara, confuso.

— Eu e a Meg temos um pacto. Está na geladeira — falo, desinteressada, e ele me olha estranho, indo até a cozinha e voltando.

— Sério isso? — ele diz, segurando o papel. — Falar com o vizinho era o último tópico. Você já fez os outros?

— O de falar com o irmão também — eu o olho, estreitando o olhar.

— Ele é seu amigo? — ele sonda.

— Não — não vou dar detalhes de nada.

— Ah, Amanda, por favor, eu só...

— Você só o quê? — eu corto. — Anos depois você vai se tornar o irmão possessivo e perseguidor?

— Droga — ele põe a taça na mesa. — Não quero brigar, tá bom? Eu me excedi, é que... — ele suspira e aperta os olhos, depois torna a me olhar. — Você confia nele?

— Sim. — A resposta sai antes de eu pensar. Sim? Sim, eu confio nele. Meu coração dá um salto.

— E gosta dele? — Oi? Eu... Sério isso? Desvio o olhar. — Eu vi como você olhou para ele. — Ótimo, você agora é a Meg?

— Não quero falar disso. — Vou andando, e ele me segue. Que incrível, agora todo mundo quer fazer terapia em mim. Deus, pode me ajudar aqui?

— Ele parece gostar de você. — Hã?

— E você percebeu isso quando... — viro-me para olhá-lo, e ele sorri vitorioso. Mordi a isca.

— Quando perguntei por você e ele quase mijou em mim. — Oi?

— Ben! — Agora você vai falar assim?

— Desculpa, não quis ser grosseiro — ele fala, rindo de lado. — Ele estava claramente marcando território.

— Ah, por favor. Eu sou apenas o Nate do RH — digo, sentando em uma poltrona.

— Quem? — Ben me olha surpreso.

— É uma piada de Meg — respondo, feliz por desviar o tema.

— Então, é alguma bobagem absurda. Ignore — ele olha para mim, muito sério. — Você não é esse Nate, seja lá o que signifique.

— É um nerd que se apaixonou pela Meg — eu o olho, especulando.

— Mais um, você diz — ele fala, cético.

— Sinto cheiro de...

— De nada — ele me corta. — Pare de pensar bobagem.

— Você que começou e, como escritora que sou, tenho a mente bastante criativa — sorrio agora.

— Sei, agora que você desmanchou a tromba vamos ver um filme? — Ergo as sobrancelhas para ele. Os filmes que ele curte são todos de ação e sangue.

— De romance? — arrisco.

— Sério? — ele me encara, como se fosse para a força.

— Já que você vai fazer todas as minhas vontades... — respondo, metida.

— Mas foi você mesma que pediu para que eu parasse com as desculpas — ele rebate.

— Ok, senhor advogado do diabo — digo e nós dois caímos na gargalhada. — Um suspense?

— Suspense.

E lá vamos nós, para um suspense. Afinal, é para isso que servem os irmãos, não? Fazer as pazes, defender-se, fazer vontades, brigar, meter-se em

sua vida, fazer as pazes de novo... Eu estava com saudades e queria que ele insistisse em ficar comigo, mas agora quer até dar uma de valentão. Eu entendo. Sou sua irmã e fui... “*Atacada*”. É difícil, para mim, lembrar disso, e eu acho que já lembrei o suficiente em terapias, em conversas com Meg, nos milhões de diários que escrevi... Um dia você ama alguém e pensa em construir uma vida com ele, no outro você é agredida e machucada de todas as formas por essa pessoa. Mas não mais, isso é passado, e eu estou segura agora. Penso isso e olho para o lado, então, me aconchego ao meu irmão. Ele me abraça e beija minha cabeça.

— Eu a amo, marrenta — ele fala, com os lábios ainda em meus cabelos. Eu o abraço mais.

— Senti sua falta — fico ali, no meu mundinho de filme, pipoca e irmão. Só faltou a Meg...

Acordo cedo e preparo o café de Benjamin. Ele vai embora hoje, e eu já me sinto terrivelmente só, apesar de me sentir feliz. Feliz... Eu olho o “pacto” que fiz com a Meg, preso à geladeira, e percebo que já fiz quase tudo. Em breve, meu estoque acaba e só me restarão dois itens: fazer compras e ligar para mamãe. Essa vai ser uma tarefa pesada. Antes de me fazer essa visita surpresa, Benjamin me ligou essa semana como sempre, e eu até perguntei sobre ela, mas ainda não dei o primeiro passo.

— Bom dia, estranha — é Benjamin em seu traje de príncipe dos diamantes.

— Onde é o baile de gala? — brinco.

— Não seja boba, eu trabalho assim, você sabe — ele parece constrangido. Bobo.

— Você tá lindo — eu digo, orgulhosa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você que é linda — ele se aproxima e beija minha testa.

— Você gosta de contato físico — sorrio, terminando de pôr a mesa.

— Te incomoda? — ele se afasta.

— Sabe que não. Eu achei que sim, mas estou bastante confortável — sorrio para ele.

— Confortável é bom. — Nós sentamos e comemos entre sorrisos e troca de elogios. Estou feliz! Essa sensação é incrível.

Termino de tomar café com meu irmão e o levo até o carro. Uma despedida com um abraço de urso, e eu fico vendo o carro dele sumir na estrada. Eu me abraço e retorno para casa com um sorriso bobo. Eu amo esse lugar. Olho através da varanda e deixo-me envolver pela beleza do lago. Aqui eu renasci, retornei ao mundo e estou dando boas-vindas à felicidade.

Retorno ao meu computador. A felicidade me inspira e, do jeito que vou, termino esse livro em tempo recorde, já com ideia para escrever outro. André ficará muito feliz. Escrevo o máximo que consigo e me levanto para alongar minha coluna; está quase na hora do almoço, acordei cedo e não fiz lanche algum. A fome me chama. Estou quase na cozinha quando alguém bate à porta. Quem será? Eu me lembro que Kevin não veio hoje, será ele?

— Xerife? — eu me surpreendo. Edward está em minha porta e veio de viatura.

— Amanda, desculpe incomodar, mas Kevin me pediu, e eu precisei atender — ele começa, sério.

— O que tem o Kevin? — me desespero.

— Ele está bem — ele diz, rápido. — Na verdade, pegou um resfriado e não vai poder entregar os jornais por alguns dias, mas insistiu que eu viesse avisá-la, já que ele não tem seu telefone.

— Ah! — Meu coração volta a bater.

— Tentei ligar para o número antigo, mas acho que não é o mesmo — ele

diz, me olhando sem jeito. É a primeira vez que o vejo assim, inseguro. Estranho.

— Vou visitá-lo e deixo meu telefone com ele — informo.

— Bem, então eu já vou indo — lembro que é hora do almoço e que ele não sabe cozinhar. Eu e minha mania com a comida.

— Já almoçou? — Olá, sociabilidade.

— Não — ele diz, me encarando. — Vou na Jude.

— Sei. — Eu ia convidar, mas ele parece tão desconfortável, e eu também sinto-me estranha. Talvez ele curta a solidão mais do que eu. Ou talvez suas feridas estejam mais vivas que as minhas.

Nos despedimos, ele sai em seu carro de polícia. Entro e almoço. Saio em seguida para visitar Kevin. Ele parece mal mesmo, mas vai sobreviver. Gripe de verão, uma das piores. Levo pães de mel que comprei na padaria da cidade, que, por sinal, tem coisas muito boas. Ele fica feliz em me ver, e eu passo quase toda a tarde conversando com ele. Decido que já é hora de ir quando percebo que ele começa a ficar sonolento. Volto para casa distraída, escutando Unapologetic de Rihanna. E, para minha surpresa, tem um homem sentado na escada da minha porta de entrada.

Liam.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Olá, vizinho!

Eu desço do carro e o olho surpresa. Ele está de calça, sapatos, camisa de malha, como sempre, e com uma jaqueta de couro preta. Olá, vampiro! Minha garganta seca. Ele podia ser chato, ter mal hálito, ser grosseiro, mas, não, ele é lindo e encantador. Caminho vacilante em sua direção, mas ele não levanta, apenas me olha, direto nos olhos com um meio sorriso no rosto.

— Eu vim agradecer — ele fala, naquela voz que reverbera dentro de mim. Ótimo, agora sou uma mocinha daqueles filmes água com açúcar?

— Pelo quê? — eu digo, atônita.

— Por cuidar de mim — ele ergue a mão. — Por cozinhar para mim — ele alarga o sorriso e meu coração agora treme. Isso é possível?

— Eu estava me desculpando — falo, tímida. — E não foi nada, eu gosto de cozinhar — digo e me sento na escada com ele, já que parece que ele está grudado nela.

— Eu sei, e cozinha bem — ele diz, gentil, e, apesar de eu saber que cozinho bem mesmo, isso me deixa com o ego lá em cima.

— É o que dizem — aperto os lábios um no outro entre os dentes. Ele desvia o olhar para o lago.

—Eric disse que você leva jeito — ele prossegue, olhando para mim de lado e erguendo a mão de novo, para me mostrar .

— Eu gosto, passei para medicina uma vez — falo, nostálgica. Não que eu quisesse o curso. Levava jeito e passei, mas era mais por causa do meu pai.

— Então não fui eu apenas que fiquei na segunda opção de profissão —

ele diz, apoiando o queixo na mão boa e me fitando interessado, enquanto estende a outra mão na perna sobressalente.

— Não, foi apenas você, sim — dou um sorriso torto. — Não cursei — desvio o olhar, mas volto a fitá-lo em seguida.

— E não vai dizer por que... — Tem tom de pergunta, mas é uma afirmação, e uma sombra de frustração passa por seus olhos.

— Eu engravidei. — Droga! Eu falei? “*Pare de olhar para ele, ele está te hipnotizando!*” Liam engole em seco, e eu agora desvio o olhar para o lago; meus pulmões fecham-se de vez.

— Desculpe, eu não quis ser invasivo — ele fala, num tom suave. Fico alguns minutos em silêncio, e ele também não diz nada.

— Curioso, deveria ser jornalista — digo, sem muita convicção.

— Jornalista é a Danna — ele fala. Quem é Danna? — Minha irmã, você vai conhecê-la um dia.

— Hum — eu gemo. Oi? Agora eu sou um bicho fazendo ruídos? Ficamos em um silêncio tenso, mas eu não quero correr e ao que parece nem ele. Apesar disso, tenho medo que ele pergunte sobre o bebê e...

— Você vai me dizer qual é o seu problema? — Droga, eu sabia. Eu olho para ele erguendo as sobrancelhas. — Desculpa, eu sou um insensível. Sabe o que dizem de advogados. Somos todos sem coração e idiotas — ele parece arrependido. Eu sei que o sorriso dele me destrói por dentro, mas não quero que fique triste, não por minha causa.

— Não, você é bombeiro, um bem curioso, mas dizem que os vizinhos fazem isso, não? Olham a vida uns dos outros. — Oi? O distúrbio bipolar voltou! Não, esse eu não tenho. Rio por dentro. Meus surtos de socialização. Talvez Travis reduza ainda mais os remédios. A maioria são fitoterápicos, mas...

— Eu tenho Ed logo ali, a alguns metros — ele diz, sorrindo, desviando

do tema pesado e entrando no clima. Quem disse que você é insensível, homem de fogo?

— Mas não tem muito o que ver na vida do Ed. — Eita boca nervosa! Ele me olha surpreso.

— Ed me disse que você cozinhou para ele quando o seu carro quebrou na chuva — ele me olha especulativo e a conversa toma outro rumo. Uma brisa passa por nós, e eu sinto seu perfume. Queria poder enfiar o nariz no peito dele e fechar os olhos enquanto inspiro. Oi? Não pense bobagens, sua bocó!

— Ele consegue ser pior que a Meg — falo e dou risada engasgada pelos meus pensamentos. Pensamentos, não, devaneios. Ele me encara divertido.

— Era a Melissa quem cozinhou, ela o mimava demais — ele diz, como quem se lembra de algo.

— Ela o amava demais — digo, com um ar de quem sente saudade. Saudade de quê? O Fabrício nunca me amou de verdade... Meu sorriso se fecha.

— Eu quero ser seu amigo. — Mas você não queria. Eu quero ser sua amiga?

— Achei que... — fico aérea quando ele levanta a mão e parece que vai me tocar, mas apenas passa os dedos por seus próprios cabelos.

— Do que você tem medo exatamente? — As mesmas perguntas. Um dia eu vou ter que responder, a não ser que me mude de cidade.

— Eu... Tenho um problema, só isso — cruzo os braços.

— Não vou insistir — ele diz, me olhando. — Eu só queria que você me deixasse entrar. — Entrar? Como assim? — Seus olhos falam, sabia? — ele diz, em meio a um sorriso encantador.

— E o que eles dizem? — falo, ácida. A melhor defesa é o ataque, diz Meg.

— Muitas coisas — ele fala, misterioso. Ótimo, vou morrer de curiosidade

para saber o que ele lê em meus olhos. — Eu digo quando me contar o que eu quero saber... — ele faz uma cara de pensativo. Pisca para mim e meu coração dá uma volta de 360 graus. — Quero ser seu amigo. Com o tempo você vai confiar em mim e me contar o que quero saber.

— Então você vai me aturar só por curiosidade? — sei que soo meio ofendida.

— Não vejo isso como algo ruim — ele diz e me encara sério. — Eu realmente quero ser seu amigo.

— Amigos não se beijam. — A louca! Eu pensei alto, inferno! Nem vou olhá-lo porque sei que ele está me secando agora.

— Amanda? — Suspiro, mas não olho para ele — Amanda, por favor! — Eu olho, insegura. Estamos próximos, sentados em uma escada sem ninguém por perto a não ser as estrelas no céu. Meu coração começa uma sinfonia maluca. Foi você quem falou de beijo, sua lenta.

— Oi — digo, trêmula.

— Prometo que não vou te beijar — ele diz, e minha cara desmancha. Eu sei que expressão fiz, mas não pude conter. Ele franze a testa.

— Eu agradeço. — Sério? Que merda de resposta é essa? Socorro, Meg!

— Que pena! — Eu ouvi isso? Minha respiração some. — Eu disse que não vou, o que não quer dizer que não quero, ou que você não vá fazer isso.

— Deus, vou morrer agora. Fico olhando para ele, atônita. — Se você fizer, eu prometo não correr, afinal, ninguém beija inimigos. Eu sei que é clichê...

— Um carro passa pela gente e volta de ré.

— Hei, Liam? Viemos te buscar para beber conosco na Jane. — Quem são esses caras?

— Eu não posso beber — ele mostra a mão. — Estou sob medicações severas, culpa do Eric — Liam completa com um sorriso.

— Ah, cara, qual é? Você vem só para pôr o papo em dia — o cara diz e

então parece me notar. Ótimo, sou invisível às vezes, eu sei. — Olá, gata! Você pode trazer a sua gata com você — ele diz, piscando para mim.

— Ela não é minha gata, Mike, é minha vizinha — Liam corta e eu não sei se encaro como defesa ou se me sinto a garota “*legal*”.

— Show de vizinha! — Mike está quase todo para fora do carro agora.

— Que piada idiota, Mike! — Liam parece ter ficado zangado e coloca-se de pé.

— Tudo bem, eu não me importo — falo, acanhada, me levantando também.

— Viu? Ela não liga — ele olha de novo para mim. — Então, morena, você vem? — ele pisca para mim, me fazendo corar até as unhas. Ele está flertando comigo?

— Mike, não seja imbecil. — Mike se encolhe com a voz do Liam, que parece soar dura. Ele está zangado de verdade? — Entra no carro — Liam ordena, encarando o rapaz. Hum, essa é a voz de comando dele? Então é por isso que alguns dos bombeiros chamam ele de chefe...

— Desculpe, vizinha — ele fala, constrangido. — Pode vir com seu homem — ele diz isso e ri de si mesmo. Está provocando Liam? Ele não é meu homem, quem me dera. Oi? Se controla, mulher.

— Tudo bem — eu dou um sorriso amarelo.

— Vou levá-lo daqui antes que você morra de idiotice. — Isso não existe. Contorço a boca. Ele caminha até metade do espaço entre mim e o carro, e então volta como se esquecesse de algo. — Então é tchau, amiga — ele fala, me oferecendo a mão, e a palavra amiga me soa como uma carícia. Ele chega bem perto, de forma que só nós dois podemos ouvir o que ele vai dizer, então, sussurra. — Amigos não beijam, mas apertam as mãos, não? — Eu concordo e entrego minha mão vacilante e gelada. Ele aperta. — Não doeu. — Liam coloca uma mecha de cabelo solta atrás da minha orelha e fala bem

mais perto agora. — Em breve, um beijo no rosto. — A voz soa grave e suave, e eu sinto que meu coração fez as malas e foi embora. Como assim beijo no rosto?

Vejo-o caminhar para o carro como se estivesse indo para a melhor festa do mundo. Ele está feliz porque vai sair com os amigos? Posso achar que ele está feliz porque apertou minha mão, não? Quem disse que não se pode sonhar? Eu entro em casa com o coração aos saltos e ligo para Meg.

— Oi, eremita! — ela ri.

— Oi, engraçadinha — eu respondo.

— Desembucha — como assim?

— Desembuchar o quê?

— Sua voz tá estranha. — A agente da inquisição!!!

— Vi o Liam — eu liguei para falar mesmo...

— Ai, garota, você não segue a lista mesmo. Primeiro o Benjamin aparece aí e agora você falou com o Liam? — Meg fala, mais excitada do que surpresa.

— Meg, Benjamin veio de surpresa, e Liam, eu fui devolver os jornais dele — explico, tentando soar lógica.

— Os jornais que você disse que não devolveria — ela fala, sarcástica.

— Ele machucou a mão — mudo o tema. Fuga, meu eu covarde ataca.

— Sério? — ela morde a isca. — Ele está bem?

— Sim, foi uma queimadura — prossigo.

— E você fez o curativo — ela é tão terrivelmente sagaz. Inferno!

— Sim, eu fiz, mas esse não é o problema — respiro fundo. — Deixa eu falar.

— Então fala! — ela diz, querendo soar irritada, mas soa curiosa.

— Ele quer ser meu amigo — digo, por fim.

— Amigo? — ela bufá. — Ele é idiota?

— Ele disse que amigos se beijam. — Ai, Deus! Eu não sou muito lógica, não é? Obrigada pela minha amiga que tem um cérebro funcional, porque ela vai entender.

— Oh! — ela fala isso por uns cinco minutos.

— Meg! — digo, exasperada.

— Amiga, o que quer que eu diga? Se fosse comigo eu seria o que ele quisesse — ela ri como uma criança no parque.

— Margarete Cobalsk! Saiba que o Benjamin está na sua cola. — Merda, falei demais.

— O quê? — Sua risada foi embora.

— O Ben não gostou do Marcus chamar você de “*minha ruiva*”. — Ei, era para ser uma conversa sobre meus problemas.

— Sério? — ela pergunta ávida. — Se ele me ligar eu não atendo, obrigada por avisar. Depois você vai me dar detalhes disso, mas quero saber se teve outro beijo ou não? — Meg sagaz ataca!

— Meg, ele que ser meu “*amigo*” — respondo, frustrada.

— Ah, Amanda, não se faça de virgem retardada. Ele disse isso para se aproximar de você, quer sua confiança — ela me xingou?

— Ei? — reclamo, ofendida.

— Amiga, você vai ter uma noite com sonhos incríveis hoje. Sonhe com o Liam. — ela diz isso e desliga. Odeio quando faz isso, porque sempre acontece. Inferno, Meg.

Tomo um banho morno para relaxar e ponho meu pijama, mas não vou para cama, não quero sonhar com o Liam. Não? Minha psicóloga diz que se quiser sonhar com algo é só ficar repetindo que não vai sonhar. Com a Meg é ao contrário, ela diz e acontece. O Hique tem razão, é uma bruxa mor, pois tem esse poder de controlar a nossa mente. Droga, uma hora vou ter que dormir... Meu celular vibra, e eu vejo uma mensagem da Meg. “Bons sonhos

PERIGOSAS

eróticos, *M.* ” Ótimo!!!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO VINTE QUATRO

Mais um passo para vida

Acordo suada e ansiosa. Depois de anos, tive uma experiência de deixar qualquer pessoa de cabelo em pé. Meg realmente é uma bruxa, porque já foi a segunda noite com esse mesmo sonho. Apesar de desperta, a sensação do toque do Liam em mim ainda me causa formigamentos e pequenos choquinhos. O sonho pareceu incrivelmente real. Isso será uma história e tanto para Meg. Não vou ligar para ela, estou chateada por me ler tão bem.

Dou minha olhada costumeira pela janela. Tem alguns carros na casa de Liam, então, olho o relógio e vejo que já são quase onze da manhã. Perco tanto tempo tentando não dormir que acabo dormindo demais e sonhando assim mesmo. Isso quer dizer que são dois dias também sem Kevin.

Estou com saudade do meu amiguinho e tenho uma ideia. Vou até a cidade fazer o mercado no bendito horário normal e aproveito para vê-lo. Subo a escada morrendo de calor. Tomo um banho gelado e visto um short jeans e camiseta. Não são minhas roupas costumeiras, Meg que me deu, mas hoje preciso delas. Olho no espelho e lá estou eu, nada mal para uma eremita problemática. Acho que tem algo de diferente no meu olhar e pondero sobre o fato de que quando paramos de pensar e agimos, as coisas realmente acontecem. Eu saí do meu mundinho de roda gigante, onde passo sempre pelas mesmas coisas e lugares. Perímetro de segurança? Não existe mais, hoje percebo que me joguei de volta no mundo, estou começando a gostar e quero mais a cada dia.

Apesar de todas essas mudanças, contato com homens é algo que ainda me

incomoda. Percebi que o contato com Liam, em específico, incomoda-me mais porque é uma coisa que desejo... Rio de mim pelos pensamentos idiotas, parece que voltei aos quinze anos. Meus hormônios fervem em expectativa, o que não é bom porque pode me levar à frustração certa. “*Esqueça isso, Amanda, apenas viva*”. Isso, viva! Sou uma boba mesmo... Tudo isso, mas sei que na hora em que ele tentar me tocar vou correr. Vou? Minha mente ainda diz que sim, meu alarme interno permanece ligado. Sei que Liam não é o Fabrício, mas ainda não consigo dissociar, foi muito marcante o que ele fez deixando uma cicatriz terrivelmente dolorosa em minha alma...

Eu pego as chaves do carro, carteira e lá vou eu ao mundo real. No meio do caminho lembro do celular; Ben tem ligado muito ultimamente e se eu não atendo ele costuma se desesperar. Meu irmão se revelou um belo possessivo. Entro no carro e ponho uma música de Bruno Mars, The Lazy Song, e me sinto no espírito da letra, exceto pela mão na calça. Dou uma risada torta e me encaro no retrovisor. “*Olá, estranha, o que fez com meu eu verdadeiro?*”

Em pouco tempo chego ao centro da cidade, estaciono e desço. Caminho distraída e paro. Olhando para meus pés, expiro relaxada ao constatar que estou calçada. Sorrio sozinha, os loucos e suas loucuras. Estou com o meu All star azul, então, continuo a caminhada até entrar no mercado. É um estabelecimento pequeno, embora tenha variedades que eu achei que nunca veria aqui. Ponho algumas coisas na cestinha e pego um pacote de copos descartáveis amarelos; são os últimos e tenho o impulso de comprar. Estou chegando ao caixa quando uma moça me para.

— Er... Oi? — ela fala entre tímida e confiante. — Sei que é estranho, mas... Ah, meu nome é Danna — ela estende a mão para mim e eu sinto algo de familiar. Ela tem os olhos cor de mel bem claros e os cabelos castanhos escuros.

— Oi... Amanda — eu digo, pondo a cesta no balcão e aceitando a mão

que ela me oferece. Estou de bom humor hoje, apesar do sonho. Talvez por causa do sonho. Deus, me ajude aqui ou vou surtar de vez...

— Mãe — uma garotinha entra correndo e vai em direção à moça; fico assistindo a cena. — Mãe, a Nico não quer me deixar ficar com ela — ela faz cara de emburrada.

— Sam, cumprimente a moça — ela fala, apontando, enquanto dá um beijo na garota.

— Oi — a menina diz olhando para mim e tem aqueles olhos tão conhecidos. Os olhos de Liam... Claro! Danna, a irmã dele. Ela parece um pouco diferente da foto do computador.

— Oi — eu digo, constrangida. Ela tem uma filha. Oi? Uma pontada de inveja? Uma filha com os olhos dele. “*Para de divagar, sua estranha*”.

— Essa é a Samantha, um pedacinho do meu coração — ela fala e seus olhos brilham.

— Mãe! Você tem que obrigar a Nico a me deixar ficar com ela — a garota reclama. Quem é Nico?

— Você é muito bobona, eu não tenho que ficar com você — outra garota entra no mercado. Espera, elas são iguais. Gêmeas!

— Não sou — Samantha fala magoada. — Mãe?

— Tá bom, já chega, se continuarem assim vou deportar vocês para casa da vovó — Danna fala com uma voz autoritária.

— Não, mãe, nós vamos comemorar o aniversário do tio Liam, você prometeu — Nicole cobra.

— E vocês duas prometeram se comportar — a mãe se mantém rígida. — Cumprimente a moça, Nicole

— Oi — ela me olha constrangida e eu sorrio em resposta, então, se volta pra irmã. — Ok, vem, sua chata — Nicole fala para Samantha, que abre um enorme sorriso e corre em direção à irmã. Agora eu só sei a diferença entre

elas porque uma usa blusa rosa, e a outra, branca.

— Filhas... você não pode se arrepender, porque não tem um balcão de trocas — ela diz, sorrindo para mim, e sei exatamente a cara que fiz, porque ela muda de expressão rapidamente. — Estou brincando, querida, eu realmente amo minhas filhas, mas que elas dão trabalho dão, ainda mais enquanto crescem. Filhos crescidos, trabalho dobrado — filosofa, me olhando.

— Entendo — digo, com a voz abafada. O que eu não daria para ver a Liz assim... — Quantos anos elas têm?

— Onze — responde e então olha para minha cesta. — Ai, até esqueci o que me fez te abordar — ela fala, alargando o sorriso, e embora não tenha a mesma cor de olhos e cabelos de Liam, o sorriso tem o mesmo efeito, é hipnotizante. — Eu queria saber se haveria a possibilidade de você me vender esses copos — eu faço uma expressão de surpresa. — Deixa eu explicar, é que vamos comemorar o aniversário de meu irmão, e eu estou organizando um churrasco, mas são muitos homens, e eu não entendo como eles conseguem quebrar tantos copos.

— Ah, entendo. — Ótimo, meu vocabulário se resumiu a grunhidos e uma palavra. Ela fica me olhando, então, eu pego os copos e dou a ela. — Pode ficar. — De qualquer forma, por que uma pessoa sozinha e que não dá festas teria copos descartáveis em casa? Para não ter que lavar louça? Idiota!!!

— Obrigada, Amanda — ela agradece como se eu tivesse salvado seu dia. — Quanto te devo? — os olhos dela são bem expressivos.

— Nada. — Eu nem paguei por eles ainda e, afinal, são só copos. Além de serem para o aniversário de Liam...

— Você é um anjo — ela diz e, num impulso, me dá um abraço e um beijo no rosto. Ela queria mesmo os copos.

— Não sou, não — sorrio constrangida.

— É sim.

Pago pelas coisas que peguei, e ela também. Saímos quase ao mesmo tempo, mas ela entra no carro mais rápido, já que só tem os copos como compras. Os nossos veículos percorrem a estrada em fila e quando vê que eu paro na única outra casa à beira do lago ela dá ré e buzina.

— Ei? Então você é a vizinha do Liam? — O que eu posso dizer? Sim, sou a esquisita.

— Sou sim — estou me sentindo o Kevin quando o conheci, mas quero fazer esse contato. Só por que ela é irmã do Liam? Sim. Me julguem, eu não ligo.

— Quer vir conosco? — Eu? Não, lenta, o Batman.

— Obrigada, mas não posso — penso que nem comprei um presente. Oi? Presente? Não seja ridícula, é uma festa de adulto.

— Tudo bem — ela diz, sorrindo, mas parece prestes franzir a testa. Pronto, ela deve saber a história da maluca solitária do lago. — A gente se vê por aí — ela se despede com um aceno que retribuo.

Entro em casa com o coração na mão. Eu queria ir, quero ir, mas, tal qual pensei antes, não consigo. Fico com raiva de mim por ser tão idiota. Apesar disso, foi melhor assim, teriam muitas pessoas, conversas, situações de socialização. Mas eu decidi socializar! Só não sei como, pois tenho receio de correr na primeira cena estranha ou constrangedora. As pessoas normais enfrentam, não correm. Meu celular toca e eu dou um salto. É a Meg. Timing perfeito.

— Oi — atendo, soando tristonha.

— Oi, Mamá, o que foi? Está na fossa? — ela fala, carinhosa.

— Não, eu só... — Como digo isso a ela? Sei que estava zangada pela bruxaria, mas já esqueci tudo. Assim são os amigos, não?

— Você só o quê? Cospe logo que sei que tem coisa aí — Meg detetive.

— Conheci a irmã do Liam — falo e minha voz soa... Feliz?

— Sêrio? Já estão conhecendo a família um do outro, então? — Meg e suas brincadeiras estúpidas.

— Meg! — repreendo.

— Tá, desculpa, mas sua voz não parece assustada, nem desesperada, nem nada de ruim, então foi bom. — Inteligente, você!

— Ela parece legal. Expansiva, mas legal.

— Expansiva quer dizer que ela te abraçou? — Meg, você realmente lê mentes.

— Sim, e me beijou na bochecha — conto e percebo como me senti bem. Gostei de conhecê-la e do fato de ela ter sido legal comigo.

— E? — E o quê?

— E o quê?

— Tem mais, fala — ela ligou para isso mesmo.

— Ela está comemorando o aniversário do Liam e me convidou. — Pronto, cuspi.

— Mas ele não passou o aniversário com você, a pizza e a história do gêmeo morto? — Delicadeza em pessoa.

— Acho que ela só pôde vir agora — digo, porque não acredito que ele tenha inventado uma história para que comêssemos pizza juntos. Muito bizarro.

— E o que você está fazendo falando comigo ao invés de ir? — Estou criando coragem?

— Eu... Não comprei presente. — Que desculpa idiota, até para mim.

— Amanda Stone, não insulte meus poucos neurônios — Meg parece irritada. — Ande logo, mecha essa bunda magricela e vá logo viver sua vida.

— Eu estou vivendo — me defendo, e minha bunda não é magricela, eu como bem. Não sou obesa, ok, mas também não sou anoréxica.

— O problema é o presente? Você tem um monte de vinhos caros aí que eu sei, leve um. — Tenho mesmo, gosto de vinhos. — Ou uma das tortas geladas que com certeza você escondeu em sua geladeira. Hum, estou com água na boca.

— São pequenas Meg, não vai dar nem para três convidados dele, são bombeiros enormes lembra? — estou cogitando a ideia de ir?

— O presente é para ele, ele divide com quem quiser — essa conversa é toda uma loucura. — Hum... Bombeiros enormes. — ela diz, como se saboreasse um doce.

— Eu estou com medo Meg — eu falo, sincera. Estou com medo, na verdade, pavor. Sabe quando você quer muito uma coisa que chega a assustar? Eu não sabia que queria tanto isso. Contato, socialização, amizades novas, Liam... Calma aí, desesperada, Liam não é uma coisa e você não pode querê-lo, ainda está em fase de adaptação.

— Amanda, posso ouvir as engrenagens da sua cabeça daqui. Pega logo esse vinho, essa torta, as laranjas da fruteira e seja lá mais o quê e vai logo para essa festa — ela ordena, toda autoritária. — E quando chegar me liga para contar. — Posso imaginar daqui o tamanho do sorriso dela e aquele brilho divertido que cobre os olhos curiosos da minha amiga.

— Tá. Eu vou. Mas...

— Sem mais — ela me corta. — Não pense, vá. Se ele fosse um maníaco já teria tido mil chances de machucá-la. Ele não é o Fabrício! — Deus, eu sei, e ainda assim estou com medo. Não de que ele me machuque, mas... temo o que sinto.

— Meg?

— Oi? — ela fala assustada.

— Reze por mim? — peço, insegura. — Para que eu não corra que nem uma maluca?

— Maluca é seu nome — ela ri, divertida.

— Sêrio, Meg. — Eu preciso desse apoio, amiga.

— Sempre, sua boba — ela dá um suspiro longo. — Ei? Eu te amo, e você consegue. Ah, e esquece as laranjas. — Porque eu levaria mesmo laranjas! — Qualquer coisa é só pensar o que Meg faria.

— Não mesmo — rio e encerramos a ligação.

Subo a escada e troco de blusa, me sinto muito exposta de camiseta. Lembro do que Meg falou sobre maquiagens, então, passo rímel e gloss, e acabou minha cota aí. Olho no espelho, será que exagerei? Pego meus óculos escuros, um escudo razoável, não? Só então vou até a cozinha e tiro uma torta que fiz ontem, está fresquinha. Chocolate e castanhas. Pego uma garrafa de vinho na adega, um que está na lista dos cem melhores. O que eu posso fazer? Gosto de vinhos e não tenho muito em que gastar meu dinheiro ultimamente... Lembro que ele bebeu vinho com a pizza, não lembro qual, então, deve gostar. Respiro com força, enchendo meus pulmões, e seguro a garrafa tão forte quanto posso sem quebrá-la em uma mão e na outra a tortinha. E lá vou eu toda medo e coragem em um paradoxo mental monstruoso, caminhando pela estradinha de cascalho.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Como adolescentes

Eu chego à porta, e o meu coração está de mãos dadas com meu cérebro dançando um rock pesado. Fecho os olhos bem apertados e inspiro e expiro três vezes seguidas como um exercício de relaxamento. Abro-os e fito a porta. “*Vamos, Amanda, apenas bata*”. Isso mesmo, eu apenas bato e logo alguém abre. Antony! Ótimo, eu olho para o céu e penso que alguém lá em cima não facilita mesmo, não?!

— Oi, Amanda — ele sorri para mim, receptivo.

— Oi, Antony — respondo, educada.

— Então lembra o meu nome? — Claro, sou maluca não retardada. “*Ei, vai com calma, Rock*”. Sorrio assentindo.

— Entra — ele finalmente me dá passagem. — Estamos arrumando a festa do chefe, você veio ajudar? — Oi? Não, vim bisbilhotar.

— Ela cozinha bem, podia ajudar as garotas. — Eric! — Oi, Amanda, como vai a sua amiga explosiva? — eu estreito o olhar para ele, não vai falar da Meg.

— Ótima — eu digo, rígida. Ok, garota, você tem que ser forte agora. É isso que as pessoas fazem, “*socializam*”.

— Que bom, porque com o gênio que ela tem... — Ele está me provocando?

— Quem tem um gênio ruim? — Uma mulher entra na sala. Loira, alta, bonita, amigável? Ela me encara e então sorri. — Oi, sou a Thai — ela me cumprimenta.

— Oi, sou a Amanda. — Longa lista de novos conhecidos.

— Ei, gente, por que todo mundo está fugindo da cozinha? — É a Danna.

— Ah, você veio! Entra — ela empurra o Antony. — Não baba na garota, Tony.

— Ei? — Antony faz cara de ofendido. — Eu só estou sendo gentil em recebê-la.

— Sei, vai ser gentil, seja com a Betsy, ela está lá na churrasqueira. Sozinha — ela o olha com aquele olhar repressor. — Vem, Amanda, você me ajuda?

— Vocês se conhecem? — Eric é quem pergunta, interrompendo minha resposta.

— Sim, nos conhecemos hoje cedo — ela fala, me puxando. Andamos até a cozinha e somos seguidas pelo Antony e pela Thai. — Pessoas do interior, ávidas por novidades. — Antony pega cervejas na geladeira e distribui para a gente. Eu aceito por educação, mas não bebo. Beber só quando estiver feliz, pacto de Meg. Será que estou feliz? Não sei...

— Você também é do interior, “*big Mama*” — É a loira quem fala, e as duas sorriem.

— Tudo bem, eu não me importo — digo com um sorriso torto.

— Ei, garota, não precisa mentir, se for educada demais com eles, te engolem. — Danna tem um jeito relaxado como Liam, mas expõe mais seus pensamentos, ele trabalha mais com o olhar e os gestos. Ótimo, agora estou analisando as pessoas. “*Seja normal, Amanda!*”

— O que ela vai pensar de nós, Danna? — Antony ainda está aqui.

— O que eu disse sobre você ajudar a Betsy com a churrasqueira? — ela o encara, autoritária.

— Eric está lá, ninguém vai morrer de fome hoje — ele se defende.

— Ótimo, mas já que não cozinha nada por que não vai lá fora arranjar

algo para se ocupar? — Danna diz pondo as mãos na cintura.

— Muito bem, você é pior que o chefe às vezes — ele diz, contrariado.

— Ok, agora vamos trabalhar, temos muito o que fazer — ela fala retornando à posição de chefe de cozinha. — Sabe cozinhar, Amanda? — ela me olha esperançosa.

— Algumas coisas. — Estou na cozinha, meu território. “*Você vai se sair bem, Amanda*”. Percebo que ainda seguro a tortinha e o vinho. — Onde ponho isso?

— É para o aniversariante? — Danna sorri para mim. — Que fofo. Põe aí no balcão.

— Certo — coloco e olho para ela à espera das diretrizes.

— Muito bem, Thai, o que falta? — Danna pergunta, enquanto descasca umas batatas.

— Além da salada de maionese? — ela faz cara de pensativa. — O molho, a vinagrete e o arroz. A Betsy terminou a farofa amanteigada, e os rapazes estão cuidando da carne.

— O que sabe desses pratos, Amanda? — ela brinca.

— Um pouco de cada — rebato.

— Escolha um.

— O molho — sorrio, começando a relaxar, e logo estamos picando temperos e falando sobre receitas.

Elas perguntam sobre a torta, e eu falo que a fiz. Ficam interessadas e prometo passar-lhes a receita. Antony entra na cozinha a cada cinco minutos. Ainda não vi Liam e estou ficando tensa em antecipação agora que estamos terminando os pratos. Eric vem até a geladeira e põe algumas cervejas num

cooler. Ele me olha de soslaio, mas finjo não ver. Será que se chateou com Meg por ela ter ficado com o Marcus? Eu com certeza não vou ficar no meio disso.

— Acho que o Antony se apaixonou por você — Danna fala sorrindo, e eu sei que estou da cor do tomate que tenho nas mãos.

— Quem se apaixonou por quem? — A voz de Liam. Deus, meu coração veio até a boca agora. Acabo cortando meu dedo com o susto.

— Droga — solto a faca com força.

— Calma, tá tudo bem, não foi nada — ele diz, segurando minha mão e me levando até a pia. Alguém entra na cozinha nesse momento.

— Ei, aniversariante, você demorou. — É a Betsy. — Por que não vem dançar comigo um pouco? — ela diz, toda sorrisos.

— Agora não, Betsy — ele não a olha. — Emergência médica — fala, ainda segurando minha mão e examinando o corte.

— A Amanda cortou a mão, e Liam vai suturar ou ela morrerá em segundos — a Danna diz, divertida. *"Ei, Amanda, você tem que dizer algo ou as coisas ficarão bem estranhas aqui..."*

— Eu estou bem — tento puxar minha mão. — Foi só um cortezinho.

— Ei, deixe-me ajudar. Amigos se ajudam — ele insiste, com aquela voz quase sussurrada, e então me solta para pegar uma caixinha no armário. Dentro dela tem alguns artigos médicos. Ele borrifa um spray e faz um curativo. — Pronto, salva da morte certa — diz, piscando, e lá se foi meu coração correndo para longe de mim. *"Covarde"*.

— Obrigada — falo, incapaz de parar de olhar para ele. Ele cheira bem, acho que está usando... Perfume? Sinto um arrepio na espinha.

— Muito bem, senhor salva-vidas, não distraia minha equipe — Danna interrompe, empurrando Liam de lado, e quebramos o contato visual.

— Você não me disse quem está apaixonado — ele se dirige à irmã,

enquanto pega a minha cerveja e bebe. Tudo bem, eu não ia beber mesmo. Concentro-me no molho.

— E precisa? — a irmã o olha estranho. — Antony gamou na Amanda. Acho que a Betsy não vai gostar.

— A Betsy não quer o Antony — Thai fala e parece irritada.

— Mas ela gosta da atenção — Danna rebate.

— Ok, muita informação — Liam diz, pondo a garrafa no balcão e saindo. Da porta, ele se vira e olha para mim. — Vou manter o Antony longe.

— Não duvido — é Danna quem fala. Assim que ele sai, solto o ar. Eu estava pretendendo me matar sufocada? As duas mulheres no cômodo me olham. Não, eu vou é me matar de vergonha.

Não dizemos nada, apenas arrumamos as travessas e nos preparamos para levar para as mesas lá para fora. A Thai pega a vinagrete, Danna pega o arroz e eu a salada de maionese. Precisaremos de mais de uma viagem. Nós colocamos as coisas na mesa em meio a assobios e gritos. Eles estão com fome mesmo. Sorrio, achando divertido. Homens... Ainda falta o molho, então eu entro para buscar e percebo que Betsy me olha como se fosse me engolir. Muito bem, ela não gosta de mim, entendido. Se for pelo Antony, ela pode relaxar. Pego a travessa de molho com cuidado porque está quente, vou para fora e estou quase chegando à mesa quando sinto alguém se chocar comigo, e lá vai o molho quente descendo sobre minha blusa. Para completar, me desequilibro e estou indo de bunda ao chão...

— Te peguei — Pegou? Pegou sim. Um braço forte segura minha cintura por trás e me põe em meu eixo novamente. Ele me olha nos olhos e não me solta — Tudo bem?

— Tudo — digo, envergonhada pela cena. Betsy me olha com um sorriso nos olhos, então, faz cara de preocupada.

— Desculpe, querida, você se queimou? — ela faz um muxoxo. — Espero

que não — eu me desvencilho de Liam e vou em direção ao interior da casa sem responder.

Eu não aguento, isso é muita coisa para assimilar. Entro na casa encharcada de molho. Amanda ao barbecue. Estou irritada e envergonhada, não sou desastrada. Vou até a pia e ponho a tigela. Um belo molho perdido, penso enquanto olho para o refratário dentro da pia. Além do fato de que poderia ter realmente me queimado se o molho estivesse recém saído do fogo.

— Tudo bem? — Liam veio atrás de mim e está preocupado.

— Tudo, eu não vou surtar — respondo em um tom agressivo.

— Vão entender se isso acontecer — ele fala torcendo os lábios. — Betsy tem o poder de irritar as pessoas. — Apoio moral? Ótimo.

— Sua festa, seus amigos — rebato.

— Você está aqui, então é minha amiga — ele abre um sorriso enorme.

— O que há de errado com você, Liam? — é a Danna. Nós dois olhamos para ela, surpresos. — A garota tá encharcada de molho quente, e você, ao invés de oferecer uma blusa limpa ou saber se está queimada, está aqui falando bobagens — ela me puxa pelo braço. — Vem, Amanda.

Ela me arrasta para o andar de cima, e eu ainda olho para trás a tempo de ver o sorriso de Liam brilhando em seu rosto. É, definitivamente eu fui fisgada pelo homem do fogo, e esse fogo com certeza vai me queimar viva. Danna me leva a um cômodo e começa a abrir algumas malas e mochilas, tirando de lá uma camiseta vermelha.

— Pronto, pode vestir essa. — Oi? Eu não vou vestir sua blusa, vou para casa.

— Não, acho melhor ir embora... — começo a me expressar, afinal, já era tempo.

— O quê? Ficou doida? — ela me encara como se eu tivesse falado o

maior absurdo. — É exatamente o que ela quer. Olha, não estamos mais no colegial, certo? — Danna me fala, muito cética. — O que você tem que fazer é mostrar que é crescida o bastante para ignorar os ataques dela.

— Estou suja, Danna, preciso de um banho. — Essa desculpa deve colar, afinal, quero é fugir porque sinto-me, sim, no colegial, no último ano, e sem Meg eu não tenho chance de sobreviver. Ouvimos um barulho na porta.

— Danna, tudo bem? — é Liam. Ele fala, mas não abre a porta do quarto.

— Tudo, Amanda vai tomar banho, se não se importa. Já vamos sair. — Oi? Eu vou? Aqui? — Pronto, agora banho e não deixe a Betsy supor que você é uma colegial covarde — ela me fala, entregando toalha e alguns utilitários. A minha desculpa definitivamente não colou. "*Eu sou covarde*". Olho para porta. — Pode ir, querida, eu fico de guarda — ela me olha de um jeito que me lembra a Meg, e eu sei que nesse momento nada de pior pode me acontecer, a minha vida já teve a sua cota de desastres. O que pode ser pior do que ser atacada, ter sua casa queimada e sua filha morta? Sério que eu pensei nisso agora? Sim, pensei, e ao invés de sentir o costumeiro medo, sinto raiva...

Entro no banheiro e tomo o bendito banho, ainda bem que não sujou meu cabelo. Uso as coisas que Danna me deu. Saio alguns minutos depois, meio desajeitada, enrolada na toalha. Deus está trabalhando duro comigo. Danna ainda está lá, sentada na ponta da cama. Ela me vê sair e então me entrega uma muda de roupa. Um short de um tecido bem molinho, gostoso, estampado, e a camiseta vermelha. Estou me sentindo a miss primavera do rancho. Ok, Amanda, não é a sua cara, mas é melhor do que ficar nua. Visto-me, e ela está penteando meu cabelo agora. Olho para ela e sinto-me estranhamente confortável. Danna tem aquele ar de mãe superprotetora e agora entendo o apelido de "*big Mama*", rígida, mas carinhosa. Nós saímos do quarto e lá está Liam, encostado na parede com seus olhos expectantes

PERIGOSAS

que caem diretamente sobre mim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO VINTE SEIS

Eu vi primeiro

— Oi, estranha — vejo expectativa em seus olhos.

— Oi — fico sem saber o que dizer. Ele está sendo gentil, mas sei que está apenas esperando a hora em que vou surtar... Então, decido que isso não vai acontecer. *“Seja forte, Amanda”*.

— Amanda trouxe presentes para você. Acho que foi a única além das suas sobrinhas — Danna fala, quebrando a tensão. — Vou ver meus bebês — ela sai estrategicamente. Liam me olha por mais alguns segundos, antes de voltar a falar.

— Então, já conhece as gêmeas do mal — ele ergue as sobrancelhas.

— Elas não me pareceram más — fecho o semblante, são crianças lindas. *“Parecem com você”*.

— Ok, já ganharam seu coração. Com o quê? Um olhar? — Com o seu olhar. *“Se controla, mulher”*. Ele dá um passo à frente e está bem perto de mim agora. Posso ver cada mínimo detalhe de seu rosto; atrás de mim apenas a parede. Não tem para onde fugir.

— A Danna é muito gentil — eu mudo o tema e lá está o meu coração. *“Decida-se, ou para de bater ou funciona direito!”*

— Sei, ela já ganhou você também — ele fala, sorrindo de lado.

— Ela parece jovem para ter filhas. — Desviando o foco de novo. Nada de falar de mim, me ganhar ou meu coração...

— Teve cedo, paixão de colégio — ele fala, como se fosse uma daquelas histórias de cinema.

— Então se casaram? — minha curiosidade dá as boas-vindas a uma história... Feliz?

— Não — ele diz, fazendo uma pausa, contraindo os lábios. — Quer mesmo saber as histórias tristes?

— Desculpe, eu... — Qual história? Quero sim.

— Tudo bem, Jeremy foi embora para a Suíça quando a dupla tinha um ano. — Ok, não quero saber mais nada, já tenho minha cota de finais infelizes. Olho um ponto na parede.

— Então eu ganhei presentes? — ele muda de assunto, e eu levo um segundo para acompanhar.

— Sim, quer dizer, não é nada demais — fico constrangida.

— Me mostra — ele pega minha mão e me leva escada abaixo, como se estivéssemos falando de coisas triviais. E hoje é o dia de arrastar a Amanda, porque eu não tenho vontade própria. Tenho sim! Quero ir com ele. Quero? Ah, com certeza.

— Aqui — digo, quando chegamos a cozinha, e lá estão a tortinha e o vinho.

— Hum — ele se aproxima, pegando uma colher e experimentando o doce. Eu engulo em seco vendo ele levar a colher à boca. — Você quem fez? — Os olhos dele estão nos meus, e eu sinto meus joelhos tremerem.

— Fiz, mas era gelada, então, deve estar... — começo a falar devagar, como se fosse difícil articular as palavras.

— Está perfeita. — E lá está aquele sorriso de canto de boca. Tá calor aqui, não?! Respire, Amanda, apenas respire... Ele pega o vinho e parece surpreso. — Você comprou para mim? — ele me encara, curioso.

— Eu tinha na adega. — Ele parece desapontado? — Vi que gosta de vinho quando tomou com a pizza, então... — ele anui.

— Tomei, duas garrafas sozinho porque você não bebeu comigo. — Oi?

Ah, eu não conseguia. — O meu não era tão bom quanto esse. — Droga, agora ele pensa que sou esnobe? Não pense isso de mim.

— Eu ...

— Tudo bem, esse você bebe comigo? — Eu? Não, lenta, a Betsy. A Betsy uma ova! O quê? Estou com ciúme dela? Droga, a Danna tem razão, estamos de volta ao colegial. Não vou disputar ninguém...

— Posso pedir outro presente? — prendo a respiração. O que seria? — Que você me diga o que está maquinando em sua mente. — Oi? — Quase posso ouvir seu cérebro trabalhando daqui — ele fala, sorrindo, enquanto meu queixo cai. Agora todo mundo pode ouvir meus neurônios danificados? — Eu disse, seus olhos falam.

— Eu só acho que deveria ir para casa — falo, sem jeito, desviando os olhos dos dele.

— Não gostou da roupa da Danna? — ele estreita os olhos. — Muita gente? — pergunta, preocupado. — Você quer ir? — Liam diz, segurando meu queixo, fazendo-me olhá-lo de novo, parecendo apreensivo agora. Ele não quer que eu vá?

— Não — minha voz sai em um fio. Não? Não, eu quero ficar. O sorriso dele toma o rosto.

— Não para primeira, segunda ou terceira pergunta? — ele está me olhando ansioso.

— Terceira — eu falo, enquanto expiro. Essa precisou de força para sair.

— Então fique. — E lá está ele me levando pela mão de novo como se não quisesse esperar eu mudar de ideia.

— Eu pensei que beberíamos o vinho. — Oi? “*Amanda, não peça o que não pode aguentar...*”

— Iremos, mas não agora. — Quando? Nós seguimos para o quintal, e ele é todo confiança e sorrisos. Logo nos reunimos aos outros.

— Oi, até que enfim. — Eric, tão sutil... — Vejo que trocou de roupa, ficou bonita. — Agora está me elogiando? — E a sua amiga irritadinha? — De novo?

— Pergunte ao Marcus. — Ei, Amanda, ponto para você, conseguiu rebater um estranho. Conhecido? Que se dane. Esse médico também está com um péssimo humor. E você, moça, decidiu deixar de ser vítima? Então...

— Ei, doc, não chateie a única pessoa adulta que me deu presente — Liam provoca o Eric.

— Seu aniversário já passou, Mackenzie — ele fala e parece chateado, mas sorri.

— Não está com ânimo para festa, irmão? — indaga o xerife.

— Ei, galera, hora da música — Antony grita, aumentando o som, e começa uma dança esquisita. Ótimo, não serei o centro das atenções.

— Ei, xerife, por que não me mostra o quanto está enferrujado? — Danna se aproxima e as duas pequenas também.

— Por que não dança comigo? — Marcus pergunta e vejo um olhar estranho dele para Danna.

— Não, agora é com o grandão aqui — ela fala, sem nem olhar para ele.

— Não, Danna, hoje não — Ed tenta desviar, mas ela o pega pelo braço, e, ao que parece, ele não é tão forte assim.

— A Danna era amiga da Melissa — Liam me fala. Nós nos sentamos em bancos assistindo a “*pista de dança*” ficar lotada. E lá estão os dois dançando. Não é que o xerife sabe dançar? Eu olho para Marcus. — E o Marcus era o anjo da guarda dela na escola. — Oi? Por que está me contado essas coisas?

— Anjo da guarda? — eu digo, curiosa.

— Sim, quando ela ficou grávida — ele me fala e olha para a irmã com um ar de admiração e tristeza ao mesmo tempo. — Eu não estava mais por lá e foram momentos difíceis — abro a boca, mas não tenho tempo de falar...

— E nós, querido? — Betsy! Perfeito.

— O que tem nós, Betsy? — ele pergunta com aquele sorriso encantador. Acho que gosta de provocá-la. Eu me levanto e vou saindo. — Espera, vou dançar essa com a Amanda e depois você me conta. — Eu? Dançar? Deus, lá vou eu para o meio dos malucos, puxada pelo Liam, mas tenho tempo de ver Betsy sair afundando o chão.

Estamos todos na pista de dança e é uma música agitada, eu nem me lembro como se dança isso. Liam se mexe bem, Danna e o xerife dão show e lá vem Antony fazendo passos absurdos. Começo a rir e não consigo controlar. Liam ainda segura minha mão e me faz dar alguns giros, rindo comigo. De repente, trocam a música. Uma romântica? Sério? Thai se aproxima de Antony e ele não foge; eu sei que eles têm muitas histórias e fico imaginando quais são. Olho para o som e lá está Marcus, que mudou a música. O xerife sai da pista como se lembrasse de algo, e eu vejo Danna fuzilar o Marcus com o olhar, então, retorno para o homem à minha frente.

— Oi, bem-vinda de volta. — Ok, estava viajando...

— Oi, vizinho, acho que chega de dança — aperto meus lábios entre os dentes, um gesto que adquiri quando não sei o que dizer, onde pôr as mãos...

— Por quê? Essa é a mais fácil — ele fica me olhando direto nos olhos, então, começa a falar enquanto descreve cada ato, sem desfazer o contato visual. — Você põe essa mão aqui — ele pegou uma das minhas mãos e a pôs em seu ombro. — Eu ponho uma aqui — agora está com uma mão nas minhas costas, e eu me sinto estremecer —, a outra mão assim — ele segura minha outra mão entrelaçando nossos dedos —, e agora isso — ele me puxa pela cintura com a mão que estava nas minhas costas há segundos atrás, me deixando bem próxima, mas não apegada a ele. Meu corpo formiga até a raiz dos cabelos. É um sentimento incrível, de atração e medo ao mesmo tempo. Como se algo fosse crescendo dentro de mim e eu não pudesse conter. E lá

estamos nós, dançando. Percebo que pela primeira vez em que ele me toca o medo vem apenas do que sinto por ele e não das lembranças do passado. Não é uma música tão longa quanto eu queria. Serão três minutos de paraíso.

— Tio? É verdade? — A voz de uma das gêmeas me traz à Terra novamente. Liam pisca, como se não quisesse desfazer o contato visual, mas lá se foi nosso momento.

— O que é verdade, pentelha? — ele se vira para a pequena, mas não solta uma das minhas mãos. Ele pensa que vou fugir?

— A tia Betsy disse que você está ensaiando dar uns pegas na sua vizinha esquisita e como você só tem uma vizinha, eu queria saber se você vai dar uns “*pegas*” na Amanda — ela fala que nem uma metralhadora e eu estou tão vermelha quanto é possível ficar sem torrar ao Sol.

— E quando, exatamente, ela te disse isso? — ele diz e segura mais firme minha mão quando tento puxá-la. Agora sim eu quero fugir, correr, me afogar no lago.

— Bem, ela não disse para mim — a pequena frisa o “*mim*”. — Ela estava conversando com a Lucy — parece envergonhada.

— E foi só isso que ela disse? — ele estreita o olhar, e ela parece envergonhada.

— Não, ela disse que você era dela e que ela te viu primeiro. — Oi? Colegial, Danna estava certíssima. Liam começa a me levar para fora do círculo de dança. — E, tio? — a pequena grita. — Ela comeu toda a sua torta e abriu seu vinho. — Agora ele apressou o passo, e estamos quase na porta quanto estaco.

— Ei? — eu me seguro no lugar. Não vou fazer parte dessa cena. — Não vou até lá com você — ele me olha surpreso. — Tudo bem que você queira resolver isso, mas não me ponha no meio. — Olá, mulher segura, firme e decidida!

— Ok, então eu não vou, porque sei que assim que entrar lá, não vou vê-la tão cedo — ele diz, expirando, e então solta minha mão e bagunça os cabelos num gesto nervoso. Acho que Betsy conseguiu finalmente incomodá-lo de verdade. — Mas você tem que concordar que comer minha torta foi demais — ele me encara e vai de chateado a divertido em segundos, começando a rir.Franzo a sobrancelha. Sério? — Ah, Amanda, não fica me olhando assim, eu adoro tortas — ele está rindo de mim. Ótimo, eu começo andar em direção a saída. — Ei, aonde você vai? — Liam para de rir depressa.

— Você quer torta? Então venha comigo — encaro-o e me assusto com a minha segurança. Ele está atônito. Sim, Liam, essa sou eu também. Vou fazer isso? Vou sim. — Você vem?

— Eu também quero torta, tio — a pequena ainda está lá.

— Então agora você ouve todas as conversas, Sam? — Como ele sabe a diferença? Dã, ele é tio!

— Pode vir, querida — eu falo. Ele sorri para mim, e a pequena também. Então eu sigo andando.

— Pode ter certeza que eu vou, nós vamos — ele diz e me segue, pegando na mão de Sam. Então passamos pela cozinha e lá está Betsy com uma taça de vinho na mão entre sorrisos com a... Lucy? Assim que me veem, param de falar e me olham surpresas ao ver que passo direto, sem cumprimentá-las, e o Liam me segue.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Vinhos, tortas e segredos

Chegamos em casa e eu já começo a me arrepender. Agora tenho certeza que comprei uma briga com a adolescente malvada, Betsy. Todos na festa devem estar falando de nós. Ejo os olhos expectantes de Samantha em mim. Ok, garota, você começou isso. Abro a geladeira e pego várias mini-tortas, coloco-as na mesa e percebo que Liam está pegando talheres e louça. Ele se sente mesmo confortável aqui, nessa cozinha. Nos sentamos e comemos alguns pedaços em silêncio, por um tempo, e eu noto o olhar de Samantha fixo em mim.

— Eu não acho você esquisita. — Olá, sinceridade infantil! Se bem que ela é uma mocinha, não? — Posso levar um pedaço para Nico? — ela fala, se referindo à tortinha.

— Claro que pode — então percebo que ela vai sair, e eu vou ficar a sós com ele. — Ou pode trazer ela aqui para comer.

— Não, eu prefiro levar, se você não se importa, porque eu não avisei à minha mãe que ia sair — ela me diz, desconcertada. *“Amanda Stone, você não pode usar uma menina de onze anos como escudo!”*

— Ok — dou o braço a torcer e ponho algumas numa vasilha. — Aqui, para sua mãe, irmã e mais para você — sorrio com a cara de felicidade que ela faz.

— Desse jeito você vai explodir minha sobrinha ou engordá-la — Liam fala, e nós duas olhamos de cara feia para ele. — Tudo bem, não está mais aqui quem falou — ele ergue as mãos em rendição e dá um beijo na garota.

Samantha vai saindo alegre, mas na porta ela se volta para nos encarar — O que foi? Não diga que vai querer vinho...

— Tio! — ela abre os olhos ao máximo. — Eu... Não acho que você deva dar uns pegas na Amanda. — Oi? Agora eu e Liam estamos boquiabertos. — Ela é legal, você deveria namorá-la — Samantha diz na maior naturalidade e sai, nos deixando sem ar.

— Muito bem, agora que ela se foi, admita que ela é do mal — ele fala, me olhando, e eu estou procurando minha coragem de segundos atrás. — Ou você acabou de se dar conta que seu escudo foi embora? — Hã? Droga, eu sou tão fácil assim de se ler?

— Eu... Ela não é do mal, apenas sincera. — Uma boa saída.

— Então você também acha que devíamos namorar? — Meu pulmão perdeu todo o ar agora. — Não precisa ficar roxa, eu não vou pular em você. — O quê? — Acho que herdou a sinceridade de mim, minha culpa. — Do que você está falando? Minha cabeça deu um giro agora e eu estou perdida aqui, ele está flertando comigo abertamente?

— Não sei exatamente do que você está falando — minha voz sai insegura.

— Eu estou falando... — ele levanta e começa a se aproximar de mim — ... de que toda vez, que eu me aproximo de você, assim... — agora ele está de frente para mim, a centímetros, e ergue a mão deixando-a deslizar lentamente por meu braço. Eu suspiro, sentindo meu coração bater contra meus ossos. — ...eu sei que você quer que eu dê o próximo passo, pela forma como me olha — então ele ergue as duas mãos, me segurando pelos ombros e encostando nossos rostos da testa até os narizes. Liam começa a falar em um tom grave e sussurrado. — Nós dois sabemos o que está acontecendo aqui, embora você esteja um passo à frente por ser a única que conhece o motivo que nos impede de continuar. — Mal consigo sentir o chão sob meus pés. Muito

nervosa, muita tensão... Sexual? Eu me lembro da Meg e me afasto, apoiando as mãos na bancada da cozinha, ficando de costas para ele.

— Acho que não deveria fugir de seus convidados — eu digo, quando consigo dominar novamente minhas cordas vocais.

— Fuga — ele expira. — Eles não vão sentir minha falta, só estão lá pela comida e bebida — diz, e sua voz tem um ar estranho. Por quê?

— Liam, eu disse, é complicado — ele se aproxima de novo. Fica parado atrás de mim e apoia a testa na minha cabeça, me segurando pela cintura. Engulo em seco.

— Eu sei, mas cada vez que você me afasta eu quero me aproximar, nem que seja para te ver sorrir uma vez em mil dias. — Oi? Lá se foi a força dos meus joelhos.

— Eu... — O que eu posso dizer?

— Diga que não sente absolutamente nada, e eu paro de te procurar. — Como? Não, eu não posso dizer nada, nem que sim, nem que não, eu... Meg! Socorro. Ele começa a se afastar de mim, enquanto meu cérebro decide se é pior que ele tente falar comigo ou que suma de minha vida. “*Mulher, você mal o conhece!*” Ele dá alguns passos, e eu percebo que está indo em direção à porta. Ele vai embora? Para sempre?

— Espera — eu falo e sai quase como um grito. Estou olhando para ele no mesmo lugar de antes. Movi apenas a cabeça em sua direção, e minhas mãos apertam tanto a bancada que os nós dos meus dedos perderam a cor. Ele me olha com expectativa.

— Por favor, me conta. — Conto? Fecho os olhos para respirar fundo e tomar coragem.

— Eu já disse que tenho um problema — digo, por fim, mas ainda não abri os olhos. Minha voz ainda sai baixa.

— Tem relação com sua filha, não? — Se você imaginasse... — Você

disse que ficou grávida, mas não falou de nenhuma criança, também não há fotos na casa — Liam fala sem sair do lugar, sua voz sai clara e não fraca como a minha, mas ele tem um tom suave, como quem anda em campo minado. — O que pode ser tão terrível que te faz sentir toda essa repulsa? — Repulsa? Abro os olhos surpresa. Ele pensa que sinto repulsa dele?

— Liam...

— Fale comigo, Amanda, me deixe entrar. — É um pedido angustiado. Acho que me lê tão bem quanto a Meg. Não tão bem porque ele não conhece os detalhes. Apesar disso, deve absorver todas as minhas emoções que tão facilmente ficam estampadas em meu rosto. Não quero contar, não sei como... Como vou contar que...

— Amanda? — ele repete o apelo, e eu fecho os olhos apertando-os o mais do que posso e então os abro, olhando para a prateleira à minha frente. Uma garrafa de tequila e alguns copos. Ele faz menção de ir embora novamente.

— Espera. — Vejo na geladeira o Pacto olhando para mim. Beber quando estiver feliz! Eu estou feliz? Que se dane, preciso de força e estou pulando direto para falar com o vizinho, além de não ter nada dizendo sobre beber para criar coragem. Afinal, não estou exatamente triste, NÃO estou triste. Ter que contar tudo isso, reviver essas sensações, me traz uma sensação de impotência, raiva, revolta... Eu olho para ele, e Liam me fita curioso. — Não, eu... — pego a garrafa de tequila. Preciso de algo pesado. Ele cruza os braços me observando. Sirvo duas doses e tomo uma, então, tomo a outra.

— Você pretende ficar bêbada? — Talvez. E se eu ficar? Ao menos anestesia as sensações.

— É uma opção? — indago, tomando a quarta dose.

— Amanda, apenas fale, eu não vou julgar — ele me pressiona.

— Você quer saber, Liam? Quer saber sobre os meus problemas? — Eu o

olho, chateada. Essa situação toda é surreal, eu o quero aqui, e ele quer ficar, mas sob quais condições. Não sou idiota e já entendi que ele precisa de um motivo para levar isso adiante. Nenhum homem são vai ficar nessa brincadeira de gato e rato eterna.

— Amanda, eu apenas...

— Você o quê? — corto. Estou com raiva? Tomo outra dose. Ainda estou de pé, em frente à bancada, e ele, próximo à porta. — Ela morreu, mas você já imaginava isso, não? — revelo, por fim, e é como se um pedaço do meu coração fosse arrancado sem anestesia. Ele dá alguns passos, se aproximando de mim, e toca minha mão quando estou levando o copo de número... sete? Que se dane. Liam segura minha mão firme, como quem diz chega.

— Sim, eu imaginava. Você abortou? — Liam pergunta e ainda tem sua mão na minha.

— Deus, não! O que você acha que sou? — olho para ele magoada, será que pensa que sou um monstro? Não, Amanda, as pessoas pensam o que querem quando não sabem a história real, ou você pensou que imaginação era um privilégio seu?

— Desculpe... — ele diz, e eu sinto a sua voz pesada. Liam está fazendo conjecturas, apenas isso, se me achasse um monstro teria soltado minha mão. Ou apenas é a favor do aborto. Quem está julgando agora? Droga! — Como? — pergunta num sussurro, agora que está bem próximo a mim.

Não falo nada, não o olho, estou absorvendo as emoções e buscando uma lógica para que eu entenda como minha vida foi de uma segurança de dias repetitivos a essa roda gigante de emoções que sufoquei por anos. Pessoas, conhecer pessoas, se relacionar, fazer... amizade?

— Quero que você me deixe entrar — ele fala e parece triste. — Eu me sinto atraído por você, e sei que você sente o mesmo. Cada vez que te toco, seu olhar vai do desejo à aversão, então, sinto como se estivesse molestando

você — ele diz, respirando com força, e passa as mãos nos cabelos. — Quando eu a beijei e você quase surtou, pensei em não me aproximar mais, ficar longe, mas a ideia de que eu podia ter... Droga, eu fui para o trabalho cheio de bobagens na cabeça e quase perdi um dos homens. — Ficamos em silêncio por um tempo; lembro-me da mão dele queimada e olho para ela num reflexo. Ele pega minha mão novamente e me guia até a sala, me forçando a me sentar, já que eu estou agindo como um robô, tentando não sentir, não enlouquecer de vez. Cada detalhe daquele dia está retornando à minha mente.

— Você quer entender? — pergunto, e não há mais raiva em minha voz, apenas um pesar profundo.

— Você quer me contar? — Agora isso importa? Ele está me pedindo isso desde que entrou aqui e agora a escolha é minha? — Quero que você queira me contar, que confie em mim — ele pega meu rosto em suas mãos e me faz encará-lo. — Confie em mim, eu não tenho intenção de machucar você, nunca te machucaria. — Como pode existir alguém assim? Eu não o mereço. Em meu cérebro, Meg me encara: Sim, você merece sua bocó! Aperto meus lábios em meus dentes novamente.

— O pai dela a matou — falo de vez, porque se tem uma coisa que aprendi com a terapia é que ficar procurando amenidades para falar uma atrocidade dessas não faz a dor ser menor, apenas durar mais tempo. Liam me olha, e seu queixo foi ao chão.

— Amanda, eu... — ele acaricia o meu rosto.

— Ele a sufocou e então pôs fogo no apartamento — revelo, completando o quadro de terror. Meus olhos estão vidrados, eu olho para Liam, mas vejo apenas o Fabrício sufocando Liz no berço, quando tinha chegado em casa há apenas alguns minutos. O Liam levanta, e eu não sei aonde ele vai. Embora? Não consigo me mexer porque a única coisa que tem em minha mente agora

PERIGOSAS

é a imagem da minha filha com os lábios azuis...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO VINTE E OITO

Enfrentando os monstros no armário

— Aqui. — O Liam me traz de volta do transe com um copo de tequila diante de meus olhos; ele também tem um na mão. Está sentado em minha mesinha de centro diante de mim. — Beba — a voz é de comando, e eu viro a minha dose de número mil. Ele não sabe o que dizer e nem eu. — Não precisa dizer mais nada — ele serve mais para ele e toma tudo de vez.

— Eu nem comecei a contar ainda — digo, e minha voz adquire um ar fúnebre. As coisas podem ficar mais sombrias conforme escavamos. Liam nem tem ideia do que realmente aconteceu. Não sei se ele quer saber e sinto meu útero doer. Pode parecer surreal, mas as mulheres sabem o que quero dizer.

— Você não precisa, Amanda — ele me olha nos olhos, e eu tenho a sensação de que ele entende o que sinto.

— Desistiu de saber? — pergunto, e meu tom soa irônico.

— Se isso a faz sofrer tanto, eu posso esperar — ele é sincero, mas eu sei que só pensa que pode. Liam vai continuar perguntando até que eu conte, porque ele quer entender meu problema, com tato.

— Não, você não pode. — Sei que não, porque eu também não posso mais segurar isso. Estou ficando cansada dessa oscilação, expectativa, ansiedade e todas as outras espirais estressantes, toda vez que tenho uma batalha entre seguir em frente ou ficar para trás. Os pesadelos recorrentes, a angústia, a depressão... Provei o gosto da vida e gostei, já não quero mais viver de sombras.

— Então eu não vou a lugar algum até que você me mande embora. — Olho para a estante atrás dele. Olho para minhas mãos, me sirvo outra dose e o encaro como quem encara o passado.

— Eu conheci o Fabrício ainda jovem. Ele era um penetra em uma das festas de meu pai. — Ele franze o cenho. — Meu pai é um velho russo, dono de uma empresa de diamantes, e costumava dar muitas festas deslumbrantes. — Desvio o olhar me sentindo de volta para anos atrás. — Nos apaixonamos e começamos um relacionamento de idas e vindas. Aos dezoito eu engravidei, e meu pai me pôs para fora de casa. — Uma sombra de raiva passa pelos olhos de Liam.

— E seu irmão e mãe? — ele pergunta, numa voz controlada.

— Acharam que podiam fazer ele mudar de ideia depois. — Tomo outra dose e já estou tão tonta que sei que minha voz soa embolada. — Fui embora sem olhar para trás, eu tinha minha filha e Meg. — Ele assente com a cabeça, como se compreendesse. — As coisas entre mim e o Fabrício começaram a desandar. Ele queria a riqueza e o luxo que o dinheiro do meu pai podia dar, e eu não tinha mais isso. Minha mãe mandava algo, mas não satisfazia a vontade dele, que se entregava a festas, boates, drogas...

— Ele é um idiota — ele diz, por entredentes.

— Era... — digo de forma vaga, e Liam estreita o olhar. — Eu mudei de cidade para fugir dele, e Meg atrasou a faculdade para ficar comigo. — Respiro fundo para ganhar forças e continuar a história. Olho pela janela e percebo que o Sol está indo embora. Liam toma minhas mãos nas suas novamente. Sinto uma força emanar dele em minha direção. Tenho certeza que ele está relacionando a história de Danna com a minha. Jovem, grávida...

— Eu entendo a sua relação com a Meg — ele fala, gentil.

— A Meg é minha família. — Uma lágrima escorre por meu rosto. — Fiquei brigada com o Ben por meses e, quando a Liz nasceu, Meg me levou

para casa. Um apartamento alugado nessa cidade na qual estava fugindo de Fabrício. — Toda a cena daquele dia começa a repassar em minha mente, tão vívida como se fosse agora. — Chegamos em casa, e Meg me fez a proposta de mudar para a cidade em que ela cursava faculdade; lá havia um lar para mães solteiras, com uma creche, e eu poderia estudar. Decidi aceitar e então percebemos que tínhamos esquecido o principal, as fraldas. — Consigo ver nitidamente o rosto de Meg falando que éramos ótimas mães por esquecer as fraldas, como se tivéssemos cometido um crime. Dou um sorriso amargo. — Ela saiu para buscá-las, e eu fiquei com a Liz. — Aperto a mão de Liam com força, essa parte da minha vida eu queria esquecer por completo, mas ela é um lembrete das escolhas erradas que fiz. — Assim que ela saiu, Fabrício apareceu. Ele queria dinheiro e estava drogado, completamente fora de si. — Eu me lembro de cada palavra que ele me disse, como se o estivesse escutando agora. — Ele começou a me ofender e então a me agredir. — O maxilar de Liam se contrai, e ele também aperta as minhas mãos. Está com raiva. — Ele me estuprou enquanto dizia que eu não servia para nada, nem para casar e tirá-lo da miséria — falo, e então bebo direto da garrafa. Minha voz é arrastada, não sei quanto mais vou aguentar até sucumbir ao álcool. — Pedi por socorro, mas era um prédio simples, sem segurança. Liz começou a chorar, ele foi até o berço e... — Não consigo continuar, as lágrimas finalmente rolam livre por minha face. Num impulso, Liam vem para o mesmo sofá que eu e me põe no colo. Agarro-me a ele como um náufrago a uma boia.

— Estou aqui agora, e ele nunca mais tocará em você — ele fala de um jeito que sinto segurança e medo ao mesmo tempo, sua voz é dura.

— Não, não pode — digo e sinto a respiração dele mudar. Posso ouvir as batidas do seu coração tão descompassadas quanto as minhas. — Eu não pude fazer nada, meus pontos haviam se rompido, eu estava com hemorragia,

não pude salvar meu bebê. — Meus soluços aumentam. Ele me aperta em seus braços.

— Sh... Você não teve culpa. — Não? Você não entende, mas não vou falar disso agora, apenas terminarei a história porque preciso. Preciso pôr tudo para fora agora.

— O choro de Liz parou, e ele voltou para mim dizendo que ainda não tinha terminado, que ia me mostrar o quanto eu era um nada. — Enxugo minhas lágrimas com força, mas me mantenho apegada ao peito de Liam. Em seu colo, conto a minha história de terror real. — Meg chegou nesse momento e partiu para cima dele, que a agrediu, e ela caiu batendo a cabeça. Ele então pôs fogo no apartamento, enquanto dizia que eu merecia morrer, e fugiu. — Todo meu corpo treme com a lembrança do dia, posso sentir o calor das chamas e o cheiro de queimado, como se a casa na qual estou agora estivesse pegando fogo. Paro de falar, como se estivesse hipnotizada pela lembrança das labaredas.

— Como você sobreviveu? — ele fala com a voz amarga, me olhando nos olhos cheio de compaixão, enquanto põe meu cabelo atrás da orelha em um afago delicado.

— Meg acordou e me ajudou a sair com a Liz no colo — digo, como se as palavras fossem agulhas que perfuram minha língua. — Os bombeiros chegaram com a polícia e a ambulância, mas não puderam salvar a Liz.

— Sinto muito, Amanda — ele fala, e eu percebo que também está chorando. — Nunca quis que você lembrasse de tudo isso. — Nem eu — Agora entendo você. — Entende mesmo?

— Saí do hospital e descobri que, na fuga, Fabrício havia roubado um carro, que jogou contra um poste e então entrou em coma. Fiz anos de terapia e só voltei a falar com meu irmão naquele dia que você o viu aqui, nós havíamos nos reconciliado. — Expiro com força. — Todo esse tempo Meg

esteve comigo. — Ele tira a garrafa da minha mão.

— Chega de entorpecentes por hoje. — A voz dele soa tranquila agora, segura... Ele põe a garrafa na mesinha e se levanta, me levando junto com ele em seu colo.

— Aonde você vai me levar? — pergunto entre assustada e curiosa, apesar de não ter forças para contestar.

— Para descansar. Não se preocupe, vou cuidar de você hoje — ele me olha nos olhos, e eu sinto... segurança, tal qual senti quando ele me salvou no lago e todas as outras vezes em que me ajudou. — Nem todos nós somos monstros — ele diz, esperando uma confirmação verbal de que sei que ele não é Fabrício.

— Confio em você — eu falo, surpresa por sentir que é verdade em meu coração. Um coração que parece nem estar lá, porque agora meu peito é um grande vazio.

Liam me leva no colo até o andar de cima, e eu indico meu quarto. Lá fora a escuridão tomou conta do céu como as emoções dentro de mim. Ele me põe delicadamente na cama e tira meu tênis. Parece me tocar o estritamente necessário e sei que agora conhece a causa do meu problema com tato. Ele me cobre e enxuga minhas lágrimas. Então, desce e eu penso que foi embora, até escutar o barulho da porta lá embaixo, mas ele retorna logo depois. Caminha devagar até a cama, me olhando nos olhos, e deita-se ao meu lado sobre os lençóis depois de ficar descalço.

— O que está fazendo? — eu o encaro, enrugando a testa.

— Não vou a lugar algum — ele responde sério, como se eu o tivesse expulsado.

— Não vou cometer suicídio, Liam. — Sou ácida. Sei que é isso que passa na cabeça dele.

— Você já tentou? — a voz dele é vacilante.

— Não. — Estou chateada, mas as pessoas tendem a crer nas regras e esquecer as exceções. Eu quis morrer, sim, quando a Liz morreu, mas não vou me matar. Preciso ficar viva, devo isso à Liz, à Meg...

— Que bom, porque eu não quero perder mais ninguém — ele diz, ficando de lado e me olhando, então, eu penso sobre perdas, o irmão dele.

— Não sou seu irmão, e você não tem do que me proteger. — Sei que soei rude, mas não quero que pense que é meu protetor, não quero pena...

— Sei que tudo pelo que você passou foi difícil, e eu arrancaria a cabeça desse imbecil com minhas mãos se pudesse, mas nada disso vai fazer o passado mudar — ele fala e engole em seco antes de continuar, desconsiderando as minhas agressões verbais. — Apesar disso, quero que você me deixe entrar, me deixe mostrar um mundo em que as pessoas são gentis umas com as outras e no qual você pode sorrir quase todo o tempo. — O mundo de Alice?

— Legais como a Betsy? — *“De qual inferno veio isso agora?”* Do álcool? Ele franze o cenho e depois esboça um sorriso.

— Podemos deixar ela de fora — ele finalmente sorri depois de todas essas horas de angústia, e meu coração retorna ao meu peito. — Agora apenas durma, eu estou aqui com você e não vou a lugar algum — segura minha mão, deitado de lado, olhando para mim. Eu poderia pensar nas inúmeras razões de como isso é estranho e do por que de ele estar fazendo isso, mas não quero pensar agora. Foi demais para mim, então, deixo o álcool finalmente me levar para um mundo sem sonhos.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ressaca

Abro os olhos lentamente e sinto os efeitos do álcool de ontem agredirem meu cérebro. Pisco algumas vezes e sinto o cheiro de Liam. O cheiro dele no meu quarto? Droga! Viro-me devagar na cama e lá está ele, dormindo na minha cama ao meu lado. Todos os meus órgãos param de funcionar. Me lembro de beber e contar toda a minha saga para ele, mas e depois... Analiso a situação, estou embaixo das cobertas vestida, e ele por cima delas. Está sem blusa, mas ainda usa calça jeans. Meu coração retorna às suas batidas lentamente. Tento levantar minha cabeça, mas a bendita ressaca me impede. Fecho os olhos e respiro fundo. Me esforço o máximo que posso e sento-me lentamente para não acordá-lo.

Ao lado da cama, na cabeceira, há um copo de água que ainda está gelado, além de analgésicos. Franzo o cenho porque, com certeza, ele se levantou antes de mim e pôs o remédio e o copo aqui. Tomo o remédio e me levanto, pego uma muda de roupa, a primeira que acho e saio do quarto. No corredor tem um banheiro social, eu tomo uma ducha e me troco. Deus, não sei o que é pior, ter contado tudo ontem ou ter que encará-lo hoje. Desço as escadas e me deparo com um café completo, tudo arrumado. Nem sombra de tortas na mesa, nem das bebidas... Tudo no lugar. Como ele pode ser assim? O meu alerta de desconfiança liga sozinho. Alguém pode ser tão bom?

— Bom dia! — A voz rouca invade meus ouvidos. Aperto os olhos, ainda de costas. — Amanda?

—Oi — viro-me vacilante.

— Bom dia? — ele me fala, erguendo as sobrancelhas.

— Bom dia — um pouco de educação é bom, não, Amanda?

— Tudo bem? — ele indaga, dando alguns passos em minha direção.

— Tudo — digo e ergo os pulsos, exibindo-os para ele. — Você chegou bem a tempo — minha voz soa irritada.

— Não faz isso, Amanda — ele suspira. — Vou fingir que foi uma piada ruim — ele sorri sem jeito. Acho que o deixei desconfortável.

— Liam, eu disse que tenho um problema e o contei a você. — Penso que se ele é realmente tão bom, eu não sou boa para ele, não posso prendê-lo à minha vida de altos e baixos. Ele merece mais.

— Eu sei, você confiou em mim e me contou. Agradeço por isso. — Fecho os olhos. Estou tensa, o que ele quer que eu faça agora? Sinto suas mãos quentes em meu rosto. — Abra os olhos — ele pede, e eu nego com a cabeça. — Não seja infantil, vamos. — Eu? Infantil? Abro os olhos mais chateada ainda, e ele está ali, todo gentileza e carinhos. Droga, não seja assim.

— Infantil? Você é o quê, psiquiatra? Psicólogo? — digo, sarcástica, e o olho nos olhos, percebendo uma sombra passar nos dele. — Conte a minha vida e você acha que sabe tudo, que pode resolver tudo? — tenho um tom de ira na voz. Estou nervosa, com medo, sinto-me exposta e, pior, não mereço tudo isso.

— Não, sou apenas um bombeiro — ele diz, mas, não parece se sentir menos importante por isso —, e o que sei é que você está com vergonha porque se expôs, se sentiu frágil, impotente e não gostou disso, o que te deixou com raiva e agora desconta em mim. — Droga, por que ele tem que saber tudo? A voz dele é calma, suave e controlada ao mesmo tempo, até gentil.

— Não me venha com terapia barata, eu paguei caro por todos os tipos

delas, em anos — digo, me desvencilhando do toque dele e pondo uma distância enorme entre a gente.

— Entendo — ele diz e passa as mãos no cabelo, e eu o vejo ali, em pé na minha cozinha. Ele é lindo, encantador, carinhoso, um dos mocinhos, e eu sei que não mereço isso. Fabrício foi, sim, um monstro, mas ele se aproximou de mim porque favoreci, eu andava nesse meio.

— Não, não entende. Não acredito em contos de fadas e não entendo você ser tão gentil comigo — encaro-o e me sinto furiosa pela primeira vez em anos.

— Danna sempre fala que o mocinho não fica com a garota no final, elas curtem mesmo os bad boys — ele fala, triste, e caminha até a porta. Meu coração dá um salto. Ótimo, idiota, por que não grita e o xinga depois de tudo o que fez por você? Ele para na porta e me olha. — Eu vou provar para você que existem homens bons fora dos livros e que eles não precisam ser lobisomens ou vampiros, ou seja lá o que está na moda agora. — Oi? Ele sorri, mas a suposta alegria não alcança seus olhos. — Vou te dar espaço agora. — Sim, isso mesmo, preciso ser jogada no espaço para morrer explodindo. Sou uma imbecil.

Eu fico vidrada, olhando a porta aberta por onde Liam saiu. O que faço agora? Volto para mesa e vejo a mesa posta, o café, tudo limpo. Ele fez isso tudo; que homem no mundo agiria como ele até agora se quisesse apenas se divertir comigo? Meu Deus, Amanda, sua cabeça vai explodir. Estou com fome e sento-me à mesa pensando o quão terrível sou. Eu disse que não era legal, mas ele não me escutou. Tomo café; o café que Liam fez... O telefone me traz de volta ao mundo real e cruel. Eu fui cruel.

— Alô — minha voz sai arrastada.

— Iiiiiiiiiiiiiiii, já vi que a festa não foi boa. — Meg. Meu coração se aquece com uma voz conhecida e amigável. *“Liam foi amigável com você*

todo o tempo!”.

— Meg, a festa foi boa em parte — digo, desejando pela primeira vez que minha amiga estivesse ali, olhando para mim, assim eu não precisava dizer nada, ela saberia tudo.

— Amiga, queria tanto estar aí. — Eu também, Meg. — Mas me conta, como foi?

E eu conto cada detalhe da festa. Meg adorou Danna e quis afogar Betsy no lago, depois revivê-la e queimá-la viva. Um pouco trágico, mas no humor que estou eu apoio a ideia, pelo menos na mente. Meg me acha estranha e então começo a contar toda a história do vale a pena ver de novo com Liam e ela fica sem ar. Ela ouve cada detalhe em silêncio.

— Então ele dormiu aí e acordou aí? — O que você acha, Meg?

— Dormiu e acordou, Meg, por favor, amiga — irrita-me.

— Eu disse para não beber quando estivesse triste — ela me repreende.

— Disse — eu me recuso ao sermão agora que estou sob efeito da ressaca.

— Amanda, o que você fez exatamente? — Como assim? Eu acabei de contar todos os detalhes.

— Do que você está falando, Meg? — ela suspira do outro lado.

— Estou falando que nunca vi você tão terrível, a não ser quando tínhamos quinze anos e fugimos para ir àquela festa. — Ótimo, vamos reviver velhas idiotices adolescentes.

—Meg! — falo mais alto do que pretendo. — Desculpe, estou sendo uma idiota.

— Como assim? — a voz dela soa mais preocupada do que o normal.

— Eu tratei o Liam mal. — Sim, eu fiz isso.

— Por que em todo o universo você fez isso? — ela diz, exasperada.

— Porque eu sou uma pessoa ruim — digo, categórica.

— Não, não é. O que você fez exatamente? — conto e, depois de alguns segundos em silêncio, Meg brada, — Você por acaso usou alguma outra droga além do álcool? Por que fez isso?

— Meg, ele é bom demais para mim. — O pior é que acredito mesmo nisso. Eu disse que ia encarar a vida, que ia fazer e acontecer, mas no fundo ainda me acho indigna de felicidade. Não protegi o meu bebê, me envolvi com um idiota porque levava uma vida de tolices e mancadas. Culpei meu irmão por isso, mas ele estava vivendo sua vida, fazendo faculdade, não podia me vigiar vinte e quatro horas. Ninguém deveria fazer isso, até a faculdade da Meg eu atrasei...

— Amanda Stone, sinceramente. Vou dizer isso uma vez apenas e espero que não precise ir aí rachar a sua cabeça para que absorva isso — ela inspira, como que pegando fôlego. — Você fala assim porque nós só conhecemos um monte de idiotas e então nos convencemos de que era isso que merecíamos, mas não é. Você deu todas as oportunidades ao monstro do Fabrício e agora que alguém como o Liam aparece em sua vida, você procura subterfúgios por medo? Se você fizer isso, estará dando a ele a vitória, porque ele conseguiu seu intento em destruir sua vida. — Ela me parece bem lógica, mas a vergonha me consome, e eu não tenho nem ideia do que fazer.

— O que faço, Meg? Ele deve estar com raiva de mim agora. — Será que está? Deus, eu sou retardada mesmo.

— Não, não está, porque ele não é esse tipo de pessoa, mas uma hora vai cansar disso. Liam não é saco de pancada. — Dou risada me lembrando dele me chamando de lutadora — E me diga que não enlouqueceu de vez, do que está rindo?

— De mim — paro de rir.

— Pare já e preste atenção no que vou dizer. Você vai lavar a roupa da Danna, secar, devolver e então pedir desculpas para o Liam — ela espera,

mas eu não falo nada. — Você registrou?

— Meg, eu estou com vergonha — falo, me contorcendo.

— E fique mesmo, você foi muito mal criada — ela diz isso e então começa a rir.

— Meg! — repreendo.

— Ok, ok, desculpe, mas eu dando bronca? — ela contém o riso. — Definitivamente não levo jeito para mãe, ouviu? — Ouvi, sim, e é uma piada infame.

— Nenhuma de nós — eu falo triste.

— Ei, nada disso. Pare de pensar em bobagens, pare de viver no passado — ela diz, enérgica. — Agora roupa, máquina e desculpas, já. — Meg desliga na minha cara. Ei? Um pouco de respeito aqui! Coloco o telefone no lugar e então vou para a minha saga. Pedir desculpas não deve ser difícil, não é? Ai, Deus, cada sentimento é pior do que o outro... Ressaca, vergonha.

Desculpas aceitas?

Muito bem, hora de consertar a burrada que fiz. Eu sou, sim, difícil, com problemas de socialização, mas não sou mal educada. Nunca fui rude com ninguém. Devia ter sido com Fabrício. “*Esqueça ele agora, Amanda, foque no Liam!*” Isso, focar no Liam é o objetivo. Eu lavei a roupa da Danna, sequei, dobrei e ela está linda e cheirosa. Arrumo tudo em uma sacola e me olho no espelho. Que tal um pouco de confiança feminina? A confiança da Meg? Isso mesmo... Vou até a cômoda e pego uma calça jeans escura, uma camisa nova, Meg que me deu. É uma blusa de alças, mas soltinha e florida. Flores são alegres e... Mas que merda estou pensando? Eu jogo a blusa na cama e desisto de ir. Sento-me com força em uma poltrona próxima à janela do quarto. Levo alguns minutos sentada, e o celular toca. Atendo, e adivinha quem é?

— Oi, Meg — eu digo, entufada.

— Oi? Nada de oi, pode sair desse armário. — Hein? Que armário?

— Eu não estou num armário, Meg — respondo, zangada.

— E está onde? Embaixo da mesa da cozinha? Da cama? No banheiro? — ela ficou maluca de vez.

— Estou na cama, sentada, pelo amor de Deus, Meg, qual o problema? — O que deu nela hoje?

— Exatamente, está em qualquer lugar, menos falando com Liam. — Ok, entendi. — Levante já daí e...

— Ou você vai bater o telefone na minha cara de novo? — corto.

— Não vou me desculpar por isso. Como você se sente quando é educada com alguém e a pessoa é rude? — Esse é o ponto? Você é minha amiga, não dele.

— Entendi, advogada do diabo. — Sério?

— Ele não é o diabo, é um bombeiro gostoso, autoconfiante, sexy, educado, cheiroso... — Ela não vai parar.

— Ei, já entendi — penso um pouco nas coisas que ela falou. — Como você sabe que ele é cheiroso? — Como ela sabe?

— Eu tenho olfato e aposto que a Betsy também. — O que tem aquela bocó a ver com tudo isso?

— Como a Betsy entrou na história? — Por que a Betsy não some?

— Entrou na cena, no momento em que você age como uma tola, e ela age como uma mulher incrível e disponível. — Deus, é isso agora?

— Meg, pare de falar — desligo. Não preciso de mais pressão, preciso?

Visto a blusa e me olho no espelho de novo. Muito bem, falta algo. Meg volta a ligar, e eu não atendo. Passo um pouco de rímel e meu gloss, dessa vez esperando que ninguém me dê banho de molho. Faço uma trança lateral e retomo à olhadinha no espelho. *“Até que você ficou bonitinha.”* Meg não para de ligar. Ponho um pouco da barra da frente da blusa dentro da calça e fica legal. Agora calço sandálias de couro fininho amarelo, tudo comprado pela...? Meg. Volto ao espelho, tiro uma foto e envio para ela com a legenda: Indo ao abatedouro! Ela finalmente para de ligar e me bombardeia de mensagens.

Pego a sacola com as roupas da Danna e desço a escada. E lá vou eu para a forca, abatedouro, guilhotina... Chega, estou pensando bobagens de novo. Eu e a estradinha de cascalho *“like”* Dorothy e sua estrada de tijolos amarelos, mas, no final dela, não tem um bruxo, só Liam. Ele é meio bruxo, não?! Me virou do avesso. Cheguei à porta, última chance de fugir. Não, dessa vez eu

vou ou vai, ou fico louca de vez. Bato na porta.

— Oi! — uma das gêmeas. — Pode entrar. Manhê! — ela grita, virando a cabeça sobre o ombro. Lá de dentro, Danna vem com um pano de prato na mão.

— Oi, Amanda, você está bem? — Por quê? Pareço mal? Liam contou para ela? Agora eu preciso de um buraco para me enfiar.

— Estou sim, eu... Liam está aí? — mudança de assunto, sempre bom.

— Está — ela me olha como se me analisasse. Ótimo, outro psicólogo. Psicóloga nesse caso. — Entra — eu entro e ficamos nos olhando por um tempo. — Vem comigo — eu a sigo e dou de cara com o Liam e a outra gêmea na cozinha, ambos de avental, cozinhando juntos. Meu queixo cai.

— Tio, a Amanda chegou — a pequena que abriu a porta fala e ele vira para mim. Consegue ser lindo até de avental na cozinha.

— Você cozinha! — falo, tal qual uma débil mental, mas quem liga? Uma a mais uma a menos, já dei várias mancadas mesmo...

— Sim, e muito bem — Danna fala sorrindo. — Só não faz doces, tortas... — ela frisa a palavra tortas.

— Não exagere, Danna — ele fala e parece orgulhoso.

— Não é exagero, tio, você cozinha melhor que minha mãe — uma das garotas afirma.

— Ei, bonitinha, você está aqui de passagem, vai voltar a comer minha comida horrível em breve — ela faz um gesto teatral.

— Desculpe, eu vim trazer as roupas da Danna e agradecer... — Danna me encara desconfiada, e Liam, surpreso. — Aos dois — eu digo depressa.

— Ah, querida, não foi nada. — Danna pega a sacola da minha mão com certa dificuldade, porque estou agarrada a ela como meus pulmões ao ar. — Eu lembrei que prometi sorvete às meninas — fala, de repente. — Liam, você cuida de tudo sozinho, não? — ela nem olha para ele. Foi mais uma

afirmação. — Amanda, desculpe a abandonar, mas promessa é promessa. — As meninas sorriem ao máximo e lá estamos nós dois na cozinha sozinhos, nos olhando desconfiados.

— Eu... — desvio o olhar, mirando qualquer coisa menos o homem na minha frente.

— Você me ajuda? — ele pede, me salvando do momento constrangedor.

— Claro. — Ao menos ele não parece zangado comigo.

Ficamos em silêncio e cozinhamos juntos. Uma sincronia perfeita, agora entendo por que ele se sente bem na minha cozinha, gosta de cozinhar. É perfeito cozinhando, e eu me pego babando por ele. Pareceu fazer de tudo para não me tocar. Ele me olha, estreitando os olhos, e eu volto para o que estou fazendo. Está quase tudo pronto. Está preparando lasanha e a põe no forno, então, olha para mim, cruza os braços e começa a rir. E agora eu sou mesmo o Nate do RH, fui pega pelo popular que vai rir às minhas custas.

— Qual a graça? — pergunto desconcertada. Ele caminha até a geladeira e abre o freezer; tem pelo menos quatro potes de sorvete lá. Meus olhos tomam meu rosto.

— Mas a Danna... — não termino de falar, porque ele agora ri abertamente.

— Ela queria que a gente ficasse só — Liam fala, acalmando o arroubo de diversão.

— Você contou a ela? — meu coração gela.

— O que você acha? — ele fala e parece... ofendido. Burra, ele não falou nada. Provavelmente, Samantha contou sobre a história do “*namoro*”. Coro até a alma.

— Que não — respondo baixinho.

— Ótimo, um pouco de crédito para o vilão aqui — ele diz isso, mas sorri, aquele sorriso de tremer os nervos. Engulo em seco.

— Você não é vilão — minha voz ainda sai espremida.

— Não, mas eu entendo que você tem muitos problemas na sua vida e que não quer mais um. — Oi? Ele parece diferente, e sua voz está... fria? — Compreendi perfeitamente, Amanda, você quer tempo e espaço para reviver suas mágoas do passado. — Não, não quero isso. Por que ele está falando assim? — E além de tudo, por mais que eu queira ajudar você, percebi que sempre fica triste, chateada e, enfim, não vou te pressionar mais. — Ele está me dando o fora? Meus olhos se enchem de lágrimas. Sabia que ele ia desistir de mim. Quem ia ficar com uma maluca que nem pode ser beijada?

— Entendo — digo, arrasada. O pior é que agora vêm em minha mente todos os detalhes de todas as vezes que o encontrei. Isso só faz com que o deseje mais. Logo agora decido que também desejo esse "*beijo*"? Sou mesmo uma idiota!

— Acho melhor investir em alguém que tenha interesse em mim. — O quê? Quem? Então ele é como os outros, eu sabia que não podia haver um homem tão bom assim no mundo, muito menos interessado em mim.

— Sei — eu suspiro. Meg estava certa, Betsy deve ser a pessoa em quem ele pensa. Sinto-me... ciumenta? Droga, não tenho jeito para essas situações. Ei, Deus, pode ajudar aqui? Estou enferrujada.

— Acho que não sabe, porque essa pessoa em quem estou interessado, você até conhece e...

— Não quero saber — corto, falando depressa. Ele vai tripudiar em cima de mim? Pisar no meu coração calejado? Deus, se soubesse que tenho interesse nele, muito interesse... Apenas não posso, eu...

— Claro que não, não sente nada por mim — ele fala parecendo... triste? — Tudo bem, você precisou da minha ajuda, e eu ajudei, então... — O quê? Agora eu sou a interesseira?

Não tenho mais nada a dizer. Volto para a porta, caminho como uma parva

e, num instinto estranho, olho de relance para o lado e vejo minha imagem na janela. Meg nunca se arrumaria assim para depois fugir com o rabo entre as pernas. Penso em tudo que vou ouvir dela e em como já estou tão atolada na lama, então, o que pode ser pior do que tudo que passei? Com certeza nada mais. Volto para Liam, e ele está parado, me observando com uma expressão estranha.

— Quem é? — ele ergue as sobrancelhas quando pergunto.

— Agora quer saber? — Oi? Está sendo irônico? Fico entre a vergonha e a raiva, e desato a falar. Quem vai me ouvir depois é a Meg por me fazer passar por isso.

— Você veio com aquela conversa toda de amigos, todo gentil, e o que queria? Saber da minha vida para divulgar na sua cidade de interior onde as pessoas se ocupam dos vizinhos? — ele fica surpreso. — O quê? Você mesmo disse que era isso que os vizinhos faziam. — Começo a andar que nem uma idiota de um lado a outro. — Eu sabia que não era possível alguém como você se interessar por mim, estava apenas se divertindo, não? —seguro as lágrimas, não quero me humilhar mais. — Quer saber, você e a bruxa da Betsy se merecem — digo isso e vou saindo, quando mãos firmes me prendem. Estou de frente para ele agora, nossos rostos a centímetros um do outro.

— Betsy? — ele me encara com um ar divertido.

— Ela está “*interessada*” em você — falo e não sei de onde vem toda essa raiva. De Betsy?

— Ciúme? — Eu franzo o cenho.

— Quer saber? Vou embora — tento me desvencilhar, achando que ele vai me segurar, mas ele me solta facilmente.

— Não é a Betsy — ele me encara, e aquele olhar estranho ainda está lá. Eu não me movo. Saia, Amanda. Ele te mandou ir, e você está que nem uma

patética parada na frente dele. Então era isso? — Se você quer ir, Amanda, não vou implorar que fique, quero alguém que queira ficar comigo e não alguém que vá correr de mim a cada segundo, me punindo por um crime que não é meu. — Ai, essa doeu. Eu sabia que ele era mau!

— Droga, Liam, eu quero ficar com você. — Ele me dá um sorriso de Hollywood, e percebo que falei em voz alta. Fecho os olhos o mais apertado que consigo. E sinto a respiração de Liam em meu rosto.

— Abra os olhos, Amanda. — Nem em um bilhão de anos — Sabe como isso é infantil? — Lá vem essa de infantil; é a última coisa que me importa agora. Eu correria que nem criança, mas minhas pernas não obedecem. — Sabe que posso ver, não? — Deus! Ok, eu abro os olhos bem devagar. — Oi, estranha.

— Eu não quis dizer em voz alta — falo por fim.

— Eu sei, e você nunca diria — ele sorri de lado. — Você acha mesmo que quando fecha os olhos eu deixo de te enxergar? — Não, sou apenas retardada mesmo!

— Vou embora agora. — Ele me segura.

— Agora que me diz isso, vai embora — ele me olha como se... — Amanda, você estava me pintando de uma forma muito ruim, eu dei a você o que queria. — Eu? Eu sou a culpada? — Um cara arrogante, fútil, superficial, egoísta... Afinal, todos os homens são iguais. — Eu fico encarando aqueles olhos incríveis, e minha respiração é que fica superficial.

— Desculpe, eu não quis ser...

— Preconceituosa? — ele completa. Acho que o chateeí mesmo. Ele cruza os braços. — Liam, eu... Desculpa? — peço, fazendo uma careta. Não era bem assim que imaginei esse pedido de desculpa.

— Aceito — ele afirma, mas seus olhos parecem dizer que ainda não cumpri minha pena.

— Aceita? — Por favor, diz que sim e vamos esquecer isso.

— Com uma condição. — Qual? — Que você prove que quer ficar comigo. — Oi?

— Vai dizer que eu tenho que te pedir em casamento? — Ficou louca? Agora sim ele vai rir de você.

— HUUUUUUUUUM... Não. Nada de pegas, namoro ou casamento. — Ele está rindo de mim com a alma, tenho certeza. — Nós vamos nos beijar e você não vai correr de mim. — Hein? Alguém pega meu coração aí, ele acabou de cair no chão.

— Liam...

— Se esforce, porque eu preciso acreditar que você quer mesmo esse beijo — ele diz, sério.

Ele está bem perto de mim, não recuou um centímetro, embora tenha soltado meus braços quando disse que ia embora. Vejo cada detalhe de sua íris e congelo. Eu quero esse beijo? *“Não faça perguntas estúpidas para si mesma, claro que quer.”* Olho para seus lábios, e minha respiração quase não trabalha para me manter oxigenada. Ele então se afasta, e eu sinto toda a tensão retesar até minha alma. Aonde ele vai? Logo retorna com uma cadeira e se senta, não tem intenção de dar o primeiro passo e assim ficará mais *“acessível para mim”*.

— Pronto — ele me instiga e o tempo todo lá está aquele olhar estranho.

Caminho até ele, como se cada passo custasse a minha vida. A tensão crescendo em mim; meu coração traiçoeiro bate mais alto que meus pensamentos. Eu me aproximo, ponho uma mão no ombro dele, e Liam não deixa meus olhos momento algum. O que é esse olhar? Eu vou aproximando meu rosto do dele bem devagar e, quando meus lábios quase tocam os dele, ele me segura no lugar.

— Tudo bem, você provou que quer ficar comigo. — O quê? E o beijo?

— Eu aceito suas desculpas. — Meus joelhos acabaram de perder toda a força.

CAPÍTULO TRINTA E UM

E o beijo?

— Estava me provocando? — Sério? Ele estava me forçando a dizer que quero ficar com ele e a quase beijá-lo? — Quem é infantil agora?

— Desculpa, Amanda, eu não quis ser... — Estou tão chateada com essa situação. Chateada porque quero esse beijo. Quero? Sim, quero, e dessa vez ele é quem está recuando.

— Infantil? — completo, ácida, e começo a estapeá-lo no peito. Ele segura minhas mãos, e eu solto um grunhido tal qual um bicho arisco, então, colo minha boca na de Liam. Eu o beijei? Eu o ESTOU beijando. Num impulso ele segura meu rosto. Estou me contorcendo aqui, em pé, e ele sentado, num beijo louco de novela mexicana. Interrompo o beijo e ficamos ofegantes, unidos por nossas testas. Ele ainda não soltou meu rosto.

— Eu aceito, eu aceito — ele fala, com uma voz rouca entrecortada. Agora parece tão sem controle quanto eu. Abro os olhos e vejo que está igualmente alterado. Liam desce as mãos do meu rosto para os meus quadris e me puxa devagar para o seu colo. Não ofereço resistência, embora, por seu leve toque, eu saiba que poderia negar se quisesse. Ele traz uma das mãos de volta ao meu rosto. — Eu aceito suas desculpas, vou aceitar sempre se forem assim — a voz dele ainda é rouca, mas está mais controlada.

— Não acredito que estava me provocando — falo e percebo que estou bastante confortável ali. Não quero fugir, não quero correr dele.

— Já tinha feito de outras formas, e você sempre fugia, pensei em desdenhar. — Eu o encaro com olhar de poucos amigos. — Danna tem razão

— ele fala e soa estranho; sei que está se referindo ao fato de as mulheres gostarem dos malvados.

— Não, devido à minha vasta experiência psicológica, acho que você é um dos mocinhos, e eu te quis desde a primeira vez — eu paro de falar abruptamente e coro. Eu e minha boca traidora. Ele me olha com um sorriso de orelha a orelha.

— Estou lisonjeado e... — ele puxa meu rosto bem próximo ao dele — ...não corra, vou te beijar de novo. — Minha boca seca. Ele me beija e é perfeito, me sinto feliz, segura, excitada... Feminina.

— Que cheiro é esse? — Uma terceira pessoa no meu beijo? Volto à realidade, me desvencilhando de Liam enquanto ele se levanta quase me derrubando.

— Droga! Queimei o almoço — Danna corre para cozinha e temos dois pares de olhos juvenis em cima de nós.

— Tudo bem? — ele me diz, com uma mão ainda no meu rosto, e a outra se apoiando em minha cintura. Ele não me deixaria cair.

— Tudo — digo, e estou roxa aqui.

— Então vocês estão namorando? — uma das garotas fala e, por uma estranha razão, sei que é a Samantha.

— Quem está namorando? — Danna volta da cozinha. Liam me olha divertido.

— Quer namorar comigo? — Oi? Mas, nós...

— A gente nem se conhece direito, Liam, e... — eu começo a gaguejar.

— Ah, Amanda, conhecemos o que importa, e você beija muito bem. — Estamos mesmo tendo essa conversa com toda essa plateia?

— Liam, acho que isso é muito sério. — Como explico isso?

— Amanda, não é casamento, e a gente vai se conhecendo com o tempo. Além do que, se você não gostar, a gente termina. — Não gostar? Terminar?

— Nem começamos, e você já está pensando em terminar? — Fiquei chateada? Claro que fiquei, não quero terminar nada. Não consigo me imaginar em outro lugar que não seja onde ele esteja.

— Acho que eu não quero ver uma DR. Você queimou nosso almoço, tio!

— Nicole! — Danna fala e tem aquele olhar de quem está assistindo a um filme de sessão da tarde.

— Amanda, estamos esperando sua resposta — Liam fala.

— Você está me pressionando — digo e percebo que tenho quatro pares de olhos expectantes sobre mim.

— Você funciona bem sob pressão e é um pacto revogável, lembre-se que até para o casamento há o divórcio. — Meu queixo cai.

— Muito romântico. — Eu quero romance? Cruzo os braços.

— Ok, entendi. Todo mundo para o carro. — Oi? O que foi agora? — Nós vamos a um almoço romântico onde eu pedirei a Amanda em namoro. — Samantha pega logo minha mão e me puxa para o carro, enquanto a Nicole revira os olhos.

— Desde que a gente coma. — É a Nicole quem fala. E a quem ela puxou?

Saímos os cinco em busca de comida, e eu tenho uma resposta a dar a um certo senhor trapaceiro. Além de tudo, ele tem bom humor e é inteligente. Devo namorar com ele? Deus, isso é tão confuso. Preciso dos meus psicólogos...

Chegamos ao mesmo restaurante no qual almocei com o Benjamin. As garotas se fartam, estavam mesmo com fome. Danna conversa sobre a viagem; ela tem que voltar para casa por causa das aulas das garotas. O tempo todo meu coração bate descompassado pensando no Liam, no beijo e no namoro. Meu cérebro já está fervendo. Danna sai com uma desculpa qualquer nos dando outro “*momento*”. Agora sou eu e ele, Liam me olha

esperançoso.

— Sim. — As palavras saem de meus lábios antes mesmo de eu pensar. Ele sorri e me dá outro beijo. Um selinho apertado. Empurro-o e o olho espantada. — Liam, você não pode me beijar toda hora!

— Não? — ele fala, sorrindo, e me beija de novo, nas bochechas, nos olhos, na testa, no nariz, nos lábios... — Mas é isso que os namorados fazem — diz com um olhar inocente e simulado.

— Engraçadinho — digo, me sentindo leve pela primeira vez em anos. Sorrimos um para o outro e saímos de mãos dadas. De mãos dadas? Sim, de mãos agarradinhas, eu e meu namorado! *"Será que posso ser feliz?"* Posso, ao menos hoje. E a palavra feliz me traz à mente um certo pacto e uma certa garrafa de vinho que deveria ser bebida a dois. *"Ficando muito assanhada, Amanda."* Coro e aperto meus lábios.

— Nem começa. — Liam anda ao meu lado e me olha preocupado. — Mal acabamos de começar, e você não vai cortar meu barato. Namoraremos nem que seja um dia completo — eu olho para ele e coro mais ainda. Se ele soubesse o que eu estou pensando...

— Eu só estou pensando — digo, desajeitada.

— Então não faça isso, prefiro quando você é impulsiva. — Eu o encaro, erguendo as sobrancelhas. — E me...

— Bate — eu digo, estreitando o olhar, e ele sorri. — Às vezes você fala como a Meg.

— Espero que isso seja bom — ele me puxa pela mão, e eu vou de encontro ao peito dele. — Se com bater, você se referia a isso, esbarrar, eu gosto — ele me beija e estamos no meio da rua. O que eu faço? Beijo de volta, porque com certeza hoje eu liguei o botão da felicidade.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Como se namora?

Estou tão estranha que meu corpo todo formiga. Nem parece que piso no chão quando ando. Eu? Namorando? O que faço agora? Conte-lhe meu passado, expus cada nervo do meu corpo e ele não se importou. Apesar de tudo, me quer. Liam? Ainda não consigo acreditar. Jane diz que é normal a baixa autoestima após tudo que passei; a insegurança não é anormal. Claro, *EU* sou anormal... Ei, você aí no céu? Preciso de mais ajuda aqui; sei que peço demais, mas o que posso fazer? Sou só um ser humano falho e cheio de problemas e... Louca, falando em pensamento com Deus, como se ele fosse um amigo da escola...

Penso na Meg e como ela vai gritar por horas quando eu contar. Não vou contar agora. Vou guardar isso para mim um pouco, só um pouco, porque logo ela liga e vai saber de tudo. Nesse clima de romance, todos os casais que conheço começam a passar por minha mente. Os últimos são meus pais... Minha mãe... Eu me lembro do que a Meg disse e penso em ligar para ela. Será? Ela não me ligou essa semana ainda. Meu telefone toca. Que bruxaria é essa?

— Alô — eu atendo, entre feliz e desconfortável por ser incomodada em meio aos meus devaneios.

— Oi, namorada! — É Liam, meu coração dá saltos. Ele me deixou aqui deve ter o quê? Uma hora?

— Oi — eu digo, tímida.

— Oi o quê? — Como assim, oi o quê?

— Oi, você — falo sorrindo. Estou me sentindo meio aérea. Não, feliz.

— Vou começar de novo — ele fala, respira fundo e se aproxima. — Oi, namorada! — Ah! Entendi. Bobo.

— Oi, namorado — falo baixo e coro. Ainda bem que ele não pode me ver.

— Eu sabia que você era inteligente. — Agora isso?!

— Pois saiba, senhor, que tenho diploma de curso superior — brinco. Eu brinco? Definitivamente estou feliz.

— Hum, sei. — O quê? Desdenhando de mim?

— Diga logo o que você quer, eu trabalho, sabia? — digo, me fingindo de irritada.

— Abra a porta. — Oi? Como assim, gente?

— Você está me ligando da minha varanda? — Não tem nem uma hora que nos vimos!

— Estou, ande logo, namorados não gostam de esperar. — Já estou caminhando para a porta e a abro.

— O que aconteceu? — pergunto, surpresa.

— Nada, desmanche essa cara — ele sorri e meu estômago gela. Quando vou parar de reagir assim a ele? Espero que nunca. — Não aconteceu nada, a não ser que quero passar o maior tempo que tiver com você — ele se aproxima, me pegando pela cintura. — Posso entrar? — me solto dele, saindo da porta, dando passagem.

— Pode — ponho uma mecha de cabelo atrás da orelha e fico sem saber onde pôr as mãos. Nele? *“Amanda, mal aceitou essa ideia de namoro e já tem pensamentos despudorados! Controle-se”*.

— Então — ele diz, já dentro de casa, cruzando os braços.

— Então? — eu franzo o cenho, como assim?

— Ainda estamos nessa fase de gato e rato? — Oi? — Eu corro atrás de

você, e você se esconde — ele fala, sério.

— Eu estou bem aqui na sua frente — digo e cruzo os braços também.

— Certo — Liam assente. — Então faremos assim. Vem — ele me puxa pelo braço e me leva para o sofá. Estamos sentados lado a lado, e ele olha para mim. Eu assumo a mesma posição. Agora estou curiosa com o que faremos — Vamos estabelecer regras. — Regras? Deus, nós vamos jogar Banco Imobiliário? Claro, sua bocó! Seu namorado, em sua casa, e ele com certeza quer isso. Você sabe o que ele quer e não tem nada a ver com imobiliários, talvez banco, mas não esse tipo de banco. O Liam me olha, estreitando os olhos, e sei que devo estar fazendo alguma expressão estranha. — Concentre-se em mim — fala, segurando meu rosto delicadamente. — Eu preciso que me diga o que a incomoda, constrange e essas coisas.

— Como assim? — Aonde ele que chegar?

— Quero saber seus limites. — Ah! Sério? Agora? Eu o encaro surpresa.

— Não sei — digo, prendendo meus lábios entre os dentes. — Não... Pensei... Sobre isso — falo, me sentindo tola.

— Entendi — ele diz, como quem tem um plano em mente. — Então eu posso pegar na sua mão sem problemas? — ele pergunta e segura minha mão.

— Acho que sim — digo, sentindo minha mão formigar com seu toque.

— Acho não serve, você tem que ter certeza — soa categórico.

— Sim — eu digo, depois de alguns segundos pensando que minha mão não é o problema. Problema?

— Ok — ele anui com a cabeça. — E isso? — Liam se aproxima de mim e acaricia meu rosto. Eu estremeço. — Ruim? — ele está ansioso.

— Não — minha voz sai engasgada. Ele se aproxima mais e posso ver os detalhes desses olhos que tanto gosto.

— E proximidade? — Agora a voz dele soa um pouco rouca. Meu coração acelera, e eu engulo em seco. Não respondo, e ele começa a se afastar. Estou

me esforçando...

— Eu gosto — ele me fita surpreso e sinto a necessidade de falar mais. — Posso ver seus olhos de perto.

— Então temos algo em comum — ele fala, ficando mais próximo. — Gosto dos seus olhos — ele olha fixo para mim. — Muito — ele ergue uma mão e passo por meu ombro me aconchegando a ele — E abraços? — Esse, assim tão carinhoso, eu gosto.

— Reconfortante. — Sério que respondi isso? As vibrações do peito dele ao rir de mim confirmam. Eu falei isso. — Desculpa, sei escrever as sensações dos outros, mas não sei descrever minhas emoções.

— Eu aceito o reconfortante, por enquanto. — Como assim? Agora meu coração parou. — E beijo? — ele se afasta um pouco e segura meu queixo entre o polegar e o indicador.

— Como assim... beijo? — Ele quer que eu descreva o que sinto? Nem depois de mil anos morta que vou verbalizar o que sinto.

— Quando eu quero beijar você, consegue perceber, não? — Eu sei que estou com a maior cara de confusa. — Como agora? — ele diz e se abaixa, vindo em minha direção. Claro que sei que vai me beijar. Não sou tão parva assim.

E lá vamos nós outra vez, nesse torvelinho de emoções. Lábios com lábios, língua com língua. Meu corpo estremece, sinto os famosos pequenos choques me percorrerem. Ele me puxa mais próximo a ele, e eu não ofereço qualquer resistência. Liam aprofunda o beijo e entranha os dedos nos cabelos da minha nuca. Eu me entrego completamente e passo os braços em volta de seu pescoço. Ele me puxa para o seu colo e uma mão desliza entre o cós da minha calça e a barra da minha blusa. Posso sentir seus dedos em minha pele e sua ereção embaixo de mim. Oi? Ereção? Droga! Eu me assusto com a emoção intensa que me invade ao constatar o quanto ele está excitado e salto

para fora do seu colo quase me jogando no chão.

— O que foi? — ele me olha entre confuso e receoso. Sua voz é um convite doce e rouco. Ele é muito sexy, e eu, muito idiota!

— Eu... — dou alguns passos para trás em busca de uma distância segura. Não dele, não tenho medo, mas sim das minhas reações e minhas inseguranças. — Eu não tinha pensado sobre isso — digo mortificada. Claro que não. Você pensou que ele ia namorar de ficar de mãos dadas na beira do lago? É claro que ele quer... sexo! Deus! Só de ouvir essas palavras em minha mente eu já quero correr.

— Desculpe, estou indo depressa demais — ele fala, e eu me sinto chateada com a situação.

— Não se desculpe — minha voz soa irritada.

— Tudo bem, Amanda, se você não quer, vou saber esperar. — Droga, não seja assim tão bom.

— Vai? — eu digo, ácida. Estou chateada? Estou, mas não com ele.

— Claro — ele estreita os olhos sobre mim. — Amanda, eu quero você, embora claramente ainda duvide disso. — Ele que está chateado agora? Estamos os dois em pé, nos olhando, e percebo que não sou eu apenas que estou com a respiração irregular. Ele está se esforçando aqui...

— Não duvido — digo, e meus olhos descem para sua calça. Ele acompanha meu olhar, e eu me viro de costas, envergonhada.

— Ei? — ele me abraça por trás, mas não encosta em mim. Está sendo tão atencioso, e meu coração agora está sacudindo uma bandeira com o nome dele. — Tudo bem, eu já disse; se não quer, podemos ir com calma. Eu queria apenas ver sua reação a mim — Liam fala ao meu ouvido.

— Queria saber se eu sairia correndo? — pergunto, ainda chateada comigo mesma.

— Era — ele confirma e beija meu pescoço, me arrepiando até a alma.

— Eu quero. — Alguém desliga esse botão de conexão entre o toque dele e meus pensamentos ou daqui a pouco quem vai correr é ele, comigo atrás.

— Quer? — Ele parece prender a respiração por um segundo.

— Sim, mas eu não... — eu não termino a frase, e ele me gira para olhá-lo.

— Você confia em mim. — Sei o que ele quer saber.

— Sei que você não é o Fabrício. — Tenho certeza disso. — Eu apenas... me sinto insegura, não sei explicar — ele sorri daquele jeito, e eu apoio meu rosto em seu peito. — Como pode gostar de mim?

— Nada disso — ele diz, erguendo meu rosto e depositando um beijo delicado em meus lábios. — Saiba que as mulheres pensam em sexo tanto quanto os homens, apenas não admitem — eu fico roxa de vergonha e fecho os olhos — Amanda, abra os olhos. — Abro um e depois o outro, e ele torce os lábios sorrindo. — Nunca se esconda de mim — ele me beija novamente e dessa vez há uma carga maior de desejo. Ele se afasta, e eu sinto que algo foi arrancado de mim. Cada vez que ele me beija, eu quero mais. — Tenho certeza que vamos superar isso.

— Como? — pergunto, devolvendo seu abraço enlaçando-o pela cintura, e ele me aperta a ele.

— Primeiro com muitos beijos e depois iremos aos poucos. — Aos poucos? — Como preliminares.

— Ah! — eu expiro e meus joelhos perdem a força.

— Você vai se acostumar com meu toque — ele acaricia meu rosto outra vez. — Minha voz próxima ao seu ouvido — ele fala, fazendo isso. — E ao meu cheiro — Liam roça seu nariz no meu. — Com o tempo você dará o primeiro passo, me mostrando até onde quer que eu vá e... — ele não termina e nem precisa.

— Mas... — Ele é homem, não? Abro os olhos para enxergá-lo ...

— Nada de mas, não me venha com essas ideias machistas de que eu

tenho necessidades. — Vampiro leitor de mentes! Desvio o olhar. — Tudo bem, eu admito que é difícil manter as mãos longe de você.

— Percebi — digo, sorrindo para ele, mas ainda tensa.

— Ainda podemos nos beijar, não é? — ele fala, envolvendo meu pescoço com as mãos, me mantendo cativa. Meu coração parou de balançar a bandeira e a encravou em si, tal qual a Lua conquistada pelos astronautas. Aperto os lábios e os solto em seguida.

— Podemos — ele não precisa ouvir mais nada. Sua boca se une à minha, e eu me deixo envolver por essas emoções que abandonei há anos e agora voltaram para mim em potência máxima...

*CAPÍTULO TRINTA E TRÊS**Amassos?*

Estou em casa feliz da vida. Acabei de enviar o último capítulo do novo livro do Doutor Bo para o André. Já é fim de tarde e um lindo pôr do Sol enfeita minha janela. Passo pela geladeira e percebo que só faltam duas coisas: perguntar sobre minha mãe e beber feliz. Penso que definitivamente tenho problemas com a bebida. Ok, não sou alcoólatra, mas... Não importa, porque não estou com a ideia nisso agora. Minha mãe... Penso nisso, então, pego o telefone, criando coragem, e disco os números. Ela atende na segunda chamada.

— Filha? — a voz dela tem um misto de alegria e surpresa. Eu me acostumei a ouvi-la ao telefone e até consigo imaginar a expressão em seu rosto.

— Oi, mãe — cumprimento, pensando no que falar.

— Aconteceu alguma coisa, filha? — sua voz muda para apreensiva.

— Não — espremo algo em minha mente e continuo. — Senti vontade de ligar.

— Filha, isso me deixa tão feliz. — Não vai chorar, né, mãe? Ela vai?

— Eu devia ter ligado antes — digo e sinto saudade da minha mãe, de como éramos felizes. — Você está bem? — pergunto, vacilante.

— Estou, querida, por quê? — Por que quero saber? E só de ouvir a voz de minha mãe, com todas as mudanças pelas quais minha vida está passando agora, eu recordo minha infância e a forma como meu pai mudava comigo conforme eu crescia.

— Eu me dei conta de que nunca perguntei. — Isso é verdade, e agora ela está realmente chorando. — Não chora, mãe — começo a sentir um nó na garganta.

— Ah, querida, são tantos anos com você dizendo apenas sim e não. Eu sou mãe. — Sei disso, mas, o que quer dizer, mãe? — E agora você me liga e começa a conversar — ela parece assoar o nariz.

— Eu... me importo com você mãe — digo, numa voz arrastada.

— E eu com você, meu anjo, eu... — ela assoa novamente, mas parece que não vai parar de chorar tão cedo. Sua voz está embargada. — Um dia você vai me perdoar por não cuidar de você como deveria, por não... — ela não consegue continuar. Deus, ela se culpa pelo que sofreu...

— Mãe, eu... Quem me pôs para fora foi o papai — espero que ela diga que deveria ter impedido.

— Você não entende, Amanda, é complicado. — O que é complicado? — Seu pai, ele... Eu não posso falar por telefone... Na verdade, não posso falar...

— O que você não pode falar, mãe? — Agora estou confusa.

— Amanda, eu preciso desligar, seu pai chegou aqui. — Click. A única coisa que tenho como resposta é isso e o som da ligação interrompida.

Fico atônita. O que ela não me disse? Sei que meu pai não é um neandertal, mas, nas ideias, chega bem próximo. Ele nunca me deu uma surra sequer e muito menos agrediu minha mãe, não fisicamente. Também nunca o vi gritar com ela ou qualquer coisa do tipo. Puxo na memória e percebo que, com o tempo, ele apenas se tornou amargo, e ela, retraída, e mesmo assim continuaram juntos. Vou ficar louca pensando nisso.

Ligo para Meg. Tem alguns dias que estou “*namorando*” e ainda não contei. Ela vai me matar. Se bem que nesses dias ela não me ligou, apenas mandou mensagens. Hoje é o dia das ligações.

— Oi, estranha — ela fala, rindo.

— Eu sou a estranha? Você não me liga há o quê? Um ano? — exagero.

— Ei? Nem foi tanto — ela para de rir. — Tive uns probleminhas. — Sinto cheiro de problemões. — Então agora, por favor, me dê boas notícias. — Claro!

— Eu. Estou. Namorando — falo cada palavra como se fosse uma acéfala. E, do outro lado da linha, Meg começa a gritar feito louca. Eu sabia que isso ia acontecer. Afasto o telefone do meu ouvido. Não vou ficar surda.

— Quando Liam a pediu e por que não contou antes? — Como ela sabe que foi o Liam? Dã! Quem mais poderia ser?

— Quem disse que é o Liam? — pergunto, birrenta.

— E quem é, então? O Kevin? — ela rebate.

— Haha... E por que você acha que ele me pediu? — Eu que não pedi, né?!

— Porque é a cara dele, ele é um príncipe. Deus escolheu ele a dedo para você. — Otimo, agora somos bíblicos. — E claro que não seria você a pedir!

— Ok, eu me rendo. Ele pediu, pronto — me dou por vencida. — Bruxa — ela gargalha.

— Nem vem, conta logo. Como foi? — Agora vai me escanear.

— Num almoço com a Danna e as sobrinhas dele. — Ela não se satisfaz, e eu conto tudo, desde o joguinho dele, os beijos, o almoço queimado e o “*almoço romântico*”.

— Ai, o amor! — ela suspira.

— Que amor, Meg? — Agora eu estou perdida. Alguém bate à porta. — Meg, tem gente na porta, depois te ligo.

— Ei? Não esquece que temos que combinar seu aniversário. — É mesmo, está perto, e eu e Meg sempre nos vemos. — Acho que se for no meio da semana você que terá que viajar!

— Sim, comandante — digo, com a leveza no coração que tomou a minha

vida e a faz mais colorida a cada dia. Nos despedimos e eu ponho o telefone no gancho.

Caminho até a porta com um sorriso tatuado no rosto. Abro a porta e claro que não é surpresa. É o Liam. Estamos nos vendo quase vinte e quatro horas por dia, e ele está determinado a me fazer esquecer todos os meus traumas. Está lindo como sempre e sorri de volta ao ver minha felicidade.

— Espero que seja eu o motivo dessa felicidade — inclino a cabeça e prendo meus lábios nos dentes, tentando conter o sorriso.

— Entra — digo, virando-me para dentro de casa, e ele me segue fechando a porta, me puxando para um abraço por trás.

— É por minha causa? — ele me beija no pescoço, e eu me arrepio.

— Talvez — respondo, sentindo meu corpo amolecer ao toque dele.

— Talvez? — ele esfrega o nariz em minha orelha e sussurra. — Tenho que me esforçar mais, não? — Não, senão eu morro! Ele me gira para ele. — O que vamos fazer hoje?

— O que quer fazer? — olho para ele, e já era qualquer linha de raciocínio lógica em minha mente, afinal, eu estou vendo o homem mais lindo do planeta. Para mim ele é.

— Pensei em ficarmos no sofá vendo filme — Liam vai falando, enquanto massageia minhas costas.

— Sério? Filme? — Filme em casa? O programa de todas as famílias!!!

— Sério, filme — ele confirma, me dando um selinho. — O que é melhor que ver filme, agarradinho com minha namorada, no sofá? — Sabia que tinha segundas intenções. Sorrio por dentro, se é que isso é possível.

— E agora você precisa de desculpa para me agarrar? — pergunto, erguendo as sobrancelhas.

— Então agora eu sou um adolescente com os hormônios em ebulição? — ele faz cara de ofendido. — Eu estou sufocando você? — me encara

estreitando o olhar.

— Não — aperto meus braços em torno dele. — Você não me sufoca — eu o beijo. — Vai escolhendo o filme, vou fazer pipoca.

— Cinema completo — ganho o meu sorriso predileto de ator de Hollywood.

Faço a pipoca e retorno para a sala e lá está meu namorado no meu sofá. Saboreio a palavra *meu* em minha mente. Acho que estou sonhando. Eu o observo enquanto ele está com os olhos presos em um filme. É lindo, gentil, educado, carinhoso, familiar, bombeiro... Deus, o que mais eu poderia sonhar? Ele me olha com ar de indagação. Eu sei, estou com a cara de boboca apaixonada! Oi? Droga, estou apaixonada. A palavra brilha em minha mente, e um surto de pânico acelera meu coração. Aperto a vasilha com a pipoca nas minhas mãos.

— Você vem? — Liam me dá um meio sorriso, e eu caminho para ele. Ele puxou o acento do sofá para frente, para poder esticar as pernas. Eu me aproximo e vou me sentando ao lado dele. — Não aí, aqui — ele aponta para o espaço que abriu, me fazendo suspirar.

— Quais são suas intenções? — As brincadeiras sobre os “*contatos*” entre um casal se tornaram frequentes. Acho que ele faz para que eu relaxe e aceite. Penso primeiro na brincadeira e depois no ato em si.

— As melhores possíveis — ele sorri, estendendo a mão para mim. Claro que aceito. Sento-me, tentando ficar o mais longe possível de certa parte. Minhas costas ficam tensas, e ele faz um pouquinho de força me puxando contra seu peito. — Agora relaxe e curta o filme. — Eu expiro e em minutos estou mesmo assistindo o filme.

Liam escolheu um drama, pois sabia que ia me entreter. Aos poucos ele começa sua incursão de toques. Pensa que não sei o que está fazendo, mas eu sei e gosto. Ele acaricia meus braços de leve. Em outro momento, enquanto

me distraio com uma cena, joga meu cabelo de lado, passa o nariz em meu pescoço e me cheira. Eu estremeço e me retraio, não por medo, mas porque ao ter um homem lindo desses tocando você dessa forma, quem não treme? Ele para e logo retorna, abraçando minha cintura e me beija na cabeça. Essa tortura está cada vez mais perigosa. Sim, perigosa, porque há o perigo de que eu vá pular nele em segundos.

Assistimos o filme assim o tempo todo; apenas em alguns momentos ele se distrai com a pipoca ou com uma cena. Ao menos é o que parece. O filme chega ao fim, as letras sobem e eu sinto um misto de vazio e ansiedade, porque sei que não teremos outra desculpa para ficarmos assim a não ser que seja pelos motivos reais. Nós queremos nos tocar. Fico com raiva desse trauma. Eu sei que ele não é o Fabrício. Faço menção de levantar, e o Liam me segura firme, presa a ele.

— Não fuja — a voz dele soa rouca. Meu coração acelera mais, se isso é possível, e eu engulo em seco. Ele me pega pelo queixo e me faz olhá-lo. — Agora, vamos nos livrar disso — ele põe a vasilha de pipoca sobre a bancada e retorna para os meus olhos. — E agora... — ele faz uma pausa e eu prendo a respiração — ... respire, Amanda. — Eu não consigo. — Nós vamos fazer algo que todos os namorados fazem — abro os olhos deixando-os do tamanho de pratos enormes. — Não isso — ele diz, e seus olhos têm um brilho meio divertido, de desejo. — Ainda não.

— O que, então? — pergunto e fico roxa, tenho vergonha de meus pensamentos agora.

— Você é linda, sabia? — Sou? Ele me beija. — Carinhosa — ele segura minha nuca. — Inteligente — encosta a testa na minha. — Encantadora — roça o nariz no meu. — Cheirosa — meu coração dá saltos, e meu pulmão trabalha duro para me manter consciente. — Gosto de ficar assim com você — outro beijo.

— Eu também gosto — falo, sussurrando, e fecho os olhos inalando o cheiro dele.

— Abra os olhos, quero que você me veja. — Ele quer que eu saiba que ele? Como não saberia? Abro os olhos e eu vejo desejo nos olhos dele. Ele me deseja, a mim! Abro um sorriso vacilante por perceber que também há receio na forma como ele me observa.

— Eu sei que é você, Liam — minha voz ainda é baixa. — Mesmo de olhos fechados — fecho os olhos e o beijo profundamente, de forma lenta. Saboreando o *MEU* namorado. Nunca vou me cansar de ouvir meu pensamento sobre isso.

— Sabe o quanto me faz feliz ouvir isso? — O receio foi embora. Não sei o que dizer sobre isso.

— Ainda não me disse o que vamos fazer — aperto meus lábios entre os dentes, num gesto nervoso.

— Vamos... Não se assuste — ele parece pensar em algo. — Confia em mim? — fala, e percebo que sua respiração também é difícil.

— Confio — afirmo com toda a segurança que esse momento me dá.

— Vamos dar uns amassos — ele fala e ri de si mesmo. Sério? Agora eu estou rindo e não consigo me conter. — Está rindo de mim, namorada? — ele diz, me fazendo cócegas, o que só piora a cena que virou uma comédia.

— Ai... Para — pulo em seu colo dele e corro pela casa, com ele atrás, entre gritos e risadas. Ele me alcança, claro. Estamos na cozinha, e ele me põe sentada no balcão.

— Muito engraçado, rir de mim em um momento desses — ele finge estar chateado. Suas mãos estão nos meus quadris.

— Você quem começou — me defendo. Ficamos nos olhando, e eu sinto exatamente onde quero estar, depois de tanto tempo com a sensação de que estava deslocada... Sem alma.

— Ei? — ele massageia minhas têmporas e me puxa para outro selinho. — Nada de pensamentos tristes. — Como sabe o que estou pensando?

— Já sei, meus olhos falam — volto a sorrir.

— Falam — ele retorna as mãos para os meus quadris. — São os olhos mais incríveis que já vi. Eu me apaixonei por eles conforme fui te observando. — Meu sorriso some na hora. Ele disse apaixonei? Deus, manda outra vida agora porque acabei de morrer aqui. — O que foi? Não posso dizer que estou apaixonado pela minha namorada?

— Você existe? — Esse homem não é real. Só posso estar em coma ou coisa assim. *“Não seja idiota. E se estiver em coma, aproveite, porque do jeito que tem sorte, acordará logo!”* Ele pega minhas mãos e as coloca em volta de seu pescoço.

— Sim, sinto. — Então me dá um olhar dubio enquanto aperta as mãos em meus quadris. Ele não vai desistir, não desiste de mim. A minha cabeça é tão boba que ao me dar conta disso a música *"Ain't no mountain high enough"* toca em alto e bom som em minha mente. Meu coração realmente deseja que isso tudo seja verdade. No meu íntimo, acredito, mas ainda tenho medo de admitir, como se ao fazer isso algum *"feitiço"* mudasse a realidade e eu retornasse para minha fase de terror. Para o dia difícil! — Não pense, eu não pedi para pensar, namorada — a voz de Liam, carregada de desejo, invade meus poros. — Eu disse, sinto. — E começamos os *“amassos”* ali mesmo, na bancada. E pelo calor que percorre meu corpo, sim, eu tenho CERTEZA que ele existe. Meu namorado!!!

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Dias normais

Os dias seguem uma rotina interessante. Eu acordo e tomo café com o Kevin, que já sarou e voltou a entregar jornais. Depois, retorno à rotina de escritas, o que deixa André muito feliz. Então é almoço. Liam, escrita, Liam, banho, Liam... Estou adorando isso, e ele se revelou ser um romântico incorrigível. Hoje inventou de tomar sorvete no centro. Estou terminando de me arrumar. Sim, eu me arrumando. Agradeço a Meg todas as roupas que ela insistiu em me dar ou me fazer comprar todo esse tempo. Escolho um vestido leve por causa do calor e sandálias. Vou até a cozinha pegar um copo d'água. O que aconteceu com o clima?

— Oi, namorada! — Liam entra de surpresa, me pega desprevenida e eu engasgo com a água. — Desculpa, você está bem? — ele fala, enquanto toma o copo da minha mão e me fita preocupado.

— Primeiro me salva para depois me matar afogada em um copo — falo com a voz estranha, recuperando-me do susto.

— Sinto muito — ele diz, me puxando pela cintura.

— Nem começa ou não vamos tomar sorvete hoje — digo, fugindo do abraço de urso. Depois que começamos essa história de “*amassos adolescentes*” é o que mais fazemos.

— Ok, estraga prazeres — ele diz, se rendendo com um brilho divertido no olhar.

— Pensei que tomar sorvete comigo seria um prazer — faço a ofendida. O telefone toca, e eu desvio a atenção dele para o aparelho.

— Alô? — Não imagino quem seja, já falei com Meg hoje, e minha mãe ligou ontem. Ela está ligando mais, embora não todo dia.

— Oi, estranha! — é o Benjamin, e meu coração se aquece.

— Oi, maravilhoso — devolvo e escuto a risada gostosa dele. Estou feliz e fico mais ainda ao ouvir a expressão da felicidade dele.

— Maravilhoso?

— Sim, lindo, maravilhoso, encantador, cheiroso... — vou falando e dou de cara com um Liam... irritado? Ele me encara erguendo as sobrancelhas.

— Você tá feliz ou tomou todos os seus comprimidos de uma vez? — Ótimo, agora sou drogada.

— Não, seu bobo! — Liam mexe os lábios com a pergunta clara: “*Quem é?*” — Estou feliz. — Liam com ciúme? Pode isso? De mim? Jesus!

— Eu liguei porque seu aniversário é daqui a duas semanas e preciso saber se você vem passar com Meg ou se ela vai para sua casa. — Por quê?

— Ainda não pensei nisso — digo, percebendo que desde os meus problemas e do dia difícil eu nunca mais passei um aniversário com meu irmão.

— Então pense e me diga, preciso ajustar a agenda caso precise viajar. — Viajar? Ele virá! Meu coração dá um mortal e sacode pompons. Liam cruza os braços à minha frente. — E no mais?

— Tudo bem — olho para Liam com uma cara de dúvida e então prossigo. — Estou namorando — Benjamin fica mudo. — Ben? — Nada. — Benjamin, você está me assustando! — Ao ouvir o nome, a irritação some do rosto de Liam, e ele fica sério.

— Desculpa, eu não esperava — a voz dele é tensa. Claro que não esperava. — Quando?

— Algo perto de um mês — digo, me sentindo escaneada pelo dois, Liam com os olhos, e Benjamin, com palavras.

— Onde ele está agora? – Como assim onde ele está?

— Aqui, na minha frente — falo sem jeito.

— Passa o telefone para ele agora. — Oi? Sério?

— Não. — Minha expressão se fecha e Liam franze a testa.

— Amanda, ou faz isso ou vou começar a dirigir agora e só vou parar quando chegar aí. — E ele vai mesmo. Se tinha que puxar algo do papai tinha que ser logo isso? O gênio do “*tudo do meu jeito*”.

— Ok, senhor dono do mundo. — Eu passo o telefone para Liam. Ele escuta por um tempo.

— Entendi. — É a única coisa que Liam diz antes de me devolver o telefone.

— Pronto, agora faça o favor de me manter informado sobre sua vida “*amorosa*”. — A palavra amorosa sai estranha, mais dura.

— E você faça o favor de não ser idiota depois de velho — rebato.

— Velho? — ele diz, antes de eu desligar o telefone na cara dele. Era o que me faltava.

Liam parece surpreso, e eu sei que estou emburrada. Ele me olha e pega minha mão me puxando para ele. Me abraça e massageia minhas costas como se eu tivesse passado por um susto. Deixo-me levar, afinal, qual o problema de usar esse abraço e o cheiro dele por ter ficado irritada com essa superproteção fora de hora do Benjamin? Ficamos assim por um tempo.

— Tudo bem? — Liam pergunta.

— Eu que pergunto! — digo e minha voz expressa a minha indignação. — O que ele te disse?

— Que seremos amigos — ele sorri e nem minha estupidez é capaz de acreditar nisso.

— Como você pode ser assim? Não ligar para nada? — Agora vou descontar nele? Que conversa sem nexos.

— Eu me importo com você — ele fala e me beija.

— Boa técnica, senhor advogado — eu me afasto, olhando-o nos olhos.

— Nem pensar em começar nossa primeira briga agora. — Oi? Que briga?

— Porque teríamos que fazer as pazes e aí seria adeus sorvete para sempre — ele diz, maroto.

— Liam! — eu coro. Sim, eu ainda coro, mas gosto da ideia que ele faz de uma briga. — Não faríamos as pazes, nada — eu não vou dar o braço a torcer.

— Claro, com esse gênio. — Eu? O gênio do meu pai? Inferno. Fico chateada com toda a situação, não queria estragar esse dia.

— Desculpa — eu falo, desviando o olhar, e ele ergue meu queixo.

— Nada disso, traga já esse sorriso de volta, lutadora — ele me beija de novo. — Hoje é nosso dia, seu irmão está fazendo apenas o que todo irmão faz — sua constatação parece tão clara quanto água.

— E você faz isso com a Danna? — investigo.

— Não, sou o irmão que conversa. Jordan era o irmão perseguidor — ele fala, depois de fazer uma expressão de quem puxa na memória.

— Que bom que ela tem dois irmãos — digo, enfadonha.

— Tinha — ele fala, e eu me toco da mancada. Então o abraço pelo pescoço, num impulso.

— Desculpa, mil vezes desculpa — falo em desespero.

— Tudo bem — ele ri. — É Jordan que me deve desculpa por deixar todo o trabalho para mim. — Ele realmente parece relaxado, então, sei que isso não o abalou. Deve ter trazido lembranças apenas.

— Agora eu sou um problema? — Será que sou?

— Venha — ele me puxa pela mão. — Vamos para o sorvete e chega de discussões — ele me arrasta porta afora. — Logo você vai estar de bem com ele.

— Para você tudo é tão fácil. É só explicar e você entende — eu o encaro, mas não chateada.

— Sim, se me explicam e é lógico, eu entendo. — Não digo nada, e ele suspira. — Amanda, se você pode conversar e entender o outro para quê brigar? E mais, se a pessoa tem essa natureza, bater de frente só lhe causa estresse. Eu procuro entender a pessoa, só isso, e aceitar. — Cruzo os braços agora do lado de fora da casa.

— Sêrio? Simples assim? — Não consigo aceitar isso. Carinhoso, lindo, bombeiro vá lá, mas Madre Tereza de Calcutá é demais.

— Ok, Amanda, você me pegou, eu tenho um defeito — eu ergo as sobrancelhas. — Eu sou compreensivo.

— Definitivamente, você é um romântico incorrigível — falo e nego com a cabeça. — Você com certeza é fruto de minha imaginação.

— Por quê? — ele diz, surpreso.

— Porque você é lindo e tem um coração maravilhoso — falo, ainda séria, porque vejo e, embora meu coração queira, não consigo aceitar.

— Seu sonho acaba por aí. — Meu coração para. Como assim? — Eu nunca vou descer de helicóptero no seu quintal, muito menos comprar joias de um milhão de dólares ou mesmo um carro — ele diz, e um sorriso começa a se formar em meu rosto, lentamente.

— Você não existe — falo, enquanto meu sorriso toma todo o meu rosto. Realmente, ele tem esse “*defeito*”, não tem a conta bancária enorme. Tá, como se eu me importasse com isso!

— Sim, e pare de duvidar de mim — ele começa a caminhar e para. — E saiba que eu fiquei com ciúme do cara do outro lado da linha antes de saber quem era. — Oi? Ah, por favor!

— Ciúme de mim? — eu olho para ele de lado.

— Sim, de você. Minha namorada gata — ele sorri de volta e me beija.

— Nem vem — eu o empurro.

— Todos os caras que a conhecem falam de você. — Como? Que história é essa? — Falam sim. Que você é linda, que tem umas pernas incríveis. — Pernas? — Seus olhos isso, sua boca aquilo...

— Entendi — corto, ficando roxa. — São fofoqueiros — completo, e ele ri.

— Agora vamos, por favor, entrar no carro — ele faz cara de cachorro pidão. — Ou o sorvete será o jantar!

— Ok, namorado ciumento. — Ele tem razão, então, nós voltamos a andar e ter a nossa tarde de sorvete e romance. A última vez que fiz isso com um garoto faz tempo, mas Liam não é um garoto, não mesmo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Seria fácil se não fosse difícil

Sei que tomar sorvete é uma tarefa fácil e boba, mas conforme vamos chegando ao centro, percebo que as coisas não são bem assim. São muitas pessoas lá e até agora nosso “*namoro*” foi uma coisa muito nossa. Meg sabe, Benjamin e a Danna também, além de suas filhas, mas eu não sei o que mais as pessoas sabem. Fora o fato de Liam falar que os amigos dele comentam sobre mim. Estou começando a ficar nervosa.

Descemos do carro e começamos a caminhar para a sorveteria. Observo tudo, e cada detalhe é um bálsamo para mim. Falo isso porque, por um longo tempo, apenas enxerguei dentro de mim e agora eu vejo o mundo. Alguém passeando com um cachorro, crianças correndo e rindo, as casas, os pequenos estabelecimentos comerciais, uma cidade de interior aconchegante e acolhedora. Olho para Liam de soslaio ao meu lado e penso se realmente mereço essa felicidade toda. Aperto a mão dele na minha; por hábito ele sempre me dá a mão quando caminhamos juntos e eu nunca nego, claro.

— Epa — ele me puxa antes que eu dê com a cara num poste. — Se vai andar sonhando, me avisa para redobrar a sua proteção — fala, divertido, e eu o encaro.

— Como assim redobrar? — Ele agora é meu protetor?

— É, já fui ameaçado, então. — Benjamin, claro.

— Ignore o Benjamin. — Ele ergue as sobrancelhas para mim. É claro que sei que meu irmão falou algum absurdo, só um idiota não saberia.

— Não posso, ele parecia assustador — faz uma cara fingida de medo.

—Tudo bem, vocês não precisam ser amigos, nem irão se encontrar mesmo — digo entre um suspiro.

— Por quê? — paramos em frente à sorveteria, e ele segura a porta para mim. — Vai me esconder da sua família para sempre?

— Eu... — Quer conhecer minha família? Não basta o Benjamin e a Meg? — Você não vai querer conhecer minha família. Vivem em outro mundo. E já conhece a Meg e o Ben — eu digo, pois esse mundo é bem distante do nosso. Um mundo de grandes eventos, luxo e superficialidade. E meu pai, com certeza, não quer saber nem que o Liam existe, ainda mais que é um bombeiro.

— Entendo — ele diz isso, e uma expressão estranha toma seu rosto. Nós entramos e o lugar está cheio. Fazemos os pedidos com uma aura de tensão no ar. Ai, Deus, era apenas um sorvete, você pode me aliviar aqui?

Em pouco tempo o sorvete chega e começamos a tomá-lo. As pessoas passam por nós e olham surpresas. A garçonete me dá uma analisada, tipo “*o que ela tem que eu não tenho*”. Eu penso: Liam? Minha boca esboça um sorriso, e o homem lindo à minha frente me fita curioso.

— Apenas pensando — respondo, lambendo os lábios, e os olhos dele brilham.

— Espero que coisas boas — ele ainda tem o ar estranho de quando falei da minha família, mas não quero perguntar o que é. Tenho receio que isso nos leve a um estresse que eu não desejo hoje. Chega de coisas atrapalhando um dia leve de sorvete.

— Maravilhosas — disfarço. Ele sorri e seu celular toca.

— Alô. — Eu amo essa voz. Fico observando os lábios dele se moverem. — Oi, John, quanto tempo — ele pisca para mim e se levanta para conversar lá fora. Sinto um súbito vazio, mas aqui tem muito barulho, todo mundo decidiu tomar sorvete hoje. Também, com esse calor!

Continuo sentada apreciando o meu sorvete e roubo um pouco do de Liam. Está derretendo, e eu estava louca para fazer isso. Umas mulheres passam pela porta, e logo reconheço a maluca do molho, Betsy. Ela está com algumas amigas e, ao me ver, dá um sorriso torto. Vem em minha direção e senta na mesa atrás de mim. Pressinto problemas, mas não quero pensar nisso agora. Imagino que a qualquer hora tomarei um banho de sorvete.

Como era de se esperar, elas começam uma conversa irritante e direcionada a mim, com ofensas claras e histórias antigas da vida do Liam. Começo a me chatear e meu humor cai. Liam demora lá fora e, pelas paredes de vidro, posso ver que é uma conversa bem animada.

— É o que digo, Jane, acha mesmo que isso dura? — Betsy agourenta! — Logo ele cansa.

— Por que está tão certa, Betsy? — A outra pergunta e parece mesmo curiosa. É Betsy, por que tem tanta certeza, sua bruxa?

— Quando foi a última vez que o Liam namorou alguém? — ela fala como se fosse a dona do mundo.

— A Thai, e isso faz um tempão. — A garota parece compreender, e eu me sinto uma idiota. Liam e a Thai?

— Exatamente, logo ele vai voltar à vida de uma noite apenas. — Escuto seu gargalhar de harpia, enquanto meu coração começa a pesar uns duzentos quilos dentro de mim.

Não era nada de mais no início, apenas uma atração, mas depois de estar com ele aqui e de tudo que vivemos até agora, percebo o quanto gosto dele e o quanto quero que seja recíproco. Não quero mais o sorvete e começo a mexer com a colher enquanto ele vira um líquido viscoso. Não me lembrava o quanto uma mulher pode ser idiota quando seu ego é ferido. Principalmente uma como a Betsy. O pior é que ela está enfiando o dedo na minha ferida e brincando com ela.

— Brincando com a comida, moça? — A voz masculina conhecida e o moço o denunciaram rapidamente;, mesmo sem olhá-lo sei que é o Edward. Não ergo a cabeça.

— Oi, xerife — digo, numa voz arrastada.

— Não gostou do sorvete? — Ele se sentou? Agora eu o encaro curiosa por causa de seu olhar estranho.

— Gostei, mas já estou cheia. — Mentira. O Edward olha para trás e então fecha o semblante.

— Sei — ele faz uma expressão pensativa e olha para fora como se buscasse algo. — O Liam e o John, quando começam a conversar, são piores que mulheres. — Oi? Isso foi uma crítica?

— Não sei nada sobre essas mulheres terríveis que você conhece — digo, e ele sorri. Sorrio de volta, ele parece relaxado. Está fardado, e as pessoas olham furtivamente para nós. Ótimo, posso imaginar as fofocas.

— E sua amiga? — Vai falar mal da Meg?

— Minha amiga é uma pessoa incrível — eu o olho, pronta para briga.

— Desculpe, não quero estragar seu humor — ele inclina a cabeça, e uma garçonete se aproxima.

— O que vai pedir, xerife? — ela pergunta numa voz manhosa. Mulheres e homens de farda!

— Um café, Lola — ele diz, brindando-a com um sorriso, e sei que ela está nervosa porque seus lábios tremem em resposta ao contato visual com o xerife.

— Eu já trago — ela sai relutante.

— Ela gosta de você — digo, observando a reação dele.

— Eu também gosto dela. — Sei o que ele quis dizer, e isso não tem nada a ver com uma relação homem e mulher...

O xerife, então, começa uma incursão sobre as peripécias dele da

juventude e sobre os seus amigos, incluindo Liam e John. Sei que está fazendo isso para me distrair, e eu aprecio a atenção dele. Com o tempo, volto a relaxar, começo a rir e, de repente, percebo-me sorrindo abertamente ao ouvir histórias de seu tempo de criança e algumas coisas curiosas sobre meu “*namorado*”. Eu nunca imaginaria que Liam seria o patinho feio na escola, mas isso, de alguma forma, conforta meu coração inseguro.

— Hum — digo de forma desconfiada, em resposta a um fato absurdo que o Ed conta e só agora percebo que não estou mais prestando atenção nas bobagens que Betsy fala. Olho para fora, vejo o Liam desligar o telefone e uma mulher se aproxima dele, Thai. Eles se cumprimentam com um abraço mais caloroso do que o normal para mim e começam a caminhar. Sei bem a expressão que estou fazendo agora. A leveza de segundos atrás se esvai.

— Amanda? — O xerife me traz de volta ao mundo real, e eu saio do caminho para onde minha mente estava me levando. Eu vejo Liam e a Thai caminharem para dentro da sorveteria.

— Oi, xerife? — pergunto encarando-o. Num gesto mais estranho possível, ele segura minha mão num claro apoio. Sim, eu tenho cara de desolação; a expressão dele confirma isso.

— Me chame de Ed — ele sorri atencioso, e eu acho que estou fazendo mais um amigo. — Tudo bem? — O que você acha? Eu ia tomar um sorvete com meu namorado, e isso virou uma saga com direito a irmão superprotetor, piranha azeda e uma “*amiga*”... Não digo nada disso.

— Estou bem — esforço-me para sorrir em resposta e a mão dele ainda está lá. Ele dá um leve aperto, e eu sorrio sinceramente agora. É mais estranho do que eu.

— As coisas nem sempre são o que parecem. — Ele está me consolando? Sério?

— Um vale a pena ver de novo, Liam? — Betsy fala, e eu nem tinha

percebido que ela tinha se levantado e caminhado até nós. O Liam e a Thai estão próximos à mesa agora.

— Betsy, por favor — Thai fala, se mostrando chateada.

— Mas é a verdade, querida — ela se vira para mim. — Você é só um passatempo, docinho, até perder a graça, coisa que nem tem. — Ela o olha com um sorriso malicioso. — Não contou para ela sobre seu grande amor, Liam? Que pena, mais um coração será partido — ela diz isso e sai rebolando.

— Amanda... — Liam começa, mas eu ignoro. Por quê? Estou chateada, oras! Quem é seu grande amor? A Thai? Ótimo, como se não precisasse disso para meu dia azedar de vez. É por isso que não saio e não socializo, sempre encontramos um monte de gente horrível!

— Seu sorvete derreteu — digo para Liam, como se fosse a coisa mais óbvia a dizer, e porque não quero explicações. Não agora. Ele se senta, me observando desconfiado. Devo estar com a minha cara de maluca número um, ao menos a Betsy não jogou sorvete em mim.

— Desculpe, John fala demais — ele passa a mão nos cabelos. Está tenso? — Não queria deixar você esperando. — Esperando e ouvindo as bobagens da louca do molho — Se eu tivesse visto Betsy entrar, eu teria vindo logo. — E, se não, teria me deixado aqui mais mil horas. “*Não seja absurda!*”

—Edward disse que vocês conversam que nem duas velhotas — digo, e eles se encaram. — Mas ele me fez companhia, então, estou inteira.

— Está me difamando, xerife — Liam parece descontrair, mas há algo estranho em seu olhar.

— Não, eu não minto — Ed devolve, sorvendo um gole do líquido escuro. — Eu ia começar a contar à Amanda sobre suas aventuras de rapaz, mas não tive tempo — Ed sorri para mim. — Mas só consegui ir até o início da

adolescência.

— Nem pense nisso — Liam fala entre brincadeira e seriedade.

— Por quê? O que há de tão terrível em seu passado? — Agora estou realmente curiosa. Não quer que eu saiba de seu amor juvenil? Ele ainda gosta dela? Socorro, alguém aí em cima, eu sabia que estava tudo muito certinho aqui! O Edward ri abertamente, e eu não sei o porquê. É evidente que eu e Liam não estamos nos divertindo.

— É uma história longa, Amanda. — Oi? Sério isso, gente? Vou morrer de curiosidade aqui.

— Ah, Ed, que idiotice — ele encara o amigo e está claramente chateado. — Não tem ninguém para prender, não? — Liam indaga e parece um pouco desconfortável. Ed começa a se levantar quando vê a expressão fechada de Liam. Bebe o último gole do café.

— Mas isso é uma história longa, como eu disse. — Ele piscou para mim? Agora eu acabei de morrer e ressuscitar em dois segundos. — Qualquer dia te conto. — Percebo que ganhei um aliado e que provavelmente ele escutou todas as bobagens que Betsy estava falando. Faz menção de sair.

— Quer jantar comigo hoje? — Oi? Ficou louca? Acabou de convidar um homem para jantar, que não é seu namorado, e foi na frente de seu namorado. Deus, meu cérebro fritou de vez, estou fazendo a maior confusão aqui.

— Eu... — Ed parece surpreso, e Liam me olha com o cenho franzido.

— Eu cozinho mais coisas além de macarrão — faço uma referência clara ao dia em que me ajudou com meu carro. Estou sorrindo para ele? Estou! Jesus, pode vir me buscar, minha doença não tem cura. Cérebro surtado!

— Não quero incomodar — ele parece constrangido, e o maxilar do Liam se aperta.

— Não é incômodo, eu realmente quero sua presença. — Isso pareceu um flerte, Amanda, e pela cara do Liam você está claramente encrencada.

— Se é assim... — Ed sorri de lado, e acho que ele se diverte com a tensão em Liam.

— Que horas você pode ir? — pergunto, sem dar espaço para recuo.

— às sete eu passo lá — ele diz e coloca o chapéu, indo embora e deixando um Liam emburrado, sentado à minha frente.

— Agora você é sociável? — ele me encara zangado. Agora é ruim que eu seja sociável?

— Não, o sociável aqui é você — devolvo porque estou muito irritada com o fato de ter ficado escutando as idiotices da bruxa do molho e ainda descobrir que o meu namorado tem um “*amor*” do passado, nem tão passado assim.

— Amanda, você não levou a sério as provocações da Betsy, levou? — Eele está irritado? Bem, querido, somos dois!

— Quero ir embora — eu digo e levanto, indo em direção à porta. Essa conversa é toda uma loucura, e eu não estou pensando direito. Preciso oxigenar minha cabeça antes que fale ou faça mais bobagens. Percebo que ele deixa dinheiro sobre a mesa e me segue.

— Sério, Amanda, o que foi isso entre você e o Ed? — Oi? Do que você está falando?

— Não sei do que está falando, Liam — continuo andando sem olhá-lo.

— Agora são amigos íntimos — ele me segura no lugar.

— Tão íntimos quanto você e a Thai — percebo que ele aperta os dentes.

— Amanda, eu estou com você, e a Thai é uma amiga — ele soa frustrado e esfrega os cabelos. Quando volta a me encarar, tem um ar quase divertido no olhar. — Sabe que eu não imaginaria que você fosse do tipo ciumenta? — Paro e o olho surpresa. Eu sou o problema? Claro, porque você é o mocinho!

— Nem eu que você fosse do tipo galinha, mas estava perfeito demais para ser verdade. — Ele abre os olhos ao máximo.

— Isso é fantasia da sua cabeça, não percebe? — Não! Ele ainda tem as mãos me prendendo no lugar.

— Eu quero ir embora, tenho um jantar para preparar — eu me solto dele e continuo.

— Então vai ser assim? — ele me segue.

— Vai. — Nós estamos brigando? Estamos, e é por uma idiotice. Não, é porque ele tem um amor do passado. Certo, é por uma idiotice, mas quem nunca?

— Ótimo — ele diz, categórico.

— Ótimo — eu imito. A viagem de volta é num completo silêncio. Estranha demais toda essa situação. Depois de tanto tempo eu tenho uma briguinha ridícula e começo a pensar sobre o que a Danna falou sobre colegial. Vai ver não é só a Betsy que ainda vive nele. Não, eu não sou igual àquela bruxa! Essas ideias me deixam com mais raiva ainda.

Chegamos em casa, os dois com cara de poucos amigos. Não falamos nada o caminho todo. Desço do carro, e Liam ainda está parado, com o olhar fixo à frente e as mãos no volante. Tenho o impulso de falar algo, mas não vou dar o braço a torcer. Ele não me olha e a musculatura de sua mandíbula parece como pedra agora. Deus, uma ajudinha aqui?! Eu dou a volta no carro e ele ainda está parado, viro-me para olhá-lo.

— Você vem jantar? — eu arrisco.

— Você quer que eu venha? — ele diz, ainda fitando o horizonte. Sério? Ele sempre se esforçou para se fazer presente e agora pergunta se o quero aqui?

— Se você quiser — eu realmente não vou ceder. Conte-lhe minha vida toda, e ele podia ter me falado que seu amor de adolescente é uma das amigas de sua irmã e dele também. Sim, estou morrendo de ciúme, e todas as minhas inseguranças estão gritando aqui.

— Tudo bem — ele diz e liga o carro. Tudo bem? Tudo bem que vem ou não? Meu queixo cai ao vê-lo se afastar, e eu quero um buraco para entrar e não sair mais.

Entro em casa quase me arrastando. Não tenho a mínima vontade de fazer esse jantar, mas comecei essa idiotice toda, então... Ponho as chaves na mesa e caminho para cozinha, quando uma sombra na varanda me assusta. Tem alguém sentado lá e está com um moletom escuro, com capuz, mas quem? Meu coração para e minhas mãos começam a suar. Acendo a luz e não tem como me esconder agora. Rápido, meu cérebro começa a processar. Tenho que gritar para que o Liam me escute.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Desgraça pouca é bobagem

O estranho se vira devagar, e ele parece bem confortável em minha varanda. Sei que tenho que fazer algo, ao menos correr. “*Corra, Amanda!*” Minhas pernas travaram, minha boca seca e só consigo pensar: Vou morrer agora... Nesse momento, então, vejo que é Benjamin. Deus, meu coração quase parou para sempre. Abro a porta de vidro que dá acesso à varanda e me jogo em cima dele num abraço, como se minha existência dependesse disso. Ele devolve o gesto, e sei que tem algo estranho. Mantenho o nosso abraço por um longo tempo.

— O que aconteceu? — pergunto preocupada.

— Precisamos conversar — a voz grave dele reverbera em mim.

— Você está me assustando — digo, afastando o rosto do seu peito para olhá-lo.

— Posso entrar? — ele me fita com um olhar sofrido.

— Claro, Ben, venha — eu o puxo pela mão e lá estamos nós nos encarando. Ele me olha de cima a baixo.

— Você parece bem. — Devolvo o exame minucioso e vejo que ele usa moletom e tênis.

— E você parece que matou alguém! — O rosto dele se contorce.

— Não, mas estou com um problema — ele diz e esfrega as mãos no rosto. — Posso dormir aqui hoje? — Oi? Mas que raio de problema é esse, gente?

— Benjamin, o que aconteceu? — eu o encaro séria.

— Eu só preciso ficar aqui essa noite, Amanda — Deus, e eu posso dizer não?

— Jura que não matou ninguém? — pergunto e sinto que essa é a maior sandice que já disse em toda a minha vida.

— Sério, Amy? — ele me encara ferido. — Eu só preciso de um tempo longe das coisas de casa. — Por quê?

— E não vai me dizer o porquê? — Estou olhando para o meu irmão e meu coração encolheu, tornando-se quase nada. Ele é sempre tão altivo, senhor do mundo. O verdadeiro príncipe dos diamantes que meu pai sempre quis que ele fosse, e mais, é feliz com isso. Agora está aqui diante de mim e com um “*problema*”.

— Posso falar depois do jantar? — ele tem uma súplica clara nos olhos.

— Pode — eu me dou por vencida, por ora. — Mas vai me ajudar com o jantar — ordeno, forçando um sorriso, e ele anui.

Vamos para cozinha, e eu começo a aprontar um lombo de porco. Está quase pronto, preciso apenas do molho e arrumar na assadeira para pôr no forno. Deixo o Benjamin com a salada, já que não tem erro em cortar e arrumar em uma travessa. Coloco a carne no forno e começo a preparar o arroz, então, escuto alguém na porta. Benjamin me olha surpreso e eu torço os lábios.

— Esperando alguém? — Droga! Estou, mas... Olho o relógio da cozinha, está cedo ainda. De qualquer forma, se eu desmarcasse com o Ed pareceria estranho, mais do que essa história toda já é.

— Estou, mas não se preocupe, não é nenhum estranho — digo, caminhando para porta, enquanto enxugo as mãos num pano de prato. — Não deixa o arroz queimar — eu grito, virando a cabeça, e então abro a porta — Liam? — Já?

— Eu sei que está chateada comigo, mas... — ele para de falar e olha atrás

de mim. Também viro.

— Por que ela estaria chateada com você? — Benjamin. Ótimo, lá vamos nós de novo.

— Nós tivemos um desentendimento — Liam fala e soa desconfortável. Também não gosto dos rumos dessa conversa.

— Sobre? — Ben insiste.

— Sobre algo que não é da sua conta — cantarolo. — Entra, Liam, a gente conversa sobre isso depois — caminho de volta para cozinha.

— Vou retornar à base amanhã cedo, Amanda — Liam diz, e eu giro sobre os meus pés para encará-lo.

— Pensei que ainda tinha dois dias. — Meu queixo cai. Me dou conta de que vou ficar provavelmente uma semana sem vê-lo. Nessa época de queimadas, o trabalho fica mais pesado e exige muito.

— Eu também, mas uma das equipes teve baixa, então... — ele não termina a frase, então, eu penso em baixas e no Liam. Todo o estresse sobre a Thai some em questão de segundos. Não quero que ele vá. — Só não queria ir com você chateada comigo. — Olho em seus olhos, vou em sua direção e o abraço.

— Se eu disser que estou chateada você fica? — Ele me aperta e beija o topo da minha cabeça.

— Eu ficarei bem, sempre fico — ele segura minha nuca e me força a olhá-lo, então, desce sua boca sobre a minha. Escuto um pigarrear e nos afastamos.

— Ainda estou aqui — Benjamin parece irritado. — Não conhece as regras sobre beijar a irmã de alguém na frente da pessoa em questão? — ele desafia, e Liam o olha sério, depois abre um largo sorriso.

— Se vai me bater por isso, confesso que vale cada segundo. — Sério? Eu também sorrio, mas não por completo, não gostei de ouvir a palavra *baixas*.

— Ok, senhores da testosterona, para a cozinha. — Eles me olham erguendo as sobrancelhas. — Terei uma visita logo e ainda tem muito por fazer.

— Pensei que ele era a visita — Benjamin aponta para Liam que não recua um milímetro.

— Eu sou o namorado. — Vão brigar? Aqui? Não mesmo.

— Ben, volte para a salada — digo, séria.

— Isso, Ben, corte os tomates. — Ótimo, agora vou ter que aguentar dois crianças.

— Liam, você põe a mesa — Benjamin sorri divertido.

— A mesa, mucama — Liam aperta o maxilar.

— Calados ou não irão comer — assumo uma postura rígida, e eles me olham buscando firmeza em minhas palavras. Ah, sim, posso fazer isso. Eles fecham o semblante, vão para suas tarefas e desfrutamos de alguns minutos de paz.

Termino tudo, dou uma conferida no timer do lombo e vou para um banho. Ainda temos tempo até Ed chegar. Tenho que lavar o cabelo depois de todo esse dia de calor e dos odores da cozinha. Me arrumo o mais rápido que consigo e desço apressada antes que a terceira guerra comece na minha sala. Quando desço, encontro os homens da minha vida em locais estratégicos. Um na sala vendo televisão: Liam, que me sorri meio sem jeito. Acho que ainda estamos no clima estranho pós “*briga*”. O outro na varanda, Benjamin, brigando por seu espaço. Cada um com uma cerveja na mão. Sério? Fizeram dos cômodos da minha casa trincheiras inimigas? Ao me ver parada na escada eles me encaram com uma indagação clara, como se eu fosse a estranha aqui. Certo, sou estranha, mas essa situação é demais, fora do meu controle. Não tenho ideia de como fazer com que eles se entendam.

— Se comportaram? — provoco.

— Trégua — Benjamin fala, enquanto um ar estranho apodera de seu rosto. Na verdade, desde que chegou aqui. Ouvimos barulho de carro, e eu adianto para a porta.

— Oi, boa noite, Amanda — Ed chegou.

— Xerife — eu cumprimento.

— Já disse que pode me chamar de Ed — ele entra, e seu olhar encontra Benjamin.

— Então você é bem relacionada afinal, Amy — ele sorri, e sei que vem provocação por aí. — Namora o bombeiro e é amiga do xerife.

— Benjamin! — eu repreendo.

— Ok! — ele ergue as mãos em rendição e vai para a varanda novamente.

— Ele está tendo um dia ruim — explico.

— Não se preocupe comigo, Amanda, eu aguento — Ed fala com um ar tranquilo e percebo que ele olha para Ben como se este fosse um garoto mimado.

— Vamos comer antes que esfrie. — Caminhamos em direção à mesa em silêncio.

Finalmente um pouco de paz, já que Benjamin se senta e parou de provocar. Liam também não vai de encontro, e logo eu e Ed começamos a conversar amenidades. Ele conta algumas aventuras de Liam e dele. Meu namorado parece não se importar, na verdade, pelas histórias do Ed, o Liam sempre foi um bom moço, talvez um pouco nerd... Tudo bem, isso só o torna mais bonito. Deus, realmente estou apaixonada. Eu o olho, perdida em meus pensamentos.

— Então você não tem nenhum defeito, afinal? — Benjamin para bruscamente, pondo os talheres no prato. Liam encara, em dúvida se deve reponder ou não.

— Benjamin, já chega! — eu não aguento mais. Se ele tem um problema,

a culpa com certeza não é do Liam.

— Amanda, por favor. Ninguém é tão perfeito assim — ele acusa irritado. Edward começa a rir de repente e todos viramos para ele, como se tivesse perdido o juízo.

— Tem sim, ele sempre foi excessivamente compreensivo. — Oi? Isso é um defeito?

— Sempre foi um idiota? — Benjamin provoca.

— Não, mas ele trabalhou muito para ser o homem que é — Ed responde e encara Benjamin com um olhar de professor.

— Isso foi uma indireta, policial? — Droga!

— Benjamin, já chega — eu tento intervir, mas tem muita testosterona aqui.

— Tudo bem, Amanda, vamos ouvir o defensor do seu namorado — ele me corta e encara Edward. — São amigos, não? — Benjamin faz um gesto de Ed para Liam.

— Somos, faz tempo — Ed fala, muito confortável.

— Talvez eu não tenha os defeitos que você procura — Liam devolve e vejo que ele também não está com tanta paciência.

— Talvez eu esteja procurando no lugar errado. — Mas que inferno!

— As coisas pelas quais vivi me fizeram assim, sinto muito se não te satisfaz — Liam fala e expira com força. Estamos chegando a um limite aqui. — Talvez meu defeito seja trabalhar duro por cada centavo que ganho e não ter uma conta bancária obscena ou um avião particular. — Eu não me importo com isso. Será que ele acha que me importo? Benjamin também não liga para nada disso...

— O que quer dizer com isso? — Benjamin está de pé agora encarando Liam.

— Que você é mimado? Voluntarioso? — Ed está incitando tudo isso?

— Chega! — eu grito. — Liam não tem culpa dos seus problemas, pare de procurar defeitos nele — exijo, me erguendo da cadeira. Benjamin me encara sério, então, joga o guardanapo na mesa.

— Vou tomar um ar. — Ótimo, agora vai sair.

Ele sai que nem um maluco, e eu me dou conta de que não vi o seu carro lá fora. Ele vai sair a pé? Lembro-me de Meg perdida, de como Benjamin está transtornado e do fato de ele não ter me dito o problema ainda. Meu coração se contorce com receio do que ele vai fazer, pois nunca foi dado a impulsos. Tudo para ele sempre foi bem calculado.

— Ele sempre provoca assim quando tem um problema, como se brigar fosse uma forma de extravasar — digo aos dois homens com os olhos em mim. — Droga, eu vou atrás dele, ele está sem carro e não conhece nada aqui.

— Eu vou. — Oi? Liam me corta e nem morta que ele vai.

— Liam, não é uma boa ideia — eu começo, mas Ed me interrompe.

— Ele precisa, Amanda, talvez se entendam de vez — eu os encaro em dúvida.

— Confie em mim, sair para a base amanhã com isso na cabeça ou brigado com você vai ser ruim para mim. — Eu me lembro que, da última vez, com a confusão do beijo, ele acabou queimando a mão.

— Tudo bem, mas, por favor, sem brigas. — Meus olhos são pura súplica.

— Vai ficar tudo bem — ele beija minha testa e sai.

— Ele sabe lidar com situações de estresse. — Sério? Acho que eles vão se matar.

— Ed, não sei se foi uma boa ideia.

Ed fala algumas coisas para desviar minha atenção. Eu defendo o Benjamin, mas sei que ele tem esse comportamento só em situações que não consegue controlar. E sempre tem controle de tudo. Após algum tempo de

conversa, relaxo mais e então volto a comer. De repente, me encontro rindo e contando histórias sobre mim e Meg. A porta então é aberta, eu e Ed, viramos para olhar. Liam e Benjamin voltaram, meu coração se acalma um pouco até que eles entram em casa e eu noto o que estavam fazendo. O Liam tem o lábio partido, e o olho de Benjamin tem cara de que vai crescer com um hematoma feio. Eu sabia que não seria boa coisa. Eles estão suados e sujos. Espera, estão rindo? Mas que inferno de episódio do Além da Imaginação é esse? Levanto-me da cadeira e cruzo os braços.

— O que vocês fizeram? — estou muito irritada agora.

— Resolvemos tudo — Benjamin parece relaxado. — Descobri o defeito dele, bate que nem mulher.

— Repita isso amanhã quando se olhar no espelho — Liam fala, sorrindo, e então seu rosto se contrai pelo machucado no lábio inferior.

— Vocês são dois idiotas. — Abro o congelador, pego dois pacotes de algo congelado e jogo na direção deles. Então, eu sirvo sorvete em duas taças, faço isso com raiva.

— Você é um anjo, irmãzinha — Benjamin vem em minha direção.

— Nem pense em tocar em mim — pego as duas taças e começo a caminhar para a varanda. — Vem, Ed.

— Ei? — O Benjamin para no meio da cozinha. — Amy, sério? Droga, Amy, desculpa. — A voz dele soa sincera, mas eu não quero saber agora. Eles foram longe demais.

— A louça é de vocês, arrumem a cozinha e pensem no que fizeram. — Estou dando uma de mãe aqui? Que se dane, nem me viro para olhá-los. — Edward.

— Não precisa chamar duas vezes. — Ed vem atrás de mim, e sei que ele tem um sorriso estampado no rosto.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO TRINTA E SETE

E como ficam as coisas agora?

— Não devia ficar tão chateada, eles são homens, acabam se entendendo — Ed diz ao vir para a varanda atrás de mim.

— Você quer dizer que são idiotas, não? — eu falo, irritada. Como não ficar com raiva dessa cena absurda?

— Também, uma coisa não exclui a outra. — Oi? Ele acabou de afirmar que os homens são todos uns idiotas?! Viro-me para encará-lo.

— Sério? — questiono, buscando até onde ele vai com isso. De qualquer forma, Ed tem razão, são homens e ele também, logo, vai defendê-los.

— Sério — afirma e começa a comer sua sobremesa com um sorriso no rosto.

— O que é tão engraçado? — Esse riso fácil me intriga.

— Liam — ele diz, sucinto.

— Como assim? — preciso de mais aqui, senhor xerife. Essa informação é muito pobre.

— Sabe que o Jordan sempre roubava as namoradas dele? — Oi? Sério? — O Liam nunca ligou de fato, até a Thai, que virou namorada do Jordan tipo uma “*lovestory*”. — Mas eu pensei que a Betsy era quem namorava o Jordan. — Jordan tinha um estilo cafajeste — Ed ri, como quem se lembra de algo, e olha de soslaio para ver se os rapazes ainda estão ocupados o suficiente para não escutar a conversa. — Eles tinham essa disputa boba, e Liam sempre perdia. Danna brincava que as mulheres preferem os sacanas, mas... — Oi? Gente, Ed acabou de falar sacana? Isso foi realmente estranho.

— Acho que é um estereótipo bobo. — Vou de encontro a essa ideia porque sei o quanto incomoda Liam; ele já me falou isso uma ou duas vezes.

— Pode ser, mas o Jordan confirmou a teoria várias vezes — ele suspira e olha para o lago. — De qualquer forma, Liam gostava mesmo da Thai, e quando ela o trocou e namorou com o Jordan, ele teve seu motivo para ir para faculdade, deixando a corporação e o irmão para trás. — Abro os olhos o máximo que posso. Então foi uma desilusão amorosa? Quem deixa esse homem por uma cópia cafajeste, gente? Que burra!

— Eles brigaram? — eu tinha que perguntar.

— Não, não de fato, sabe?! De qualquer forma, a Thai deixou o Jordan para ir para a faculdade, e ele ficou irado. Foi aí que teve um rolo com a Betsy e depois morreu antes da Thai voltar e eles reatarem. — Ai, Deus! Não tem uma história feliz perdida aí em algum lugar, não?

— Entendo. — Será que entendo mesmo?

— De qualquer forma — ele pondera o que vai dizer —, quer saber, o Liam pode te contar o resto, se você quiser saber. — Oi? Sério que vai me deixar aqui assim? — ele ri.

— Ainda não entendi a piada — sei que soei sarcástica, mas ele me dá um décimo da história e me deixa assim.

— Liam, apaixonado. — Meu queixo cai, e eu não sei o que dizer. — Faz tempo desde que o vi assim. — Sei, e era pela Thai! É a primeira coisa que me vem à cabeça. — Estávamos numa festa de uma amiga da Melissa quando ele a conheceu. — Oi? Não era a Thai? Deus, quantas mulheres mais para eu ouvir as histórias e morrer por dentro? — Bom, chega de histórias, tenho que trabalhar — ele diz, terminando a sobremesa em uma colherada. — Obrigada por tudo e não castigue meu amigo demais, não quando ele tem um coração mole. — Sério? Eu sou a vilã agora?

— Bom trabalho. — O que mais vou dizer?

— Obrigado — ele sorri, tão relaxado que parece remoeçar alguns anos.

Fico na varanda enquanto escuto ele se despedir dos dois brigões na cozinha. Alguns minutos depois nada de barulhos, e eu sei que eles acabaram a “*faxina*”. Apoio-me na balaustrada da varanda e fico olhando o lago e a Lua refletida nele. Tudo parece tão incerto. Saber dos outros amores de Liam me deixou insegura sobre algo que nem me lembrava como era. Espera! Outros amores? Como se eu fosse um deles.

— Ainda muito zangada para falar comigo? — A voz dele soa rouca às minhas costas, e eu me viro num impulso. O lábio machucado dele fica evidente, agora mais inchado. Imagino como deve estar o olho do Ben. Cruzo os braços à frente do peito, e ele se aproxima. — Seu irmão foi tomar um banho, e eu também preciso de um — ele sorri como quem sonda o terreno.

— Seria uma boa ideia — eu falo, e a nota de chateação ainda é clara em minha voz. Ele massageia meus braços e procura meus olhos.

— Se quer me impor mais castigos pode fazer, mas por favor fale alguma coisa. Esse olhar repressor está me matando. — Oi? Pode isso, gente? Eu sou a vilã!

— Não distorça as coisas, vocês dois agiram como idiotas e eu que sou a malvada? — encaro-o, e aqueles olhos incríveis estão lá, derretendo a dureza do meu coração, tão rápido que nem pude notar.

— Você está certa, mas ele...

— Não venha com essa de que ele provocou! — interrompo e me desvencilho dos braços dele.

— Eu ia dizer que ele precisava extravasar. — Ia? Tá bom que ia. — Isso é só pela briga com seu irmão ou envolve a Betsy e a Thai também? — Agora essa! Adivinha, esperto? É por tudo e mais um pouco. Droga! Não quero ser uma mulher ciumenta e patética. Viro-me de costas voltando à balaustrada.

— Devia ter me contado do seu “*amor*”. — A palavra sai amarga. Ele me segura, me colocando de frente a ele.

— Não tem importância agora, é algo do meu passado — ele fala, me olhando como quem procura identificar cada reação.

— Passado que te assombra. — Eu disse isso? Disse. Agora ele me olha com as sobrancelhas erguidas.

— Meu passado não assombra ninguém, nem você — ele diz, sério. — Estou com você e mais ninguém, quer que eu grite isso em praça pública? — Agora vamos dar um show?

— Acho melhor não fazer isso, onde está sua dignidade? — Benjamin fala sorrindo, apoiado na porta da varanda. Ótimo.

— Não sabia que tinha o hábito de escutar conversas alheias — eu o encaro, furiosa.

— Cuidado, Liam, ela é um doce em 99% das vezes, mas no 1% ela é mortal. — Vou matar o Ben. Faço menção de ir em direção a ele, mas Liam me segura no lugar e me olha nos olhos, com aquele ar penetrante que me prende a ele.

— Dá o fora, encenqueiro, estamos tendo uma conversa de adultos aqui — ele diz, e eu vejo Benjamin erguer as mãos em rendição e sair da “*plateia*”.

— Ele está terrível hoje — falo, sentindo minha voz retornar a um tom mais suave.

— Essa história de 1% é mentira, não? — Liam fala sério, mas em segundos um sorriso maravilhoso surge em seus lábios, e então ele os contrai, com uma careta de dor.

— Devia cuidar disso — falo e, num impulso, acaricio a borda dos seus lábios com a ponta dos dedos.

— Depois que você disser que me perdoa e eu puder ir trabalhar tranquilo.

— E como não perdoar?

— Não tem o que perdoar — digo, e ele me abraça pela cintura, colando seu corpo ao meu. Meu coração acelera, indo de algumas batidinhas fracas a um milhão em segundos.

— Tem sim, eu deixei você sozinha um bom tempo na sorveteria e ainda briguei com seu irmão — ele fala com um ar de muito seguro de seus “erros”, então, acaricia meu nariz com o dele num gesto íntimo e desconcertante. Minhas forças estão sendo minadas aqui. — Estou perdoado? — Seguro o rosto dele no lugar e dou um beijo delicado e torto em seus lábios para não machucá-lo.

— Sim — eu falo baixo. — Desde que não surja mais umas mil namoradas do passado. — Ele ergue as sobrancelhas.

— Mil? — ele me dá um selinho. — Eu não tive mil namoradas.

— Espero que não e que também não tenha namorado toda a cidade. — Agora sou o ciúme em pessoa? Bobona.

— Tão ciumenta! — ele me puxa para um abraço, e eu me agarro a ele como uma naufraga a um bote. — Só existe você em meu coração agora, Amanda, e eu vou provar isso. Temos muitos problemas de confiança aqui — Liam diz ao se afastar de mim e apontar para a minha testa.

— Tenho muitos problemas aí — nós dois rimos.

— Eu tenho que ir, preciso dormir logo para sair cedo amanhã — ele me olha com algo como tristeza no olhar. Toda separação é dolorosa, e eu vou ficar sem vê-lo por uns dias. Um pedaço do meu coração está sendo cortado lentamente.

— Eu sei — digo sem soltá-lo.

— Eu queria dormir com você. — Eu ouvi isso? Meus olhos abrem até atingirem o tamanho pratos, e minha garganta seca. — Tenho saudade do dia em você me deixou dormir na sua cama. — Não sei o que dizer, e ele desce

os lábios sobre os meus me beijando. Sei que é meio nojento, ele está machucado, mas que se dane. Não me importo nem um pouco, e ele também não. — Boa noite, namorada, sonhe comigo — ele fala naquela voz perfeita e sai. Ai, Deus! Perdi meu coração e minha alma. E ele quer dormir comigo. Dormir? Sei o que ele quer, mas será que vou conseguir?

Caminho para sala e vejo o Benjamin sentado no sofá. Eu me aproximo e me sento, voltada para ele, com as pernas em cima do assento. Ele esfrega as mãos no rosto, mas não me olha. Agora vamos a mais um problema, e esse parece ser dos grandes.

— Ei, comece a falar — digo isso, e ele se joga em mim, passando por entre minhas pernas e apoiando a cabeça em meu peito. Assusto-me ao ver meu irmão assim, parecendo tão indefeso.

— Não sei o que fazer. — Sobre o quê? Ele me abraça pela cintura, e eu devolvo o abraço acariciando seus cabelos. Em outra época seria eu quem me encolheria em seu colo dessa forma.

— Comece me dizendo o problema. Não posso ajudar se não souber o que é, Ben — falo da forma mais suave que posso.

— Eu estava envolvido com uma modelo, mas você sabe que não gosto de mulheres superficiais. — Sim, eu sei. — Mas ela não era assim, Amy, eu não sei explicar — ele dá um longo suspiro. — O fato é que ela foi embora para uma campanha há uns dias e então me ligou dizendo que está grávida. — Oi? Jesus, me segura que eu parei de raciocinar! Vou ser tia? Esse é o problema.

— Acho que você consegue ser pai, Benjamin — digo, sentindo que o problema não é só esse.

— Esse não é o problema, Amy — ele ergue a cabeça para me olhar e vejo que tem os olhos carregados de dor. — Na última vez em que conversamos, ela me disse que ia abortar. — Deus! Não! — Disse que não podia atrapalhar sua carreira assim.

— Você não pode deixar ela fazer isso, Ben — falo em desespero. Como alguém pode pensar em fazer algo assim? E pela carreira, não, tantas modelos têm seus filhos e voltam à sua forma tão rápido.

— Eu não posso fazer nada, Amy, esse é o problema — ele diz, frustrado. — Perdi o contato com ela e por mais que eu gaste rios de dinheiro, não consigo encontrá-la. — E agora, gente? O que fazer diante disso? Ele me olha desesperado, mas eu sei, e ele, sabe que não tenho a resposta. Agora entendo o que queria quando pediu para dormir aqui, ele queria colo!

— Não sei o que fazer para te ajudar, irmão, eu queria muito, mas... — Ele abaixa a cabeça sobre meu peito novamente e me aperta em um abraço.

— Deixa eu ficar assim, só por um tempo — ele expira. — Estou me sentindo tão perdido. — Eu entendo.

— Você pode ficar o tempo que quiser e mais um tanto — falo, acariciando os cabelos do “*príncipe dos diamantes*”. É assim que os jornais o chamam, o que é apropriado, e fico imaginando o que diriam se o vissem assim, sem o sorriso de costume e tão impotente. — Eu te amo, irmão, e estou aqui com você, sempre — soo segura, e ele me aperta mais.

— Eu também a amo, Amy, obrigada por me ouvir — ele diz isso, e ficamos um tempo em silêncio até que noto que ele pegou no sono, em meu colo, no sofá. Não tenho coragem de acordá-lo e me deixo ficar assim, velando o sono do meu irmão e com a cabeça fervilhando com todas as novidades que ouvi hoje.

Acordo meio atordoadada, com a lembrança vaga de que Benjamin acordou na madrugada e me levou para a minha cama. Espreguiço-me e, depois de lavar o rosto, saio procurando-o, encontrando-o em um dos quartos, deitado,

sem camisa, apenas de cueca, dormindo como uma pedra. Ele deve ter ficado muito estressado para desmaiar assim. Já são mais de nove horas. Hoje não tomarei café com Kevin, mas terei o Ben. Desço as escadas e começo a preparar um café de estrela de cinema, quero mimar meu irmão. Olho na direção da casa de Liam, e meu coração aperta. Não faz nem um dia e já imagino as sensações de passar muito tempo sem ele comigo, sem seu sorriso, sua voz, seu toque.

Arrumo a mesa e, quando estou colocando os detalhes finais, lá está meu irmão lindo, agora de calça moletom, mas descalço e despenteado. É um príncipe mesmo, não importa em que situação. Abro um sorriso de boas-vindas, e ele faz o caminho até mim, me envolvendo em um abraço de urso. Ele beija minha cabeça e então se afasta.

— Obrigada pelo colo, maninha — ele fala, parecendo mais relaxado.

— Sempre que precisar — devolvo e nos sentamos para o café.

— Desculpa por bater em seu namorado e pela cena de ontem — ele fala, depois de algumas mordidas em um sanduiche. — Fui um idiota.

— Eu sei — digo, sorrindo.

— Ele é um cara legal. — Oi? Ele elogiou o Liam?

— Sim, ele é — digo, lançando um olhar curioso.

— E parece gostar muito de você ou eu teria apanhado mais — ele agora alarga o sorriso, e eu não consigo me conter, acompanhando-o em sua demonstração de felicidade espontânea.

— Acho que ele devia ter batido mais — meneio a cabeça de forma negativa.

— Ainda bem que não — ele para de comer e me olha. — Ele gosta mesmo de você. — Eu arqueio a sobrancelha. — E sabe como isso é difícil.

— Ei? — faço cara de chateada.

— Na verdade, você é uma armadilha. — Como? — Fácil de gostar e

difícil de convencer. — Agora eu sou a errada?

— De que lado você está? — eu brinco. — Não esqueça que sou sua irmã.
— Afinal, o que conversaram para ele ficar me dizendo que Liam gosta mesmo de mim?

— Do seu, sempre — ele sorri e termina o café.

Algum tempo depois, o motorista de Benjamin aparece e ele tem que voltar à vida normal. Trabalho é trabalho. Eu me despeço e fico só com meus botões e minhocas na cabeça, que não são poucas.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Desespero

Como nem tudo são flores e sonhos, Liam teve que voltar mais cedo para a base. Essas épocas quentes são um chamariz de incêndios, e tenho que confessar que estando ele lá e eu aqui, só me faz pensar bobagens. Nós dois somos marcados por tragédias ligadas a incêndios. Não falamos muito disso. Nos últimos tempos, temos conversado sobre nossos gostos, nossas preferências e até falamos de signo. Tenho certeza que meus parafusos são soltos, mas Liam existe? Talvez eu seja preconceituosa, machista, sei lá...

De qualquer forma, um homem assim como Liam não é nada menos que romântico. Não sou melosa, mas fico cativada por suas delicadezas. Ele quis saber até a minha cor favorita. Conversamos também sobre as escolhas de profissões. Contei que escolhi a escrita, porque ela me escolheu, e ele que abandonou o direito, embora desse dinheiro, porque queria sentir-se útil. Acho que é mais pela adrenalina e pelo fato de não ter conseguido salvar o irmão. Enfim, cada um com seus fantasmas. Quem sou eu para julgar?

Benjamin foi embora, Liam foi para base e eu fiquei aqui com meus pensamentos a me cutucar. Sei que estou apaixonada, mas ele dizer, Ed falar e até Benjamin concordar, deixou-me nervosa. Não que eu não deseje isso de alma, quem não quer um homem assim apaixonado por você? Além do fato de ele deixar claro que quer dormir comigo. Sei que é um homem adulto e que não iríamos namorar de mão dada, mas... Ok, eu confesso, estou morrendo de medo. Sei que ele não vai me machucar, NÃO é o Fabrício.

Ando pela casa sentindo falta de algo. Dele. Ficamos juntos quase todas as

horas em que ele está aqui, mas quando não está, me causa um vazio enorme no peito. Ainda mais agora que sei que ficará fora por pelo menos uma semana. Conheço Liam há quase três meses, e ele já faz parte da minha vida como minhas necessidades físicas. “*Que absurdo, Amanda!*” Comparação péssima, mas é por isso que não escrevo romances e, sim, suspense, mistério ou qualquer outra coisa.

Decido ir à cidade. Ao centro dela, na verdade, porque ficar aqui sozinha no meio do nada e pensando bobagem, não dá. Até tentei escrever um capítulo do novo livro, mas minha inspiração fugiu de mim. Vou comprar algumas coisas para mim, para casa e para casa de Liam. Senti falta de algumas coisas, tipo coisas de decoração. Espero que ele não se chateie.

Alguns minutos depois eu estou no centro e penso o que farei primeiro. Tem várias lojinhas aqui, e eu entro em cada uma. São lindas e têm muitas coisas interessantes. Compro coisas aleatórias e decido passar na lanchonete para comer algo. Entro e peço uma panqueca doce. Sei que é algo absurdo, já que está perto do almoço, mas estou com vontade. Em pouco tempo meu pedido chega, e eu estou feliz em saboreá-lo. Panqueca com calda de amoras e um copo de chá gelado. Para minha sorte maravilhosa, a minha arqui-inimiga entra na mesma lanchonete. Betsy. Meu interior rosna, mas tento manter um ar impassível. Ela faz contato visual e vem em minha direção.

— Hum, vejo que está fazendo um enxoval! Então pretende ficar? — Finjo ignorá-la. — Ah, querida, não se iluda. Liam sempre amou a Thai, ele foi embora por ela ter ficado com o irmão, mas depois que o Jordan morreu eles reataram e terminaram, mas logo voltam a ficar de novo. — Espera, essa parte Edward não me contou. — Você não sabia? — ela me encara fingindo

surpresa. — Coitadinha. — A raiva sobe em meu rosto, e eu estou prestes a jogar o chá nela quando a televisão prende minha atenção.

“O incêndio se propaga de forma feroz, chegando próximo à base central dos bombeiros. A situação é difícil, e eles perderam sistemas importantes já que a rede elétrica foi danificada. Estão sem telefone, sem rádio e o motor de resfriamento da base não consegue trabalhar direito. Temos informações de que um grupo está fora da base, cercado pelo fogo, resistindo bravamente. Vamos às imagens aéreas com Daiene Cross. Daiene, o que me diz?”

A imagem corta para a área de cima da floresta, e eu vejo as labaredas lambendo tudo à sua volta. Começo a suar e sei que daqui para hiperventilar é só um segundo. Meu corpo todo treme com a expectativa, e o desespero toma conta de mim. Não consigo identificar muita coisa, tudo está embaçado e a voz de uma mulher surge com dificuldade.

“Tom, eu não posso dizer muita coisa. Não conseguimos nos aproximar e já recebemos ordem de recuar... Espera, acabamos de receber um pedido de ajuda do corpo de bombeiros. Eles tiveram baixas recentes e agora parece que a equipe cinco está presa no fogo. Daqui de cima vejo alguns homens cercados e, apesar de toda a experiência, não sei como vão se salvar. Fomos informados de que o chefe da equipe está lá com eles, que ele tem muitas habilidades e que nunca perdeu um de seu grupo. Vamos esperar que a sorte esteja a favor deles, precisamos desligar agora porque iremos ceder o helicóptero para ajudar no resgate. É com você, Tom, e rezem por nossos homens.”

Ela encerra a transmissão, e todos nós estamos boquiabertos. Eu mal consigo raciocinar. Respiro com dificuldade, e meus pulmões ardem como se eu estivesse no incêndio. Forço minha mente e não sei o que pensar. Qual a equipe de Liam? Não lembro, não sei nem se ele já me disse. Meu coração está tão apertado que sinto uma dor lancinante em meu peito. Deus, por

favor, quanto mais tenho que perder? Minha visão turva.

— Amanda? — escuto uma voz ao longe, antes de sentir meus joelhos falharem e ouvir um baque surdo...

Acordo com uma dor de cabeça terrível. Tento me erguer e percebo que estou num sofá duro, em um lugar que não me é estranho. A delegacia?

— Oi — a voz vacilante vem de Ed. — Você nos assustou.

— O que aconteceu? — pergunto com uma voz que não reconheço como minha.

— Você caiu que nem fruta madura. — Betsy? Eu a encaro com raiva e sei que o sangue voltou às minhas faces.

— Você teve uma queda de pressão — Ed fala e vejo que Eric está aqui também.

— Liam? — indago, mas todos me olham estranho.

— Não temos notícias, Amanda, eles estão incomunicáveis, nem mesmo os telefones por satélite estão funcionando — ele me diz e, mesmo tentando disfarçar, parece tão frustrado como eu. Forço-me a sentar.

— Eu vou para casa. — Penso que lá posso fazer algo, mas o quê?

— Eu levo você — Ed levanta.

— Não, eu vim de carro — começo a me forçar a ficar de pé.

— Nem pense nisso, se Liam souber que você foi para casa sozinha, eu é que serei queimado vivo. — Assim que diz isso, ele percebe o peso de suas palavras. — Desculpe, fui infeliz em minha colocação, eu só...

— Tudo bem, Ed, ele é seu amigo, você está nervoso — Betsy fala e parece a única coisa inteligente que sai de sua boca.

— Vou voltar para o hospital, Ed, podem precisar de mim lá, mesmo não

sendo meu dia — Eric fala e sai com um ar pesado.

— Vem, Amanda — Ed dedica sua atenção a mim.

— Suas sacolas — Betsy me entrega as sacolas, e eu percebo que ela não tem mais aquele ar de malícia venenosa. Ela está realmente preocupada, talvez goste mesmo do Liam.

— Obrigada — eu falo, pegando tudo e vou com o Ed até o carro. — Não paguei a conta.

— Tudo bem, Andy não vai mandar prendê-la por isso, você acerta depois — ele desconversa e seguimos em silêncio até em casa.

Assim que chego, Ed me ajuda a colocar as sacolas em casa, e eu entro me sentindo meio dormente. Vou direto à cozinha e bebo água como se acabasse de voltar do deserto, então, retorno para ver Edward me olhando como se esperasse que eu tivesse um ataque de pânico. Não vou ter, preciso esfriar a cabeça e pensar em como agir agora.

— Notícias ruins veem rápido, Amanda. — Claro, eu penso. Se fosse algo de ruim já saberíamos.

— Eu sei — só consigo dizer isso.

— Você vai ficar bem? — ele me olha preocupado. Mexo a cabeça em afirmativa. — Aqui — ele me estende um papel com anotações. — São todos os meus números, qualquer coisa me ligue. Qualquer coisa mesmo — ele espera que eu olhe e só então sai.

Fico só com meus pensamentos e fantasmas. Deus não me daria um presente como Liam para me tirar em seguida, não é? De repente, não me importo com quem ele teve algo, se brigou com Benjamin. Nada disso me interessa, nem mesmo os “*vale a pena ver de novo*” que teve com a Thai. Eu o quero aqui, agora. Meu coração acelera novamente e bate com força contra meus ossos. Quanto mais sofrimento está reservado para mim no livro da vida? Não aguento tanto.

Fico nesse processo por longas horas e ligo a televisão. O tempo passa de forma surpreendente, e eu não consigo me desvencilhar dessa espiral de emoções na qual vou da esperança ao total desespero por diversas vezes. São quase uma da manhã quando me levanto para comer algo e beber um café. Não quero dormir, e ficar sem notícias dessa forma é terrível. Forço-me a engolir algo porque preciso de forças para ficar de pé. Ainda estou exausta, e o café não faz o efeito esperado. Tomo um banho frio, da cabeça aos pés, e, apesar da hora, sinto o calor como se estivesse conectada ao fogo. Meu corpo queima, minha garganta está seca e meus olhos ardem. Eu visto short e uma camiseta.

Assim que volto para a sala ligo seguidas vezes para o telefone de Liam e então me dou conta de que não adianta, mas só a ação de apertar os botões me faz sentir um conforto absurdo que só as pessoas nessa situação entendem. Como se a esperança, de que ele de repente atenda, fosse maior do que qualquer coisa. Eu ligo umas mil vezes, então, jogo o telefone na parede e ele se destroça. Estou com raiva do mundo, de tudo. São quase seis da manhã quando olho o relógio novamente. Quase um dia sem notícias e as emissoras só mostram avanços do fogo. Equipes de outras regiões vieram para ajudar a conter o incêndio que, ao que parece, não foi apenas uma combustão espontânea. Atividades ilegais com inflamáveis escondidos na floresta contribuíram para a dimensão do incêndio. Não posso perdê-lo. Vou até a varanda e me sento na poltrona com uma caneca de café na mão. Não posso dormir. Fico lá sentada, olhando em direção à casa de Liam, porque eu espero sinceramente que só com a minha vontade ele se materialize na minha frente.

As horas passam e eu me sinto letárgica. Já parei de conferir o relógio há um tempo. De repente, identifico alguns pontos escuros saindo do meio das árvores, próximo à trilha que eu e Liam seguimos quando procuramos Meg. Meu coração dá um salto, e eu fico de pé. Olho, apertando as vistas, mas não identifico quem é. Na verdade, não importa, porque preciso que seja Liam e então eu começo a correr feito uma maluca na direção desses pontos e cada vez que me aproximo alguns metros percebo os detalhes, são homens, as roupas, não sei se são bombeiros ou pessoas que estavam acampando, um grupo deles. Corro mais, e meu coração bate tão forte que minha cabeça dói. Mal sinto meus pés tocarem o chão. Apenas corro, voo na direção deles como se minha vida dependesse disso, e só consigo me lembrar de quando corri para salvar a vida da Liz e falhei... Não me deixe falhar, Deus. Se alguma vez eu puder pedir algo na vida, que seja para Liam viver, mesmo que ele fique com a Thai, com a Betsy, com quem inferno quer que seja, apenas deixe-o viver.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Por você

Corro desesperada na direção deles e, conforme me aproximo, noto que é um grupo de cinco ou seis homens. Na verdade são cinco. Dois deles trazem algo parecido com uma maca e tem alguém deitado nela. Agora que estou mais perto posso vê-los. É sim um grupo de bombeiros, e o homem que vem na frente é o Marcus. Está sem capacete e com o casaco aberto, parece exausto. Ao lado dele eu identifico Antony, e um dos homens carregando a maca é Andrew. Liam me falou dele algumas vezes, casado, com três filhos. Não consigo ver quem está na maca e quem está segurando a outra ponta. O meu coração dá um salto e, embora eu saiba que é egoísmo, desejo que a pessoa na maca seja qualquer um menos o Liam.

Minha cabeça lateja, e meus olhos estão secos, por incrível que pareça. Do jeito que sou, era de se esperar que estivesse me debulhando em lágrimas, mas, não, estou como que num limbo. Contendo minhas emoções até o último segundo como se a vida de Liam dependesse disso. Eles me veem e param; o homem que segura a maca na parte de trás abaixa-a e a coloca no chão. Andrew faz o mesmo e ficam me olhando como se eu fosse uma visão no deserto. Finalmente vejo os dois últimos homens e, que Deus me perdoe, mas obrigada pelo homem da maca não ser o Liam. É Joe, outro pai de família, mas agora nada disso me importa. A única coisa que me interessa é Liam, de pé, ainda de capacete e com o casaco amarrado na cintura. Sua camiseta branca está completamente suja, seus braços cheios de marcas e arranhões.

Eu o escaneio dos pés à cabeça em um segundo. Então meus olhos se encontram com os dele, e meu coração para. Tudo à minha volta parece parar e estamos num mundo só nosso. Jogo-me contra ele sem pensar em nada, envolvo meus braços em torno de seu pescoço e o enlaço pela cintura com minhas pernas. Nossos corações batem contra nossos peitos num ritmo frenético e, sem dizer nada colo minha boca à dele num beijo voraz, como se dependêssemos disso para respirar. Não sei quanto tempo ficamos assim, mas uma voz me traz de volta ao mundo real.

— Ei, encontrem um quarto, eu estou com dor. — Liam ri do comentário, com os lábios ainda junto aos meus, e então afasta o rosto para me olhar.

— Oi, lutadora. — Eu não sorrio, não digo nada, nem sequer consigo respirar. Minhas mãos estão apoiadas, tão presas nos ombros dele, que com mais um pouco de força e eu atravessaria a sua carne com os dedos. — Estou bem, veja, estou aqui com você. — A voz dele é gentil, e eu aperto minhas pernas em torno dele para ter certeza. Seu rosto faz uma careta. Dor? Desço do colo dele depressa.

— Desculpe, eu o machuquei — falo, entre constrangida e nervosa.

— E eu? Não ganho um abraço? — Antony pergunta, sorrindo.

— Nem pense em encostar suas mãos nela — Liam rosna, e ele tem um olhar estranho.

— Ok, já chega, Andrew também quer falar com a esposa dele, e a do Joe precisa saber que a princesa aí torceu o pezinho — Marcus muda de assunto com aquele sorriso de sempre nos lábios.

— Marcus tem razão — Liam passa as mãos nos cabelos. — Vamos priorizar — ele se volta para mim. — Podemos usar seu telefone? — eu faço um gesto afirmativo com a cabeça, e todos me seguem até em casa.

Eles põem Joe no sofá, tomando cuidado com sua perna, e Andrew pede água para dar a ele primeiro. Liam então pega o telefone e faz ligações

intermináveis. Antony começa a atacar a minha geladeira, e eu vou até ele para ajudar a achar as coisas. Em pouco tempo tenho sanduiches preparados, suco, muitas frutas sobre a mesa, iogurte, um bolo que fiz ontem cedo e alguns doces. Eles comem como se nunca tivessem visto comida antes. Finalmente dou um sorriso.

— Você fica linda assim — Liam fala em meu ouvido assim que desliga o telefone.

— Ela fica linda sempre, e ainda sabe cozinhar — Antony provoca.

— Acho que você quer voltar para o fogo — Liam fala, estreitando os olhos.

— Calma, chefe — Antony dá um sorriso amarelo.

— Deixa a mulher do cara em paz, novato — Joe interfere.

— Tudo bem, eu não ligo — tento apaziguar. Imagino que a adrenalina deles ainda esteja em alta.

— Mas o chefe liga, ele é muito ciumento quando está apaixonado — Marcus afirma, e todos eles riem, menos Liam.

— Já chega! — Andrew fala, tentando conter o riso. — Estamos todos com inveja, Amanda, principalmente o Marcus e o Antony que não têm ninguém esperando por eles.

— Eu tenho a Pups — Antony se defende.

— Uma cadela — Marcus desdenha, fazendo um barulho engraçado com os lábios.

— Já chega de encher minha namorada, vocês sujaram a casa dela, comeram toda a sua comida e agora ainda vão lhe dar uma dor de cabeça? — ele diz, mas está rindo. — Eric está mandando um carro para buscar Joe e já deve ter avisado sua esposa — ele fala, olhando para o rapaz no sofá. — Andrew, você pode ir ver sua família agora, que também já deve ter sido avisada sobre você e...

— Os nossos carros estão na base — Marcus fala, frustrado.

— Droga, eu esqueci — Liam franze a testa.

— Peguem o meu — todos eles me olham. — Ah, qual é?! Vão dizer que não dirigem carro de mulher? — eu os encaro de volta, pondo as mãos na cintura.

— Moça, eu visto até uma roupa sua se isso me fizer encontrar a minha Julie — Andrew fala de um jeito que me faz rir. Jogo as chaves para ele.

— Antony, você dá o relatório, e Marcus você fica com os suprimentos. — Relatório? Suprimentos? O que é isso? — Nós temos de duas a três horas até que a equipe que chegou do sul precise de reforços. A equipe cinco ainda está na ativa, então, se apressem. Os rapazes consentem, saem e eu fico olhando Liam em pé na minha sala, completamente atônita.

— Preciso de um banho, você vem comigo? — Oi? Tomar banho com você? — Até a minha casa — ele explica ao ver a minha face perder a cor.

— Claro — tenho muitas perguntas para fazer, muitos detalhes para entender, mas a cara dele de exausto me faz esperar. De banho tomado estará mais relaxado. Afinal, ele merece esse banho, não sei como conseguiu, mas atravessou o inferno e está aqui agora, na minha frente, vivo. O resto pode esperar...

Estou em pé na sala dele quando Liam retorna do chuveiro. Cabelo ainda molhado, camiseta e calça jeans, os pés descalços. Lembro-me da primeira vez em que o vi assim. Ele vem devagar até mim e tem uma caixinha na mão. Kit de primeiros socorros.

— Me ajuda? — Inclino a cabeça de lado e pego a caixinha. Ele senta no sofá à minha frente. Começo a passar antisséptico nos arranhões, depois uma

pomada nos hematomas que vejo. — Ei? — ele ergue meu queixo para eu olhá-lo. — Respire, Amanda, eu estou aqui, de verdade, isso não foi nada. — Não foi nada? Todo meu resto de autocontrole se esvai.

— Não foi nada! — grito, jogando a caixinha de lado e ficando de pé. — Foi um inferno, Liam, ficar aqui, sem saber de nada — eu finalmente sinto meus olhos se encherem de lágrimas. — Vê-los quase noticiarem sua morte na televisão — eu o encaro transtornada. — Sabe o que é isso? Essa sensação de impotência? E agora você diz que não é nada, estando todo arrebitado desse jeito e prestes a voltar para lá — paro de falar, ofegante. — Não aguento isso, eu... — viro-me, vou em direção à porta e, no mesmo instante, ele me puxa de volta pela mão.

Caio sentada em cima dele, uma perna de cada lado do seu quadril. Nossas faces estão a milímetros de distância agora, e eu posso sentir o odor maravilhoso que ele exala. Fico completamente perdida em seus olhos, muda. Liam ergue uma mão e enxuga minhas lágrimas, acariciando meu rosto de forma tão delicada que tenho que conter a respiração para não perder o momento.

— Foi um inferno lá, você tem razão. Pensei que não veria você de novo — ele fala e sua voz é rouca, tensa. — E o inesperado aconteceu, o que chamamos de fogo amigo — ele fecha os olhos, expirando com força, e então sorri. Faço cara de confusa.

— Fogo amigo? — Mas que loucura é essa agora?

— O fogo nos levou para a saída. Uma caverna na qual eu e Jordan teimávamos em brincar quando crianças e meu pai detestava — ele me puxa pela nuca, colando minha testa à dele, e fecha os olhos novamente. — Ela cobre o subsolo de quase toda a região. Foi difícil no início, fiquei meio perdido e Joe machucou o pé, mas eu só pensava em uma coisa, Amanda... — ele abre aquelas esferas magníficas. Tê-las voltadas para mim é como se

lessem minha alma. — Voltar para você, por você.

Não quero saber de mais nada nem ouvir qualquer outra explicação. E precisa? Por Deus, não! Esse homem à minha frente, que venceu todas as minhas barreiras, que veio para mim, lutou com um inferno daqueles e me diz que em todo o tempo ele apenas pensou em mim! O que mais no mundo inteiro eu posso querer? Beijo-o e dessa vez ele responde na mesma intensidade que eu. O nosso beijo toma proporções épicas, que não consigo me refrear; não quero refrear. E quando me dou conta, estou arrancando a camisa dele e paro assim que vejo um hematoma enorme.

— Você pode ter quebrado uma costela — eu o olho e sei que o medo está claro em meus olhos.

— Não, eu nunca estive tão bem — ele diz, sorrindo suavemente, e me puxa.

— Não quero te machucar — tento resistir.

— Você me machuca mais se me afastar — ele me olha nos olhos, e eu vejo súplica. Não precisa suplicar, não por mim.

— Eu não vou. — Volto a beijá-lo e nossas carícias ficam mais atrevidas. Nossas mãos passeiam por nossos corpos e, quando me dou conta, estou deitada de costas no sofá com o Liam sobre mim, entre minhas pernas. Sem camisa, o corpo colado ao meu, e eu sinto seu calor.

A intensidade das sensações é tamanha que não consigo raciocinar nada; tudo é apenas tato e olfato, até a minha visão está nublada. Ele tira minha blusa lentamente, me olhando fixo como se esperasse que a qualquer momento eu fosse fugir como uma louca. Não, não vou. Eu sei que ele vai ter que voltar para lá logo, assim como sei que não posso impedi-lo, e a possibilidade que essa seja uma última vez para nós torna as coisas mais difíceis e ao mesmo tempo abre um leque de possibilidades. Não quero me arrepender de ter perdido esse momento. Todo o meu corpo está repleto de

uma eletricidade que parece percorrer minhas veias. Esse homem tocou minha alma de formas que nunca pensei serem possíveis, me deu tempo e me fez ter o desejo pela vida, que eu havia enterrado em mim. Deus, todas as minhas barreiras foram completamente destruídas, e a única coisa que quero agora é o Liam, não importa como, nem que seja uma única vez. Deixo-me levar por minhas emoções, me entrego a esse turbilhão de desejo, e lágrimas escorrem por minha face, mas um sorriso se forma em meu rosto. Eu finalmente entendo como é estar apaixonada, quando é real, quando é... amor.

Depois de ter você

Meu corpo todo está formigando com aquela sensação de câimbra, mas de uma forma gostosa. Não sei descrever, só quem sentiu isso sabe entender. Estamos aconchegados no sofá e não sei por quanto tempo. Liam está apenas de calça, e eu estou com minhas roupas íntimas e com a camisa dele. Tem o cheiro dele. Estou de olhos fechados, deitada de barriga para cima e ele de lado, com as costas coladas ao encosto do sofá, uma mão apoiando sua cabeça e a outra sobre a minha cintura. Sei cada detalhe do corpo dele, sinto sua respiração e, em cada lugar que a pele dele toca a minha, é como se um arrepio passasse por mim, de forma que são vários, numa espiral louca e constante. Acho que é isso que querem dizer quando dizem que as almas se tocam. As nossas estão coladas agora. Quero eternizar esse momento, e me ache tola quem assim preferir, mas acabei de fazer amor com um homem perfeito; perfeito para mim.

— Está começando a me assustar — Liam sussurra em meu ouvido. — Diga algo, por favor — a voz dele reverbera em minha mente e me arrepio. Abro os olhos e viro para vê-lo. A posição dele é exatamente a que descrevi. Meus lábios se abrem num sorriso que sei que é bobo.

— Oi — não sei o que dizer. Ele sorri de volta, mas me olha desconfiado.

— Oi, estranha — Liam sobe a mão da minha cintura acariciando minha face. — Como se sente? — Oi? Não quer que eu descreva tudo, não é?

— Bem — eu sussurro e aperto meus lábios entre os dentes. Ele os puxa para que eu relaxe.

— Não fique nervosa, não vou te interrogar — ele sorri, me beija de um jeito doce e eu apoio minhas mãos em seu peito. Nos afastamos novamente.

— Sem interrogatórios — falo e devolvo o afago, enterrando meus dedos em seus cabelos. Ele me puxa num abraço.

— Queria ficar aqui para sempre — ele diz, numa voz sofrida.

— Então fique — devolvo, mas sei que ele não pode.

— Não posso, há muitas pessoas precisando de mim lá — ele beija minha cabeça, minha testa, meus olhos e distribui diversos beijos por meu rosto e então segura minha mão e beija a palma.

— Eu preciso de você aqui — engulo em seco. Estou feliz, estou nervosa, estou extasiada, estou com medo, estou um montão de coisas e sensações e...

— Essa é a melhor declaração que ouvi. — Oi? Declaração? Espera! Teve outras? Não quero saber disso.

— Convencido, você — digo, me desvencilhando do abraço.

— Ei, ciumenta, não comece agora, eu fiz uma péssima colocação, só isso — ele me aperta e me olha nos olhos. — Só existe você para mim. Depois de ter você não existe mais ninguém para mim, Amanda. Sei que na sua cabecinha com certeza homens não dizem essas coisas, mas é assim que eu me sinto e quero que saiba por que... — ponho um dedo em seus lábios para que ele pare de falar.

— Não termine essa outra péssima colocação. — Ele ergue as sobrancelhas e faz menção de falar. — Não, Liam, qualquer coisa que você queira me dizer, melhor fazer quando voltar — ele beija meu dedo e então expira como quem está contrariado.

— Temos poucos minutos até que o idiota do Antony volte aqui — ele fala, e eu sorrio da forma “*carinhosa*” como ele descreve o amigo.

— Ele não é tão mau — digo, sentando-me. Ele me segue e estamos agora de pé. Liam me puxa pela cintura.

— Não é tão mau? — ele estreita o olhar. — O que isso significa exatamente?

— Significa que você é um bobo se tem ciúme do Antony, ele é último em quem deveria pensar algo desse tipo — ele segura meu queixo entre os dedos.

— E quem seria o primeiro? — Sêrio? Ciúme? Ai, Liam, nem vem, você que é o gato aqui.

— Deixe de bobagens agora, Liam, temos mais algum tempo até você voltar para aquela fogueira e eu ter que ficar aqui, tendo infartos infinitos. — Afasto-me dele e ponho as mãos na cintura. — Agora pare de bobagens e termine de se vestir que vou preparar mais algumas coisas para você comer e algo para você levar — ele sorri.

— Você está com parte da minha roupa. — Coro. Ele tem razão.

— Muito bem — tiro a blusa meio sem jeito e ele se aproxima, me ajudando, me beija e lá vamos nós de novo.

Mais um momento a dois, mas, dessa vez, é intenso de uma forma voraz e desesperada como se não tivéssemos tempo. Na verdade, não temos... Depois disso, Liam volta para o chuveiro, e eu faço algo para ele comer com as coisas que encontro na cozinha. Antes de ele voltar, eu tenho que fazer algumas compras, afinal, um homem desse tamanho não pode viver de brisa e pizza. Eu o sinto me abraçar pelas costas e beijar meu pescoço. Ele tem um cheiro incrível, seja chamuscado, seja de banho tomado. Viro o rosto e deposito um beijo em seus lábios. Ele então franze o cenho.

— Não usamos camisinha. — Droga!

— Não — eu falo de forma quase inaudível.

— Não precisa se preocupar com doenças da minha parte — ele diz, numa tentativa de ser engraçado, mas sei ao que ele se refere.

— Não estou em período fértil. — É a primeira coisa que me vem à cabeça, já que não sei como explicar para ele que as probabilidades de que eu

tenha ficado estéril são mais de noventa e nove por cento. Como vou dizer isso? Ainda mais agora? E, afinal, ele não quer um filho, nós mal começamos a namorar e eu não quero isso. Não estou preparada para uma família, não agora e talvez nunca.

— E você conta isso? — ele ergue as sobrancelhas e aponta para minha têmpora. — Tem um monte de caraminholas passando aí, não?

— Sabe que você é mestre em assuntos constrangedores? — desvio o olhar, e ele beija minha têmpora, no local para onde antes apontou.

— Desculpa, eu estou nervoso. — Oi? Nervoso? Gente, eu sou o Nate do RH aqui!

— Sem motivo — falo e, quando vou olhá-lo, dou de cara com o Ed em pé na porta.

— Eu só consegui vir agora — ele diz, mas parece que preferiu nos dar esse tempo.

— O que importa é que veio — Liam vai até ele e se abraçam.

— Quantas vidas você tem? — Ed brinca.

— Eu espero que infinitas, já que ele precisa retornar para lá logo — fico séria.

— Vai voltar? — Ed se surpreende.

— Eu preciso — Liam responde.

— Entendo — Ed suspira.

— Agora comida — digo, pondo à mesa. — Servido, Ed? — olho para o xerife, com cara de preocupado pelo amigo e ele me sorri.

— Ele é o primeiro? — Liam pergunta.

— Eu? Primeiro o quê? — coro até os dedos do pé.

— Liam! — faço cara de brava. — Se insistir nesse assunto eu bato em você com o taco de beisebol que tenho em casa.

— O mesmo que Meg tentou matar o Ed? — ele começa a rir e eu bato

nele com o pano de prato.

— Cuidado, se ela tem um terço da força da amiga, você com certeza vai morrer com a batida — Ed entra na brincadeira.

— Ótimo, seus bobões, agora comam para ocupar a boca com algo que vale a pena — falo, rindo.

E logo estamos conversando bobagens e comendo. Ouvimos um barulho de carro lá fora, Antony, Marcus e Andrew entram na casa. Se juntam a nós e contam como foram seus acertos, dão notícias de Joe, que passa bem, apenas com um pé imobilizado e o ego ferido por não ter podido voltar à ativa. Estamos todos sorrindo e eles trocam brincadeiras entre eles. O tempo passa rápido e logo eles têm que ir.

— Eu vou voltar — Liam diz, abraçado a mim.

— Espero que sim, ou eu irei buscá-lo — murmuro e não sei de onde tirei essa coragem para dizer algo assim. Do amor?

— Você faria isso? — ele me fita, surpreso.

— Não tenha dúvidas — é Ed quem fala e eu sorrio para ele.

— Anda, chefe, deixa que o xerife cuida da sua garota — Antony grita do carro.

— Antony cuidaria, se não tivesse que ir — Marcus provoca.

— Parem de falar da minha *garota* — Liam enfatiza a palavra garota, como se eu fosse uma adolescente. — Ou melhor, nem sequer olhem para ela.

— Ed está sorrindo para ela — até o Andrew participa da provocação.

— É melhor eu ir antes que me tirem do sério — ele diz e no meio do caminho vira para mim soltando um beijo no ar. e então, faz um gesto para Ed como quem diz que está de olho nele. Ed sorri e quando estão na estrada ele olha para mim.

— É mesmo um bobão — torço os lábios.

— Falando mal do seu amigo depois de quase chorar agarrado a ele? — provoco.

— Não me lembro desse fato — ele faz cara de inocente, então, sorri abertamente e vai embora.

Volto para casa voando e procuro meu celular para lembrar que ele foi espatifado pelo meu desespero. Tenho que comprar outro. Subo a escada correndo e tomo um banho, lembrando dos momentos entre mim e Liam. Como fiquei tanto tempo sem isso? Penso, me referindo ao amor, porque o resto eu tive até mais que o necessário na vida adolescente maluca que levava. O Liam é uma benção de Deus em minha vida e não posso conceber o tamanho da minha felicidade e gratidão por ter essa chance de ser feliz. Desço a escada e pego meu chip, em meio aos destroços, e a chave do meu carro, que Antony me devolveu. Eles conseguiram um carro para irem de volta até a base, e eu agora vou ao centro comprar um celular novo. Preciso contar para Meg tudo que me aconteceu. Ela vai pirar!

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Esqueletos sempre surgem em armários velhos

Chego no centro e corro as lojas atrás de um celular. Não tem um que eu goste. São modelos velhos e quando finalmente escolho um, o chip está ruim. Na minha explosão de raiva devo tê-lo estragado. Ótimo! Faço pedido de um modelo que, segundo o rapaz, irá chegar em uma semana. Uma semana? Me lembro que vai chegar quase no meu aniversário. Até lá vou ter que me contentar em ficar com o fixo pendurado na orelha e sem sair de casa esperando notícias de Liam. Assim que chego em casa, o telefone toca.

— Alô! — atendo ansiosa.

— Oi, filha! — minha mãe. Pensei que fosse o Liam ou a Meg.

— Oi — sussurro.

— Desapontada? — Não quero que ela pense que não gosto que me ligue.

— Não, desculpa, é que aconteceram umas coisas — digo, mas não vou entrar em detalhes com minha mãe.

— Você está bem? — a voz dela é preocupada.

— Não, estou ótima. — Ah, se estou!

— Que bom, querida, nossa última conversa ficou estranha e...

— O papai chegou e você não falou mais nada. — Ela ia dizer algo sobre eu não entender. Entender o quê? Que meu pai nunca gostou de mim?

— Querida, eu preciso muito ter essa conversa com você, mas preciso que seja pessoalmente. — Oi? Que conversa, Deus? — Você pode vir pra cá por um ou dois dias? — Uma conversa de dias?

— Mãe, estou ficando preocupada. — Sou sincera. Afinal, o que pode ser assim tão grave?

— Não fique, você vai entender muitas coisas. — Quero entender essas “*coisas*”? Acho que não.

— Eu... — Liam está combatendo o fogo, e eu queimando aqui. Talvez esses dias e esses problemas me façam pensar em outra coisa que não seja Liam no meio das chamas.

— Você pode me retornar mais tarde e confirmar, querida — ela interrompe meus devaneios e sua voz é uma súplica suave.

— Certo, eu ligo logo, mãe. — Realmente preciso desse tempo para que meu cérebro funcione direito. Vou da felicidade plena à eminência de uma tragédia em segundos. Quantas mais eu posso ter?

Estou ansiosa; não consigo falar com a Meg, Liam ainda não entrou em contato e tem essa história com a minha mãe. Entrego-me à escrita para descarregar minhas frustrações e conflitos. Em horas eu escrevo o que seria bom para meses. Em quantidade, não estou muito certa sobre a qualidade, e então envio para André, esperando que me ligue aos gritos, seja de felicidade ou de repúdio total. Levanto-me, espreguiço-me e vou até a cozinha comer um sanduiche. Meu telefone toca, e eu atendo com o coração aos saltos. Deus! Vai ser assim até ele voltar? Essa de ter um namorado em uma profissão maluca, não está me fazendo bem. O quê? Tá louca, eu sou a mulher mais feliz e com o coração mais saudável do mundo. Depois de tudo que passei, com certeza não morrerei de problemas cardíacos.

— Alô?

— Amanda? É o Ed. — Ed? — Bom, eu tinha que ligar para dizer que eles conseguiram reestabelecer um contato, mas não é bem um telefone. Eles têm um rádio.

— Rádio? — E agora? Vou cancelar o telefone e comprar uma estação

inteira. Eita, exagero.

— Sim. — Ed tosse um pouco, estará doente? — Eles vão fazer um novo contato ao fim da tarde; se quiser pode vir e falar com ele, porém, acho que será uma confusão porque todas as mulheres, namoradas e afins estarão aqui.

— Eu vou estar aí — digo, certa de que não importa quem vai estar lá, eu estarei colada nem que seja para ouvir um A de Liam.

— Muito bem. — Ele tosse de novo.

— Está doente? — pergunto, preocupada.

— Não é nada, só uma tosse boba — ele parece sorrir. — Até mais tarde, então.

— Até — desligo o telefone preocupada e logo ele toca de novo, me dando um susto terrível. Apesar disso, sei que não é o Liam.

— Alô? — Meg? Mãe?

— Amy, mas que inferno. Onde está a droga do seu celular? — Benjamin.

— Calma aí, demolidor. — Eu hein! — Quem morreu?

— Deus, Amy, pensei que tinha acontecido algo com você. — A voz dele exprime seu nervosismo.

— Eu estou bem, muito bem, meu celular quebrou e só terei outro em uma semana — explico.

— No seu aniversário?

— Provavelmente.

— Eu soube que você vem pra cá, é verdade? — Oi? Soube? Como?

— A mamãe me ligou, mas ainda não confirmei.

— Eu posso mandar alguém te buscar, é uma viagem longa e você não deve dirigir tanto — ele me interrompe.

— Dirigir tanto ou dirigir bem? Sei que acha que não sei dirigir, mas eu fiz isso até hoje e sou plenamente capaz. — Benjamin tem umas ideias

idiotas às vezes.

— Vai ser melhor, uma viagem mais tranquila — ele agora fala com uma voz mais suave.

— Eu te ligo à noite para confirmar. — Só depois que falar com Liam. — E, Ben, você sabe da Meg?

— Está aterrorizando a vida de alguém por aí — ele diz, muito seguro, e, conhecendo minha amiga, tenho certeza disso. Nós dois rimos.

— Sério, ela está muito silenciosa — falo, preocupada.

— Fique tranquila, estou de olho nela. — Oi? Como assim?

— De olho? — Isso me cheira a problemas maiores do que posso imaginar.

— Não pense bobagem, Amy, agora tenho que trabalhar. Te amo — ele fala e eu sorrio para mim.

— Te amo também, seu bocó.

— Chata.

Depois das trocas de carinhos nós desligamos, e eu ligo para Meg. Hoje é o dia de aumentar a conta do telefone. Ela não atende, dá caixa postal. Estou preocupada, mas o fato de o Benjamin dizer que está de olho significa algo. Ele sempre cuidou dela e a livrou de um milhão de encrencas, não entendo muito bem a relação deles e já passei um bom tempo querendo que ficassem juntos, mas nunca aconteceu. Agora eu fico dividida porque não sei se Meg ama mesmo o Benjamin como homem, ou se é outra coisa. Minha cabeça está dando um nó. Entrego-me a outras atividades e logo o fim da tarde chega. Fiquei preocupada com o Ed, então preparo um lanche para ele e saio em direção ao encontro com o “*rádio*”.

Chego à delegacia apreensiva; Entro e já tem vozes femininas lá dentro. A mulher do Andrew está aqui, e a Thai também. Sinto-me incomodada por ela, mas, afinal, é amiga deles, há outras mulheres aqui, e Betsy, claro, também

veio. Entro, me sentindo deslocada. e Ed sorri para mim.

— Oi, Amanda — ele vem em minha direção.

— Oi, eu fiz isso para você — ele pega o pacote e abre um sorriso maior.

— Seduzindo o xerife, Amanda? Vai dizer que quer prioridade no rádio?

— Betsy. Deus, me dê paciência. Ignoro essa alfinetada.

— Obrigada, não precisava se preocupar — ele tem cara de doente, e eu me pergunto: quem será que cuida dele?

— Não foi nada, eu gosto de cozinhar — sorrio, atenciosa.

— E eu gosto de comer as coisas que você cozinha — ele devolve o cumprimento com um olhar de cumplicidade.

— Deixa só ver se o Liam vai gostar disso — Betsy, a bruxa.

— Já chega, Betsy, ou eu vou pedir para você esperar lá fora — Ed corta.

— Ok, policial — ela fala, se fingindo de comportada.

Em pouco tempo a ansiedade cresce de forma terrível, e é inevitável que a conversa entre eu, Thai e a esposa de Andrew flua. Não tenho motivos reais para me sentir mal com a Thai, apenas os que minha cabeça cria. Afinal, o que impediria o Liam de estar com ela se quisesse? Acho que nada. De repente, os ruídos do rádio fazem todas nós ficarmos em silêncio e até as nossas respirações ficam suspensas.

— Ed, você tá aí? — É a voz de Liam. Meu coração fica incontrolável.

— Estou sim, amigo — Ed se senta em frente ao aparelho.

— Sua voz está estranha, algum problema? — Liam diz, preocupado.

— Vários, eu diria! — ele está claramente falando de todos nós. Não consigo controlar um sorriso bobo. A amizade deles faz com que eu me lembre da Meg.

— Amanda está aí? — Ao ouvir meu nome, sinto todo o meu corpo aquecer.

— Está — Ed faz um sinal para que eu me aproxime e me mostra como

usar o rádio. — Fale com ele.

— Ei? Por que ela primeiro? — Betsy, bruxa insuportável.

— Cala a boca, Betsy. — Agora foi Thai quem disse, e Betsy entufa.

— Liam? — eu falo ansiosa.

— Oi, namorada — ele diz e imagino o sorriso maravilhoso que sempre se desenha nos lábios dele quando diz isso. Ouvimos gritos do outro lado e sei que os rapazes devem estar provocando.

— Oi — coro até a alma. — Você está bem?

— Sim, inteiro — ele diz e mais uma vez os rapazes gritam.

— Chorando horrores de saudade. — Alguém grita e não consigo identificar.

— Cala a boca, Antony — Liam repreende. — Amanda, não podemos demorar muito, mas eu quero que saiba que estou morrendo de saudade mesmo e pretendo voltar logo para você. — Eu fico da cor de tomate e engulo em seco, mas meu coração faz uma festa com essas palavras. Os rapazes agora gritam tanto que nem posso entender mais o que falam.

— Ei, arruaceiros, vou aí prender vocês — Ed diz, tomando a frente das coisas.

— Você está bem? — Liam pergunta depois que os homens fazem silêncio.

— Sim, ótima — digo com um sorriso nos lábios. Queria dizer mais, fazer uma declaração, mas se não faço isso pessoalmente imagine com essa plateia.

— Eu volto em três dias. — Três? Ai meu coração! — Andrew quer falar agora.

— Espera — eu interrompo, ansiosa, e todos me olham como se fosse revelar um segredo. — Eu vou viajar para ver a minha mãe. Você volta em três dias, então?

— Sim, sua mãe está bem? — ele soa apreensivo.

— Está, é apenas um encontro familiar. — Nem sei exatamente o que é.

— Eu retorno em três dias no máximo — ele faz uma pausa. — Se não estiver aí, eu vou até você. — Oi? Eu vou ficar roxa agora, gente!

— Vou estar — sussurro, em uma voz quase inaudível.

Eu me levanto, então, logo a esposa do Andrew se senta e mais uma chuva de gritos e provocações soa do outro lado. É engraçado ver isso em meio a esse clima de incêndio e perdas. Eles são verdadeiros lutadores. Após uma declaração do casal, que obviamente está apaixonado e não são nada tímidos, Marcus e Antony começam a brigar pelo rádio.

— Alguém veio por mim? — Antony diz, esperançoso.

— Eu estou aqui, Antony — Thai fala.

— E você veio por ele ou pelo Liam, querida? — A bruxa da Betsy ataca novamente. Que mulher! Estou começando a me irritar terrivelmente com ela.

— Betsy? — Antony parece feliz em ouvi-la. O que há com esse idiota?

— Oi, querido, você está bem? — ela diz isso e olha para Thai, deixando clara sua provocação.

— Estou, docinho, e você me deve um encontro. — Mais gritos e risadas. A cara da Thai cai e fico indignada. Logo eu que cheguei a ter ciúme dela. Sei que sempre vou ficar incomodada com o fato de que ela e o Liam tiveram um passado, mas quem não tem? Apesar disso, ver como ela está sendo esmagada por Betsy faz meus instintos protetores aflorarem.

— Estamos todas aqui por vocês, Antony — falo num impulso.

— Amanda? — ele parece surpreso.

— Eu — murmuro, me aproximado para que me escute melhor. — Estamos todas aqui e o Ed também. Queremos que fiquem bem e voltem logo.

— E vai me fazer um dos seus pratos especiais? — ele ri, e escuto Liam

ralhar algo com ele.

— Prometo, se você trazer o Liam sem um arranhão. — Oi? Eu brinquei, apaziguei os ânimos e mudei o rumo da conversa? Estou ficando boa nisso de relacionamento interpessoal.

— Não tenha dúvidas. — Eu sorrio e as meninas também, exceto Betsy, que deixou de ser o centro das atenções.

— E eu? — Marcus fala, se fingindo de ofendido.

— Você também. Todos estão convidados para almoçar lá em casa quando voltarem. — Eles gritam e fazem uma zoação infernal. De repente, ficam em silêncio.

— Temos que ir agora. Nós amamos vocês, garotas — Marcus fala.

— Ei? Não se declare para a minha garota — Andrew diz, e a esposa dele sorri.

Encerramos o contato e ficamos todas apreensivas. Eles estão lá, correndo riscos, e nós aqui, impotentes. Vou para casa apressada e no rádio toca *I say a little prayer for you*, de Aretha Franklin. Tenho uma viagem para fazer e umas histórias para ouvir, mas meu coração só pensa em Liam.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Algumas surpresas boas e outras nem tanto

— Oi, fugitiva! — brinco, finalmente conseguir falar com Meg.

— Oi, Mamá, o que houve com seu celular? — esse é o ponto.

— Quebrou. — Ela profere uma imprecisão.

— Como? — Esse é um detalhe interessante.

— Eu joguei na parede.

— Amanda, quer fazer o favor de parar com essa colcha de retalhos e entregar logo toda a história? — Claro, rainha!

— Eu estava nervosa, com Liam na base, houve um incêndio monstruoso e eu não conseguia contato então,...

— Deu uma de Hulk? — ela interrompe espantada.

— Algo parecido. — Tenho vontade rir de mim.

— E o Liam?

— Está ótimo.

— Ei, eu percebi isso. Despeja. — Minha amiga, não se pode esconder nada dela.

— Tenho tanta coisa para te contar.

— Então me conta.

— Não, eu quero ver você — ela parece prender a respiração.

— Como assim? — ansiosa, minha amiga.

— Estou indo ver a minha mãe, será que consegue ir me ver também? — ela grita de felicidade.

— Eu estou aqui na cidade de seus pais — ela parece feliz, mas o que está

fazendo lá? — Você podia ficar comigo.

— O que está fazendo aí? — A preocupação define bem minhas emoções agora.

— Eu disse a você que estava tendo alguns problemas, quando chegar te conto — ela me corta. — E quando chegar, vou buscar você.

— Benjamin vai mandar um carro me buscar. — Acho que vai ser melhor mesmo, com tantos conflitos, dirigir por horas só vai me estressar mais.

— Certo, anota meu novo endereço. — Novo endereço?

— Meg, o que você fez? — Tenho até medo de saber.

— Mamá, fique calma e faça as malas. Eu estou bem, ótima, na verdade. Ben cuidou de tudo e quando chegar aqui eu te conto porque é uma história longa. Te amo e não demore. — Oi? Ela está se despedindo assim?

— Ok, mas por favor mantenha-se longe de encrenca.

— Até você chegar? — ela ri. — Beijo e até logo. — Desligamos, e eu faço a única coisa que sei para relaxar: cozinhar.

Ligo para Benjamin e acerto tudo. Amanhã cedo um motorista virá me buscar, e eu irei enfrentar esses problemas. Arrumo minhas coisas e vou tentar dormir mesmo com essas coisas fervilhando em mim, mas não sei se consigo.

Acordo cansada, como se tivesse lutado uma vida inteira e me forço a levantar. Tomo uma ducha. Assim que termino meu café, pego minhas coisas e um monte de marmitas com o que cozinhei. Vou para a porta e o carro já está me esperando com o motorista em pé do lado de fora, me cumprimentando com um sorriso bobo. Eu aceno com a cabeça e entro. Ao passarmos pela casa de Ed, peço que pare. Desço e bato à porta. Sei que é

cedo, mas acho que ele não acorda tarde.

Edward, cansado, desganhado e com olheiras, abre a porta e eu me espanto com quanto ele está mal.

— O que houve com você? Precisa ver um médico? — digo num impulso, logo corando pela minha intromissão, já que ele faz cara de poucos amigos.

— Eric mandou você? — resmungo.

— Não, eu trouxe comida para você, fiquei preocupada. — Ele me fita e sei que percebeu que sou sincera.

— Não precisa, eu estou bem — ele rebate.

— Bem mal. Mas, de qualquer forma, não vou comer isso tudo sozinha — empurro as marmitas para ele.

— Vai abrir um restaurante? — ele finalmente sorri, meio torto, mas já é algo. Sei que ficar doente não é nada divertido, e os homens são péssimos com isso. De qualquer forma sinto como se tivesse que ajudar. A história de vida dele, a amizade com o Liam e a forma como sempre me tratou, me fazem querer ser solícita, de alguma forma.

— Não, é terapia — digo e enfio as mãos nos bolsos. Sem as marmitas eu não sei o que fazer com elas. Acho que estou tentando fazer amizade aqui, embora ele já tenha mencionado que se considera meu amigo.

— Sei — ele põe tudo na mesa. — Já vai viajar? — Aceno que sim e vou saindo. — Ei? — Olho de volta. — Obrigado — ele diz e torce os lábios. Acho que está desconfortável, mas eu também estou. O que fazer? Somos dois esquisitos. Sorrio por dentro.

— Não foi nada.

— Boa viagem — volto para o carro e lá vamos nós enfrentar o mundo real!

Chego morta de cansada. O motorista me deixa no prédio da Meg, e eu subo assim que o porteiro avisa que estou aqui. Ao chegar no corredor de entrada, minha amiga está me esperando com um sorriso fantástico no rosto e começa a pular que nem uma bola. Então se joga em mim e quase caímos estateladas.

— Vai me matar sufocada! — digo, espremida por Meg.

— Eu estava morrendo de saudade — ela diz, me apertando mais, se isso é possível.

Nós entramos e logo estamos contando detalhes dos dias que passamos separadas. Meg me diz que se demitiu e que Benjamin está ajudando. Meu queixo cai, mas eu não esperava menos do meu irmão. Apesar desses acontecimentos, sei que ele não está se “*envolvendo*” com ela. Essa é uma velha história cheia de emaranhados, e eu sempre me mantive meio por fora. Finalmente entro na parte dos acontecimentos da minha vida e agora é a vez de Meg ficar de queixo caído. Ela se levanta e pega uma garrafa de... espumante? Meg é maluca.

— Temos que comemorar a segunda perda de sua virgindade! — ela diz com um sorriso enorme.

— Meg, não é nem meio-dia. — Como se ela se importasse.

— Amanda, deixa de ser careta — ela me puxa e eu fico de pé. Então, ela liga o som com uma música bem agitada. — Vamos comemorar, você voltou à vida... sexual! — ela grita. Não contenho a gargalhada. Sei que Meg é absurda, mas eu estou feliz, e ela também.

— Ok, senhora vida sem freios, vamos. — Eu me rendo, pegando a taça, e temos um final de manhã daqueles.

São quase duas da tarde do dia seguinte. Eu tive muitas horas com Meg e suas loucuras, e, embora minha mãe estivesse tensa, só conseguiu um horário para “*fugir*” do meu pai hoje. Marquei de encontrá-la em uma cafeteria no centro da capital. O trânsito está uma loucura e imagino que ela já esteja esperando. Aperto minhas mãos, ansiosa pelo que vai me dizer. Meg foi para uma entrevista de emprego das muitas que tem feito. Embora aceite a ajuda do meu irmão, ela não quer que ele lhe dê um emprego. Finalmente chego à cafeteria e da porta vejo minha mãe sentada em uma mesa reservada. Ela tem uma expressão estranha e sei que vem bomba por aí.

— Oi, mãe — cumprimento, e ela apenas assente.

— Sente-se, Amanda. Preciso despejar isso antes que exploda. — Oi? Eu gelo por completo.

— Mãe, por favor — já não sei mais o que dizer.

— Eu queria que essa conversa fosse fácil, Amanda, que fosse em casa e que seu pai estivesse presente, mas faz tempo que entendi que as coisas não são como queremos. — Ela está tão séria. Minha mãe suspira. — Tudo o que aconteceu a você foi minha culpa.

— Mãe, não! Não quero que você se culpe, eu estou bem. Eu finalmente...

— Amanda, você precisa me ouvir — ela me corta. — Preciso que me escute e depois diga o que quiser. — Engulo em seco; protelar só vai tornar a tortura maior.

— Eu vou ouvir, mãe. — Ela fecha os olhos e suspira.

— Eu casei jovem com seu pai, e ele sempre foi meio sisudo, mas também um homem incrível. — Meu pai sendo incrível é difícil de imaginar, mas olha minha mãe agora na minha frente. Ela é jovem ainda, eu acho. — Logo tivemos o Benjamin e então as coisas ficaram complicadas. Seu pai tinha muitas viagens, negócios, problemas, e eu um filho que não podia ficar

arrastando como uma mala. Nosso casamento foi mantido com muita dificuldade e muito amor — ela me olha nos olhos. — Não duvide em momento algum que eu amo seu pai. — Franzo as sobrancelhas; agora estou com mais medo do que vem aí. — Os anos foram passando, e as coisas foram se complicando, até que engravidei de você, mas quando ele soube que era uma menina, mudou completamente. Ele ama seu irmão, mas sempre teve o sonho de ter uma filha. — Então por que me rejeitou tanto?

— Desejam pedir? — Uma moça se aproxima, interrompendo a oratória de minha mãe.

— Dois cafés, por favor — diz minha mãe, séria, sem olhar a garçonete que ela sai apressada.

— Está tudo bem? — eu seguro sua mão e ela aperta a minha de volta.

— Você se lembra de crescer feliz, não, querida? De nossa família unida e então... — Sim, lembro que de repente eu me tornei uma pessoa não querida por meu pai, e cada vez que ele demonstrava isso, eu me tornava mais retraída. Daí para adolescente problema foi um passo.

— Lembro — digo num sussurro, com meus batimentos cardíacos atingindo o máximo do limite. Minha mãe começa a chorar — Mãe, por favor. — Vou até ela e a abraço.

— Eu traí seu pai, Amanda — ela fala numa voz amarga e profundamente magoada. Meus olhos se arregalam. — Ele estava sempre fora, e eu não sei explicar. Estava carente, frustrada, nervosa, sei lá. Fui burra, fiz isso e quando ele soube e fez as contas, teve certeza de que não era seu pai. — Meu coração dessa vez não aguenta.

— Eu sou... — não consigo terminar.

— Não — ela diz exasperada, quase gritando. — Foi uma atitude estúpida de uma noite e destruiu nossas vidas. Eu sou uma...

— Mãe, teste de DNA existe, sabia? — pergunto indignada. Ela errou,

mas eu não sei o que pensar direito. Os sentimentos que tenho em relação ao meu pai não me fazem ter pena dele e... Deus, socorro! Não sei nem como raciocinar!

— Seu pai não quis, querida. Ele se recusou a sequer falar comigo por meses. Para ele a prova do DNA só iria envergonhá-lo depois de anos tendo você como filha dele, registrada e assumida. — Quanta confusão uma pessoa pode fazer, transformando os problemas em uma bola de neve que só cresce?! — Eu fui mais estúpida ainda por deixar isso protelar, mas eu o amava, o amo e... — ela contém os soluços que ameaçam retornar. — Ele é um bom homem. Ficou comigo, e sei que é porque me ama, por isso aceitou ficar com você, mesmo achando que não era filha dele.

— Mãe, o que quer que eu diga? — falo entre desespero e indignação. — Ele foi intransigente, e você... Não quero julgar vocês, mas isso tudo está dando um nó na minha cabeça — sou franca. O que uma pessoa faz numa situação dessas?

— Ainda não acabou, meu anjo — ela diz, e um sorriso esboça em seu rosto. Um sorriso? Tem mais? Se ela está sorrindo não deve ser ruim, né?

— Mais?

— Sim. Ele sabe que é seu pai. — Oi? Para o mundo e começa a girar ao contrário que eu estou muito para “Além da imaginação.”

— Ele...

— Sim — ela assoa o nariz. — Quando você... — ela lembra da tragédia da minha vida e dor passa em seus olhos. — Bem, seu sangue é raro. — Eu sei, B negativo, raríssimo. — E você precisou de doação. Seu pai foi quem doou. — Paro de respirar, meu coração para de bater, não sinto meu corpo, meu queixo cai. — Ele ficou no hospital com você e foi a primeira vez que vi seu pai rezar — ela me olha com um brilho de admiração, e eu sei que o que tem entre eles é realmente forte. — Ele pediu perdão para você todas as

noites em que ficou lá.

— Por que não falou comigo quando acordei? —pergunto porque é a única coisa que consigo dizer. Estou em um modo mecânico, raciocínio zero.

— Ele teve vergonha, Amanda, seu pai é orgulhoso. — Isso é uma verdade incontestável.

Ficamos em silêncio por um tempo, e eu penso em como uma cabeça dura, um ato intransigente, a mágoa e esses sentimentos mesquinhos podem tornar nossa vida tão confusa. Por causa de uma suspeita e uma falha, as nossas vidas sofreram mudanças drásticas. Meus pais tiveram suas vidas amarguradas por anos, e eu me deixei tornar uma criança problema. Entendo que minha mãe esteja tentando me fazer entender, mas é ela quem precisa entender que a única mágoa que tenho do meu pai é a da falta de afeto. A terapia me ajudou muito, e eu sei que Fabrício em minha vida foi uma escolha minha. Como minha mãe, dei um mau passo, mas, para mim, as consequências foram tenebrosas. Apesar disso, todos os meus problemas veem da minha impotência diante do que ocorreu ao meu bebê e, de certa forma, entendo a posição da minha mãe. Ela também não conseguiu me “*proteger*” sob sua visão. O que faço agora?

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

E agora, Amanda?

Puxo minha mãe para um abraço e a aconchei em meus braços. Faz muito tempo que não a seguro dessa forma, nem me lembro quanto tempo. E pensar que eu só precisava de um pouco de felicidade, entrando pelas frestas do meu coração, para conseguir me abrir para o mundo. Em outra época eu teria raiva, teria mágoa, mas não hoje, não agora. Só o que sinto é uma enorme sensação de perda, aquela sensação do *e se...*

— Mãe, eu não estou magoada com você — digo, pensando na minha Liz. Se ela pudesse me dizer algo, o que seria? “*Mãe, você não me salvou*”. Espero que não. Afasto-me, olhando minha mãe, e lágrimas correm por meu rosto. Ela enxuga as minhas e eu as dela.

— Quando você se tornou essa mulher? — ela me olha surpresa.

— A vida me ensinou muito, mãe. Umas lições mais duras que outras — digo, afagando o rosto dela, e noto aquele olhar doce que ela tinha quando eu e o meu irmão éramos dois pirralhos. O olhar de mãe. Quanta coisa eu perdi.

— Mas você era tão rebelde. — Não vamos lembrar as bobagens que fiz — Eu sempre achei que você tinha raiva e muita mágoa de mim. — A expressão dela se torna tensa.

— Eu senti um dia, mas não mais. — Fico meio sem saber o que dizer e me lembro do Liam e da forma como ele foi fazendo fissuras nas minhas muralhas até atingir meu coração. — Podemos ir aos poucos, mãe. — Ela faz cara de confusa.

— Como? — Eu sorrio, suavemente.

— Começando por ter mais contato, visitas além de telefonemas. — Ela finalmente sorri, relaxada.

— Eu te amo, filha. — Eu a abraço de novo.

— Eu também a amo, mãe, sempre amei. — Ficamos assim e então saímos de mãos dadas da cafeteria. A mamãe me deixa num shopping para eu me encontrar com a Meg, mas antes me pede segredo sobre o que me disse, não quer que meu pai saiba que ela me contou. Fico meio atordoada, nem sequer nos falamos, como ele saberia? De qualquer forma, faço a promessa.

Encontro Meg sussurrando no celular. Quem será? Assim que me vê, desliga. Meg aprontando algo e me escondendo, acho que as coisas vão ficar piores ainda. Eu me aproximo dela, e ela me abraça, efusiva. Desviar minha atenção vai ser a coisa mais fácil, esse problema da minha amiga pode ser deixado para depois, minha cota de hoje saturou.

— E como foi com sua mãe? — ela me olha e imagino que já percebeu algo.

— Foi tenso e estranho, mas estamos bem — , séria.

— Não te vejo com uma cara muito boa, o que está martelando aí? — ela aponta para minha cabeça.

— Um monte de caraminholas — eu digo, expirando. — Eu agora não quero mais saber de nada, nem fazer nada. Preciso de um mês dormindo. — Oi? Um mês? Que tal um ano?

— Sério? — ela me olha... desapontada? Meg, o que você está tramando?

— Seríssimo — Meg me puxa para a praça de alimentação e nos sentamos.

— Amanda, o que aconteceu hoje? — Ela agora está com um semblante

preocupado e aqueles olhos escrutinadores fixos em mim. Que mal faria contar para Meg que meu pai achou que eu era “*bastarda*”?

— Descobri que todo o repúdio do meu pai comigo é porque ele achava que eu era bastarda — Meg agora é só olhos.

— Deus do céu! — ela leva a mão à boca.

— Sim, e precisamos Dele aqui na Terra urgente — solto todo ar pela a boca e faço uma careta.

— Sua mãe traiu seu pai? — O que acha?

— Sim. — Lá vamos nós.

— E ele descobriu?

— Sim.

— Quando? E por que não fizeram DNA?

— Antes de eu nascer. Para ele, o DNA seria apenas uma confirmação da “*vergonha*”. — Meg move a cabeça, incrédula.

— Amanda, você precisa nascer de novo — ela diz, e eu penso que tem razão. Uma amiga maluca, um irmão mala, uma mãe submissa, um pai preconceituoso e orgulhoso e... Ei? Eu tenho um namorado incrível. Tudo bem que ele fica brincando de super-herói, mas...

— Eu não teria o Liam.

— Então você está perdidamente apaixonada. — Meg pisca os olhos com as mãos entrelaçadas sob o queixo. — Ai que romântico. — O telefone dela acende e vibra. Por que não está tocando? Ela olha e deve uma mensagem, já que ela não atende. Faz uma cara suspeita de quem está aprontando algo. — Vem, precisamos ir a um lugar e antes tenho que pegar algo em casa.

— Lugar? Em casa? — pergunto, enquanto ela me puxa pelo shopping em direção à saída.

— Sim. — Fazemos o percurso de volta, e Meg não para de falar o quanto é maravilhoso eu estar apaixonada e como ela está feliz que agora poderá

compartilhar coisas sobre sexo. Como se eu fosse dar esses detalhes. Olá? Eu não bati com a cabeça, por favor, né?!

Chegamos em pouco tempo e assim que descemos, Meg me dá a chave e diz para eu ir subindo que ela vai avisar ao porteiro sobre o pedido da pizza. Acho que a Meg tá surtada de vez. Se íamos a um lugar e só viemos aqui pegar algo, que história é essa de pizza? Prefiro não contrariar. Subo pelo elevador e assim que abro a porta meus joelhos enfraquecem. No chão, fazendo um caminho até a porta do apartamento de Meg, tem pétalas de rosas coloridas, tal qual um tapete. Em torno há pequenos cubinhos como luminárias a pilha. Já vi isso em filme, mas eram pétalas vermelhas e velas. Não sei o que fazer, e a porta do apartamento está aberta. Penso em descer, mas minha curiosidade é grande e começo a pensar que se fosse algo para Meg ela saberia, não?!

Ando lentamente pelo caminho, com dó das pétalas esmagadas pelos meus sapatos. Paro e tiro-os no caminho. Minha respiração é superficial, e eu ouço meu coração como se pulsasse em minha cabeça. Chego à porta e o caminho também existe lá. Eu me toco do quanto isso é absurdo, então, viro em direção à porta, mas sinto um aroma conhecido. Um perfume.

— Nem pense em fugir, isso deu o maior trabalho. — Liam? Eu me viro e ele está lá. Mais irresistível do que nunca, se isso é possível. Em pé, descalço como eu adoro, de calça jeans escura e camisa de malha, claro, na cor azul marinho. Começo a abrir um sorriso vacilante. — Que bom que está feliz em me ver.

— Como você... — começo a balbuciar.

— Meg ajudou — ele sorri à lá Hollywood. — Vem, veja o resto — ele me oferece a mão e eu a pego. Estou surpresa, mas também com medo. — Sei que não é muito de romance, então, eu coloquei pétalas coloridas e achei que luminárias eram melhores que velas reais. — Ah sim, fogo já não é mais

tão bonito assim para mim, nem romântico, nem... Não estou pensando direito.

— Eu pensei que você estava trabalhando — falo, como uma parva, enquanto ele me leva pelo corredor do apartamento e para na porta do quarto. Tem luminárias, pétalas, uma decoração perfeita. Além de uma mesinha no canto, posta para dois, com um vinho, duas taças, chocolates e morangos. Claro, ELE é romântico.

— Estava, mas devido às baixas, muitas equipes de outros Estados vieram ajudar e nos deram uma folga, estávamos já no limite — ele diz, sério.

— Eu achei que vocês ficariam assim mesmo. — Ele me puxa e apoia as mãos na minha cintura.

— Sim, mas eu queria estar com você — ele aperta minha cintura e lá vou eu para o mundo de sensações, que recentemente me foi apresentado. Pequenos choques por meu corpo, resultado de uma corrente elétrica de alta voltagem: Liam.

— Eu também queria você comigo — sorrio, sem jeito, e ele me puxa para seu peito.

— Ainda quer? — ele é um bobo. Pergunta isso, me puxando até que nossos corpos fiquem completamente colados. Vejo esse sorriso maravilhoso, esses olhos incríveis, e eu estou amando isso. Acho que posso me tornar “*romântica*”.

— Com certeza — falo, e ele me beija de forma carinhosa, lenta, e é mágico.

— Não precisava disso tudo — murmuro, olhando em volta.

— Não gostou? — ele parece decepcionado.

— Claro que gostei — pego seu rosto entre minhas mãos e lhe dou um selinho. — Amei, principalmente as pétalas coloridas e as luminárias. Eu apenas quis dizer que bastava você — ele arqueia as sobrancelhas.

— Isso foi uma declaração? — coro até a alma e afundo meu rosto no peito dele. Ele puxa meu rosto de volta. — Por que se foi, eu vou fazer isso todos os dias.

— Iria perder a graça — falo, mas, minha voz denuncia meu nervosismo.

— Nunca perderemos a graça — ele para, como se pensasse em algo, e umedece os lábios. Acompanho a língua dele com os olhos, e meu coração agora está literalmente frenético. O desejo que sinto vai além do corpo, é como se ele mexesse na minha alma também. — Fiz isso tudo, porque achei que era assim que deveria ser nossa primeira vez. Você merece rosas e romance. — Sorrio, isso foi brega, mas eu gostei. Me condene quem quiser.

— Eu gostei da nossa primeira vez — digo constrangida.

Ele me puxa e, com os lábios perto dos meus, sussurra:

— Eu amei a nossa primeira vez, só conseguia pensar em você, sonhava com você... Tive que aguentar todas as piadas daqueles bocós e até ria disso. — Deus, esse homem é o meu presente de uma vida toda!

A boca de Liam desce sobre a minha e não há mais nada a dizer. Em pouco tempo nossas roupas se foram e o nosso mundo é esse quarto. Só ouvimos, sentimos, cheiramos, desejamos um ao outro. Nunca acreditei que ia ser feliz de novo, mas isso aqui é surreal, e o único desejo que tenho é nunca acordar.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

A um passo da felicidade

Estou sentindo uma felicidade imensa. Rodeada de flores com esse odor maravilhoso em meu nariz. Um calor gostoso aquecendo minha pele. Meus olhos fechados e um silêncio que traz a paz perfeita para meu coração. Inspiro, abro os braços e ergo a cabeça na direção do calor. Escuto alguém chamar.

— Mãe? — Oi? Mãe? Estou louca, gente. Abro os olhos no susto. — Mãe, vem. — Uma menina pequena com um vestidinho branco, tal qual uma boneca, está olhando para mim, com um sorriso enorme e a mãozinha estendida. Não sei o que dizer.

Ela vem em minha direção e pega minha mão. Sinto um carinho enorme, e ao olhá-la de perto, vejo que tem os olhos da... Liz. Deus! Meu queixo cai.

— Vem, vamos, rápido — ela diz, me puxando, e eu vou. Logo estamos correndo em meio a uma plantação de girassóis, e ela tem uma risada tão gostosa que não me contengo e começo a rir também. — Eu sabia, mamãe, sabia que você tinha que vir.

— Para onde? — a voz sai num impulso.

— Para ser feliz. — Assim que ela diz isso, eu sei que sou. Sou realmente feliz. Esses momentos são tão raros em minha vida, mas essa é a felicidade plena. Eu a pego no colo e acho que tem uns três anos. Ela me abraça, e sinto que todo o peso e culpa que sentia pelo meu bebê se esvaem. Ela está aqui e, se isso é o céu dela, eu consigo ficar um por cento em paz. Quem é mãe vai entender, porque ao menos a minha filha está sorrindo. Provavelmente é só

fruto da minha imaginação, mas nem ligo. Ela beija minha bochecha. — Te amo, mãe.

— Te amo, meu anjo — sussurro, com os olhos marejados e a voz embargada. Minha Liz.

Sinto uma brisa em meu rosto e pisco. Quando abro os olhos novamente, me deparo com duas esferas azuis claríssimas. Liam? Ele estava acariciando meu rosto. Sento-me na cama, no susto, e ele se senta comigo.

— Ei? — acaricia meu braço. — Você parecia tão feliz agora — me olha franzindo o cenho, e eu estou olhando para ele, tipo, catatônica. — Me viu e se arrependeu? — ele diz, sorrindo para ser uma brincadeira, mas seus olhos estão sérios. Me arrepender? Você é minha felicidade e até minha filha veio me mostrar isso. Não digo nada disso para ele.

— Não — é a única coisa que sai de minha boca.

— Não? — olho para ele e parece... Medo? Ele está com medo? De quê? “*De você sair correndo que nem uma maluca*”. Droga, o homem faz isso tudo e você faz a louca?

— Não, eu nunca me arrependerei de ter conhecido você — digo, me aconchegando a ele e logo Liam me puxa para seu colo. Reconheço esse calor que no meu sonho pensei que fosse o Sol. Acho que anos como bombeiro fizeram ele absorver todo o calor do fogo. Um sorriso se desenha em meus lábios.

— Bem melhor — ele diz, me olhando e me dá um selinho.

— Não — eu desvio, e ele parece decepcionado.

— O que foi? — a voz é suave, e eu coro.

— Não escovei os dentes ainda — digo, procurando um buraco, e ele me põe na cama e entra no banheiro correndo. Meu coração para, ao notar que está sem roupa alguma. — Liam? — escuto um barulho de água, me enrolo no lençol e vou até a porta.

— Liam? — ele se vira para mim, escovando os dentes. Fico sem ação. Ele termina e então se vira para mim. Está sem roupa! Agora eu realmente sinto que estou no Sol. Nunca fui puritana, mas nenhum homem mexeu comigo como ele mexe.

— Agora é sua vez — ele sorri. Oi? Minha vez? — De escovar os dentes. — Claro, e é isso que faço. — Pronto — ele diz, me puxando pelo lençol, me beija e, óbvio, eu correspondo. Ele se afasta e tem seu sorriso de volta. — Pensei que ia me largar por não escovar os dentes antes de você acordar.

— Sêrio? — eu faço cara de irônica. — Você é um bobo.

— Você que me deixa bobo — ele me abraça, e eu ganho um cheiro no pescoço.

— Eu só não queria te beijar... — não termino, voltando a corar.

— Com bafo matinal? — ele diz e solta uma gargalhada. — Eu não me importo, você não tem bafo.

— Liam! — retruco, dando um tapa no ombro dele.

— Ei? Olha a violência doméstica. — Ele me pega no colo e me leva de volta para a cama, caindo por cima de mim, e começa a me beijar. Batidas na porta nos assustam.

— Ei, casal, se quiserem café, saiam da toca. — Meg. Eu sorrio, e Liam geme, frustrado.

— Meg sendo a Meg — falo para ele. — Já vamos, mamãe — grito para ela.

— Haha, saia logo daí, filhinha — ela sai gargalhando.

— Nãoo — Liam fala, prolongando o O.

— Vamos ou ela entra aqui — ele olha para mim com uma cara de que ela não seria capaz, mas nós dois sabemos que seria.

— De volta ao mundo real — ele diz, consternado, e se levanta.

— Eu pensei que merecesse isso sempre. — Assim que falo me dou conta

de que não tenho vergonha dele e estou completamente desinibida aqui. Como pode isso? Tenho vergonha de beijo matinal, mas não de fazer comentários sobre nossa vida... Sexual? Ai, Deus, eu tenho uma vida sexual!

— E merece — ele beija meus lábios me puxando para ficar de pé. — Vamos tomar banho.

E fazemos isso. Banho e café da manhã com Meg. Por milagre ela não faz uma piada sequer, e eu sou só sorrisos. Liam faz questão de sempre me tocar de alguma forma. Pega na minha mão, põe um fio de cabelo solto no lugar, acaricia meu braço. Estou no céu e mais ainda pelo sonho com a Liz. Quando eu contar para Meg ela vai ficar como eu, plena.

Estamos os três indo encontrar Ben; vamos almoçar juntos. Depois, eu e Liam pegaremos a estrada de volta ao lago. Eu, claro, estou pendurada no braço dele, que se vira quase a cada minuto para me dar um sorriso ou um beijo.

— Ai, estou me sentindo a última pessoa do mundo com vocês assim — Meg faz beicinho.

— Own, ela está carente, vamos abraçá-la — brinco, e Liam sorri.

— Muito engraçada você, não conhecia seu bom humor. — Eu e Liam a abraçamos e começamos a fazer cócegas. Ela ri.

— O que é isso? Uma cena de “*voltei a ser criança*”? — O Benjamin vem em nossa direção com um sorriso enorme.

— Socorro, Ben, eles estão me contaminando com romance — Meg fala, entre risos.

— Ei, chega! — Benjamin diz, puxando Meg, e ela aproveita para abraçá-lo. Ele parece bem confortável com essa posição de protetor e ao mesmo

tempo nem nota os olhos compridos de Meg em cima dele.

— Me proteja, Ben! — ela sorri para ele, que devolve.

— Sempre!

— Ei, quem é melosa agora! — eu provoco, e Meg me fulmina. Logo estamos os quatro em uma gargalhada gostosa.

O almoço se desenvolve no maior clima de tranquilidade e leveza. Os rapazes vão buscar a sobremesa, e eu tenho a oportunidade de contar para Meg sobre a Liz. Então eles retornam e estamos as duas em lágrimas.

— Ei? O que foi agora? — Benjamin pergunta, enquanto Liam me envolve num abraço acolhedor.

— Apenas um sonho que eu contei para a Meg — digo, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

— Parece mais um pesadelo — Benjamin fala e faz um afago nos cabelos da Meg. Hum, prevejo problemas.

— Estamos bem, valorosos cavalheiros — brinco e enxugo minhas lágrimas, Meg faz o mesmo. Ainda não pude contar sobre o papai e também queria perguntar se Benjamin sabe de algo, mas não sei se esse é o momento. Não tenho nada para esconder do Liam, ele conhece meus piores pesadelos, mas essa não é uma história que combine com nosso humor atual.

— Engraçadinha — Benjamin me dá um beijo estalado na bochecha, faz o mesmo com Meg, e eu me recordo de quando éramos duas adolescentes bobonas e ele um rapaz nos livrando de encrencas.

Ainda tivemos tempo para uma sessão de cinema os quatro, e então nos despedimos e estamos agora no carro de volta para casa. Fico olhando as coisas da beira da estrada passarem rápido por mim pela janela, e a música Price Tag toca no rádio. Minha cabeça voa para Benjamin, os diamantes, Meg, meu pai, minha mãe. O que realmente vale a pena.

— Felicidade — murmuro.

— Oi? — Liam me olha de lado. — O que foi, namorada?

— Pensando alto — viro-me para ele e adoro o som da palavra namorada em sua voz. É meio bobo, mas é o mesmo que dizer *minha* sem soar controlador.

— Um dólar por seus pensamentos — ele brinca me olhando.

— Só? — eu o olho, estreitando o olhar.

— Gananciosa — ele se concentra mais na estrada e continua. — Faça sua contraproposta.

— Não precisa, eu conto. Estava pensando na minha família, em umas coisas que descobri e também no sonho que tive hoje de manhã — digo, enquanto prendo meu cabelo em um rabo de cavalo.

— Essa do sonho me interessa, você estava com um sorriso fantástico e espero realmente que tenha sido eu nesse sonho — ele diz, parecendo sério.

— Nossa, com ciúme de um sonho, namorado? — ironizo.

— Quem era, Amanda? Vai logo falando — ele se finge de mandão, coisa que definitivamente não é. É o homem mais paciente e nem um pouco controlador.

— Liz — eu digo, e o carro dá uma engasgada. — Wow, calma aí que eu quero chegar viva, ainda mais agora que estou feliz! — digo, no susto, e percebo que me entreguei toda.

— Eu também estou muito feliz — ele diz, com a maior naturalidade, como se eu me expor assim não fosse surpreendente até para mim. Talvez agora seja, não? Afinal, eu estou mudando... Eu mudei.

— Que bom, então, estamos felizes — ele sorri, e eu volto a me concentrar na estrada porque não tem muito mais a dizer. Uma estrada, nada mais poético e sugestivo para mim. Uma nova vida, um novo mundo e uma nova eu... Feliz!

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Dizendo as palavras mágicas

O caminho de volta foi tranquilo e eu acabei pegando no sono. Acordo com o carro parando em frente de casa e Liam me olhando com um sorriso bobo. Ele sorri com uma facilidade incrível. Sorrio de volta porque é inevitável. Ele é lindo, gosta de mim e eu achando que ele era o bobo. Descemos do carro e paramos um pouco para olhar o lago. À noite, a Lua se espelha nele e hoje, especialmente, o céu está cheio de estrelas. Sentamos na margem e logo estamos deitados com os braços cruzados sob a cabeça. Parecemos dois adolescentes que não se importam em sujar as roupas, não têm noção de tempo e preocupações.

— Então, namorada... — ele começa virando o rosto para mim. Continuo olhando para o céu e meu coração parece crescer dentro do peito. — Tem a possibilidade de eu dormir na sua cama hoje? — Oi? Esse homem não existe, e lá vou eu mudando de cor de novo.

— Depende — eu o olho, tentando ficar séria.

— Como assim? — ele faz cara de confuso.

— Se for só para dormir eu tenho vários quartos de hóspedes — falo, me sentindo nervosa, como alguém que faz algo errado, mas não do tipo que te deixa triste ou preocupado e sim daquele jeito de criança que faz uma peraltice gostosa. Eu nunca achei que flertaria assim novamente.

— Amanda, você está ficando perigosa — ele diz, se aproximando e passando a mão sobre minha cintura.

— Eu? Perigosa? — indago, abrindo um sorriso, com meu coração

sofrendo com a descarga de adrenalina.

— Nem adiantar corar, viu? Acho que isso é uma técnica sua — ele me beija, e eu me afasto em seguida, olhando-o nos olhos.

— Técnica? Não estou entendendo — franzo a testa.

— Eu já estou perdidamente apaixonado por você, sabia? — Ai droga! Eu digo o quê agora? Nada, porque sou parva e fico muda olhando para ele como se estivesse vendo um ET. — E eu achava que você seria extremamente tímida e... — Não, não estamos tendo uma conversa sobre isso, né?!

— Liam! — eu cubro o rosto com a mão.

— Nem se esconda — ele diz, tirando a minha mão. — Eu prefiro quando você se mostra.

— Você se apaixonou pelo Nate do RH — murmuro, agora ele é quem fica com a cara de perdido.

— Não sabia que você era um homem — ele diz, e eu conto sobre Meg e o Nate. Ele ri e começa a me fazer cócegas.

— Não — tento me defender e estamos os dois deitados, de noite, na beira de um lago fazendo... Cócegas?

— Nem pense em fazer comparações entre você e esse cara. Meg é maluca — ele se levanta de repente e me puxa junto, me colocando sobre o ombro.

— Você vai me derrubar! — grito surpresa.

— Nem em um milhão de anos. — E assim ele me leva para dentro de casa. A minha, claro.

Acordar com o Liam na minha cama assim é... Nossa, uau, não tem descrição possível. Já acordei com ele aqui, mas foi outra situação, e minha atitude foi no mínimo idiota. Hoje não, hoje eu vou fazer diferente. e então,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escorrego devagar da cama. Visto a blusa dele que está jogada no chão e desço a escada. Assim que chego no andar de baixo, corro para cozinha e começo a fazer o café depois de ligar o som num volume bem baixinho; não quero que ele acorde antes de estar tudo pronto. Eu sigo a técnica tudo colorido. A cara do meu humor hoje. Arrumo a mesa, faço rabanada, suco, café, corto algumas frutas, patê de queijo e tenho torradas prontas que vão ter que servir, já que chegamos tarde e não compramos pão.

Tudo pronto, eu viro para tomar um banho, e a surpresa é para mim. Com os braços cruzados em frente ao peito nu, apenas de calça, cabelos desgrenhados e aqueles maravilhosos olhos azuis, está Liam, me observando com meu sorriso favorito.

— Há quanto tempo você está aí? — pergunto, envergonhada.

— Desde que percebi que você fugiu da cama — ele diz, descruzando os braços e vindo em minha direção.

— Eu não fugi — ele me puxa pela cintura.

— Já escovou os dentes? Posso te beijar? — Não escovei. Eu prendo os lábios nos dentes, cerrando a boca num reflexo. Ele me beija assim mesmo, um selinho torto. — Boba! — ele diz, acariciando meu nariz com o seu.

— Ei? — eu o empurro, então, ele me puxa e começa a dançar no ritmo de uma música romântica do Bruno Mars, Just way you are, que está rolando. Eu me deixo levar agarrada a ele, enquanto Liam repete um pedaço da música ao pé do meu ouvido:

*When I see your face
There's not a thing that I would change
Cause you're amazing
Just the way you are
And when you smile
The whole world stops and stares for a while*

Cause girl you're amazing Just the way you are

Meus lábios curvam em sorriso. Não tem nada no mundo que me tire daqui agora.

— Eu sei que pode ser precipitado, mas eu nunca senti isso antes, não dessa forma, Amanda. — A música acaba, e ele se afasta o suficiente para me olhar nos olhos. Tenho um pressentimento que faz meu coração doer, mas não é algo ruim, é a tensão da espera. — Eu te amo, namorada. — meus olhos tomam todo o meu rosto, e meu corpo retesa.

— Eu... — Socorro? Alguém? Meu cérebro parou de funcionar. Ele disse isso? Eu ouvi certo? Ele... me... ama?

— Shhh... — ele põe um dedo sobre meus lábios. — Não. Só quando você estiver pronta e não como resposta para algo que eu disse. — Respiro fundo, relaxando. Quero dizer que gosto dele, quero dizer que gosto muito, tanto... Mas eu não estou pronta para as palavras agora e, apesar de ele dizer isso, eu sinto um misto de dúvida e frustração em seus olhos.

— Liam, eu... — ele sorri, como se espantando os sentimentos que vi em seus olhos há pouco e me beija. Dessa vez foi para o espaço o fato de que não escovei os dentes.

— Agora vamos comer todas essas coisas que a minha namorada, escritora, cozinheira, fez para mim — ele diz, sentando-se à mesa, e eu ainda fico um pouco atônita. — Venha, me faça companhia, embora eu ache que você, em pé na cozinha, apenas com minha blusa, seja uma visão e tanto. — Fiquei roxa.

Acho que Deus gosta de brincar comigo. É tudo de uma vez, ou problemas, ou felicidade. Ei, você aí em cima, não estou de modo algum reclamando da felicidade, viu? Dos problemas já pode me dar férias. Sorrio e sento para o café. Estamos famintos e comemos empolgados. De vez em quando, eu me perco nos olhos dele. Ele é lindo, incrível, temos química e ele

me *AMA*. A palavra pisca em minha mente como se estivesse em um letreiro luminoso. Abro um sorriso bobo. Conversamos sobre minha viagem, e eu conto a Liam sobre a minha conversa com minha mãe. Eu queria conversar com Benjamin, mas não consegui. Liam fica surpreso e me pergunta o que vou fazer. Não sei, é a única resposta que tenho.

— Ainda se sente magoada em relação ao seu pai? — ele questiona, numa voz suave que adoro, pois foi com ela que ele conseguiu chegar até mim.

— Magoada, sim, mas não tenho mais raiva — suspiro e relaxo os ombros, que estavam tensos enquanto eu contava tudo. — Estou confusa.

— Tome seu tempo, essa história toda é muito complicada — ele segura minha mão sobre a mesa. — Estou aqui com você, dessa vez não está só. — Eu nunca estive, porque Meg sempre esteve lá, mas entendo o que ele quer dizer. Meu namorado, meu amigo, meu amor! Quero muito dizer as palavras, mas minha garganta está travada.

— Obrigada — olho para ele por alguns segundos. — Namorado — completo, e essa palavra é doce para mim. Ele sorri.

Depois do nosso café, Liam vai para casa porque precisa trocar de roupa e organizar as coisas por lá. Não sei exatamente o que vai fazer, mas combinamos de nos encontrar mais tarde e ir ao mercado. Ele precisa de comida em casa, além de macarrão e pizza, embora eu suspeite que fará as refeições no mesmo lugar que eu, pelo menos enquanto estiver aqui. Gasto o tempo escrevendo, entrando em contato com André e, claro, ligando para Meg.

— Oi, amiga — digo, assim que ouço a ligação ser atendida.

— Oi, Mamá! Sua felicidade pode ser vista daqui igual ao sinal do

Batman. — Meg bobona.

— Engraçadinha. — Nós sorrimos.

— Qual a nova de hoje? — ela pergunta, e eu penso em qual dizer primeiro.

— Meg, ele disse que me ama! — eu falo toda empolgada.

— E você não sabia — ela ri alto agora.

— Meg! — eu repreendo.

— Amanda, esse homem está louco por você, e todo o universo já percebeu, não faça a egípcia. — Referência tola às pinturas em que os egípcios apareciam com o tronco na posição frontal, mas o rosto de lado.

— Meg, eu não consegui dizer a ele — falo, decepcionada.

— E ele ficou sem chão — ela afirma, séria.

— Ele pediu que eu dissesse quando estivesse pronta — conto.

— Esse homem com certeza veio de outro planeta. Não tem uma cópia, não? — ela pergunta, e eu me lembro de Jordan. Não, era só a casca.

— Tem um amigo — digo e sorrio.

— Sério? Quem? — ela fala empolgada.

— O Ed — respondo e começo uma gargalhada descontrolada.

— Muito engraçado, desejo o mesmo a você — ela entufa.

— Ele não é tão mau. — Se ela o conhecesse...

— Não, ele é péssimo, nada a ver comigo, puritano, mandão, sisudo. — A lista é longa.

— Entendi, você quer um promiscuo, rebelde, que diga amém a tudo que você quer e sorria sempre — rebato.

— Sim, seria perfeito. — Eu sei que ela está sorrindo, convencida.

— Benjamin não é nada disso, e você se diz apaixonada por ele. — Enfiei o dedo na ferida. Alguém precisa fazer Meg entrar na vida real também. Se eu consegui, ela consegue.

— Ei? Isso é golpe baixo. E, além do mais, é platônico, então, nos meus sonhos ele faz exatamente o que eu quero — ela diz, em tom de malícia.

— Ai, eca, me poupe dos detalhes. Lembre-se que ele é meu irmão — eu digo isso, mas minha voz tem um tom de brincadeira.

— Esse é o problema.

— Eu sou o problema? — Por favor, né? Agora eu sou a culpada?

— Ele acha que eu sou você. — Agora a coisa ficou esquisita. — Mas vamos esquecer isso, eu estarei aí para o seu aniversário. O que você quer de presente?

— Mas e o seu trabalho? — Vai fugir do emprego. — E eu não quero presente, você vir já é um.

— Eu me viro e farei um bolo para você — ela fala, rindo de novo.

— Não, eu dispenso. — O bolo da Meg? Não mesmo.

— Eu te aviso a hora que irei sair daqui.

— Vou esperar ansiosa.

Desligamos e fico pensando, faltam o quê? Menos de uma semana e eu ficarei um ano mais velhinha. Sorrio pensando no presente que Meg vai me dar esse ano. São as coisas mais esquisitas sempre. Coisas de sex shop, lingerie, roupas que eu nunca usaria, Meg é maluca, mas sem ela minha vida seria completamente preta e branca. Me lembro de uma vez, quando tínhamos quinze, fugimos da escola no dia do meu aniversário e fomos a um shopping. Ela me comprou um conjunto de calcinha e sutiã, vermelhos, de cetim. Minha mãe achou na minha mochila e deu a maior confusão. Espero que esse ano ela pegue leve, de qualquer forma só abrirei o presente quando estiver só.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Um pouco de ciúme não faz mal

As coisas se arrastam um pouco, mas logo Liam está de volta e lá vamos nós para o centro. Passamos no mercado e compramos “*suprimentos*”. Liam precisa porque não tem nada em casa e eu porque cozinho demais. Depois passamos na delegacia para falar com Ed. A cidade é pequena e acho que a criminalidade é quase zero, a não ser por uma invasão em uma fazenda ou por adolescentes criando caso. Nós encontramos Ed sentado, entretido em um livro.

— Oi, xerife — Liam cumprimenta Ed, puxando o livro.

— Ei? Vou prender você por perturbação da ordem — ele diz, fazendo cara de bravo e guardando o livro. e então, sorri para mim. — Oi — sorrio de volta.

— Oi, Ed.

— Eu ainda não agradei pelas marmitas — ele diz, ainda sorrindo. — Salvaram minha vida! — Dramático.

— Quais marmitas? — Liam pergunta, confuso.

— Eu fiz umas para o Ed. Ele estava doente, e eu deixei antes de viajar. — Eu e Ed nos olhamos e sorrimos, então, ele pega uma sacola com as vasilhas.

— Aqui. Estão lavadas — ele me entrega.

— Então sabe lavar louça — brinco.

— Isso com certeza. Mas quem tem amigos tem tudo, é o que dizem — ele corresponde, e o Liam me segura pela cintura. Viro e sorrio para ele.

— É, dizem, mas não se acostume — Liam diz, e uma sombra de tensão

passa pelo rosto de Ed. Ei? O que é isso? Ele se apoia em uma mesa e me puxa contra ele.

— Não, não vou. Embora não me importe de ser convidado para os almoços de domingo. — Ed diz, sorrindo para o amigo. Liam me enlaça pela cintura e eu me sinto sendo cercada.

— E se for um aniversário? — pergunto, fazendo um afago nas mãos de Liam.

— Aniversário? — Os dois indagam surpresos.

— Sim, o meu — informo e sinto a mão de Liam apertar minha cintura.

— Seu aniversário? — Ed pergunta, mas o Liam não diz nada. Ele parece sério agora, um semblante fechado.

— Sim, vou dar uma festa pequena, para o amigos.

— Isso significa que a dona encrenca estará presente? — Ed faz uma referência a Meg.

— Ah, por favor, sem confusões dessa vez — peço e ficamos um olhando para o outro por alguns segundos.

— Se ela se comportar... — Tá bom que Meg se comporta.

— Ok, bom, temos que ir, coisas para arrumar — Liam diz, me afastando um pouco, mas me segura pela mão.

— Claro, vou voltar ao trabalho — Ed diz, dando um aceno.

— Ao livro, você diz — Liam provoca e saímos.

Andamos em silêncio por um tempo, mas eu não aguento esse clima estranho do nada para o nada. O que houve com toda a felicidade de segundos atrás? Paro de andar, e Liam se volta para mim, confuso.

— O que foi? — ele pergunta.

— O que foi aquilo lá dentro? — Ele faz cara de perdido.

— Não sei — diz, continuando a andar, e eu o seguro de volta.

— Qual o problema? Perdi o detalhe em que você passou de feliz para

estranho — eu o encaro, séria.

— Ah, então é isso? — Ironia? — Ele é a primeira opção, não?

— Sério? Essa conversa idiota de novo? — O semblante dele fecha de vez.

— Muito bem, desculpe a minha idiotice, mas não sabia que minha namorada ficava cozinhando para o meu amigo e muito menos que preferia contar para ele do seu aniversário ao invés de para mim. — Oi? Não acredito no que estou escutando.

— Liam, ele estava doente e cozinha muito mal — digo, completamente surpresa de que uma coisa boba dessas o deixe assim.

— Ele se vira, se virou até hoje. — Ótimo, uma crise de ciúme maluca, tudo que eu precisava.

— Eu não estou acreditando nisso. Você realmente está com ciúme do Ed? — solto nossas mãos e cruzo os braços.

— Vi como você olha para ele, encantada. — Oi? Deus, você ouviu isso? Meu namorado ficou maluco.

— Acho que você inalou fumaça demais, nós somos apenas amigos. — Mas que conversa surreal é essa?

— Amigos, desde quando? — Quer saber, que se dane.

— Desde o dia em que ele me ajudou com meu carro, desde quando você me deixou só e ele me deu atenção. — O rosto dele muda completamente, e eu sei que falei alguma bobagem, ao menos na visão dele.

— Então a culpa é minha? Ótimo — ele cruza os braços também. — Então ligar para alguém trocar seu pneu e emprestar roupas secas faz dele seu amigo?

— Talvez, por que não? — rebato.

— E quando foi que eu a deixei só? — ele me fita ofendido.

— Quando foi conversar por horas com seu amigo ao telefone. — Ele

estreita o olhar.

— Amanda, eu não saí por horas e já me desculpei por isso. — Ele passa as mãos nos cabelos — Então, agora, Ed é um príncipe encantado?

— Não, eu achei que você era, mas acho que descobri seu defeito. — O queixo dele cai.

— Meu defeito? E qual seria esse? — ele tem um ar de... insegurança? Mas o que pode deixar ele tão inseguro?

— Bobeira.

— O quê?

— Isso mesmo, porque isso que você está pensando é um monte de bobagens inventadas da sua cabeça. — Estou muito irritada agora. — O que o faz pensar que estou só esperando o momento de conhecer outro cara para me jogar sobre ele? — Então eu me lembro da história da Thai e do Jordan... Inferno!

— Amanda.

— Não — interrompo. — Eu não sou a Thai, e o Ed não é seu irmão — ele me olha abrindo os olhos ao máximo. — Isso mesmo, supere isso. — Liam tem uma expressão magoada.

— Claro, eu sou um idiota — ele sai andando, e eu fico parada ainda tentando entender essa conversa absurda.

Vejo-o se afastar, de costas para mim, e então penso em toda paciência que teve comigo por todo esse tempo. E ele disse que me ama, droga! Se o problema dele é essa insegurança sem fundamento, seu calcanhar de Aquiles, eu posso lidar com isso. Como? Diga a ele, sua boba! Ainda não consigo, ele tem tantos sonhos, família, filhos... Eu posso ser estéril, ele merece mais...

— Oi, Amanda! — Antony, ótimo. Ele vem em minha direção como se fosse me cumprimentar de beijinho.

— Oi — digo, me esquivando, e percebo Liam voltando em nossa direção.

Agora as coisas vão ficar estranhas.

— Está sozinha? — Antony sorri e faz menção de tocar meu braço. Qual o problema dele?!

— Não — Liam diz, atrás dele. — E se tentar tocar nela de novo vou cortar sua mão fora. — Olho para ele espantada. Ele não faria isso, faria?

— Ei, chefe, calma aí! — ele sorri. — Não precisa exagerar.

— Vai procurar sua garota, Antony, e deixe a minha em paz — Liam fala sério, mas num tom baixo que seria mais assustador do que se gritasse.

— Ok, estou indo, eu hein?! — Antony sai, meio chateado, e Liam fica me encarando.

— Vai proibir a cidade toda de falar comigo? — soei indignada.

— Não, só de tocar — ele diz, muito confiante.

— Quem é você e o que fez com meu namorado relaxado, tranquilo e feliz? — digo tão séria quanto posso e ele solta todo o ar de seus pulmões, fazendo seus ombros caírem.

— Ele é um idiota completo com medo de te perder. — Me perder? Mas que maluquice é essa agora?!

— Liam...

— Eu sei que você não é a Thai, me desculpe — ele diz e me puxa num abraço que me pega de surpresa. — Eu só... Ed é tão família e estável, presente, com uma profissão que em qualquer outro lugar seria perigosa, mas não aqui.

— Não tenho nada com o Ed, além de amizade — digo com o rosto apertado em seu peito.

— Eu sei, eu só... sou idiota — ele diz, baixinho, com os lábios contra meus cabelos.

— Ciumento e fantasioso — completo.

— Prometo que não farei isso de novo — ele diz, se afastando e me

olhando nos olhos. — Me desculpe — ele se abaixa e me beija; um beijo cheio de promessas, carinho e ternura.

— Então ao menos sei que você tem um defeito — digo, sorrindo quando ele se afasta.

— Descobriu meu segredo — ele sorri sem graça. — Deixei de ser o príncipe encantado.

— Eu sempre gostei dos problemáticos — me abraço mais a ele.

— Ai — ele brinca pondo a mão no coração.

— De qualquer forma, eu estava pensando em juntar Meg e o Ed. — Ele abre os olhos ao máximo.

— E iniciar uma guerra nuclear? — Nós dois rimos e então ele me afasta. — Tenho uma ideia.

— Ideia?

— Vamos tomar sorvete e dessa vez sem interrupções. — Ele tem aquele ar de felicidade no rosto que tanto me encanta.

— Como você não percebe que eu olho para você encantada? — Ele estreita o olhar.

— Eu a amo — ele diz de novo, e eu apenas sorrio. Sim, sou maluca porque não consigo dizer umas três palavras pequenas. Ele me beija e depois vamos de mãos dadas para a sorveteria.

Sentamos, fazemos o pedido e logo ele me vem cheio de planos para o meu aniversário. Informo que ele vai ter que competir com a Meg. A sorveteria está cheia como sempre nessa época, e eu vejo Antony sentado. Ele olha torto para Liam. Sinto-me incomodada. Ele não pode brigar por uma bobagem dessas, ainda mais com os caras que trabalham com ele.

— Você pegou pesado com ele. — Faço um gesto na direção de Antony.

— Ele aguenta — ele diz, olhando na direção e erguendo a mão num cumprimento. Antony sorri, constrangido. — E dá em cima de você de

propósito.

— Então, não deveria se incomodar — falo, erguendo as sobrancelhas.

— Não me incomodo, desde que não toque em você — ele sorri.

— Ok, meu dono — digo, irônica.

— Gostei do título — ele beija minha mão.

— Vai sonhando — puxo a mão e bagunço o cabelo dele. Gosto mais assim, desgrehado.

— Com certeza — ele me oferece um pouco do seu sorvete, e eu o provo.

— O que vai querer de presente?

— Um namorado menos ciumento — brinco.

— Seu pedido é uma ordem — ele beija seu próprio dedo indicador e toca meus lábios com ele.

Voltamos às brincadeiras de casal, trocando colheradas do sorvete um do outro. Ele tem de novo aquele clima leve. Espero que essa tenha sido a última crise, mas se não for, e esse for seu trauma, eu com certeza estarei aqui por ele, como ele esteve e está por mim.

*CAPÍTULO QUARENTA E SETE***Festa + Meg = Confusão**

O dia tão esperado do meu aniversário chegou, e o meu celular nada. Estou para ficar louca aqui com Meg e Liam. Eles resolveram fazer um churrasco em um salão da cidade, o que seria simples, se não fossem as ideias da Meg, e Liam concordando com tudo. Ed está aqui ajudando, mas graças a Deus Liam não implicou, acho que ele entendeu que eu e Ed não temos nada a ver. De qualquer forma, estamos de olho mesmo é no xerife e na Meg. Por enquanto, parecem estar bem comportados e educados. Sem gritos ou ofensas, acho até que trabalham bem juntos. Benjamin não chegou ainda, e Liam disse que Danna ia tentar vir.

— Ei, montanha, me ajuda aqui com o carvão? — Meg grita, e Ed faz uma careta, mas vai até ela. Deus, me ajude aqui e não deixe eles brigarem.

— Vai ficar de vigia e tensa a festa toda? — Liam diz, me abraçando pelas costas.

— Estou com medo que se peguem — confesso.

— Pensei que queria que se pegassem — ele ri e beija meu pescoço.

— Não do jeito que costumam fazer — viro-me nos braços dele e o beijo nos lábios.

— Amanda, não crie caso — ele sorri para mim.

Para minha sorte, tudo corre bem e estamos nos divertindo muito. Meg conseguiu até um equipamento de som estrondoso, e eu dou graças pelas pessoas da cidade não terem reclamado. Estamos em uma casa de eventos e, pasmem, isso existe aqui. Após muitas cervejas, minha amiga está dançando

e todas as atenções estão em sua direção. Há uma disputa só para dançar com ela, e o único que parece distraído é o Edward. Preciso de alguns copos descartáveis, e Danna, que acabou de chegar, diz que vai comigo até o mercado aqui perto para comprar. Aceito a companhia, e Liam fica tomando conta dos convidados, que são os rapazes da equipe, as esposas e filhos, o xerife, Meg, Kevin e Thai. Sim, ela veio. Eu percebo que o tempo todo ela fica de olho no Antony, e meu coração começa a abandonar o ciúme do passado. Quando estou indo para o carro, olho para Meg e para o Ed. Começo a pensar que ele não tem interesse nela, mas, então, percebo uma olhada disfarçada dele. Talvez não seja tão imune.

Nós saímos, compramos os copos, voltamos às pressas e então ouvimos gritarias que se misturam com a música. Desço do carro e entro às pressas, dou de cara com Meg e Betsy. Quem convidou a bruxa?

— Qual o seu problema? Não vê que está sobrando? — Meg vocifera. — Você não é bem-vinda.

— Você se acha, não é, ruiva falsa? Tudo em você cheira a dissimulação, típico de mulheres do seu tipo — Betsy rebate.

— E qual o meu tipo, sua bruxa? — começo a caminhar até elas, tenho que impedir isso. A plateia só cresce e ninguém parece fazer nada.

— Do que me chamou? — Betsy vai para cima de Meg, que joga o que tem no copo na cara dela. Em segundos elas estão atacadadas rolando no chão. Só então os bobões que estavam assistindo interferem. Antony tenta puxar Betsy, mas Meg está grudada nos cabelos dela. Nesse momento o xerife sai de não sei onde e solta as mãos de Meg; ela está impossível agora.

— Me solta, ogro, eu vou ensinar a essa cobra uma lição que já devia saber há tempos — Meg diz, irritada e Ed a segura como pode. Ele é grande, mas ela está descontrolada.

— Ela é louca, quer me matar — Betsy choraminga para Antony, e eu

vejo o ar de desgosto na face de Thai. Esse com certeza é o Além da Imaginação. Um episódio digno de Oscar.

— Matar, não, só vou arrancar sua língua e olhos — ela diz, com um sorriso sarcástico.

— Não vai fazer nada disso — Ed a segura pelos ombros.

— E quem vai me impedir? — ela se esforça para alcançar a altura dele.

— Eu — ele diz e a coloca sobre o ombro com uma facilidade incrível.

Meu queixo foi parar no chão.

— Me larga, ogro! — Meg grita, batendo nas costas dele.

— Já passamos por isso, moça, eu não vou soltá-la — ele diz, parecendo calmo, e então se volta para mim. — Pode ir buscá-la na delegacia depois.

— Vai me prender? Por que não prende a intrusa ali? — ela aponta para Betsy. — Bruxa.

— Não estou prendendo você, estou te levando para esfriar a cabeça — ele diz isso e sai.

Uma festa alegre se tornou uma tragédia. As crianças estão com os olhos arregalados. Betsy está atracada em Antony e sei que é fingimento puro. Danna está muda, e Liam, sem ação. Eu caminho até Betsy, e ela me olha estranho.

— Você não foi convidada, pode se retirar — digo, dura, e não sei de onde veio esse tom.

— Você vem, Antony? — Que bruxa.

— Se você for eu, encararei como uma ofensa pessoal, Antony — digo, cortando-a, e ela me olha com fúria. Já está na hora de dar um basta nessa folgada. Meu namorado, minha amiga, e o próximo, quem será? Minha mãe, meu irmão?

— Eu... — ele me olha confuso. — Desculpe, Betsy. — Ótimo, ponto para mim.

— Quem perde é você — ela diz e lá se foi o choro.

Assim que Betsy sai, eu vou até a delegacia ver Meg. Chego e já escuto os dois discutindo.

— Ai, você está adorando isso, não é, ogro? — Minha amiga.

— Não tanto quanto você, dona encrenca. — ele rebate. — Não consegue ficar cinco segundos sem causar problemas.

— Ei? Não sou a culpada — ela tem uma voz magoada, e eu entro para ver o quadro. Meg sentada na mesa, sobre um monte de papeis, e o Xerife sentado em uma cadeira em frente, passando algo nos ferimentos dela com um algodão.

— Mas podia ter evitado, precisava estragar toda a festa? — ele repreende, e ela o olha constrangida.

— Não estraguei a festa toda — defende-se, e eles nem me notam. Fico sem saber se entro ou se deixo os dois nessa conversa.

— Não, só se machucou toda e como acha que a Amanda está agora? — Ela fecha os olhos e suspira. Então, ao abrir de volta, dá de cara comigo.

— Nos espionando? — ela diz e sorri para mim. Sinto-me corar.

— O quê? — ele olha para ela. Em seguida segue o olhar de Meg e me vê.

— Você está bem, Hulk? — ironizo para não ficar um clima estranho.

— Você não viu o outro cara — Meg ri. — Vai ter uma enxaqueca das boas.

— E você acha isso bom? — Ed corta.

— Estraga prazeres, você, hein! — ela o encara e ficam rosto com rosto.
— Não sabia que era o defensor da moral e dos bons costumes. Talvez um anjo caído.

— Você é encrenca pura — ele diz, respirando fundo e ficando de pé. — Não vai morrer de infecção — ele caminha em minha direção. — Tenta pôr um pouco de juízo nessa cabeça de vento.

— Não vai me prender? — Meg grita, enquanto ele sai nos deixando sozinhas.

— Nem que me paguem — ele diz, ainda de costas para nós.

— Você enlouqueceu, Meg? — olho para ela, cheia de arranhões nos braços e pernas.

— Sim, aquela mulher me dá nos nervos — ela diz, séria. — Tudo que você me contou... ainda por cima aquela do molho que eu não tinha engolido.

— Meg, ela é uma provocadora — tento acalmá-la.

— E eu sou mais, ela não sabe com quem mexeu — diz, sorrindo, confiante. — Se eu estivesse na sua casa, a afogaria ela no lago. — Meneio a cabeça.

— Sorte a dela — digo e sorrimos as duas.

— Agora vamos — Meg desce da mesa.

— Vamos aonde doida? — sou arrastada por ela.

— Voltar para festa, ainda não cantamos parabéns. As crianças gostam de bolo e tem os presentes também.

— Desses últimos eu tenho medo — ela me abraça pelos ombros e voltamos.

Voltamos sorrindo, e as pessoas nos encaram apreensivas, mas logo voltam a comer e beber. Ed não está aqui, mas Antony ficou e parece meio triste. Fico com dó dele, mas, na ira, acabei usando-o para chatear a bruxa. Meg pega algo para beber e comer, nem parece que estava rolando no chão, minutos atrás, como um moleque de rua.

— Ela é louquinha, não? — Danna se aproxima, e eu sorrio amarelo. — Eu gosto disso. — Oi? Que bom!

— Eu também — digo, agora sorrindo mais relaxada.

— Dizem que Betsy vai ter um bom hematoma no rosto. — Acho que Danna gostaria disso.

— Ela mereceu, nem todo mundo tem paciência como a Amanda. — Thai se junta a nós. Paciente, eu?

— Posso roubar minha namorada? — Liam chega, me abraçando, e elas têm aquele sorriso bobo.

— Toda sua — Danna diz.

— Vamos cantar os parabéns — ele grita, e todo mundo bate palmas e assovia.

— Sério? Já estou velha para isso — fico envergonhada, mas não tem como fugir.

— Velha? Não mesmo — Meg vem em minha direção. Até arranhada ela é bonita. Eles cantam parabéns para mim no maior entusiasmo, e as crianças se acabam nos doces e bolos. Fico feliz que as coisas tenham se apaziguado, então, preparo um prato, indo até Antony.

— Desculpa — digo, entregando à ele.

— Pelo quê? — Liam me olha, ainda com um ar triste.

— Pela Betsy. — Ele arqueia as sobrancelhas.

— Eu sei que ela passa do limite às vezes, — Estreito o olhar. — Sempre.

— Espero que não se chateie comigo — digo, sorrindo.

— Nunca — ele diz e sorri.

— Ei, nem pense — Liam aparece, mas o ar é de graça. Nem sombra de ciúme.

— Jamais, chefe, gosto das minhas mãos — Antony brinca e se afasta.

— Seu presente — Liam me entrega uma caixa e, quando abro, tem um celular. — Foi difícil enrolar você, mas como foi meio que minha culpa você ter quebrado o outro... Jay que atende na loja daqui me disse que você queria, e eu já tinha ido até lá para comprar um para você quando soube que ia fazer aniversário e ainda estava sem.

— Adorei — murmuro, beijando-o, e ele me aperta pela cintura. Ouvimos

os gritos e sabemos que somos o centro das atenções.

Meg me deu um livro para anotar receitas, daqueles customizados cheios de coisas, que diz ser a minha cara. Eu amei, e ela me promete o “*outro*” presente quando chegar em casa. Ainda ganho mais presentes das pessoas. Kevin me dá um marcador de livros lindo, prata. Acho que foi caro e suspeito que tenha gasto uma boa parte de suas economias nele, mas não posso rejeitar, seria uma ofensa. Danna me deu um par de brincos de coração, é uma romântica, tal qual o irmão, e Ed me deu um porta-retrato que ser o primeiro onde colocarei uma foto minha com Liam.

— Tio, já que me ouviu sobre namorar a Amanda, agora deveria casar logo com ela — Samantha solta a pérola, e eu fico azul.

— Ao menos a comida seria boa sempre que viéssemos aqui — Nicole diz, séria.

— Menina, você é terrível — Meg diz, rindo alto, se divertindo com meu constrangimento. Todos ficam nos olhando. Calma, gente, não somos nenhum casal de filme, somos pessoas reais não é bem assim. Faço cara de passada.

— Agora diga de novo que não são do mal — Liam brinca. — Prometo pensar sobre isso — ele diz para as garotas, mas o olhar está em mim. Não digo nada, perdi a língua. Agora estou de todas as cores do arco-íris. Casamento? Gente, nos conhecemos outro dia e ... Droga, ele quer isso, família, filhos e eu também quero, mas esse não é um sonho possível para mim, não mais.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

A última barreira

As loucuras da festa ficaram por conta de Meg, que manteve a animação toda. Eu sabia que ela ia aprontar algo, mas apostei no oponente errado. De qualquer forma, não pensei que Betsy teria a audácia de ir até lá, e no final eu gostei da surra que a Meg deu na bruxa. Estamos arrumando as coisas, e é a pior parte. Copos, pratos e coisas por todos os lados. Estou concentrada na minha tarefa de pegar as coisas e pôr no saco que Danna está segurando, enquanto Meg, em cima de uma escada, desmonta a decoração com Edward e Liam. Ainda fico esperando que ela e o xerife comecem a se xingar, mas acho que isso não acontecerá hoje. De repente, Danna está com uma cara de boba, olhando para a entrada, e eu me viro para ver qual é a surpresa da vez. Benjamin! Ele está lá, de pé com uma cara de frustração por ter chegado atrasado. Vestido em seu sobretudo preto, a capa de príncipe.

— Chegou cedo para o próximo ano — brinco, indo em sua direção, e ele me abraça apertado.

— Me perdoe, eu tive um problema. — Claro. — Mas eu viria nem que fosse de madrugada.

— Você dirigiu agora no fim da tarde e cansado? — eu o olho, preocupada.

— Não, sua boba, vim de helicóptero — ele sorri como se fosse a coisa mais natural — Cindy me trouxe. — A piloto da empresa.

— Agradeça a ela por mim depois. Onde você desceu? — eu o fito, curiosa.

— Em uma fazenda, tem um monte aqui — ele ri.

— Bobo.

— Trouxe seu presente — ele me dá uma caixinha.

— Não precisava — digo, e ele a empurra em minha mão. Abro e é uma pulseira com um pingente minúsculo que o papai havia me dado quando nasci e que usei até os oito anos. Ele dizia que em cada data importante me daria um novo, mas isso não aconteceu. — Você sabe? — eu o olho surpresa.

— A mamãe me disse — ele me beija na testa. — Tem um lugar para mim na sua casa? — ele sorri. Se ele tem lugar no meu coração, na minha vida, imagina se não na casa?

— Claro, mas, antes, mãos à obra. — Ele olha para os outros só agora, e seus olhos param em Danna. Meg olha para ele nesse momento e meu coração diz: Opa, prevejo problemas!

— Com certeza — ele tira o sobretudo e vai até Danna. — Quer ajuda?

— Por que não ajuda os homens com o trabalho pesado? — Meg corta.

— Você já está aí — ele rebate e sorri para ela. — Benjamin — ele se apresenta, e Danna leva alguns segundos para responder.

— Danna — ela diz, meio sem jeito.

— A irmã do Liam — Meg fala outra vez, e quando ela tenta olhar para trás se desequilibra.

— Meg! — eu grito, mas Edward a pega.

— Você gosta dessa posição, não? — Ei? Eu vi Meg corar?

— Me solta, montanha — ela desce rapidinho. — Vou ficar com as garotas — ela passa por Benjamin e toma o saco que ele tem nas mãos. — Você fica com os homens. — Ele se dá por vencido e sai, mas não sem antes dar uma olhada em Danna. — Playboy! — ela diz entre os dentes.

Eu fico boba olhando minha pulseirinha por um tempo e então a coloco. Arrumamos tudo e estamos quebrados, rumo à minha casa, quando Antony

entra correndo e com uma cara assombrada.

— Gente a fazenda dos Bronstley tá pegando fogo — ele diz, e todos nós nos olhamos tensos. — Precisamos de toda a ajuda. Tinha muita plantação seca com o calor, e o combate tá difícil, o fogo pegou o celeiro e tem gente na casa.

Isso foi o bastante para sairmos correndo e entrarmos no carro. Todos seguimos para lá, nem que seja para apagar o fogo com baldes. Meu coração fica apertado, e eu temo pela família. Embora não os conheça, sei que são antigos na região e que sua fazenda emprega muita gente.

Chegamos lá alguns minutos depois e está uma loucura. Alguns bombeiros já estão no local. Antony e Liam vestem as roupas de proteção. Muitas pessoas da cidade foram ao local para ajudar, e outros para olhar. Fico apreensiva, mas sei que esse é o trabalho dele. Logo está no meio dos outros dando ordens, enquanto eu, Meg e Danna nos juntamos às mulheres que cuidam de encher baldes. Benjamin segue Ed, ajudando com os animais que estão sendo tirados da rota de destruição do fogo.

— Água! — os homens gritam. — Vamos, vamos, força, ânimo! — eles gritam palavras de incentivo, e eu fico mais nervosa.

— Aqui, por aqui — eles desviam a direção, e o fogo parece querer lamber tudo.

Eu estou suada, o calor é absurdo e sinto medo. Nem sei mais se meu coração bate ou se parou de vez. Algumas pessoas se feriram, e uma delas é o dono da fazenda. Ele estava em uma das partes do celeiro que desmoronou e se feriu feio no braço e na perna no lado direito. Ele segura minha mão quando me aproximo e me olha nos olhos.

— Juniper, ela está lá! — Oi? Quem é Juniper? Eu o encaro espantada. — Minha filha, só tem cinco anos. — Agora sei que meu coração morreu de vez. Eu procuro o Liam com os olhos.

— Liam! — eu grito, muita fumaça, e meus olhos ardem. — Liam! — Uma mão segura meu braço.

— Ei, calma. O que está fazendo? Não pode ir para o fogo. — Marcus segura meu braço.

— Liam? — eu pergunto, e minha voz sai rouca pela fumaça.

— Ali — ele aponta. — Mas não pode ir lá, Amanda.

— Tem uma criança no celeiro, Marcus — informo, e meus olhos estão em lágrimas, não sei se pela criança ou pela fumaça. Talvez pelas duas, pois quando fito o celeiro já não tem quase nada, tudo é fogo.

Marcus corre em direção aos rapazes, e eu vejo que conversa com quem ele identificou como sendo Liam. Eu não reconheço daqui, mas eles trabalham juntos e devem estar habituados a se reconhecerem. Estou com o coração na mão, e agora ele pulou fora de mim, porque acabei de ver o Liam entrar no celeiro. Mesmo com toda essa roupa, não acho que seja invencível. Deus, mais não, já não tive o bastante.

— Amy, eu entrei em contato com alguns amigos. — Benjamin está ao meu lado — Eles estão vindo o mais rápido que podem com os aviões que podem trazer água. — Cheguem logo, por favor. Eu rezo em pensamento.

— Vai ficar tudo bem, Mamá — Meg diz e me abraça. Viro-me para ver Danna chorando. Droga, é o irmão dela.

— Ei? Calma, vai dar tudo certo. — Benjamin se aproxima dela antes que eu diga qualquer coisa. Meg olha de lado, mas não interfere dessa vez, embora eu tenha certeza que era o que ela queria. Danna se mantém rígida no lugar, mesmo tendo Benjamin com a mão por cima de seu ombro.

Ficamos na tensão, e, por mais que pareçam passar segundos apenas, sinto como se fossem anos. Todo o meu corpo está rijo, como que esperando para liberar tudo de vez. mantenho meus olhos fixos no celeiro, não importando o quanto eles lacrimejem ou ardam. preciso vê-lo sair dali, vivo! Alguém vem

nos chamar para ajudar com os machucados. não tenho cabeça, mas preciso, não posso dar às costas as pessoas. Preciso acreditar que o Liam sairá dali vivo.

Seguimos para os feridos. Outras pessoas aparecem com suprimentos, medicamentos, água potável, cobertores, e logo os aviões começam a chegar. Eu mantenho um olho no trabalho e outro no celeiro. Por que demora tanto?! Assim que penso nisso, vejo quatro pessoas saírem do celeiro. Um homem carregado pelos ombros por outros dois, e o quarto tem um embrulho no colo. A garota! Liam! Dessa vez não quero saber de fogo nem de fumaça, começo a correr em direção a eles e percebo que colocam o homem no chão, enquanto se apoiam nos joelhos para pegar ar. A coisa toda está um inferno; o homem no chão não se mexe. No meio do caminho alguém me segura pela cintura.

— Calma, Amy, você...

— Ben, se você me ama, me solta — eu digo, olhando com desespero nos olhos dele, que me solta, mas sei que faz isso porque percebe que não há perigo para mim. Corro com as lágrimas em minha face.

Chego, já me ajoelhando ao lado do cara no chão, porque agora já vi que é o Liam deitado. Olho para ele de perto, todo sujo de fuligem. Há um rasgo em seu casaco de proteção, e uma perna está lavada de sangue. Pego seu rosto nas mãos, e ele está de olhos fechados. Não posso descrever o que estou sentindo agora, um vazio enorme toma conta de mim.

— Liam? — Ele não responde. Tento ver se se peito se move, mas não consigo. Abaixo a cabeça, colando meu rosto em seu peito, e escuto as batidas fracas de seu coração.

— Rápido, vamos! — Escuto uma voz masculina e vejo Danna de pé, atrás de mim, com uma expressão desolada. Os paramédicos estão aqui e o pegam, colocando em uma maca. — Vamos, gente, rápido. — Eles começam

a se afastar, e eu ainda estou no chão.

Levanto-me num esforço sobre-humano e os sigo. Não deixam nem eu, nem a Danna irmos na ambulância, Meg é quem dirige o carro para chegarmos ao hospital. Durante caminho todo, ouvindo aquela sirene, eu só penso em Liam, e a imagem que vem à minha cabeça é dele sorrindo e dizendo que me ama.

Nós chegamos, mas não podemos vê-lo. Ele segue para emergência e ficamos na espera. São meia hora que parece uma eternidade, e eu me levanto, começo a andar pelo corredor. Após um tempo, funcionários do hospital passam por mim, e eu congelo ao ouvir a conversa.

— Ele estava no incêndio. — Um diz.

— Tão jovem, não?! Disseram que a família está esperando. — Eu corro na direção contrária e entro no local de onde eles saíram. — Ei, moça? Não pode entrar aí. — Alguém me diz, mas eu não me importo. Lá dentro tem um homem sobre uma cama, inerte, e eu me aproximo em lágrimas. Apenas a mão está de fora do lençol, e eu a seguro.

— Não! — O som abafado sai de minha garganta, e os funcionários param na porta, mas não me mandam sair de novo. — Me perdoa, me desculpa — eu começo e minha voz é embargada pelos soluços. O chão se abriu sob meus pés, e eu estou definitivamente de volta ao inferno. — Eu te amo, eu te amo muito, volta para mim, não me deixa. Eu juro dizer que te amo todo dia, toda hora, eu até caso se você quiser eu...

— Eu adoraria tudo isso. — Oi? Essa voz rouca... É o Liam, mas... Eu me viro, seguindo o som da voz, e, numa cama ao lado daquela onde estou, Liam está sentado, todo machucado, uma perna para baixo e outra para cima. Ele puxou o biombo que separava as duas camas. Com ele tem uma equipe ministrando medicamentos, cuidados, fazendo curativos. Sinto um misto de alívio e desespero.

— Liam?

— Não vou ficar ofendido por você me confundir se cumprir essa promessa de agora há pouco — ele consegue brincar numa hora dessas.

— Idiota! — digo e me jogo nele num abraço sofrido.

— Ai — ele geme de dor.

— Ei, moça, não pode. — Um enfermeiro vem me puxar, e eu me agarro ao Liam com toda a força que restou em meu corpo depois desse susto.

— Ei, era amor, agora sou idiota? — ele brinca, e deveria ter raiva, mas não consigo.

— Eu te amo, muito. Amo, amo, amo... — repito até minha voz falhar devido às agressões da fumaça.

— Eu também a amo — ele diz e pela primeira vez sinto o desespero em sua voz.

— Ótimo, todo mundo se ama, agora podem parar. — É a voz do Eric. — Você tem que operar essa perna, herói — ele me olha sério. — Eu prometo que o trago de volta, Amanda.

— Por favor, Eric — digo, em prantos.

— Ei, eu vou viver, amor — ele diz, e o som da palavra amor ganha meu coração de vez, derrubando as últimas barreiras que poderiam existir.

Eu os vejo arrumarem-no para a cirurgia e antes de sair ele segura minha mão, deitado na maca.

— Vou voltar e cobrar a promessa — ele diz e sorri. Esse sorriso acalma um por cento do meu coração.

— Vou estar esperando. — Porque eu só saio daqui com ele vivo.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Família, casamento e cobras

Estou ansiosa, hoje é o dia em que Liam sai do hospital. Uma perna imobilizada, machucados pelo corpo, muitas medicações, mas vivo. Só o que me importa é que ele esteja vivo, mesmo que faltem pedaços do seu corpo.

Não dormi por vários dias, na espera da cirurgia, pós-cirurgia, mudança da UTI para o quarto de enfermaria e assim por diante. Temia que assim que eu fechasse os olhos não voltasse a vê-lo. Graças aos anjos que me ouviram, ele está de volta para mim e agora entendo o medo dele em relação à possibilidade de que eu o abandonasse. Apesar disso, ele tem que perceber que Thai o trocou pelo irmão, mas os dois eram bombeiros. Aprendizes, mas bombeiros. De qualquer forma, eram também adolescentes. Eu sou problemática, só que também sou uma mulher adulta. Passei muitos anos de minha vida me escondendo, tendo medo, me punindo, mas não mais. Agora sei exatamente quem sou e o que quero, falta apenas mais um passo. Preciso contar a ele que filhos são uma impossibilidade para mim.

Arrumo os últimos detalhes na mesa. E é claro que fiz um banquete. Olho o relógio, nove e quinze, ele sai às dez horas. Corro para a escada subindo mais de um degrau por vez e vou tirando as roupas no caminho. Um banho agora é primordial.

De banho tomado, me olho no espelho e percebo que uma maquiagem não seria nada mau. Minhas olheiras e o cansaço se tornaram marcas permanentes em mim. Pegó o estojo que Meg me deu. Meg... Eu ainda me lembro da cara que fez quando me deu o outro presente, um livro do Kama Sutra, só ela

mesma. Eu escondi, claro! Imagina alguém bisbilhotar minha estante e achar esse livro? Deus me livre.

Maquiagem feita, roupa posta, dou uma conferida no espelho e nos meus pés, claro. Vestida, maquiada e calçada, liberada para sair. No caminho, passo pela mesinha de canto na sala e minha pulseira está lá. A pulseira que meu pai me deu. Expiro com força, porque essa ainda é uma pedra em meu coração, mas agora minha atenção é toda do Liam. Pego as chaves e entro no carro em busca do meu amor.

...

Chego ao hospital e assim que passo da entrada dou de cara com Danna, acompanhada pelos pais que reconheci da foto do notebook de Liam. Congelo por dentro de ansiedade. Não os conheço e nem sabia que estariam aqui. Claro que viriam, sua bocó, são os pais dele. Dou algumas respiradas para criar coragem e quando estou quase chegando, Danna abre um sorriso e vem em minha direção, me encontrando no caminho.

— Oi, cunhada! — ela diz e me abraça forte.

— Oi — eu digo, tímida, mas devolvo o abraço.

— Pai, mãe, essa é a garota do Liam — ela diz, e eu mudo de cor, para variar.

— E não é que o miolo mole tem bom gosto? — O pai dele diz, e eu não sei se corro ou se dou risada.

— Ei, Jake, não seja inoportuno — a mãe corta. — Olá, querida, eu sou Emma, e esse velho linguarudo é o Jake, somos os pais do Liam — ela se apresenta e também me abraça.

— Isso, querida, não ligue para mim. Já tenho idade para dizer o que sinto vontade, na hora que quero e quando achar melhor — Jake fala e sorri com

um ar travesso. Não sei por que, mas tenho a impressão de que Jordan foi quem herdou o jeito do pai. Ideia louca, já que não o conheci e nem vou conhecê-lo.

— Agora chega ou Liam vai escalar as paredes do quarto — Danna diz, me puxando pelo braço, e caminhamos os quatro em direção ao quarto dele.

— E as garotas? — pergunto a Danna.

— Estão com a Thai. — Claro. Amanda, não seja sem noção agora. Entramos no quarto e lá está o dono da minha alma com uma cara de poucos amigos, conversando com o Eric.

— Vocês demoraram — ele diz, chateado.

— Por favor, levem logo ele daqui antes que eu opere o cérebro — Eric brinca, mas ninguém ri.

— Achei que você cuidasse de ossos — rebato, e Liam finalmente me brinda com um sorriso, meio fraco, mas já é algo.

— Então você conseguiu agarrar uma garota. — Jake vai logo despejando. Nossa, as gêmeas têm a quem puxar.

— Pai, me dê um desconto ao menos hoje — Liam bufá.

— Jake, seu velho, já disse para não chatear as pessoas — Emma entra na conversa, mas sua voz é suave, tal qual a de Liam quando tenta me acalmar.

— Desse jeito você vai espantá-la, pai — Liam ri, mais relaxado.

— Então case logo e me dê netos. — Eu mudo de cor.

— Você tem duas que valem por mil — Danna vem em meu socorro. — E ainda quer mais?

— Claro, quanto mais melhor. — O homem sorri, e eu acho que ele é pior que a Meg no quesito irritação e ganha do Ben em ser um mala.

— Ok, já chega — Eric fala. — Levem esse impaciente daqui. — Todos rimos dessa vez e ajudamos Liam.

Em pouco tempo estamos dentro do carro no caminho de volta. Ele

comigo, e os pais de Danna com ela. Eu convidei a todos para minha casa, não havia outra opção. Não sei muito bem a impressão que passei, mas me senti estranha com eles, principalmente com a menção de netos. Sinto-me inadequada, e Liam não fala nada, sentado no banco ao meu lado, apenas me olhando de soslaio de vez em quando. Estou tensa, o que é visível pelos nós dos meus dedos brancos com a força com que apoio o volante. Logo chegamos, o trajeto é curto, e lá vamos nós de novo com todo cuidado para ajudar Liam a sair do carro, por causa da perna.

— Ei, cuidado, não ponha peso nessa perna, meu filho — a mãe dele diz e vem em nossa direção. Seu pai logo pega pela cintura, passando o braço do filho pelo pescoço para que ele possa se apoiar. É uma cena engraçada e comovente ao mesmo tempo. Lembro-me que já perderam um filho, em outro incêndio... Como aguentam?

— Ok, mãe, eu estou bem. Pai, mais um pouco e vai acabar me pondo no colo — ele resmunga, mas seus pais ignoram.

— Uau, você esteve ocupada — Danna diz ao ver a mesa.

— E ainda cozinha? — Jake diz. — Eu sabia que ela era boa.

— Pai, você nem a conhece — Liam corta, mas sua voz é como a da sua mãe, suave.

— Por quê? Quando conhecer não irei gostar? — ele pergunta assim que estamos todos acomodados na mesa.

— Ao menos ela não fala e se exhibe como as namoradas anteriores. — Meus olhos crescem. Sério? Esse assunto.

— A Thai não se exhibia. — Jake de novo. Acho que quero meu taco de beisebol agora. Eu me levanto para pegar o suco na geladeira, e Liam segura minha mão.

— Ei? Ignore, eles vão fazer tudo que puderem para que se sinta desconfortável, estão te testando. — Oi? Me testando? Para quê?

— Desculpe, querida, estamos nervosos e... — A mãe dele dá um suspiro e pela primeira vez noto um ar cansado nela. Entendo a sua ansiedade, seu medo, a sua dor... Ah, se entendo.

— Tudo bem, senhora Mackenzie — eu digo, relaxando um pouco.

— Me chame de Emma — ela sorri e é como se fosse o Liam. Todos nessa família têm sorrisos encantadores — Ainda não me disse como devo chamar a “*garota*” do Liam — ela diz, fazendo aspas com os dedos e olhando para Danna.

— A minha garota se chama Amanda, mãe — ele sorri e beija minha mão. — Agora chega de chateá-la, ela fez isso tudo para gente — aponta para mesa.

— E você ficará gordo logo e perderá o emprego de bombeiro — Jake fala logo depois de provar um pãozinho, um pedaço de bolo e biscoitos.

— Você amaria isso, não? Você e a mamãe — Liam ri, também pegando um pãozinho, e começamos a comer finalmente.

— Não tenha dúvidas — Danna provoca.

— Eu amo o que o fizer feliz, meu filho. — A mãe dele diz, cheia de lágrimas nos olhos. Liam toma a mão dela e beija também, fazendo-a sorri.

— Ei, largue minha garota, você já tem a sua. — O pai ironiza, mas eu percebo uma faísca de ansiedade em seu olhar. Toda essa cena de falar, brincar e provocar é só um meio de disfarçar a tensão. Afinal, ele é pai.

Continuamos comendo, e as brincadeiras rolam soltas. Logo Emma está contando coisas de Liam quando criança, e Danna parece adorar o momento vexatório do irmão. Eu não ligo, não presto atenção em muita coisa a não ser em Liam. Seus olhos, sorriso, os movimentos do seu peito respirando, a pulsação de sua jugular; e minha vontade era mesmo colar meu ouvido ao seu peito e ouvir seu coração bater tão forte quanto é possível...

— Muito bem, já chega, você precisa descansar — Danna diz se

levantando. — Vamos, pai, vamos, mãe. — Os pais fazem cara de que querem ficar um pouco mais.

— Podem dormir aqui, tem vários quartos — eu ofereço porque, se fosse meu filho, não iria querer sair do seu lado.

— Não, nós vamos dormir na casa do Liam — Danna corta.

— Sim, é melhor — Emma me dá um sorriso cúmplice.

— Isso tudo é desculpa para deixar vocês sozinhos — Jake diz, sorrindo — Cuidado com a perna, filho. — Fico roxa, e Liam pigarreia.

— Pai? — Danna praticamente os empurra para fora.

— Pode respirar agora — Liam diz quando eles saem. Ele levanta e, com as muletas que trouxemos do hospital, se arrasta até o sofá.

— Ei? Não force — vou atrás dele como se ele pudesse cair a qualquer momento.

— Sente-se aqui — ele diz, passando a mão no sofá ao lado dele, e eu obedeço. — Agora me dê um abraço, um beijo, um aperto de mão, qualquer coisa.

— Liam! — eu começo a sorrir.

— Estou morrendo por um toque seu, se quiser pode me bater. — Eu não seguro mais, e ele me puxa pela nuca e me beija. Não resisto.

— Muito bem, vamos com calma ou você volta para o hospital — eu me afasto.

— Eu quebrei a perna — ele diz, enfático, e então me puxa, apoiando-me em seu peito. Ficamos assim, ele sentado com a perna machucada em cima da mesa de centro e eu deitada sobre seu peito, virada para ele. — Eles podem parecer assustadores, mas só fazem barulho.

— Tudo bem, são seus pais e se importam com você — eu entendi.

— E você? — Eu?

— O que tem? — eu o olho. — Você sabe que eu me importo.

— Eu te amo — ele diz, e seus olhos estão cheios de ansiedade.

— E eu também me amo. — Ele faz uma expressão de susto, e eu começo a rir.

— Amanda! — ele me repreende e me ajeito no sofá. Pego seu rosto em minhas mãos e o olho nos olhos.

— Eu te amo, meu coração é seu, minha alma é sua. — Seu rosto relaxa consideravelmente, ele me beija de forma apaixonada e lá vou eu, sentindo todas aquelas correntes elétricas deliciosas. — A gente não pode — digo com meus lábios nos dele.

— Quem disse? — ele retruca.

— Liam, vou chamar seus pais de volta. — Ele me solta e geme frustrado.

— Golpe baixo. — Eu sorrio.

— Em breve.

— Você me ama.

— Ei? Quem está dando um golpe baixo agora? — ele fica sério, e eu prendo a respiração.

— Casa comigo? — Meu queixo cai.

— Liam, nós...

— Nos amamos, por que esperar? Se você mudar de ideia sempre há o divórcio. — Que lógica maravilhosa.

— Sabe, eu acho que Eric devia operar mesmo o seu cérebro — eu me afasto dele.

— Amanda, eu quero formar uma família com você, nós merecemos isso. Qual o problema? — Eu não poder ter filhos?

— O problema é que isso não é um jogo, um papel que se usa e depois que não serve joga-se fora — digo a primeira coisa que me vem à mente depois de filhos.

— Eu jamais jogaria você fora — ele fala, ofendido.

— Sempre há o divórcio — digo, engrossando a voz, numa tentativa tosca de imitá-lo, e começo a andar para longe.

— Não fuja de mim, porque não posso andar — ele soa irritado. Ótimo, vamos brigar de novo. Viro-me para olhá-lo, sentado no sofá, impotente e com uma expressão insegura.

— Eu...

— Do que tem medo? — ele me interrompe. — Eu vi que perdeu a cor quando meu pai falou de filhos. É esse o problema, você não quer filhos? — Eu? Deus, quero demais, mas não posso. Como digo isso a ele? — Amanda, por favor, fale comigo, depois de tudo que passamos não há nada mais que mereça ser escondido. Eu te amo e isso quer dizer que estou aqui por você, para você, e se não quer ter filhos, não teremos.

— Isso não é justo com você — eu digo de uma vez.

— Não é justo perder você — ele me estende a mão. — Venha, fique comigo. Já estive longe de você por muito tempo.

— Eu fui te visitar todos os dias — me defendo.

— Não é o bastante. — Sento-me, e ele me puxa para a posição de antes, debruçada, de frente para ele. Acaricia meus cabelos e beija minha testa. Eu suspiro. — Fale comigo, eu sei que esconde algo.

— Meus olhos! — digo, sarcástica.

— Sempre — ele sorri para mim, daquele jeito que faz com que eu seja capaz de arrancar meu coração e dar a ele.

— Noventa e nove por cento — eu digo com a voz pesada.

— O quê? — ele estreita o olhar.

— De chance que eu seja estéril. — Sua expressão se torna ilegível. Ele me aperta nos braços e ficamos assim por um tempo enorme. Não sei quanto, mas parece uma eternidade, e eu não me importo. Só então ele suspira longamente e me encara com um ar mais leve.

— Podemos adotar. — Meu rosto se contorce. Esse homem não existe! — Não quer? — ele parece pensar em algo.

— Liam e se eu...

— Não for boa o bastante? — ele completa. — Teme não poder cuidar de uma criança? Amanda, o que aconteceu à sua filha não foi culpa sua.

— Liam, eu acho... — Começo a me justificar, mas ele põe um dedo em meus lábios.

— Ainda há cachorros, gatos...

— Quer que eu seja mãe de um cachorro ou gato? — Ele ri de mim, sei que está tentando me fazer relaxar.

— Tem pessoas que criam cobras. — Ele é um bobão.

— Liam Mackenzie, eu ainda posso quebrar sua outra perna — eu me sento, irritada. Isso não é um assunto para brincadeira.

— Ei, lutadora — ele me puxa, e eu resisto. — Ai!

— Droga, tá vendo aí? Você machucou a perna, eu disse... — Assim que relaxo ele aproveita e me puxa para um beijo sem nenhuma reserva ou pudor. Quando se afasta tem um brilho divertido no olhar. Eu o fito surpresa. — Mentiroso — acuso, e ele beija minhas bochechas, olhos, nariz, me enche de beijos pequenos e carinhosos.

— Muito bem, sem cobras — ele fala, sorrindo para mim. — Prometa apenas que vai pensar? — Eu faço que sim com um aceno de cabeça, e ele me coloca sobre o peito de novo.

Meu sapatinho de cristal

O tempo que muitas vezes parece correr, agora se arrasta. Depois de dois meses com a perna imobilizada, Liam parece um animal enjaulado. E pensar que ele ainda tem pelo menos dois meses assim. A fratura foi leve, o mais grave foram os vasos que se romperam, o que o fez perder bastante sangue. Apesar disso ele é forte, e eu agradeço a Deus por isso. O que está me incomodando é que ele resolveu que vai sair para dar uma volta com Ed e não quer que eu vá. “*Só rapazes*”. Imagine, agora enjoou de mim. Fiz de conta que está tudo bem, porque nem todo mundo é como eu, que gosta de ser eremita. Olho para ele, sentado na varanda, sério. Faz dias que está assim. Não fala mais de casar desde que veio com a conversa maluca de adotar cobras. Sei que era para ser engraçado, mas não é. Ele me faz querer mais, querer coisas que talvez não possa ter, porque nem ele será capaz de me dar.

Eu o vejo suspirar daqui e fico imaginando o que o fez ficar assim. Será que ele finalmente entendeu o fato de que não posso ter filhos? Uma pontada de medo atinge meu coração. Dei minha alma a ele, mas talvez isso não seja suficiente. Ele olha em minha direção e me pega bisbilhotando. Ganho um sorriso torto. Será que está ansioso? Para sair com Ed? Esboço um sorriso e finjo me ocupar com o notebook, que coloquei na sala só para ficar de olho nele. Depois de dias com a perna desse jeito, começou a ficar excessivamente carente e reclamando que eu passava tempo demais no escritório, sendo que eu ficava lá não mais que duas horas por dia. O que são duas de vinte e

quatro. Homens! Um machucado e já se acham à beira da morte. Alguém bate na porta e a abre em seguida. Ed.

— Oi, casa! — ele tem um sorriso enorme no rosto, como se tivesse ganho na loteria.

— Oi, xerife — respondo desanimada.

— Você demorou — Liam acusa e vem mancando para sala.

— Aonde vão? — Não resisto e pergunto. Quando Ed abre a boca, Liam bate em seu ombro.

— Em lugar nenhum em específico, só dar uma volta — Ed segura um sorriso, e eu quero matar esses dois.

— Não deixe esse bobão machucar a perna, Ed — falo, tentando fingir que não ligo.

— Sim, senhora — ele bate continência para mim, e eu queria Meg aqui para bater nele com o taco.

— Bom, já vamos. — Liam vai empurrando Ed para porta e saem. Ei? Ele nem me deu um beijo de tchau! Isso doeu.

Eu os vejo sair e entrar no carro; da janela observo o carro se afastar. Vou ficar louca se ficar pensando essas bobagens todas. Viro-me e olho o relógio. Quase meio-dia. Ótimo, provavelmente vou comer só. E você achando que tinha encontrado o príncipe encantado. Quer ver alguém surtar? Pegue um cara relaxado, tranquilo e boa vida que nem o Liam e cerceie sua liberdade. Ele que sempre viveu assim, em um ambiente, natureza, trabalhando em turnos, ficando fora de casa por períodos longos, agora tem que ficar o tempo todo em casa comigo, colada nele. Eu não sou tão interessante assim. Quer saber? Vou perguntar ao guru. Pego o telefone e ligo para Meg.

— Olá, escritora, cozinheira, enfermeira! — Meg está feliz, isso é bom.

— Olá, problema!

— E...

— Ai, Meg, preciso de sua ajuda! — despejo.

— E quando não precisou? — ela ri.

— Sua bobona, agora é sério mesmo, preciso de sua ajuda em coisas do coração — explico.

— Isso não sei, eu uso o sexo quando quero algo com os homens, ou mesmo o cérebro, mas coração nunca nem pensei — ela diz, como a boboca que é. — Acho que nem tenho.

— Sério, Meg? — respiro fundo. — Deixa de falar bobagem.

— O príncipe virou sapo? — ela pergunta e sua voz fica tensa.

— Não, acho que virei abóbora. — Será?

— Amanda, fala minha língua, por favor! — Agora ficou irritada.

— Ok, eu... acho que Liam perdeu o interesse em mim — digo com um forte pesar na voz.

— Como assim? — Agora ela se preocupou.

— Há dias que está estranho, e hoje ele saiu sozinho com o Ed, não quis que eu fosse — eu conto.

— Eu sabia que esse ogro era o fim do mundo — ela acusa.

— Meg, a culpa não é do Ed — defendo.

— Eu aposto que é, tudo de ruim no mundo é culpa dele. Essa seriedade toda, esse jeitão...

— Prestou tanta atenção no jeitão dele assim? — Ei? A conversa é sobre mim e Liam, e não Ed e seu jeitão.

— Desculpa, não gosto dele — Meg fala, enfática.

— Eu sei, o Liam sabe, a cidade toda sabe, até o Ed.

— Tá, que seja. Então o que aconteceu para ele ficar assim. Não tem ideia?

— Foi depois que ele falou de casamento — cuspo.

— Oi? — ela engasga. — Ninguém me falou que minha melhor amiga-irmã vai casar! — Agora tá com raiva?

— Meg, eu não disse que ia — digo, me jogando no sofá. Droga de vida difícil e complicada.

— Pronto — ela soa muito lógica em apenas uma palavra.

— Pronto o quê? — Ficou doida de vez!

— Foi isso. Esse homem, anjo, deuso, tudo de mais perfeito, te pede em casamento e você nem resposta dá?! — Ei? Agora eu que sou a errada?

— Ei, você é minha amiga! — cobro.

— Exatamente. Você é um anjo, deusa, tudo de mais perfeita... ou seja, são da mesma espécie!

— E, além disso, eu o vi fixado nas mensagens do celular e toda vez que me aproximava ele disfarçava como se estivesse escondendo algo.

— E você está deitada no sofá curtindo uma fossa que você mesma criou!

— Ei? Bruxa. — Não me chame de bruxa mentalmente.

— Droga, Meg! — gemo e me contorço no sofá, que nem criança birrenta.

— Meg, você definitivamente tem os miolos moles.

— Um pouco. — A voz dela é relaxada, mas sei que está preocupada com minhas crises adolescentes tardias.

— Eu disse a ele que não posso ter filhos.

— Amanda Stone, sua maluca! O médico disse pequena chance e não zero chances. — Ela fica em silêncio por alguns minutos e ficamos as duas ouvindo as respirações uma da outra. — Eu vou marcar uma consulta para você.

— O quê? — Consulta. O medo me pegou agora.

— Sim, vamos ao médico e nem que eu tenha que comprar um bebê e fingir que nasceu de você eu faço o Liam casar contigo. — Agora essa.

— Surtou? Eu não vou roubar um bebê e nem mentir para o Liam. — Meg

tem o cérebro derretido, só pode. Eu escuto ela gargalhar. — Sua maluca.

— Eu não faria isso, Mamá, mas faria barriga de aluguel. — Agora eu fiquei muda.

— Meg... Eu...

— Você nada! Vamos por partes que nem o Jack Estripador — ela ri. — Primeiro o exame, depois o Liam e depois o sequestro de bebês.

— Claro, vamos dominar o mundo — embarco na loucura dela, porque ir contra não leva a nada.

— E deixe de ser boba, mulher, depois de tudo que esse homem fez, acha que ele ia desistir de você porque não pode engravidar? — ela pergunta e agora eu também acho, mas e as evidências?

— Ele disse que podíamos criar cachorros — falo, murcha.

— Senso de humor! Eu sabia que ele era um príncipe! — Ótimo. Team Liam, perdi minha amiga. — Mas se ele der mancada, quebro a outra perna dele com o taco que você tem aí. — Nós duas rimos.

— A Meg voltou! — grito.

— Bobona. Se prepara que vou marcar a consulta e te aviso — ela diz, confiante.

— Sim, Cérebro — eu sorrio, mais relaxada.

— Agora, Pink, vai faxinar a casa que eu sei que te acalma.

— Sou a gata borralheira?

— A um passo de virar princesa.

— Beijo, Meg, eu te amo — eu digo toda melosa, morrendo de saudade da minha amiga.

— Beijo, e não faz essa voz senão peço demissão e vou parar aí. — Nos despedimos como duas melosas.

Essa conversa sobre bebês e príncipes me deixou ansiosa. Levanto-me num pulo, com as mãos nos quadris, e penso que uma faxina não é de todo

mal. Lá vou eu pegar os produtos, balde e começo a limpar tudo. Apesar de estar com a mente no Liam o tempo todo e os olhos no relógio. Limpo cada canto da casa e acho que levei umas quatro horas. Nada do Liam. Pego suco na geladeira e me lembro que não almocei. Não tenho fome, apenas sede. Seco o suor da testa, e o som que liguei toca baixinho, giro dentro da casa, dando uma olhada geral, quando meus olhos param na porta. Liam está parado com os olhos brilhando e aquele sorriso gostoso. Acho que ele vai me dizer que ficou bipolar. Paro com os olhos fixos nele, lindo, em pé na porta, vestindo calça jeans, camisa de malha e jaqueta de couro preta. Nem está frio... Eu estreito o olhar ao parar em uma cesta que ele tem nas mãos.

— Oi? — ele diz e engole em seco. Meu coração salta. Atrás dele está Ed e parece prender um sorriso.

— Oi — cruzo os braços. Como ele pode estar tão lindo quando eu pareço literalmente a gata borralheira nessa calça de malha velha e camiseta surrada?

— Anda, Liam, ela vai morrer do coração — Ed brinca, e eu acho que vou mesmo.

— Cala a boca, Ed — Liam rosna. — Amanda, eu trouxe algo para você — ele enfia a mão e tira um cachorro pequeno da cestinha. Um filhote rechonchudo, e eu abro minha boca ao máximo.

— Essa era sua ideia brilhante? — Ed não se contém e começa a rir.

— Sabe que você está sendo inconveniente? — Liam provoca. — Tá pior que a Meg. — Ed fecha o semblante.

— Ei? — eu grito.

— Desculpa, amor — Liam me olha inseguro. — Nosso filho! — ele me estende o cachorro.

— Você só pode estar brincando! — Agora eu fiquei mesmo com raiva. — Você ficou maluco? Tenho cara de cadela?

— Ei, não liga não, a mamãe está zangada e cansada — ele fala

sussurrando para o filhote. — Ela teve que cuidar do papai que se machucou, mas ela te ama.

— Cara, você definitivamente andou misturando os remédios que o Eric passou! — Ed cai na gargalhada.

— Você realmente acha isso engraçado, Liam? — Eu o fito com vontade de estrangulá-lo. Ele dá alguns passos vacilantes em minha direção.

— Dizem que as pessoas inseguras em novos relacionamentos devem primeiro cuidar de uma planta, depois um animal e então... — ele para e faz uma cara de confuso. — Eu achei que o cachorro faria você pensar melhor em nós...

— Você pulou a planta — digo, irônica, cortando-o. Ed não para de rir. — Dá o fora, Ed! — ameaço, e ele me olha surpreso, saindo em seguida.

— Amanda, eu... — ele abraça o cachorro. — Você não respondeu ao meu pedido, então, achei que precisava de tempo. Mas já foram dois meses. Pensei que estivesse com medo, sei lá — ele olha para o chão e depois para mim. — Tentei entrar no assunto, mas você se esquivava, então, eu pesquisei e...

— Teve a ideia de me fazer mãe de um cachorro — digo isso, então me dou conta que ele, em momento algum, pensou em me deixar. Estava apenas maquinando essa ideia absurda. Respiro fundo e solto os braços. — Liam...

— Tudo bem, eu levo o cachorro para minha casa. Ed pode cuidar dele por um tempo, até eu voltar para casa. — Voltar pra casa? Não!

Droga, que confusão. Olho para ele em pé, tanto Liam quanto o cachorro têm o mesmo olhar perdido. Começo a rir. E eu pensando que ele queria me deixar por causa de um filho, enquanto ele estava falando sério quando disse que se satisfaria com um cachorro. Ele agora me olha confuso e então vira-se com a clara intenção de sair.

— Ei, seu bobo? — eu chamo. — Aonde vai com meu filho recém-

nascido? — ele retorna num misto de espanto e felicidade.

— Vai nos aceitar? — Liam é ansiedade pura.

— Precisa perguntar? — eu digo, sorrindo, e pego o cachorrinho, levanto no alto para olhar seu rostinho. — E eu já te aceitei há muito tempo. — Dou um selinho em Liam e então volto ao pequeno.

— Oi, bebê. — Gosto de animais, tive um gato uma vez, mas morreu de velho e eu nunca mais criei nada. Assim que olho para o pequeno na minha mão algo na coleira dele brilha. O quê... Um anel? Eu abro meus olhos ao máximo e então olho para Liam.

— Pegou, levou! — ele brinca e eu meu sorriso se alarga.

— Liam, você não existe! — E agora eu estou me sentindo a própria Cinderela, mas, ao invés de sapatinho, ganhei um anel. Um solitário com um diamante em forma de coração. Pequeno, mas perfeito.

— Sim, eu existo. — Ele se aproxima tirando o anel da coleira do nosso “filho.” — Não posso e nunca poderei te dar algo como seu irmão, ou seus pais dariam, Amanda, mas esse anel é só um símbolo, porque na verdade eu estou ligando a minha alma à sua. — Começo a chorar, e ele enxuga uma lágrima minha, com o polegar. — Você me deu sua alma, lembra? — ele diz, suave, e eu confirmo com um movimento de cabeça, não consigo falar. — Agora nossas almas estão unidas. Me dê a sua mão. — Eu estendo a mão, tremendo que nem uma idiota. — Aceita se casar comigo, amor?

— Sim — eu digo, num som fraco, e ele coloca o anel em minha mão e depois me abraça. Ficamos assim até que o filhotinho espremido entre nós reclama.

— Agora eu vou matar o Ed por estragar o momento — ele faz que vai sair.

— Ei? E quando eu ganharei um beijo? — Ele sorri torto para mim e me beija. — Esqueça o Ed, ele é um bobão — eu digo, com meus lábios colados

ao dele.

Meu coração se enche com um calor incrível, e nós aprofundamos o beijo com cuidado para não esmagar o nosso bebê. Sinto que agora realmente tenho uma vida. As coisas serão diferentes daqui para frente, e eu posso ser feliz. A música *Ain't no mountain high enough* começa a tocar, Liam inicia uma dança boba e eu embarco. Ele pega o filhote para incrementar sua performance. Começo a rir que nem uma boba, olhando a cena e pensando: “*Eu tenho uma família*”. Pode não ser tradicional, pode não ser a ideal, mas eu tenho e como Meg disse, um bebê é uma possibilidade, não?!

— Nossa música — brinco, e ele começa a cantar alto. — Obrigada — digo para o homem maravilhoso que tenho à minha frente.

— Pelo quê? — ele pergunta e vem em minha direção nessa dança maluca, agora dublando a música.

— Por me ensinar a viver! — Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu te amo! — Liam diz, sorrindo! — Pare de chorar, agora você só vai sorrir.

— Eu também te amo! — respondo, encantada, chorando e sorrindo. Finalmente encontrei a felicidade.

Vivendo

Fui ao médico com a Meg e não quis que Liam fosse. Se a notícia fosse ruim eu queria ouvir primeiro e depois contar. Sei que parece bobagem, mas quero assim, e ele me entende. Agora estou retornando para casa, e meu coração parece que vai saltar do meu peito. Liam nem imagina o que vou dizer, e, apesar de fazer tudo para parecer relaxado e despreocupado, nem sempre consegue camuflar a tensão. Ele diz que meus olhos falam, mas os dele também, ao menos nos raros momentos em que não consegue controlar. Respiro fundo, parada do lado de fora da casa, sem muita coragem para entrar. De repente, a porta abre e lá está ele, de pé, com nosso bebê, que apelidamos criativamente de Filho. O que vamos fazer? Somos muito “*inteligentes*”. Ele me olha, e eu noto que assim como eu ele tem a respiração presa e fica passando a mão no filhote de forma repetitiva como se isso fosse acalmá-lo.

— E então, amor? Você está bem? — Liam pergunta, por fim. — Não importa o que ele disse, nós vamos enfrentar isso juntos — ele me puxa e logo estou sentada no sofá.

— Liam, o médico...

— Amanda — ele me interrompe —, eu te amo e não importa o que aconteça.

— Eu sei, o médico...

— É sério, a gente ainda pode adotar — me corta de novo.

— Liam...

— E, se você não quiser, tudo bem, nós...

— Liam! — eu grito.

— Desculpa, estou nervoso — ele põe o Filho no colo e passa a mão desde a nuca até o queixo. — Só quero que saiba que eu te amo.

— Eu também te amo, mas agora escute.

— Certo, eu vou ouvir — ele para, apoiando os cotovelos no colo e o queixo nas mãos.

— O médico disse que tenho boas chances — ele sorri, e eu continuo com a voz trêmula. — Disse que minhas taxas hormonais estão boas, meus ovários também e que, embora tenha uma cicatriz no útero, ainda posso tentar o método tradicional, já que sou nova.

— Método tradicional? Que outro método seria? — ele me olha confuso e nervoso.

— Inseminação — ele faz que sim com a cabeça e está de novo prendendo a respiração. — Liam? — Eu também estou nervosa, e esse silêncio me deixa em suspenso.

— Amor, não importa se nós não pudermos... — Nós! Adoro quando ele se inclui nos meus defeitos. — Eu... A gente... Amanda — ele põe Filho no chão e me puxa para um beijo apaixonado, me deixando sem fôlego, e lá vamos nós nos entregando a essa espiral louca de amor e desejo, como se o resto do mundo não existisse. E quando já estamos deitados no sofá, ele se afasta de mim e faz menção de dizer algo.

— Liam, por favor! — eu não aguento mais

— Por favor o quê? — ele franze a testa.

— Pare de falar, seja lá o que vier na sua cabeça agora, e me beije. Se há uma possibilidade desse filho existir, não será com conversa — eu digo e me surpreendo comigo.

— Quem é você e o que fez com minha namorada? — ele abre um sorriso enorme me pegando pela nuca.

— Noiva! – eu mostro o anel.

— Minha noiva — ele finalmente me beija e retornamos de onde paramos.

Afinal, vida é isso, não? Viver é encarar os problemas, pegar as chances que temos e usá-las a nosso favor. Temos uma chance, e mesmo que seja pequena, a possibilidade existe. De qualquer forma, tenho o mais importante: meu amor, minha alma gêmea, o homem que me trouxe de volta à felicidade. No mais, o que vier é lucro. Fecho os olhos e imagino os da Liz me vendo e aquele primeiro sorriso que ela me deu depois de nascer. E que venham lucros, filhos... Eu rio internamente, estou completa.